

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

GENA SHOWALTER



The Darkest PROMISE

Lords of the Underworld



POSSUÍDA PELO DEMÔNIO DA MISÉRIA, CAMEO NÃO TEM PERMISSÃO PARA EXPERIMENTAR ALEGRIA. SE ELA SE ATREVER, SUA MEMÓRIA É LIMPA. COM NENHUM OUTRO RECURSO, SE ESGUEIRA PARA UMA TERRA MAIS FANTÁSTICA DO QUE QUALQUER CONTO DE FADAS, DETERMINADA A ENCONTRAR O ÚNICO HOMEM COM A CHAVE PARA SUA REDENÇÃO.

LAZARUS, O CRUEL E INCOMUM, GOVERNA SEU REINO COM UM ÚNICO FOCO INABALÁVEL: CONSTRUIR SEU EXÉRCITO E ANIQUILAR SEUS INIMIGOS. NADA O DISTRAI ATÉ CAMEO. ELE É IMPLACÁVEL EM SUA BUSCA PARA FAZÊ-LA SORRIR... E SEDUZI-LA EM SUA CAMA.

À MEDIDA QUE AS FORÇAS DAS TREVAS CONSPIRAM CONTRA ELES, AMEAÇANDO DESTRUIR O VÍNCULO FRÁGIL QUE FORJARAM, LAZARUS, UMA VEZ CALMO, FICA ENLOUQUECIDO. CADA BEIJO DE PARAR O CORAÇÃO E TOQUE SAFADO FAZ CAMEO OSCILAR À BEIRA DA FELICIDADE. MAS SE ELA CAIR, CORRE O RISCO DE ESQUECÊ-LO PARA SEMPRE...



GENA SHOWALTER

The Darkest
PROMISE



SUBMUNDO ABREVIADO

Dicionário, 6ª edição

MISÉRIA mi·sé·ri·a

Definição: o Alto Senhor demônio da Miséria assegura que seu hospedeiro imortal permaneça em constante estado de angústia mental, emocional e física; através de seu anfitrião é capaz de prejudicar os outros.

Exemplo: o demônio inunda Cameo com tristeza, e quando ela grita, sua voz encharcada de miséria parte o coração de todos à sua volta.

Sintomas: angústia, ansiedade, sua cara feia crônica — cara de cadela em repouso — abatimento, depressão, desolação, desespero, desânimo, angústia, melancolia, tristeza, mágoa, desgosto, pessimismo, dor, pesar, tristeza, estresse, sofrimento, tormento, infelicidade, aflição, miséria.

Cura: morte (atualmente não recomendado pelo médico).



CAPÍTULO 1

*“Não tente ficar dez movimentos à frente de seu oponente.
Fique atrás dele com uma faca.”*

— Trecho de *Tornando-se o Rei que está querendo ser*, um trabalho em andamento por Lazarus, o Cruel e Incomum.

Como Alice a caminho do País das Maravilhas, Cameo, hospedeira do demônio da Miséria caiu no fim de uma caverna cumprida e escura. Quando o fundo finalmente apareceu, ela se preparou para o impacto... apenas para escorregar por um portal brilhante. As paredes da caverna sumiram, e foi cuspidas num céu da meia-noite — direto em um novo reino.

Nunca deveria ter tocado a Haste de Partir. Um roçar da ponta dos dedos na linda lâmpada de vidro que ficava no seu cabo, e o antigo artefato abriu uma porta entre o mundo físico e espiritual. *Voilà!* Num piscar de olhos, sua descida começou.

Quando mergulhou em direção a uma clareira plana se preparou para o impacto...

Cameo bateu no chão. Um grito dividiu seus lábios, seu cérebro batendo contra o crânio, os pulmões esvaziando e os múltiplos ossos quebrando todos ao mesmo tempo.

Agonia a agarrou, pontos negros tecendo através de sua visão. O calor escorria de suas mãos e pés, juntando no tronco. Seu corpo estava em choque.

Horas passaram antes que ganhasse força para rolar para o lado, seu coração destruído dançava um ritmo selvagem contra as costelas quebradas. Sua cabeça nadou, mas felizmente sua dor diminuiu. Capaz de respirar novamente notou que o doce aroma de ambrosia — a droga de escolha dos imortais — pendia no ar. Ela quase riu. Por uma vez, a senhora da sorte estava ao seu lado. Se tivesse que aterrissar, que lugar melhor do que um campo de ambrosia?

Ela vagou, entrando e saindo da consciência, a passagem do tempo evidenciada pela cura de seus ferimentos e a mudança de escuro para claro. Quando um feixe de sol a acariciou, empolando sua pele pálida, finalmente acordou bem.

Seu nariz enrugou enquanto inalava. O aroma de ambrosia foi substituído por folhagem queimada. Onde tinha pousado? Inferno? O sol brilhava tão quente que queimava partes da terra.

Cameo se arrastou para um abrigo na sombra, exalando com alívio quando sua pele esfriou. Escrutinou o céu lavanda com suas nuvens verdes pálidas, então olhou para uma floresta desconhecida cheia de árvores cor de rosa e partes de grama azul.

Ceeerto. Isso é novo. Uma floresta adequada para uma princesa de contos de fadas. Que pena que Cameo era a vilã do conto. *Cadela de Chapeuzinho Marrom e os Doze Imortais.* Para ela e sua família de guerreiros possuídos por demônios, nada algum dia tinha sido *simplesmente certo*.

Dedos frios de medo se arrastaram por sua espinha quando uma borboleta do tamanho de seu punho passou por ela. Ao longo dos séculos, os insetos miseráveis tornaram-se um presságio. *Morte e destruição aguardam...*

O peso da depressão se instalou em seus ombros e se revoltou sobre a paródia de sua vida.

Já perdi muito. Tudo porque cometeu um minúsculo errinho quando viveu no Monte Olimpo.

Esse erro? Ajudar seus amigos a roubar e abrir a caixa de Pandora. Uma punição apropriada seria uma mão amputada ou as duas. Talvez algumas centenas de anos na prisão. Em vez disso, foi forçada a ser hospedeira do demônio da Miséria pela eternidade, o livre arbítrio sendo uma coisa do passado.

Para comemorar a ocasião, uma tatuagem de borboleta apareceu na parte inferior das suas costas.

O começo do fim.

Miséria rapidamente tirou as camadas de sua humanidade, esperança e felicidade. Repetidamente, ele limpava sua mente de lembranças alegres.

O bastardo *ainda* enxugava sua mente de lembranças alegres. Todos os dias ele soprava seu veneno em seus pensamentos, machucava os outros através de sua voz, e

arruinava quaisquer relacionamentos que conseguisse forjar. Reduziu sua vida a um horror após o outro.

Se ao menos pudesse controlá-lo. Mas Miséria era uma entidade separada com suas próprias motivações e objetivos. Uma presença escura que nunca conseguia sufocar. Uma prisão que nunca conseguia escapar.

Agora, ele não é meu maior problema. A borboleta...

O desastre era iminente.

Cameo procurou uma saída da floresta. De um lado, um rio de tirar o fôlego com água da cor do arco-íris escorrendo para um penhasco rochoso. Algum tipo de peixe alcançou a superfície. Um unicórnio da água? Um longo chifre de marfim esticado entre seus olhos e...

Ela ofegou. Outro unicórnio da água saltou e empurrou o chifre para a barriga do primeiro. Sangue brotou, criando uma cachoeira carmesim. Inúmeros outros peixes convergiram para o ferido, os dentes afiados rasgando escamas e órgãos até que nem mesmo os ossos sobraram.

Nota mental: *sem banhos na natureza, nunca.*

Do outro lado, um campo de ambrosia florescia não afetado pelo sol escaldante. Os grossos talos esmeralda gotejavam com incontáveis flores violetas, as pétalas juntas para evitar o pior do calor.

O campo podia ser o único viável...

Um galho espinhoso pegou a borboleta tamanho jumbo do ar. Suas orelhas se contraíram, a suave brisa carregando os sons fracos de gritos.

Viável ou não, era hora de ir.

Cameo andou com pernas trêmulas, estremeando quando os galhos cortaram seu calcanhar. Ela franziu a sobancelha. Seus pés estavam nus, suas botas de combate desapareceram.

Alguém roubou seus sapatos?

Uma verificação rápida mostrou que a camiseta e os couros de batalha estavam rasgados e manchados de sangue seco, mas ainda estavam no lugar. No entanto, os punhais que fizera há mais de duzentos anos estavam faltando.

Alguém a roubou enquanto estava inconsciente.

Alguém pagaria!

Esta vilã veio aqui para encontrar um formidável imortal chamado Lazarus, o Cruel e Incomum, e destruiria qualquer *um* que a impedisse.

Segundo seus amigos, ela interagiu com Lazarus duas vezes antes. Graças a Miséria, não lembrava nada sobre nenhum encontro. Ou lembrava? À margem de sua mente, havia uma sugestiva montagem de imagens que talvez não tenham acontecido.

Flash: Cameo realizando um *striptease* para um homem sem rosto e musculoso, um meio sorriso sensual que tocava os cantos de sua boca, seus olhos prateados esfumados de desejo.

Flash: Cameo rastejando para o mesmo homem sem rosto e musculoso, claramente atento à sua sedução.

Flash: Cameo esparramada debaixo do homem sem rosto e musculoso, uma de suas mãos grandes e cheias de calos em seu seio, a outra entre suas pernas enquanto a aproximava

cada vez mais do orgasmo. A espinha dela estava arqueada, a cabeça erguida, a expressão tensa com uma sublime mistura de agonia e prazer.

O homem sem rosto era Lazarus? Como a tentou a entrar na sua cama?

Ela queria tanto lembrar.

Sexo não era algo que gostava ou geralmente arriscava. Não mais. Tinha um Demônio Sexualmente Transmitido, e quase todos que tinha namorado acabaram deprimidos em algum momento.

A culpa acendeu, aumentando sua miséria totalmente consumidora. E ainda...

Toda vez que imaginava seu amante sem rosto, calor lânguido envolvia seus braços amorosos em torno dela. Sangue corria através de suas veias com um novo propósito, tremores cascadeando através dela, cada centímetro seu formigando.

Ele sentiu falta dela? Ou se alegrou, pensando que nunca mais a veria?

Seu coração parecia abrir-se e filtrar ácido. As memórias eram tão necessárias para a sobrevivência como oxigênio ou água; sem ela estava incompleta. Até mesmo enfraquecida.

Será que Lazarus contou o que aconteceu entre eles? Se houvesse uma chance, tinha que encontrá-lo.

O problema era que ela e o resto do mundo sabiam muito pouco sobre ele. Seu passado estava envolto em mistério. O que conseguiu pescar: seu amigo Strider, o guardião da Derrota, decapitou-o não muito tempo atrás. O espírito de Lazarus percorreu a *Haste de Partir* e entrou num dos milhares

de reinos de vida pós-morte. Talvez neste, um mundo estranho e predatório.

Logo após a morte de Lazarus, sua quase amiga Viola, Guardiã do Narcisismo, o seguiu acidentalmente — enquanto ainda estava viva. Também viva, Cameo seguiu a *ela*, com a intenção de resgatá-la.

Na pista para suas aventuras com o misterioso guerreiro.

Se seus irmãos por circunstância não tivessem lançado uma missão de resgate, teria escolhido ficar com Lazarus?

Passando por uma coisa e outra que ela tinha revelado antes que Miséria limpasse sua mente com cloro mental, ela e Lazarus se juntaram para encontrar Viola e a caixa de Pandora — também chamada de *dimOuniak* — ambas supostamente escondidas num dos reinos.

Por que ele concordou em ser parceiro dela quando não tinha participação no resultado, não tinha certeza.

A menos que quisesse a caixa? *DimOuniak* era tão poderosa quanto a *Haste de Partir* — senão mais — e poderia ser usada para matar instantaneamente qualquer um, todos, que possuíam demônios. Era isso que os rumores alegavam.

Lazarus tinha planejado prejudicá-la o tempo todo?

Vê? Perda de memória a deixava vulnerável do pior modo possível.

Pois bem. Encontraria Lazarus. Esperançosamente ele gostava dela e queria apenas ajudá-la. Depois de preencher seus espaços em branco mental, quem sabe pudessem renovar sua busca pela caixa e ele poderia fazê-la feliz? Pelo menos por um tempo. Quão bom seria uma vida sem felicidade?

Indo esquecê-lo novamente. Porque se incomodar?

Por que... só porque! Uma garota sem esperança também podia se enrolar e morrer.

Talvez ele fosse seu amante sem rosto. Talvez a tenha ajudado a encontrar Viola, bem como a Caixa. A deusa da Vida após a morte foi resgatada, sim, mas usou propositadamente a *Haste de Partir* pela segunda vez. Ninguém sabia o porquê, e ninguém ouviu falar dela desde então.

Resoluta, Cameo se moveu adiante. Galhos cortaram seus pés, mas manteve um ritmo constante, manobrando através da espessura de árvores. Pelo menos a temperatura tinha esfriado.

Setenta e dois por cento dos homens traíram suas parceiras. A voz do demônio sussurrou por sua mente na tentativa de imobilizá-la. Vinte e quatro por cento estão realmente traindo bem neste segundo. Quarenta e oito por cento são presunçosos em vez de cheios de remorsos. Quanto tempo acha que vai intrigar Lazarus? Se alguma vez o intrigou.

Demônio horrível! Sempre lançando bombas H de escuridão. Lazarus era seu amante sem rosto ou não?

Miséria adicionou suavemente, *se ele é, você deve correr. Considerando o que aconteceu com Alex...*

— Cala a boca — ela murmurou, mas o dano estava feito. Ele atingiu seu alvo, reabriu feridas internas.

Alex, um humano que viveu na Grécia antiga, foi seu primeiro e único amor.

Aos oito anos, uma doença terrível o tornou surdo, e aparentemente, indigno do amor de sua família rica. Foi

expulso da única casa que já conheceu. Após meses de fome, um “protetor” o salvou das favelas. Um ferreiro com um gosto doentio por crianças.

Aprendiz de dia, escravo a noite. Uma existência dolorosa.

Quando Alex chegou a sua adolescência, o ferreiro disse que estava muito velho e o expulsou. Alex explodiu, introduzindo no coração do ferreiro sua adaga artesanal. Então reivindicou o negócio como devidamente seu.

Investiu seu tempo e energia em trabalhar com metal, seu talento indiscutível. Era a única pessoa que Cameo confiava em fazer suas armas. O único macho não afetado pela tristeza em sua voz.

Eles se apaixonaram, e por pouco tempo ela se aproximou da felicidade. Ela desejava mais... mas o tempo todo, uma sombra de pressentimento a cobria como uma segunda pele.

Com cada nova aurora se perguntava por que ela se lembrava dele. Por que o demônio ainda não roubou sua lembrança dele.

A resposta revelou-se mais atroz do que jamais sonhou.

Num momento vulnerável, contou a Alex sobre sua companhia demoníaca. Ele decidiu que ela era pior do que o ferreiro e chamou os Caçadores, um culto de automeados assassinos de imortais, para capturá-la e torturá-la da pior forma.

Borboletas com asas de navalha levaram vôo no seu estômago. Será que Lazarus conhecia a verdade sobre ela? Ele se importava?

Ele deve saber. Era um imortal entre outros espíritos imortais. E não deveria se importar. Era chamado de *cruel e incomum*. Tinha um lado sombrio nele. *Muito* escuro. Negro azeviche sem qualquer indício de luz.

Uma sequência de gritos agudos ressoou quando um bando de pássaros saltou das copas das árvores e espalhou-se pelo horizonte, logo desaparecendo atrás de uma parede de nuvens.

Whoosh! Baque!

O chão tremeu. Cameo caiu de joelhos. Sibilando, lutando por oxigênio, pegou suas adagas. Suas adagas desaparecidas.

Droga! Correu para trás de uma das maiores árvores cor de rosa, sombras a envolvendo. A adrenalina surgiu, forte e segura, mas não conseguiu mascarar a pontada da casca raspando a camisa.

Outro *whoosh*. Outro *baque*. A agitação só piorou, as árvores caindo, os arbustos circundantes caindo como dominó.

Ao longo na distância, um caminho desobstruído, e dois animais voadores apareceram. Algum tipo de híbrido de dragão, talvez? Tinham olhos vermelhos, focinhos alongados e dentes melhor qualificados como espadas curtas. Seus corpos eram longos e enrolados, mas sem braços ou pernas, enquanto as caudas eram dentadas. Escamas resplandecentes refletidas na luz solar.

Então... os dois eram cobras voadoras? Cobras *dragão*?

Eles se ergueram acima do dossel remanescente das árvores, suas asas de várias pontas cortando galhos e cascas

de árvores como se fosse manteiga. Uma criatura perseguia a outra. Quando ele pegou sua presa, os dois lutaram... brincando?

— A linda senhorita requer ajuda?

A voz desconhecida de alguma forma transformou a pergunta inocente numa promessa sexual. Ela olhou pra cima — e teve que engolir um grito. Um leopardo com mais de 90 quilos estava empoleirado no galho diretamente acima dela, seus olhos verdes neon firmes nela. Sua cauda mutilada balançava de um lado pro outro. Uma de suas orelhas parecia como se tivesse sido mastigada, e seu pêlo emaranhado apresentava vários pedaços sem pêlo.

Miséria teve aversão instantânea pelo animal e grunhiu.

O gato ofereceu-lhe um sorriso lento e cheio de dentes e bateu uma pata gorda numa mosca. Realmente abriu o inseto no final de uma garra.

— Sou Rathbone e estou a seu serviço... por uma pequena taxa.

Ele podia falar. Era um felino e podia falar. E com essa voz poderia fazer milhões como atendente de disque-sexo.

Será que a *Haste de Partir* a transportou para um conto de fadas, afinal? A versão pornô? A *Cadela de Chapeuzinho Marrom Faz com os Doze Imortais*.

Rathbone era um metamorfo? Não, impossível. Metamorfos não mantinham a capacidade de falar enquanto estavam em forma animal. Embora existissem exceções a todas as regras, certo?

— Eu posso me salvar, mas obrigada pela oferta. — Tendo vivido mais de quatro milênios, travou guerras mundiais, lutou inúmeras batalhas contra predadores imortais, humanos com ódio, e monstros de mito e lenda. Algumas vezes tinha perdido, mas na maior parte tinha ganhado.

O leopardo se encolheu. Nenhuma surpresa. Todos sempre se encolhiam. Alguns até choravam. Se alguém realmente gostou da sua voz, ela não conseguia lembrar.

Suas mãos enrolaram em punhos. Outra memória que Miséria roubou?

As serpentes dragões retomaram a perseguição, quase provocando um verdadeiro terremoto desta vez, e ela agarrou um galho para se estabilizar. Não, não um galho, mas o rabo de Rathbone.

Ele balançou as sobrancelhas.

— Tenho algo mais *firme* que você pode segurar.

Certamente não estava se referindo ao seu...

Ele se contorceu para lambe um enorme conjunto de bolas.

Só pode estar brincando comigo.

Ela o soltou e espiou ao redor do tronco. As criaturas se aproximavam numa velocidade vertiginosa... apenas para passar por ela. Ela começou a relaxar. Um erro. Claro. Quando alguma coisa passou por ela? Ambas as serpentes dragões fizeram uma parada abrupta antes de girar lentamente.

Dois conjuntos de olhos vermelhos se fixaram nela. Línguas longas e finas passavam pelos dentes de sabre, e baba escorria pelos cantos das suas bocas. Saliva... ou acelerador?

O cheiro pungente de algo parecido com gasolina picava suas narinas.

Bem. Tinha acabado de ser colocada no menu do dia.

Em uníssono, os “chefs” sibilaram e curvaram suas espinhas, as escamas ao redor de seus pescoços queimando.

Você tem oitenta e sete por cento de chance de ser frita, nunca mais ver seus amigos e nunca encontrar Lazarus ou a caixa.

Não. Ela lutaria e ganharia. Se morresse, Miséria seria solto num mundo desavisado; encontraria novas presas, devoraria bons sonhos, esperanças amadas e qualquer noção de felicidade. Ele...

Somente a distraiu, o bastardo.

Duas correntes de fogo vomitaram em sua direção. Atenta à batalha agora, Cameo mergulhou fora do caminho. Ao pousar, rolou e puxou dois galhos petrificados. Enquanto estava de pé varreu o galho para a besta mais próxima.

— Não faria isso se fosse você — começou Rathbone, lembrando-lhe de sua presença. As pontas se moveram de um lado a outro do peito de seu oponente e o gato suspirou. — Parabéns. Você piorou tudo.

Argh! Os galhos não penetraram uma única escama. Na verdade, os galhos não arranharam uma única escama.

Enraivecida agora, a cobra dragão rugiu.

Tudo bem. Suas escamas eram impenetráveis. Entendi. Apenas duas outras opções permaneciam. Vá pelos olhos ou vá pela boca. Fácil, sem problema, se pudesse pular a bordo do dragão-serpente alado e dar uma volta.

— Ssss.

— Ssss.

Dois novos fluxos de fogo vomitaram em sua direção, o nível de calor subiu para churrasco instantâneo com um lado de cinza. Mais uma vez cambaleou pra fora do caminho, mas na verdade não tinha para onde ir. Os animais a rodearam, trabalhando em paralelo para prendê-la dentro de um inferno de um círculo. A fumaça espessou o ar.

Uma cócega irritou a parte de trás da garganta, fazendo-a tossir — ao mesmo tempo, uma asa arqueou na direção dela. Ela conseguiu saltar para trás, mal evitando ser cortada em duas.

— Quer minha ajuda agora? — Rathbone permaneceu seguro em seu poleiro, seu sorriso tão inócuo quanto um punhado de margaridas. — Vou te dar uma taxa de desconto.

Ignorando-o, ela correu através do caminho incandescente de fuligem e carvão. Quando outra asa se aproximou dela, usou os galhos que ainda segurava para desviar. Veloz girou em sua volta e se esquivou de outro fluxo de fogo. Em seguida, uma cauda pontuda tentou cortá-la, mas pulou sobre ela e correu, aumentando seu ritmo. Quase dentro do alcance...

Não há como você ter sucesso, o demônio disse a ela, a tristeza penetrando nela. Você vai morrer.

Não! Ela ganharia e viveria. Ela iria!

O momento da verdade chegou.

Seu coração, uma coisa selvagem que suas costelas poderiam não ser capazes de suportar, ela saltou acima. Uma

cobra dragão se arqueou com ela — ou melhor, nela — claramente pretendendo a agarrar no ar. Quanto mais perto vinha, mais estalava os dentes contra ela. Seu erro. Ela empurrou um galho em sua boca.

O galho — tão grosso quanto seu bíceps, o comprimento do antebraço e mais duro que pedra — permaneceu vertical, uma extremidade cavando o teto da boca e a outra enfiada na língua até o fundo. Enquanto isso, Cameo aumentou seu aperto no centro do galho, balançou-se e montou a cavalo em seu pescoço.

Ele se debateu, os movimentos bruscos impedindo o deslizar de suas asas, enviando-o caindo de costas na terra.

Olé!

Pouco antes de seu segundo pouso do dia, enfiou o segundo galho no olho dele. Ele gritou enquanto um espesso sangue preto salpicava sua mão e empolava a pele.

Boomm!

A serpente-dragão absorveu o pior impacto, Cameo saltando para longe dele. Enquanto ele gritava e se debatia, ela se levantou com a intenção de correr. Agonia afiada queimava seu tornozelo quando um forte puxão a jogou de cara no chão e a arrastou para trás.

Suas unhas deixaram sulcos na terra. Tentando não entrar em pânico, olhou por cima do ombro. Não!!! A outra serpente dragão segurava seu pé entre os dentes.

Ele começou a *mastigar*, a saliva penetrando em sua ferida. Um grito dividiu seus lábios, toda sua perna queimando e empolando. Ela se curvou numa bola para balançar para ele.

Droga! Suas mãos estavam vazias de galhos.

Ele a arrastou sobre pedras e raízes gigantescas, rasgando sua camisa. Sua carne também. Sua cabeça nadou novamente, o esquecimento acenando. Estendeu a mão para alcançar outro galho, qualquer galho. Ali!

Ele se endireitou, levantando-a do chão pelo pé. Ficar de cabeça para baixo apenas ampliou sua dor.

Lembre-se, a dor é fraqueza deixando o corpo.

Ela podia fazer isso. *Não, ela faria isso.*

Cameo se contorceu e esticou o corpo para avançar... pra trás... para a frente novamente, cada vez mais rápido, aproximando-se cada vez mais do torso de seu inimigo.

Ele bateu as asas quando subiu mais alto no céu — e forneceu uma nova lição sobre dor.

Não tenho certeza quanto mais posso aguentar.

O suor a encharcou e a náusea ferveu no estômago, mas ainda continuou a balançar. Finalmente, abençoadamente, conseguiu empurrar o galho através da parte inferior de seu maxilar, onde nenhuma escama o protegia, a extremidade atingindo a parte de trás da garganta.

Ele sacudiu e rugiu, soltando-a. Pra baixo, pra baixo, ela caiu. Ela se preparou — seus pulmões foram esvaziados mais uma vez, suas câmaras do coração estourando como um balão.

Sua dor foi tão forte, tão estridente que quase podia entender o sofrimento de um homem quando estava com frio.

Ela permaneceu esparramada pelo chão, rezando por uma rápida recuperação. Ou morte. Sim, provavelmente morte. Seu tornozelo mutilado latejava em sincronia com seus

batimentos cardíacos distorcidos enquanto o órgão se regenerava. De sua rótula até os dedos dos pés, parecia como se sua pele estivesse assada como queijo numa pizza.

Embora a serpente dragão tentasse, não conseguiu remover o galho; suas asas se recusaram a dobrar, como necessário. No final, ele só pôde retornar ao seu companheiro, enfiando as presas no peito da besta e voando os dois para longe.

Ela... conseguiu? Ela ganhou?

Você provavelmente nunca mais andará, Miséria disse a ela.

Ha, ha, ha.

— Vou andar novamente — ela disse com voz áspera. Ao longo dos séculos, teve os membros amputados e a língua cortada. Seu tornozelo curaria... eventualmente. O demônio só procurava pressioná-la.

Rathbone pulou da árvore e caminhou casualmente em sua direção.

— Peça direito e vou deixar você me montar de graça.

— Não, obrigada. — Muito cansada para se importar se queria atraí-la para um falso estado de calma simplesmente para atacá-la, ela disse: — Onde estamos?

Sua hesitação foi mais pronunciada desta vez.

— Estamos no reino de Grimm e Fantica, governado pelo Rei Lazarus, o Cruel e Incomum, o único filho do Monstro.

Lazarus. Seu Lazarus. Ele estava aqui. E era rei.

Vá em frente. Encontre-o. Quero que passe tempo com o homem conhecido como Cruel e Incomum. Miséria deu sua

risada mais vingativa. *Aposto que ele machucará você de maneiras que nunca consegui.*

O demônio mentia. Ou talvez falasse a verdade. Com ele, ela nunca sabia no que acreditar.

Talvez devesse voltar para Budapeste.

Será que Lazarus sequer sentiu sua falta? Ela se perguntou novamente. E se eles se separaram como adversários?

Bem, e se tivessem? Todos mereciam uma segunda chance. Além disso, ela não tinha ideia de *como* retornar. E realmente, o que seu apelido “cruel e incomum” realmente importava? Muitos imortais se referiam a ela como a Mãe da Melancolia. Nomes eram apenas isso — nomes.

— Onde está o rei? — Ela perguntou, seu tom plano talvez, esperançosamente mascarando sua ansiedade. Não revele nada, esconda tudo.

O leopardo passou a língua sobre os lábios, como se acabasse de ver o café da manhã.

— Eu detecto *emoção*?

Ugh. Estava planejando cobrá-la por informações se ele fizesse?

— Você seria o primeiro a fazê-lo. — Como era verdade. E como era triste.

— Agora detecto desolação. — Um brilho calculista apareceu em seus olhos de néon. — O enredo engrossa.

— Por que minhas emoções são importantes para você, afinal?

— Mistérios e quebra-cabeças me intrigam. Venha. Vou escoltá-la para Lazarus. No entanto, não estou mais disposto a ajudar de graça.

Sabia.

— Você me pagará uma pequena taxa de escolta — disse ele. — Mas esteja avisada, minha linda. As pessoas entram no território dele... e nunca saem.



CAPÍTULO 2

“A vida é um jogo, e todos que você conhece são oponentes.”

— Tornando-se o Rei que está querendo ser

— A fina arte da Decapitação

Entre um segundo e o próximo, uma sensação desconcertante envolveu Lazarus, o Cruel e Incomum. Ele franziu a testa. Não estava familiarizado com a sensação, mas não era bem versado, tampouco.

No fundo, isso podia não significar nada... ou tudo.

Com um suspiro cansado, ele se desembaraçou das duas ninfas da floresta adormecidas e agarradas, e levantou-se da cama, abotoou as calças que se recusara a remover. Suas pernas não eram para a visão pública. Nunca.

Qualquer um que tivesse o infortúnio de vê-lo nu, bem, transformava o culpado em pedra.

Não importava onde Lazarus residisse na sua vida ou na morte, criava um Jardim de Perpétuo Terror. Seu próprio exército pessoal de pedra. Um pouco como os exércitos de terracota de Qin Shi Huang, o primeiro Imperador da China.

O jardim mais novo atualmente tinha vinte e três estátuas, e eram uma visão verdadeiramente magnífica de se ver. Cada um apresentava um nível diferente de dor e pânico.

Seu favorito? O rei que tinha derrotado quando tomou o Reino de Grimm e Fantica. O macho estava congelado para sempre numa posição conhecida como a águia-sangue, seu corpo inclinado, suas costelas cortadas de sua espinha e estaladas pra trás para lembrar asas.

Cruel e Incomum. *Minha especialidade.* Fique no caminho do que Lazarus quer e sofra.

O ar frio o acariciou enquanto vestia a camisa. Amarrou as armas que descartou apenas uma hora antes. Os punhais clamaram, lembrando-lhe do dia que permitiu que um guerreiro possuído por demônios o decapitasse. Do dia que escapou dos grilhões da harpia sádica que o escravizou.

Do dia que sua vida com os mortos começou.

Para ser honesto, o mundo físico e espiritual permanecia indistinguível para ele. Ainda respirava, ainda tinha sede e fome. Ainda ansiava o toque de uma mulher. Podia fazer tudo que fazia antes... exceto retornar para o mundo humano. O mesmo era verdade para todos os outros nesse reino.

Na verdade, havia apenas uma diferença entre Lazarus e os outros mortos: um coração ainda batia dentro de seu peito. Não tinha certeza de por que era a única exceção.

Na cama, as ninfas se esticaram e sentaram-se. Os peitos roliços saltaram, e os cabelos desgrehados caíram no lugar, sorrisos ensolarados florescendo.

— Se pode andar, obviamente precisamos de outra rodada com você — disse a loira com um ronronar sedoso.

A ruiva acenou com um dedo.

— Que tal eu fingir que você é um pirulito?

Elas não tinham ideia de que só encontrou decepção em seus braços.

— Tenho deveres — respondeu. Ultimamente, ninguém podia satisfazê-lo. O clímax tornou-se uma impossibilidade frustrante, mesmo por conta própria.

Pelo menos nunca teve que se perguntar por que.

Conhecia sua *μovoμavia*. Sua obsessão. Ou, para ser mais literal, sua própria extravagância pessoal. Há muito tempo, seu pai, Typhon, o avisou sobre ela, quem quer que fosse.

Em algum lugar, há uma fêmea capaz de enfraquecê-lo. Você vai ansiá-la com todo seu ser... mas cada segundo em sua presença o levará mais perto da destruição. Mate-a. Não cometa meu erro e permita que a sua μovoμavia viva. Salve-se.

O jovem Lazarus ouviu arrebatado, pois Typhon já tinha sido o imortal mais temido na Terra. Com uma boa razão. Matava qualquer pessoa que se opusesse, ofendesse ou questionasse.

A droga de Typhon foi Echidna, uma Górgona. Também a mãe de Lazarus.

As Górgonas eram uma raça cruel conhecida pelas cobras venenosas que cresciam de seus cabelos escuros e uma habilidade de transformar alguém em pedra com um simples

encontro de olhos. Uma habilidade que Lazarus herdou... um pouco. Criou suas estátuas através do toque.

Echidna era Soberana das Serpentes do Céu, apropriadamente apelidada de “Sss”, o som que um oponente ouvia antes de morrer com sangue. Ela era uma aberração entre sua tribo. Tipo, doce e carinhosamente tímida — com todos, exceto Typhon. Ela o odiava com todas as fibras de seu ser. Ele a abduziu, estuprou continuamente e a separou de seu único filho.

Typhon a odiou de volta, mas se recusava a deixá-la ir, seu desejo doentio por ela dominando tudo.

Conseguiu seu fim, no entanto. Toda vez que se aproximava dela, uma pequena porção de sua carne cristalizava. Eventualmente, a cristalização se espalhou para músculos e articulações, limitando sua amplitude de movimento, retardando-o e enfraquecendo-o.

Hera a Corneadora, rainha dos gregos, tinha desprezado Typhon por razões que Lazarus nunca descobrira. Quando descobriu sua má condição, ela o atingiu por meio de sua esposa, cortando Echidna em pedaços enquanto um Typhon impotente era apenas capaz de assistir.

O jovem Lazarus também estava lá. Apesar de seus melhores esforços, não conseguiu salvar sua mãe. Então Hera desapareceu com Typhon e o guerreiro não foi visto desde então.

Lazarus enrolou os dedos em torno do punho da *kris*¹. A única adaga que recusava cobrir com couro, preferindo cobrir

¹ Um punhal malaio ou indonésio com uma lâmina ondulada.

a lâmina com o sangue de seus inimigos. Farpas pequenas se alinhavam de ambos os lados; depois de perfurar um corpo se expandiam em ganchos, tornando impossível extrair a arma sem remover alguns órgãos também.

Um dia Hera ficaria intimamente familiarizada com a *kris*.

Logo depois de seus crimes, ela ficou presa dentro do Tártaro, a prisão imortal. Um dia estaria livre e seria morta, e acabaria num reino espiritual.

Eu a encontrarei. Seu pai também. Não mais uma criança impressionada por um pai, Lazarus insultou o macho. Typhon cometeu muitos crimes contra sua mãe, mas estupro era uma linha que ninguém jamais deveria cruzar.

O par vai se juntar ao Jardim do Horror Perpétuo.

Uma das ninfas da floresta inclinou-se para a frente para raspar as unhas no peito de Lazarus.

— O boato que se espalhou pelo reino é que procura uma noiva. Isso é verdade?

— Muito. — Ele encontrou sua *μυρομανία* sim, mas logo depois a perdeu. O desejo por ela ainda fervia no seu sangue e acentuava seus ossos, e ainda assim não fazia nenhum esforço para encontrá-la. A última vez que estiveram juntos...

Seu peito apertou com algo parecido com medo. Da última vez que estiveram juntos, ela começou a enfraquecê-lo.

Ele esfregou uma mão na coxa, pegou o movimento e amaldiçoou interiormente. Ao longo da superfície de sua pele ramificavam rios finos e cristalizados. Veias envenenadas. O início de sua queda.

Ele coletou textos antigos para pesquisar as lendas sobre a linhagem familiar de seu pai na esperança de encontrar uma maneira de se salvar. Uma tarefa infrutífera. Qualquer um que já tivesse desenvolvido veias de cristal — se alguém já o fez — manteve silêncio, como Lazarus e Typhon.

Espalhe suas fraquezas hoje, perca a vida amanhã.

Então... Ele fortificaria suas defesas, em vez disso. Casaria com uma mulher cruel e sanguinária com um grande exército à sua disposição. Ela o fortaleceria, nunca o enfraqueceria. E ignoraria seu ardente desejo por sua *μονομavia* por todos os seus dias, para não localizá-la e tentar convencê-la a retornar ao seu reino.

Sua *μονομavia* significaria o fim dele.

— Volte para a cama e vou te mostrar por que sou a sua melhor escolha — a ninfa ofereceu com um sorriso recatado.

Leitura da mente era outra habilidade que Lazarus possuía, graças a sua mãe. Sua cabeça se encheu com os pensamentos da outra ninfa ao considerar formas de matar sua amiga e esconder o corpo.

— Vou te mostrar melhor — ela brincou, batendo os cílios para ele. — Me escolha.

As fêmeas cuidavam das rosas no Jardim do Horror Perpétuo. Eram amantes, não lutadoras, e faltava a maldade necessária para ser sua esposa.

Ele tinha que estar pronto para a guerra. Um dia, Hera e seu pai acabariam na vida após a morte. Todos acabavam. A Harpia que o aprisionou acabaria aqui também e teria todos os seus inimigos num só lugar.

Lutando contra a raiva, rangeu os dentes até provar sangue. A Harpia. Juliette a Erradicadora. Uma cadela sem igual.

— Voltem para seus deveres — disse ele, e as ninfas fizeram biquinho.

Suas passadas longas e seguras, milagrosamente desimpedidas pelo dano que sua *μovoμavia* tinha feito, abriu a mente para procurar por perigo escondido que pudesse aguardá-lo no corredor quando saiu do quarto.

Dois de seus soldados saíram de seus postos para segui-lo.

Lazarus não sabia seus nomes. Preferia manter distância emocional e considerava carinho outra forma de fraqueza.

No momento que decide confiar em outro ser, perde a batalha.

Ele virou a esquina e disse:

— Alguma perturbação foi relatada na aldeia? — A sensação de desconcerto permanecia. Se alguém tivesse ferido uma pessoa sob seu cuidado...

Não. Não aconteceria. Ninguém se atrevia a levantar uma mão contra um de seu povo. As consequências eram muito grandes. Não havia julgamento, apenas punição.

— Não senhor.

— E as serpentes do céu? — Ao chegar aos reinos do espírito, as criaturas o cheiraram, abandonaram suas casas e entraram no que era — naquele tempo — território inimigo, determinadas a servi-lo como antes serviram sua mãe.

Como ele, sonhavam em matar seu pai.

Os rumores alegavam que Typhon dormia o sono dos mortos, mas a verdade era mais complicada. Foi sepultado pelos mesmos cristais que agora cresciam dentro de Lazarus. Não estava morto nem adormecido, mas imóvel e consciente.

— Duas das suas serpentes do céu foram vistas na floresta a poucos quilômetros de distância — disse um guarda. — Estavam brincando de perseguição.

— Desejo falar com elas. Quero um contingente de soldados montado e pronto para sair em dez minutos. — Seja qual for o problema, iria encontrá-lo. E acabaria com isso.

— Sim, senhor. Claro, senhor. — O orador saiu correndo.

Lazarus mergulhou dentro de seu quarto privado, deixando o segundo soldado no corredor. Ele tirou a roupa, sentiu o cheiro de frustração e sexo e vestiu-se para a guerra, colocando uma camisa feita de ligas de metal finas e leves, calças de couro preto. As armas que ele devolveu aos seus lugares de direito, ancorando semi-automáticas debaixo de seus braços, espadas curtas nas costas e punhais na cintura e no tornozelo.

Cada peça, incluindo a *kris*, carregava seu selo pessoal — uma serpente do céu comendo sua própria cauda, formando um círculo sem fim. Um sinal externo de sua posse e, supunha, um sinal de sua posição.

Um rei pela força. Um traficante de drogas por escolha. Um amante por necessidade.

Ambrosia crescia no reino e usava isso em sua vantagem. Uma vez que as flores roxas eram a única substância capaz de drogar um imortal, ele, tão generosamente, dotava os

governantes dos reinos circundantes com um transporte semanal, garantindo sua dependência — dele.

As mulheres com quem ele ia pra cama mantinham sua mente fora de tudo que ele não tinha. Vingança, vida... sua *uovovavia*.

Lazarus abriu uma gaveta da cômoda e traçou as pontas dos dedos sobre as juntas de diamantes e punhal pendente que tinha adquirido para ela. Um esforço desperdiçado, considerando que nunca mais a veria.

Ele se lembrou da primeira vez que a viu. *Uma imortal entra num bar...*

Os longos cabelos de corvo desciam por suas costas elegantes, enrolando-se nos quadris. Olhos de prata líquida olhavam para o mundo com tristeza inata, e os traços delicados pareciam frágeis como vidro.

Não houve nenhum raio para proclamar: *Ela, ela é a única*. Em vez disso, ela o tinha intrigado e interessado. Mas com apenas 1,70m, era muito pequena e delicada para ele. Ele tinha mais de 2,10m e era pesado com músculos sólidos.

Pensou: *com um único toque, posso danificá-la irremediavelmente*.

Ele partiu sem lhe dizer uma palavra.

A segunda vez que a viu ocorreu nos Jogos das Harpias, um tipo de Olimpíada para as mulheres mais sanguinárias do planeta. Sua *uovovavia* era uma espectadora, empoleirada nas arquibancadas, torcendo por uma amiga. Mais uma vez a tristeza se agarrava a ela como uma segunda pele.

Uma faísca de ânsia tinha aquecido seu peito e ele pensou, *gostaria de vê-la sorrir. Não, gostaria de fazê-la sorrir.*

Um estranho desejo de entreter. Outras pessoas se encolhiam e choravam quando ela falava. Por que ganhou vida? Por que a compaixão despertou dentro dele pela primeira vez?

Mais uma vez se afastou sem dizer uma palavra, e nas semanas seguintes sua obsessão por ela cresceu, até o simples pensamento dela acordar cada célula em seu corpo com luxúria. Mesmo agora, endureceu dolorosamente, uma necessidade selvagem arranhando no seu interior.

A terceira e última vez que a viu ocorreu quando ela usou a *Haste de Partir* para entrar nos reinos do espírito. Então. Aquele momento. Ele experimentou o raio da agressão primitiva e posse.

Pensou, *Vou tê-la, seja qual for o custo.*

O nome dela era Cameo e era a guardiã de Miséria. Era uma infame Senhora do Submundo. Uma dos treze guerreiros que roubaram a Caixa de Pandora. Ou melhor, era uma gloriosa Senhora do Submundo.

Uma memória o provocou e não conseguiu resistir em vê-la, mesmo na sua mente.

— Você já riu? — Ele perguntou a ela enquanto iam para o reino dele... onde planejava saborear cada centímetro dela... senti-la enrolada ao redor dele, ouvi-la gemendo seu nome.

Ele queimava por ela. Ele doía.

— Foi-me dito que sim — ela respondeu, sua voz trágica tão viciante quanto qualquer droga.

— Você não lembra?

— Não. A alegria não é algo que fica.

Ele queria lhe dar alegria tanto quanto suas paixões. Na época, não se importara com os pequenos fragmentos de cristal que cresciam sobre suas coxas. Nada importava mais que derrubar suas defesas, colocando-a dentro de sua casa — e ele dentro dela.

Agora ele se importava.

A mente de Lazarus saltou para outra conversa que tiveram, quando ele começou a fazer progressos com ela finalmente.

— Já teve um namorado? — Ele perguntou.

Aqueles olhos de prata líquida se encheram de humor. O primeiro sinal de diversão que ela já exibiu e ele se alegrou. *Eu a estou alcançando.*

— Tenho milhares de anos — ela respondeu. — O que você acha?

Ele decidiu provocá-la, sabendo que a expansão de seu bom humor deslocaria mais sua tristeza.

— Acho que você é uma virgem solteirona morrendo de fome por um pedaço de carne de homem.

Ela passou de ira a zangada numa fração de segundo, toda insinuação de tristeza desaparecida.

— Tive vários namorados e não sou virgem. E se me chamar de puta, vou cortar sua língua.

— Não, você não vai. Quer minha língua onde está. Confie em mim. — *Por favor.* A confiança de uma mulher nunca foi tão importante para ele. — Mas tenho curiosidade. Quantos

namorados? — Quantos homens ele transformaria em pedra por ousar tocar o que pertencia a ele?

Ela endureceu.

— Não é da sua conta.

Desejando outra explosão de raiva, esperando que isso levasse à paixão de um tipo diferente, ele disse:

— Muitos para contar. Anotado. Como é na cama?

Ela franziu o cenho, revelando seus dentes brancos perfeitos, e ele realmente tremeu como se fosse um garoto com sua primeira mulher.

— Você nunca saberá.

Ele nunca parou de queimar por Cameo. Nunca parou de doer. Mas agora que estavam separados pela vida, morte e mil reinos diferentes, tinha uma nova perspectiva. Ele foi um tolo, permitindo que o desejo sexual ditasse suas ações. Nada importava mais que a força.

Uma batida atrevida soou na porta, entrando em seus pensamentos. Sua mente o levou até a saída, garantindo que não estivesse entrando numa emboscada.

O guarda torceu as mãos, não quis encontrar o olhar de Lazarus.

— As serpentes do céu... Majestade, acabamos de receber notícias. Alguém — *Glup*. — Alguém não apenas feriu as duas... mas chegou perto de matar...

A raiva explodiu dentro dele, mas quando falou depois, sua voz estava apenas coberta de calma.

— Onde elas estão?

— No jardim, Majestade. O curador foi convocado.

Lazarus poderia ter riscado até o jardim — movendo-se de um lugar para outro com apenas um pensamento — mas gostava de andar. Gostava de sua capacidade de se mover sem impedimento dos cristais.

Atravessou o palácio, a opulência de tesouros roubados e o luxo de móveis esculpidos à mão passando por ele. O teto era alto e em camadas, embelezado com um friso que se cruzava em duas lareiras de mármore. Os vitrais coloridos brilhavam nas janelas e mosaicos elaborados decoravam o chão.

Do lado de fora, a luz do sol irradiava raios dourados sobre um terreno montanhoso que transbordava de flores.

O que Cameo pensaria de uma beleza tão exuberante? Ela sorria finalmente?

O desejo juntou-se à sua raiva, fervendo dentro dele.

— Majestade. — Um de seus conselheiros correu para seu lado, as pernas curtas trabalhando horas extras para acompanhar o ritmo rápido de Lazarus. — Lúcifer enviou outro emissário, exigindo uma resposta à sua consulta.

Lúcifer, o Destruidor, conhecido por obter prazer do tormento dos outros, era um dos nove reis do submundo. Governava demônios e deuses gregos, e estava atualmente em guerra com seu pai, Hades, outro rei do submundo.

Semanas atrás, Lúcifer convidou Lazarus para se juntar à sua aliança. Em troca, prometeu trazer Cameo de volta para o Reino de Grimm e Fantica.

Lazarus ficou tocado com a ideia de aceitar. Cameo... mais uma vez dentro do alcance... deixando-o louco de desejo...

Me enfraquecendo.

— Faça o emissário ser escoltado para o calabouço. Vou matá-lo com a maior brevidade possível. — Tente-o e sofra.

— Sim, Majestade. Claro. — O conselheiro saiu correndo.

Uma família de borboletas juntou-se a Lazarus, revoando sobre sua cabeça. Juntamente com as serpentes do céu, as borboletas chegaram ao reino em massa, atraídas por ele na morte, como sempre estiveram na vida. Nunca soube o porquê.

Uma mulher mais velha — a curandeira — se juntou a ele também. Ela carregava uma cesta de pomadas e curativos.

Juntos chegaram no topo da colina, finalmente as serpentes do céu feridas entraram à vista. Uma estava se esgueirando no chão, sangue negro saindo do olho esquerdo. A outra se contorcia de dor, um galho petrificado abrindo seu maxilar.

A raiva dentro de Lazarus escureceu. As serpentes do céu eram extremamente leais, mas igualmente predadoras, com instintos de um sociopata. Mas eram suas sociopatas, o equivalente ao cavalo precioso de um cowboy. Lutavam por ele sem hesitação.

Ele arrancou o galho e, ao lado da curadora, remendou as duas criaturas. Dentro de alguns dias as duas estariam tão boas quanto novas. Enquanto isso, sofreriam com músculos rasgados e carne se unindo.

— Quem fez isso vai pagar. Tem minha palavra. — Encontrar o culpado seria fácil. O sangue da serpente do céu sempre deixava bolhas para trás.

O par choramingou em agradecimento.

Determinado, Lazarus deixou-as nas mãos da curadora e dirigiu-se aos estábulos para se juntar ao contingente de soldados que instigou para se armar.

A caçada começava.



CAPÍTULO 3

“O oponente que você permite que viva é o oponente que vai esfaquear você pelas costas.”

— A Fina Arte da Decapitação

Cameo mancou através de uma feira de aldeia lotada, já que os vendedores vendiam mercadorias diferentes, um bando de vozes produzindo uma faixa sonora desordenada. O cheiro de carnes picantes e doces conflitantes enchia o ar.

Ela parou abruptamente. Lá, numa mesa à sombra de uma árvore de fruta azul, descansavam suas botas. E suas armas!

Com um bufo irritado se aproximou do vendedor, um homem alto com uma barba longa e cinzenta. A dor em seu tornozelo disparou, e as bolhas em suas mãos arderam.

Ele a viu e orgulhosamente acenou sua mão sobre seus pertences.

— Vê algo que queira?

— Sim. Seu coração num prato.

Lágrimas brotaram nos olhos dele. E graças a Miséria, o influxo de tristeza o cegou para sua ameaça.

— Apenas hoje estou oferecendo cada item pela pechincha de... de... — Ele se acalmou, seu corpo vibrando repentinamente com ansiedade. — Você vive. Está viva. Seu corpo está vivo!

Surpresa dançou de mãos dadas com sua própria tristeza sempre presente. Como sabia que ela passou pela *Haste de Partir* sem experimentar a morte?

Ele tentou esconder sua excitação com uma falsa aura de tédio.

— Vou comprar o corpo de você. O que gostaria em troca? As adagas? Nunca encontrará um par melhor feito.

— Eu sei. Porque eu as fiz — ela disse irritada.

Ele estremeceu, as lágrimas chegando mais rápido.

— Você quer, então precisa comprá-las. Devo recuperar minhas perdas, considerando que seu amigo me cobrou um braço e uma perna. O meu servo não recuperará os membros por mais um mês, o que significa que tenho que fazer todo o trabalho pesado.

Amigo dela? A única pessoa com quem falou foi – ela sibilou para Rathbone.

— Você roubou minhas coisas?

O felino sarnento que a acompanhara até a cidade rondava seus tornozelos.

— Miau?

Cameo inclinou-se para agarrá-lo pelo pescoço, mas ele se afastou do alcance.

— Você me deixou indefesa, sua desculpa miserável de gato. Tive que lutar com galhos. Galhos! Não pagarei sua taxa de escolta. — Espere. Isso parecia errado. — Não te devo nada por sua ajuda. — Não que o merda a tenha ajudado.

— O que posso dizer? Mesmo eu tenho que pagar para jogar.

Como uma mulher que foi criada totalmente formada por um rei que exigiu seu serviço — *Mate por mim ou seja morta por mim* — ela encontrou muitos imortais pervertidos. Rathbone tinha que ser o pior.

— Você. — Olhando para as bolhas agora estragando suas mãos, o vendedor tropeçou atrás. — Foi você. Feriu as serpentes do céu.

Gritos de consternação explodiram pela multidão, compradores e outros vendedores se moviam para formar uma parede à sua volta.

Enquanto examinava as massas, confusa, Miséria cacarejava com contentamento. *Dez entre dez pessoas concordam. Você é uma pessoa horrível e o mundo será um lugar melhor sem você.*

Depressão escorria sobre ela como bife fervente aderindo à sua alma. Uma sensação fabricada pelo demônio. Ele queria controlá-la.

Calma. Estável.

O *clap-clap* de cascos de cavalo atingiu sua consciência, uma distração bem-vinda. A multidão se separou do centro, revelando um exército de soldados carrancudos.

Todos se ajoelharam e apontaram para ela. As vozes acusadoras soaram.

—Ela!

— Foi ela!

— É ela quem você procura!

Cameo ergueu o queixo e rolou os ombros.

— Você não quer lutar comigo. Sou uma amiga altamente respeitada de seu rei. — Pelo menos, esperava que tivessem se separado como amigos. — Além disso, se me atacar vou te matar.

Encontrar Lazarus se tornou seu motivo para respirar. Basicamente, ele era o equivalente a um doador de órgãos. Se ele esclarecesse as lembranças específicas que Miséria roubou lhe daria um novo coração.

Os guerreiros se encolheram como se tivessem sido perfurados. Caras feias deram lugar a olhos vermelhos e lábios trêmulos. Da multidão, um coro de soluços soou.

Apenas um soldado se aproximou dela. A luz do sol brilhava nas suas costas e banhava o rosto nas sombras.

Quando ele parou para desmontar um Pegasus raro — um cavalo de guerra alado — aquelas sombras desapareceram e raios a atravessaram.

Ele era absolutamente magnífico, o homem mais bonito que já viu. Irradiava masculinidade crua e arrogância sexual.

Sua massa de cabelos negros estava despenteada pelo vento. Seus olhos eram escuros, insondáveis, com minúsculas pintinhas de luz. Como estrelas! Seus traços poderiam ter sido cinzelados da pedra. Ele tinha um nariz orgulhoso e afiado,

maças do rosto proeminentes e uma mandíbula forte escurecida pelo restolho. Sua altura não natural, mas oh, tão deliciosa era perfeitamente equilibrada por uma abundância de músculos e tendões.

Debaixo da gola de sua camisa, uma grande quantidade de tatuagens sobressaía. Rosas com espinhos sangrentos, uma cobra comendo sua própria cauda, um crânio — vários crânios-borboletas. Por um lado tinha a palavra AMOR tatuada sobre os nódulos. Por outro lado, tinha a palavra ÓDIO.

Inquietação incomodou sua nuca.

O olhar dele passou por ela, lentamente, quase brutalmente, devorando-a. Como se fosse uma última refeição e seu único meio de salvação. Ela estremeceu até quando o sangue dela se aqueceu.

Miséria sibilou e chutou seu crânio. *Corre! Corre agora!*

Medo, demônio? Que desenvolvimento interessante.

O homem possuía o poder sobre o mal? Ou sobre Cameo especificamente? Ele poderia ser aquele que ela procurava?

Pergunta melhor: queria que ele fosse?

— Finalmente. — Tensão feroz e agressão não diluída irradiava dele, fazendo com que suas partes mais femininas amolecessem. — Nos encontramos novamente.

Outro arrepio, cortesia de sua voz. O timbre rouco era tão carnal quanto o resto dele. Ela lambeu os lábios.

— Novamente?

Ao contrário do leopardo, do vendedor e de todos os que os rodeavam, o bruto simplesmente arqueou uma sobrancelha ao som de sua voz.

— Vai fingir que somos estranhos?

— Eu queria estar fingindo. — Seu coração bateu rápido e seus joelhos tremeram. — Quem é você?

Seu estudo sobre ela se intensificou, seus olhos escuros hipnotizando-a tão completamente que quase perdeu os dedos fantasmas que escovaram sua mente. Quase. Ela reconheceu a sensação e franziu a testa. Ele estava tentando ler seus pensamentos?

A raiva detonou. *Devo proteger meus segredos.*

Nas poucas vezes que encontrou um imortal com uma habilidade tão intrusiva e perigosa, matou primeiro e fez perguntas depois.

Com um esforço concentrado, deu um impulso mental. No segundo que ele estava fora, ela ergueu um escudo mental.

— Realmente não se lembra de mim. — Passos cortados, ele fechou a distância... e oh, uau, ele cheirava bem. Como champanhe caro e glacê de chocolate.

Ela ficou com a cabeça clara. Quando ele tomou seu rosto com mãos grandes e cheias de calos, e forçou seu olhar sobre ele, a sensação piorou, o simples toque queimando-a.

— Sou quem você procura — ele brincou. — Sou Lazarus.

A confirmação a sacudiu até os ossos. Esperou por uma centelha de reconhecimento, rezou por isso, mas sua mente permanecia um abismo sombrio de melancolia, tristeza e... excitação? Seus mamilos enrugaram, sua barriga tremulou e sentiu calor entre suas pernas.

Miséria matou os sentimentos indecentes depressa, deixando-a destituída.

Satisfação provocou os traços de Lazarus... e Cameo.

— Seu corpo se lembra de mim, pelo menos — disse ele.

Correntes elétricas a percorreram, chiando em sua medula.

Desta vez, Miséria a inundou com uma pressão em ebulição de depressão e seus ombros caíram.

— Bem — Lazarus zombou. — Ainda é uma amarga solteirona, pelo que vejo.

Uma solteirona? Suas mãos se ergueram. A necessidade de encontrar Lazarus a atormentava, uma doença... uma febre... e ao longo do tempo ele pensava o pior dela.

— Você é um canalha, pelo que vejo.

Gritos e lamentos se elevaram da multidão.

Ele sorriu devagar, perversamente.

— Está certo. Mas sou seu canalha, raio de sol.

Raio de sol? Ela? Ela quase sufocou.

— Só estou usando você pelo seu cérebro. Conte-me sobre nosso tempo juntos. — *Por favor!*

— Responda uma pergunta para mim primeiro.

Ela deu um aceno rápido.

— O que faria se um homem a beijasse? Perguntando por um amigo.

Ele ousava provocá-la, e ela ousava gostar. O desejo, de repente, ofuscou sua curiosidade. *Ele quer me beijar?*

Antes de Cameo retornar a esse reino em busca de Lazarus, sua amiga Anya disse:

— Não perseguimos homens, nós apagamos. Tudo bem, pode fazer com que esta seja a exceção. Apenas lembre-se de

esconder sua carne. Por que comprar a vaca quando pode roubá-la e comer de graça?

Cameo respondeu:

— Quer dizer, por que comprar o porco quando só vai dar uma pequena salsicha?

— Suas mãos — disse Lazarus, atraindo-a de volta ao presente. Os olhos se estreitaram, o corpo rígido como uma tábua, ele apertou seus pulsos e levantou as mãos na luz para estudar o monte de bolhas. — Lutou contra as serpentes do céu.

Ela se afastou do aperto.

— Me protegi de me transformar num bufê de jantar tudo-que-você-puder-come, se é isso que quer dizer.

Aqueles olhos escuros se estreitaram ainda mais.

— Prometi fazer a pessoa que feriu meus animais de estimação pagar um preço terrível.

Seus animais de estimação?

— Pode tentar. — Ele logo descobriria que podia tomar uma surra e continuar correndo.

Um novo coro de suspiros e lamentos se elevou da multidão.

— Não tento, Raio de Sol, eu faço, e sempre mantenho minha palavra. Disse que o culpado pagaria... mas não disse como o culpado pagaria. — Ele tocou seus cabelos. — Desde que é minha amiga, vou ter que pensar numa punição apropriada.

Ela explodiu.

— Você coloca uma mão em mim e eu...

— Goza. Eu sei.

O que!

Miséria deu outro chute em seu crânio. Uma dor afiada atingiu sua têmpora.

Lazarus inclinou seu corpo, seus músculos se aglomerando sob sua camisa. Suas pálpebras encobrendo íris ardendo com um calor selvagem, sua ferocidade afiada como uma espada de dois gumes. Era quase intimidante. Risca isso. Era intimidante. Apenas um verdadeiro guerreiro podia misturar malha e couro.

— Raio de Sol, sei como gosta, parece e sente quando está no prazer supremo.

Sua respiração foi apanhada, fogo nos seus pulmões. Seus ossos suavizaram, e seus joelhos balançaram. Não apenas prazer — ele disse prazer supremo.

Estava mentindo. Tinha que estar mentindo. Ninguém jamais lhe deu o menor prazer. A menos que...

Miséria apagou a lembrança do primeiro orgasmo que ela não fingiu.

O pensamento a destruiu. Tal perda seria uma violação, uma violação de sua mente.

O semblante irritado de Lazarus voltou num piscar de olhos. — O que está fazendo aqui, Cameo? Por que voltou para a terra dos mortos?

Tudo o que aconteceu entre eles, seja qual fosse o prazer que experimentou, o fim claramente foi tumultuado.

Deveria ter ficado em Budapeste com meus amigos.

Quando se afastou dele, Miséria dilatou a consternação e sussurrou conversas que se espalharam pela multidão.

— Aposto que ele a mata... com prazer.

— Como faço para me inscrever para essa morte?

O olhar ainda em Cameo, Lazarus disse:

— Deixem-nos. Agora.

Era um comando falso, e ainda a multidão se dispersou em segundos, mesas e mercadorias abandonadas sem questionar. Soldados e cavalos trotaram.

Lazarus era rei, sua palavra lei e seu poder inquestionável. Ele era um deus entre os homens. Sabia sobre Miséria? Ela se perguntou novamente. Devia, considerando que leu uma parte de sua mente. Ele queria que ela morresse como Alex fez?

Nunca acusou Alex por sua traição. Não, ela culpou o medo.

Quando escapou dos Caçadores, voltou para Alex e, enquanto estava de joelhos em súplica, seu corpo sangrando e quebrado, ela contou sobre a Caixa. Ele deixou cair a espada, juntou-se a ela no chão e envolveu seus braços ao redor dela. Ela pensou que ele tinha começado a entender.

Um mal como o seu tem que se extinguir, ele disse. Então gritou para os Caçadores novamente. Só então ela aceitou a verdade. Miséria o havia infectado e Cameo tinha a culpa.

Enquanto lutava para se livrar pela segunda vez, um Caçador deu um passo à frente e disse: *Venha com a gente de bom grado ou Alexander morre.*

Alex morreu.

Mesmo agora, a culpa a provocava, a sensação de miséria já não fabricada pelo demônio. *Não sou um prêmio para ninguém.*

Não, você é a queda de todos, disse Miséria.

Ela deu outro passo atrás, o calcanhar machucado pousou numa pedra afiada. Ela estremeceu.

O olhar de Lazarus caiu em seu pé, um cenho franzido puxando os cantos de sua boca.

— Seus pés. Seus pés estão sangrando. Foi ferida.

A palavra *ferida* em seus lábios era uma vil maldição. Uma promessa de violência.

— Foram as serpentes do céu? — Ele exigiu.

Ele podia punir seus animais de estimação se fosse?

— Culpe a caminhada até aqui e o pedaço de merda do metamorfo que roubou minhas botas.

Ele passou a língua pelos dentes. Planejando ferir Rathbone?

Por que se preocupava com quem fez o que a ela quando claramente a odiava?

— Palavras ásperas, querida. Ásperas. — Rathbone apareceu à distância, rondando em torno de uma mesa. — E depois de salvá-la de um fim trágico.

Mentiroso!

— Eu me salvei. — Ela acenou com um punho para ele.

O leopardo fez *tsc-tsc* como se ela fosse muito estúpida para conhecer a diferença entre salvação e perigo.

Lazarus enrolou uma mão ao redor do punho de uma adaga.

Rathbone começou a retroceder.

— Está claramente no meio de seu tempo com a senhora. Vocês dois. Voltarei depois. — Num piscar de olhos, ele se foi.

Cameo invejava a capacidade de riscar. *Obter o que quiser e ir.*

— Me fez uma pergunta — disse ela a Lazarus. — Agora vou responder. Estou aqui porque quero respostas. Quero saber tudo que aconteceu entre nós.

Em silêncio, curvou os joelhos e gentilmente, mas firmemente empurrou o ombro no estômago dela.

— O que... — ela começou.

Ele se endireitou, levantando-a, garantindo que continuasse coberta por ele.

Ela estava atônita demais para protestar. A guardiã temerosa de Miséria estava sendo carregada como um saco de batatas? Isso estava acontecendo? Verdadeiramente?

— Vamos continuar nossa conversa — disse ele. — Mais tarde.

— O que estamos fazendo *agora*? — Perguntou curiosa, mas não assustada.

Uma pausa. Então:

— Estamos continuando de onde paramos.

Enquanto ele falava, uma borboleta com asas escarlate pousou na mesa com as adagas e ela gemeu. Aqui estava outro sinal de destruição iminente.

Seu relacionamento com Lazarus não ia terminar bem, não é?



CAPÍTULO 4

“Como ganhar uma guerra em seis passos fáceis.

Um: Insulte.”

— A fina Arte da Decapitação

— Como alcançar a vitória

Lazarus marchou através das imponentes portas da frente abertas pelos guardas que ele tinha colocado ali com uma Cameo chocantemente dócil pendurada sobre seu ombro. A última vez que ela entrou nos reinos dos espíritos, ele a sentiu e pegou enquanto ela se precipitava no chão. Por que não a sentiu hoje?

— Você atravessou um portal? — Perguntou ele. — Ou entrou no reino de outra maneira?

— Um portal — ela resmungou. — Aterrissagem fodida.

De algum modo, ele a bloqueou de sua mente do mesmo jeito que ela o bloqueou da dela? Ou o bloqueou desde o início?

Bem, não a estava bloqueando agora. Não podia pensar em nada e ninguém além de Cameo.

Na entrada espaçosa, os servos pararam de limpar para se curvar a ele... e observá-lo com admiração. Nunca manipulou uma fêmea tão publicamente antes.

Cameo era mais bonita do que se lembrava. Cachos sedosos de ébano, olhos de prata esterlina, lábios vermelho rubi. Seus olhos diziam *venha mais perto* enquanto o demônio dela dizia *está perto o suficiente*. Ela era sua própria tentação pessoal. Ela o encantava e não tinha o direito!

Mesmo agora, suas pernas formigavam e queimavam, o primeiro sinal que os cristais estavam se expandindo.

Ela sabia o quão terrivelmente o afetava? Ou o quanto podia enfraquecê-lo, tornando-o presa fácil para seus inimigos? Será que se importava?

Ele abriu sua mente para a dela apenas para bater em seu escudo. Suas perguntas permaneceram sem resposta, uma frustração familiar fermentando dentro dele. Frustração, raiva e desejo sempre presentes.

Sua fome por essa mulher era insaciável, mas não podia tê-la. A menos que, é claro, abandonasse sua vingança contra aqueles que o injustiçaram tão cruelmente, e aceitasse uma eternidade sepultado em cristal indestrutível.

Nunca! Por que não matá-la aqui e agora? Remover sua cabeça seria um ato de autodefesa.

Com esse pensamento, Lazarus recuou fisicamente.

Maldita!

— Uau, grandão. — Cameo deu um tapinha na bunda dele, calma quando deveria estar histérica. — Cinquenta quilos são demais pra você?

Fêmea espertinha.

Havia algum tipo melhor?

Remende-a e a envie para casa sem se encantar com seu belo corpo.

— Alguém está sofrendo com outro conveniente ataque de perda de memória, não é? — As palavras o deixaram com mais força do que pretendia. Talvez estivesse um pouco amargo? — Está se esquecendo de mais dois quilos.

A diabinha bateu os punhos na parte inferior das costas dele.

— Pode ou não ter conhecimento íntimo do meu corpo. Definitivamente sabe as coisas que eu disse e fiz. O bom, o mal e o feio. Sabe se nos separamos como amigos ou inimigos. Sabe onde paramos. Eu não. Isso não é uma conveniência para mim, mas um pesadelo.

A fúria dela estraçalhou a dele, a necessidade de confortá-la. As memórias ofereciam uma forma de proteção; diziam-lhe em quem confiar e quem insultar, salvavam-no de erros repetidos e criavam um caminho claro para seu futuro.

A compaixão floresceu e ele praguejou. Outra fraqueza graças à essa mulher.

Além deles, os criados soluçavam. Ele olhou para o grupo triste. Podia ter que investir em tampões para toda a equipe — ou matar todos.

— De volta ao trabalho — ele criticou.

Uma onda de movimento explodiu quando todos obedeceram.

Ele subiu um lance de escadas, a mão encostada no traseiro de Cameo enquanto manobrava pelos diferentes corredores. Não podia esperar para vê-la cercada por suas coisas, sabia que iria gostar de ter seu perfume gostoso — uma mistura de bergamota, rosa e neroli — infundindo seus lençóis... Teria grande prazer em mostrar os presentes que recolheu para ela. Seu rosto se iluminaria com prazer? Ou franziria o cenho para ele, a tristeza do mundo em seu olhar?

Isso importava? Depois que ela partiu, teve que fazer tudo que estava ao seu alcance para acabar com a obsessão de seu corpo por ela. Isso significava apagar todos os vestígios dela em sua casa.

Não posso compartilhar meu quarto com ela. Nem agora, nem nunca.

Entrou no quarto ao lado do dele. Um que reservou para...

Um convidado. Qualquer convidado.

Com um golpe rápido fechou a porta atrás dele. Jogou seu belo pacote na cama. Desvie o olhar! A visão de Cameo em cima de um colchão, qualquer colchão, só danificaria suas defesas contra ela.

Lazarus concentrou-se na própria cama. Cada um dos quatro postes foi arrancado da floresta e colocado em vasos. Luxuriosas folhas vermelhas prosperavam, formando um dossel acima. O edredom era feito de pétalas de flores de verão imbuídas de pó Fae; essas pétalas eram mais suaves que a seda, mas ainda mais duradouras.

Cameo ficou ereta e escrutinou o quarto.

Sabia que ela havia catalogado todas as saídas, bem como tudo que poderia usar como arma, e ele fazia o mesmo. Havia apenas uma saída — a que ele fechou. Na lareira, serpentes do céu de mármore estavam de sentinela de cada lado, o calor fluía de suas bocas abertas. Armas — os atizadores equilibrados entre suas garras.

A cômoda foi cortada de um geode² de ametista. As peças podiam ser queimadas e usadas para cortar carne vulnerável.

A penteadeira tinha um topo de ouro sólido, muito pesado para ela levantar. As pernas eram esculpidas à mão para se assemelharem às serpentes do céu. Os rubis emprestavam uma vida não natural aos seus olhos, enquanto suas caudas se enrolavam em brilhantes pontos de diamantes. As joias poderiam ser removidas com pouco esforço.

O espelho dourado já pertenceu a *Siobhan*, a deusa de Muitos Futuros e supostamente a mais cruel das Erinyes. Lazarus foi informado que simplesmente olhando dentro do espelho se revelaria os diferentes caminhos para encontrar o amor verdadeiro. Até agora não viu nada além de seu reflexo.

Se Cameo desejasse armas, teria armas. Ele nunca interferiria com seus esforços para se proteger.

Quando seu olhar pousou em Lazarus, um rubor pintou suas bochechas. Ele sabia o quão quente sua pele impecável podia queimar, e seus dedos ardiam para tocar.

Resista!

² Os geodes ou geodos (do grego, geoides, terroso) são formações rochosas que ocorrem em rochas vulcânicas e ocasionalmente em rochas sedimentares.

— Quer uma memória, Raio de sol? Aqui vai. Da última vez que estivemos juntos nos beijamos.

Não, *beijar* era uma palavra muito suave. Ela foi fogo em seus braços, sem um pinga de tristeza ou melancolia. Ela tinha chupado a língua dele como se fosse seu doce favorito, respirado seu fôlego como se o necessitasse para sobreviver, como se *sempre* precisasse dele. Ela foi um fio vivo de paixão.

Ela o esqueceu tão facilmente, enquanto sua lembrança dela tinha o poder de queimá-lo.

Ela olhou para seus lábios e sussurrou:

— Nós nos beijamos. Nada mais?

Aquela voz! Uma explosão de tristeza acompanhava todas as palavras.

Ele compreendeu o motivo pelo qual outras pessoas se encolhiam e choravam. Nunca experimentaram um soco tão fervoroso de tristeza não diluída. Lazarus sim. Muitas vezes. Primeiro, depois da perda brutal de Echidna. Então, sua incapacidade para encontrar e matar seu pai pelos crimes cometidos contra sua mãe. Então sua escravidão por séculos. A voz de Cameo simplesmente não podia se comparar.

— Nós nos despimos e rolamos como dois adolescentes numa casa vazia. — Ele escondeu a intensidade de seu desejo por ela por trás de um tom sombrio. — Você se contorceu contra mim implorando por mais, mas parei antes da penetração. — Ele teve que trabalhar, enganar e persuadir-se a levá-la tão longe e a espera foi torturante... mas a agonia valeu cada segundo de êxtase.

Ele parou porque dois de seus homens entraram em seu quarto. E porque ela descobriu a verdade — não foi capturada por um inimigo com intenção de vender seus bens e serviços, como a levou a acreditar; ela estava escondida seguramente no próprio reino de Lazarus.

A respiração engatou em sua garganta enquanto seu pulso acelerava. Ela me deseja ainda... luxúria ameaçou suas boas intenções... até o formigamento das pernas aumentar.

Deixe-a! Agora!

A preocupação com ela o fixou no lugar. Suas feridas precisavam ser atendidas. Seu controle se encaixaria quando colocasse as mãos em cima dela?

— Por que você parou? — Ela disse rouca.

— Nós éramos, somos, inimigos — ele grunhiu. *Me expulse.*

Seus olhos se arregalaram.

— Inimigos. Porque você me odeia... odeia o que sou?

— Não odeio você. — Ele a temia e o poder que exercia sobre ele. Morria de fome por ela como um homem que foi negado o sustento adequado há anos. — Mas também não gosto de você.

Ele esperava que ela recuasse com dor. Em vez disso, ela exalou aceitação.

Seu coração negro estraçalhou. Quantas vezes essa mulher enfrentou a rejeição?

Minha povoação sempre será respeitada!

Ele amaldiçoou sua crescente sensação de posse. Essa mulher nunca lhe pertenceria. Sempre escolheria a força acima da fraqueza.

— Por que somos inimigos? — Ela insistiu.

— Quero você demais — ele admitiu com um grunhido.

Ela olhou para ele boquiaberta. Então apertou os lábios. Um hábito que notou antes. E ele entendeu, de verdade. As pessoas desprezavam sua voz, e ela desprezava a reação delas a isso.

— Use suas palavras como uma garota grande — ele disse, tentando criticá-la. Acreditava na lei do deslocamento. Como um copo embaixo de uma presa gotejando. Eventualmente, ele se encheria e o líquido se espalharia, deixando o recipiente vazio... e pronto para algo novo. Funcionou no passado, permitindo-lhe manipular seu humor. Miséria por raiva, raiva por paixão. — Garotinhas são espancadas.

Ela estendeu a mão para uma adaga que não mais estava em sua posse, então sacudiu seu punho vazio para ele.

— Tente e perca a mão.

— Apenas uma? — Ele fez tsc tsc. — Alguém praticamente está *implorando* para ser espancada.

— *Alguém* está se perguntando por que achou que seria uma boa ideia passar algum tempo com você.

— Isso é fácil. Você é viciada em meu enorme...

Ela se curvou, preparando-se para atacar.

— Humor — ele terminou, tentando não sorrir. Provocá-la sempre era uma fonte de delícia. Para ele.

Com graça calculada, ela jogou o cabelo pelo ombro.

— Sem problema, guerreiro. Posso conseguir *humor* em qualquer lugar.

Eeeeeee perdeu o desejo de sorrir. Qualquer homem que ousasse ter *humor* com ela seria atendido pelo...

Aperto de mão de Lazarus e envio do herói. *Vou deixá-la ir.*

Determinado, ele se concentrou no pior de seus ferimentos.

— Tem feridas múltiplas, mas vou garantir que se cure antes de ir. Não terá cicatrizes, nem o que gosto de chamar de *botões de amor*. — Não haveria nada para lembrá-la de sua mais nova interação. Se o demônio decidisse limpar sua memória novamente.

Agora dor torceu sua expressão e a visão foi quase sua destruição. Ela *queria* ficar com ele?

Ela se recuperou rapidamente e olhou as unhas.

— Não se preocupe com o trabalho de remendar. Refiro-me a bandagens como suporte de maricas.

— Vou me incomodar. Caso contrário não vai se curar. — Ele entrou a passos largos no banheiro, onde encontrou a pomada feita com o gelo Fae de inverno.

Não a guardou para Cameo. Claro que não. Ajudar a única mulher capaz de machucá-lo? Não! Tal ação seria tola.

O que está fazendo agora?

Garantindo que viva o suficiente para viajar para casa. Nada mais.

Ele engoliu um grunhido e voltou para o quarto para se agachar diante da beleza de cabelos escuros. Seu aroma inebriante o envolveu, sua boca enchendo d'água por um gosto. Talvez roubasse um beijo, um único beijo, antes de começar seu “trabalho de remendo”. Prometeu continuar de onde pararam e sempre cumpria suas promessas...

O resto do mundo desapareceu quando se inclinou para ela...

Sua respiração falhou irritando-o mais, mas também o devolvendo à realidade.

Maldito apelo dela!

Com sua atenção fixa em qualquer lugar, exceto no seu rosto muito adorável... e nos quadris perfeitamente arredondados... e nas pernas longas e magras que uma vez envolveram sua cintura... ele limpou suas feridas e aplicou a pomada.

— Precisa levá-la para casa — ele disse áspero.

— Quando nos separarmos — ela disse suavemente — não estou indo para casa. Não até encontrar a deusa da Vida após a morte e... — ela apertou os lábios.

E o que? Ou quem? Se ela procurava outro homem, Lazarus iria...

Nada.

— Seu humor muda rapidamente — disse ela. — Está menstruando?

Ele suprimiu uma risada. Então examinou os recessos externos de sua mente uma última vez, quase grunhindo com

alívio e triunfo quando percebeu que ela inadvertidamente baixou o escudo.

Ela também procurava a Caixa de Pandora.

Experimentou um surto de culpa. Se admitisse que ela esteve perto de encontrá-la? Da última vez que estiveram juntos, o artefato estava a poucos centímetros de distância.

Ele a impediu de fazer uma jogada, e no processo deteve seu guardião de despertar e Cameo de morrer, seu espírito para sempre preso nos reinos fantasmas.

Lazarus ficou preso com a chave de sua queda.

Então a afastou da caixa sabendo que poderia retornar para ela a qualquer momento. Ele mesmo jogou com a ideia uma ou duas vezes. Mas por que se preocupar com um sistema de trabalho?

Ignorou a culpa, permaneceu em silêncio e mergulhou mais fundo em sua mente. Bem, bem. Ela tinha segredos dele. A pequena atrevida não mencionou a caixa porque não confiava nele e não sabia como reagiria à Miséria. Ela realmente acreditava que ele iria buscar sua destruição.

Ainda mais profundo. Ela...

Um grito estridente de fúria e horror, e ela o afastou de seus pensamentos. Então ergueu o escudo.

Ela levantou o punho como se fosse bater nele. Os olhares colidiram quando ele apertou seu pulso. A delicadeza de seus ossos tão diferente dos dele, o calor e a suavidade de sua pele. A sensação de seu pulso selvagem martelando contra ele...

— Sei que você é possuída por um demônio — ele disse a ela. — Sempre soube e não me importo. Não sou um humano com visão limitada. Sou Cruel e Incomum.

A tensão drenou dela, deixando um forte vendaval de surpresa.

A surpresa seria saborosa em seus lábios.

O formigamento em suas pernas piorou, apavorando-o. Com esta mulher, o prazer e a desgraça andariam sempre de mãos dadas.

Ele a soltou e ficou de pé.

— Fique aqui. Vou enviar um servo para ajudá-la. — Toda vez que ela se movia, os rasgos em sua camisa se abriam, chegando perigosamente perto de revelar seus seios.

Quero seus seios nas minhas mãos. Seus mamilos na minha boca...

— Vou reunir suas adagas e botas e levá-la para sua amiga. — Sua voz era seda rasgando.

— Ela está aqui?

— Está. — *Saia enquanto pode.* Ele saiu com pressa, batendo a porta atrás dele.

Dois machos estavam de sentinela.

— Ninguém entra no quarto e ninguém toca a garota. Se ela sair, um de vocês irá segui-la, o outro vai me convocar.

— Sim, senhor.

Ele seguiu em frente. A primeira serva que passou enviou para o quarto de Cameo com instruções explícitas. Queria que tratassem as feridas e colocassem aromas específicos em seu banho.

Ao virar uma esquina, abriu a mente enviando sua consciência através de todo o palácio... finalmente chocando contra o objeto de sua busca. Rathbone, O Único.

O bastardo esperava na sala do trono.

Uma vez dentro, descartou todos os guardas com um aceno. Passos saindo. As portas se fecharam, uma após a outra, selando-o dentro. Ele não viu nenhuma indicação do leopardo que roubou os pertences de Cameo, mas a presença escura permanecia, um espinho dentro de sua mente.

Como Cameo, Rathbone ergueu um escudo, escondendo seus pensamentos.

— Mostre-se. Sei quem e o que você é. — Ele percebeu a verdade à primeira vista.

O leopardo apareceu num sopro de fumaça, um sorriso largo revelando dentes afiados. Ele se aproximou de Lazarus lentamente, mas metodicamente, sua forma se transformando num homem muito alto, muito musculoso, com longos cabelos pretos, olhos como diamantes e pele tão escura e vermelha quanto o sangue.

Não usava camisa, mas as calças de couro preto envolviam suas pernas. Tinha milhares de tatuagens, mais que Lazarus, que estava coberto. Enquanto Lazarus tinha rosas espinhosas para representar aquelas encontradas no Jardim do Perpétuo Horror, os crânios para representar os inimigos que matou — e mataria — bem como borboletas e serpentes do céu para representar seus seguidores, cada imagem em Rathbone era a mesma. Um olho humano fechado.

Uma escolha estranha. Uma escolha distinta. Lazarus adivinhou corretamente. Este era Rathbone O Único, um dos nove reis do submundo. Ganhou seu apelido por ser o último homem em todas as batalhas que já lutou. Poderia mudar para qualquer forma, não importa o quão grande ou pequena. Objetos, animais, humanos e até inanimados.

Lazarus ouviu que o macho uma vez mudou para o punho de outro homem, obrigando-o a vencer toda a família antes de bater em si mesmo.

— Tem muito que responder, guerreiro. — Ele cruzou os braços em cima do peito.

— É Majestade para você. — Um encolher de ombros descuidado. — Sempre tenho muito o que responder.

— Armas e botas de Cameo. Entregue-as para mim. Agora.

— E enganar o vendedor que os comprou de mim? Que vergonha.

— Prefere enganar minha mulher?

Quando as palavras escaparam, ele se amaldiçoou. *Minha mulher*. Acabou de fazer uma poderosa afirmação verbal e ofereceu munição suficiente para qualquer inimigo com intenção de supervisionar sua destruição. Também provou que fez um trabalho deplorável de resistir ao apelo carnal de Cameo.

Talvez o bastardo não percebesse.

O sorriso de Rathbone aumentou. Oh, ele percebeu. Escolheu com sabedoria manter silêncio sobre o assunto.

— Sei por que está no meu reino. — Lazarus rastreou a ponta dos dedos sobre o punho da *kris*.

— Diga.

— A guerra entre Hades e Lúcifer está mais quente.

A própria razão pela qual Lúcifer continuava a enviar emissários. Todo líder de todo exército imortal tinha que escolher um lado.

— Para quem luta?

— Com. Luto com Hades. E também com os Senhores do Submundo.

Significando que *Cameo* lutava por Hades. Significando que escolher o lado de Lúcifer faria de sua *μνομανία* uma inimiga.

Ela já não era?

Lazarus perseguiu um círculo em torno de Rathbone, um predador decidindo o destino de sua presa. O homem permaneceu no lugar, nunca se virando. Mas então, não precisava se virar. Aqueles olhos também estavam tatuados por suas costas e, quando Lazarus se movia atrás dele, as pálpebras se abriram, as íris seguindo cada movimento.

Um esfaquear de inveja. Um poder tão singular...

— Deixe Hades saber que vou tomar minha decisão até o final da semana. — Todos os sentimentos pessoais de lado, apenas uma questão era importante. Quem o aproximaria de sua vingança?

Rathbone inclinou a cabeça de acordo.

— Muito bem.

— E agora que isso está resolvido — Lazarus jogou a *kris* sem aviso prévio. A lâmina cortou o tronco do macho e saiu do outro lado — com o fígado. — Prometi a Cameo que puniria aquele que a machucou. Agora meu voto está completo.

Rathbone estremeceu antes de um novo sorriso florescer.

— O primeiro órgão é de graça. O próximo irá te custar. Caro.

— Então entende que haverá um próximo. Excelente. Estamos na mesma página.

Uma onda de risada ecoou das paredes. Acostumado a intimidar seus inimigos, Lazarus não tinha ideia de como proceder com esse.

— Acho que gosto de você — disse Rathbone. — Acho que seremos grandes amigos.

— Não tenho necessidade de amigos. — Embora às vezes desejasse alguém para confiar, para proteger suas costas e lutar por sua causa. — Não gosto de você, mas vou remover o resto de seus órgãos, um por um, se roubar Cameo novamente.

— Agora sei que gosto de você. Se alguma vez precisar de mim...

— Não preciso de ninguém. — A declaração saiu depressa dele. Uma garantia para si mesmo, bem como ao rei metamorfo do submundo.

— Mas se alguma vez o fizer...

— Não vou.

—... diga meu nome. — Um segundo depois, Rathbone desapareceu.

Lazarus ficou no lugar, as mãos enroladas em punhos. A respiração tornou-se um pouco mais trabalhosa enquanto lutava para controlar seu temperamento... e sua luxúria.

Com o rei indo embora, não tinha nenhuma distração do encanto magnético de Cameo. Ela estava aqui. Em sua casa. A mulher pela qual sempre mediria todas as outras. A febre em sua carne, a dor nos ossos.

A fraqueza que tinha que eliminar, de uma forma ou de outra.



CAPÍTULO 5

“Passo dois: Ameace... e cumpra.”

— Como alcançar a vitória

Legenda: exceto com Amantes

Cameo permaneceu sentada na cama enquanto uma fêmea desconhecida se movia no banheiro. A rejeição ainda chacoalhava dentro de seu cérebro como uma bola de metal farpada.

Não odeio você. Mas também não gosto de você.

Lazarus contou o que aconteceu entre eles, mas em vez de livrá-la dos grilhões de Miséria, envolveu uma nova corrente ao redor de seu pescoço. O homem a beijou e tocou... deu-lhe prazer. Para o seu conhecimento, foi o primeiro. Além disso, não tinha problemas com Miséria. E, no entanto, não podia se livrar de Cameo rápido o suficiente.

Destinada a ficar sozinha comigo. O veneno de Miséria escorria de cada palavra, alcançando os cantos escondidos de sua mente.

O destino não seria tão cruel. Destino...

Poderia ser muito mais cruel. Seus ombros rolaram, sua cabeça curvou. Uma pequena chama de esperança se apagou, e uma gota de cera pareceu mergulhar em seu coração, queimando um buraco no centro. Por mais horrível que fosse a sua vida, as coisas sempre podiam piorar.

Pelo menos suas feridas deixaram de arder quando Lazarus aplicou uma pomada. A carne rasgada até havia se refeito. Ele estava certo; sem botões de amor para Cameo.

É claro, quando ele tinha aplicado a pomada, seu orgulho tinha começado a arder. Seu toque foi impessoal e áspero, sua expressão torcida com repugnância.

Um fungar veio do banheiro. Cameo endureceu. *Nunca falha.* Nem uma única palavra tinha deixado sua boca e, no entanto, Miséria conseguiu infectar a outra mulher.

Pobre serva, disse o demônio, sua voz suave e triste. *Sua presença é uma tortura para ela.*

Ha, ha, ha. Cameo não aceitaria culpa por isso. Não o faria! Não era responsável pelos sentimentos de outra pessoa.

Não é? Você me trouxe para esse reino...

Bem. Não era responsável pela reação de mais ninguém aos seus sentimentos. Mas...

Talvez devesse ir. Não havia motivo para esperar o retorno de Lazarus. Podia encontrar Viola sem sua ajuda, obrigada.

Não, precisava ficar. Suas roupas estavam por um fio, e a sujeira em sua camisa coçava.

Um novo plano se formou. *Banho, colocar roupas limpas. Não vou deixar a porta bater na minha bunda na saída.*

Mais importante, ficaria longe de Lazarus.

Ele sabia muito sobre Cameo enquanto ela sabia tão pouco sobre ele, e o desequilíbrio corrompia.

Que tipo de governante era? Duro? Ou justo? Como tratava seu povo? Como mobília? Ou prêmios? No momento tinha uma namorada? Ou talvez *namoradas*?

Suas unhas cavaram o colchão. Ele gostava de monogamia ou tinha medo de compromisso?

A criada de cabelos pálidos apareceu na frente dela.

— A água está pronta, senhorita. Se quiser se banhar... por favor, por aqui.

Primeiro Cameo reuniu um punhado de objetos que poderia usar como armas.

As armas eram o melhor amigo de uma garota.

Escolheu um atizador de fogo e arrancou as caudas de diamante — ou melhor, as adagas perfeitas — das serpentes de céu esculpidas à mão. Pelos problemas que lhe deram, ela se concedeu dois conjuntos de olhos de rubi.

Pronta pra qualquer coisa, entrou num banheiro espaçoso que era maior que o quarto dela em sua casa. As paredes do box eram feitas de cristais reluzentes. Pilares preparavam a entrada de uma grande alcova, aonde uma pequena escada caracol conduzia a uma fonte termal. Vapor enrolava da superfície da água, perfumado com aromas de rosa, bergamota e neroli...

Cameo piscou com surpresa. Rosa, bergamota e neroli. Os óleos essenciais utilizados em seu sabão favorito. Coincidência?

Tinha que ser. De jeito nenhum Lazarus notou seus aromas preferidos. *Realmente* de jeito nenhum ele recriaria de propósito a mistura.

Não odeio você. Mas também não gosto de você.

Suas unhas raspam o atizador de fogo enquanto continuava seu estudo do banheiro. *Encontre suas saídas muito antes que seja hora de sair.* Um candelabro de cristal pendia acima da fonte termal. *Pegue, balance, deixe cair.* Num segundo box de cristal, encontrou um banheiro e bidê de ouro de 24 quilates.

Loira tentou remover a camisa de Cameo. Com um grunhido, Cameo saltou do alcance dela. Sem ofensa, mas já chega. Até que quisesse ser esfaqueada nas costas ou decapitada, não permitiria que uma estranha ficasse atrás dela.

Me pegar de surpresa uma vez, que pena. Me pegar de surpresa duas vezes, você morre.

Correção. Me pegar de surpresa uma vez, você morre.

Cameo fez um gesto para que Loira partisse. Infelizmente, a criada perdeu a ação, permanecendo no lugar, a cabeça curvada.

Ao invés de falar, Cameo deu um empurrão gentil na Loira... ela tropeçou, mas rapidamente cavou os calcanhares.

Será que Lazarus a mandou espiar? O medo de sua ira devia ser ótimo.

Bem. Tanto faz. Mantendo Loira à vista, Cameo se despiu. Uma façanha milagrosa, considerando que manteve seu aperto nas armas. Depois de subir nas escadas de costas, entrou na

água acolhedora e colocou as armas ao redor da borda da banheira.

Com um suspiro parecido com contentamento, acomodou-se num banco onde vários jatos massagearam músculos doloridos.

Loira fungou novamente, arruinando o momento.

Miséria chutou contra o crânio de Cameo, um flash de memória que consumia sua mente.

— Talvez eu o mate e a presenteie com sua cabeça — disse Cameo. Ela sentava-se no meio de uma floresta, olhando para o guerreiro.

Ela o ameaçou? Por quê? Droga. Será que o demônio tinha esperança de manchar seus sentimentos por Lazarus?

E o que ela quis dizer? Presentear a *ela*. Ela quem?

Juliette, Miséria disse. *A Harpia que uma vez o escravizou.*

O demônio adorava analisar os detalhes que roubava dela, dando apenas informações suficientes para enviar sua imaginação em colapso.

— Talvez eu corte sua língua e faça um favor ao mundo — respondeu Lazarus. Sentou-se ao seu lado, uma torre de ameaça e força, sexy além da imaginação.

Uau. Ele ousou ameaçar Cameo?

Obviamente. Pelo menos, ela apertou os dentes com irritação, em vez de medo e disse:

— Talvez eu te fira apenas por rir.

— Talvez eu apague sua vida e me faça um favor.

Oh sim. Ele ousou. Mas estava divertido, em vez de enfurecido.

Cameo levantou-se e fez um gesto para ele chegar mais perto.

— Quer fazer isso, guerreiro? Porque estou pronta. A qualquer momento. Qualquer lugar.

Seu grande corpo se desdobrou de onde estava parado, o movimento gracioso, sua força em exibição... e fascinante.

— Não quer me enfrentar, garotinha. Vai perder.

Garotinha? Ela o picaria em mil pedaços.

— Penso de forma diferente — ela disse se surpreendendo no presente. *Pare de atormentá-lo e comece a atacar!* Talvez o leve para o pior encontro de sua vida... para um bar de karaokê. — Em ambos os aspectos.

Ela não tinha atacado. Pressionou seu peito contra o dele e se deleitou com sua dureza.

Bem. A atração claramente confundiu seu cérebro. Apesar de tudo, queria seus braços fortes enrolados em torno dela, sua respiração quente na nuca.

— Faça seu pior então — disse ele. — Mas não tenho dúvidas, vou fazer o meu.

A memória começou a diminuir. Nãoooo! Cameo se mexeu para manter a reprodução frontal e central. Tinha que saber mais! Qual foi seu pior? O que seguiu sua mais nova ameaça? Eles se desculparam um com o outro? Ou se separaram?

Sua mente apagou-se. Com um grito frustrado, bateu o punho na borda da banheira.

Loira soltou um grande soluço.

Lutando contra o aperto da derrota, Cameo afundou mais na água. Não saber os detalhes minuciosos de sua vida a

matava. Especialmente porque o demônio complicado sempre revelava apenas pedaços de seu passado e sempre completamente fora de contexto, forçando-a a especular sobre o porquê, o quê e como.

Cameo se lavou da cabeça aos pés e perguntou-se sobre Lazarus. Ele afirmou que ela se contorceu em seus braços e implorou por mais. Se alguém podia balançar o mundo dela, seria esse homem. Beleza e força envoltas em sensualidade ardente, polvilhadas com ferocidade.

Terminou, pegou as armas e desceu as escadas. Loira apressou-se a secá-la, mas ela puxou a toalha para secar-se. O material não era algodão nem seda, mas algo mil vezes mais suave.

Loira juntou roupas limpas e Cameo vestiu-se sem queixa enquanto se encolhia por dentro. Um sutiã incrustado de diamantes e seus fundos é pisque e você vai perdê-los? Mesmo?

Sobrancelha arqueada, apontou para o pano de gaze.

— Shorts — disse Loira e escondeu uma risada atrás de sua mão.

Tola de mim por não saber. Chame-a de antiquada, mas Cameo acreditava que seus shorts deveriam ser mais compridos que seu traseiro.

Tanto faz. Pegou as armas e se dirigiu para a porta. Loira correu na frente dela para se mover para a penteadeira. Queria escovar e modelar o cabelo dela, não é? No fundo Cameo queria dizer sim, apesar da tolice do ato. Queria que Lazarus desse

uma olhada nela e basicamente se cagasse. *Não gosta de mim? Bem. Mas vai desejar que eu gostasse de você!*

Problema: Loira teria que ficar em pé atrás de Cameo...

Oh, quem se importava? Que tipo de guerreiro não podia se proteger de uma única pessoa?

Cameo colocou uma adaga na penteadeira — à vista — e se acomodou na cadeira.

Loira tremia enquanto levantava uma escova. Um minuto sangrou em outro, lançaram-se zero ataques e Cameo começou a relaxar... até que o espelho na frente dela se moveu.

Com um grito, ela se levantou. Loira tropeçou para trás, confusa.

Cameo apontou para o vidro liquefeito e ondas ondulavam sobre a superfície.

— O espelho já pertenceu à deusa de Muitos Futuros — disse Loira suavemente. — Seu poder alimenta lendas... e pesadelos.

Siobhan, a deusa de Muitos Futuros. A mais nova das Erinyes ou Fúrias.

Como grega, estava sob a liderança de Zeus. Os rumores alegavam que a deusa foi amaldiçoada logo após o 16º aniversário, obrigada a passar o resto de seus dias presa dentro de uma prisão de vidro.

Cameo encontrou a adolescente apenas uma vez antes de sua maldição. Siobhan era uma beleza com cabelos brancos como neve, e pele tão escura como a noite. Olhou para Cameo de cima abaixo e disse:

— Sempre franze a testa? Rir é o melhor remédio. A menos que tenha diarreia.

Uma onda de trepidação varreu Cameo quando voltou para a cadeira — do demônio, ou de seu próprio senso de autopreservação, ela não tinha certeza. De qualquer maneira, absteve-se de olhar para o espelho pela segunda vez.

Prisão de vidro... espelho... se a deusa estivesse presa dentro...

Não quero saber que nova miséria me espera.

Durante a próxima meia hora, o cabelo de Cameo foi escovado, seco e preso numa meia trança complicada que nunca conseguiria replicar. Seu rosto estava salpicado de algo brilhante.

— Isto é poeira estelar — disse Loira. — É muito cara.

Por quem, exatamente, Lazarus gastou seus grandes dólares? Uma amante favorita? Cameo estava recebendo suas sobras?

Uma onda de ciúmes a surpreendeu. Não tinha futuro com o homem, então não havia necessidade de desperdiçar emoção com ele.

— Uma bruxa vende o pó na cidade — continuou Loira. Balbuciando para distrair-se da tristeza que Cameo exsudava? — Ela é uma louca. Não faz nada além de se elogiar. E tem um demônio como animal de estimação. A criatura...

Cameo agarrou a borda da penteadeira. Nada além de se elogiar... demônio por animal de estimação... Sem ter como evitar, teve que falar.

— Sabe onde posso encontrar Viola, guardiã do Narcisismo e da Princesa Fluffikans?

Loira explodiu em lágrimas.

Cameo pulou e pegou a mulher pelos ombros, sacudindo-a.

— Concentre-se. Olhe além do desânimo e me diga o que quero saber.

E-eeee Loira curvou-se, soluçando e secou os olhos. Quando se acalmou, cuspiu as coordenadas além da floresta.

— Há outra parte para esta roupa? — Ela perguntou, não esperando por uma resposta, mas correndo para a cômoda.

Loira explodiu numa nova rodada de soluços.

— Vá. — Exasperada, Cameo acenou para a porta. — Deixe-me.

A mulher não precisava ser mandada duas vezes. Bateu os pés, e se foi num piscar de olhos.

História da minha vida. Sempre melhor sozinha.

Ela procurou por todas as gavetas, por fim encontrando uma saia que enrolava e amarrava na cintura. Se alguém a confundisse com uma senhora da noite, bem, alguém morreria.

Ela saiu da sala, aturdida por descobrir que Loira não a trancou. Não que uma porta trancada tivesse importado. Cameo podia romper qualquer fechadura a qualquer momento. Uma habilidade que aprimorou como uma medida-mais-segura-que-desculpa-contr-Caçadores.

A razão pela qual Loira não sentiu necessidade de trancar a porta ficou muito clara um segundo depois. Dois homens armados estavam de sentinela no corredor.

Ambos os homens olhavam para o teto, como se tivessem medo de olhar para ela.

— Milady — disse o mais alto.

— Cameo — ela corrigiu sem pensar. Os títulos nunca estiveram em sua bolsa.

Ambos os machos se encolheram. Um chorou abertamente. Ela rangeu os dentes.

— Se não retornar ao seu quarto — começou o chorão.

— Não vou — ela interveio.

Lágrimas gordas deslizavam pela bochecha.

— Então serei sua sombra.

O alto correu, como se não pudesse suportar mais um segundo a presença dela.

Miséria cacarejou com alegria, e uma ira familiar ferveu dentro de Cameo. *Odeio esse demônio!*

— E se eu não quiser uma sombra? — Ela exigiu.

O chorão engoliu em seco.

— Ordem do rei.

O que, Lazarus pensava que roubaria a prataria? Fugiria? E realmente pensava que um único guarda poderia detê-la se decidisse ir?

Por que não fazer uso dele?

— Eu vou protegê-la com minha vida — acrescentou.

Oh. Bem.

— Leve-me para a saída. Além disso, preciso de um mapa da floresta. Vou visitar minha amiga. A mulher com o demônio da Tasmânia como animal de estimação. — Cameo não estava ansiosa para ver Fluffy novamente. A fera-rato era do tamanho de um cãozinho, tinha dentes afiados, pêlos pretos e um temperamento explosivo. Emitia um odor nocivo quando ficava estressado.

O guarda tentou esconder um segundo vacilo. Que doce progresso, ela pensou secamente.

— Sei de quem você fala. Par horrível. Tem certeza... não é importante. Não há necessidade de responder. Vou levá-la para sua residência. — Ele caminhou na frente dela, com cuidado para não esbarrar nela, e a levou para fora pela porta dos fundos.

O quintal tirou sua respiração. Luz da lua misturada com várias fileiras de luzes de tochas, iluminando o rio colorido como um arco-íris serpenteando através de um espetacular jardim de rosas.

Entre os arbustos havia estátuas de tamanho real, tanto masculinas quanto femininas, cada uma representando diferentes graus de terror e arrependimento. Em algumas das estátuas faltavam membros. Outras estavam colocadas em posições defensivas.

O artista fez um trabalho notável, garantindo que cada criação capturasse todo o alcance da expressão humana. Do enrugamento no canto de um olho até a sombra de cada cílio individual. As estátuas até tinham impressões digitais, e numa das fêmeas, Cameo notou uma gravação.

Nunca, em todos os tempos, viu um trabalho tão detalhado. Será que Lazarus herdou o jardim do ex-rei? Ou coletou as peças para sua própria diversão?

Quando notou inúmeras borboletas descendo para pousar numa das estátuas, congelou. Seu coração acelerou, batendo contra suas costelas.

Entendi. O perigo está chegando. Me deixem em paz!

— Tantas — disse o guarda, sua admiração inconfundível. — Tão bonitas.

Num esforço para se distrair, ela disse:

— Um grupo de borboletas é chamado de caleidoscópio.
— *Um grupo de homens é chamado de enxaqueca.*

Ele se encolheu, fazendo-a sentir-se pior. Ela correu para fugir da área — novamente congelou. Desta vez, seu estômago se agitou.

Em frente, duas lanças acenavam com orgulho ao vento. Em cima de cada lança descansava uma cabeça cortada. Não pedra, mas carne. Carne pungente.

Obra de Lazarus?

Claro! Quem mais teria ousado?

O que as vítimas fizeram para ganhar uma punição tão horrível?

Embora Lazarus pudesse fazer muito pior. Ela e seus irmãos pelas circunstâncias possuídos por demônios fizeram pior.

O lema deles: *o inimigo que teme você é menos propenso a atacá-lo.*

O que Lazarus faria com ela se inadvertidamente prejudicasse alguém em seu reino?

Queria perguntar ao guarda sobre os motivos de seu rei, mas permaneceu em silêncio. Quer quisesse ou não, a pergunta seria uma admissão que Lazarus não confiava nela com seus motivos. Além disso, a pergunta desrespeitaria Lazarus, aumentando a chance de fofocas.

Ao longo dos séculos, aprendeu que o orgulho de um guerreiro precisava de proteção e cuidados. Os machos se assustavam facilmente, então sempre era melhor lidar com um em particular.

Não que voltasse a ver Lazarus.

— Se quiser alcançar a bruxa ao anoitecer, é melhor continuar — disse Chorão e avançou.

Ela seguiu, logo alcançando um bando de fêmeas que estavam podando as roseiras e vestindo o mesmo sutiã e shorts que Cameo. Quando viram o guarda, acidentalmente e de propósito abandonaram as ferramentas e se inclinaram para recuperar os itens, revelando uma fenda escondida no centro.

Bem. O se Curvando-sobre-Bebês certamente tinha um novo significado, *Venha e Pegue*. Estavam aqui em terra pornô para o prazer pessoal de Lazarus? Ele provava seus prazeres regularmente?

O guarda não conseguiu esconder sua nova barraca.

— Nham, nham. A noite está chegando — disse Cameo, e sua tenda imediatamente desabou. — Lição gratuita do dia. Distrações podem te matar.

Ele pulou em ação, desesperado para escapar dela. Saíram do jardim uma milha ou mais depois, só então abrandando. Chegaram a uma parede dourada. Ele abriu o único portão, atravessou e desembainhou sua espada.

Percebendo uma ameaça, Cameo palmeou as adagas de diamante.

Tarde demais. Uma flecha atravessou a têmpora do guarda.

Seu primeiro pensamento: *Olha! Distração mata.* Seu segundo: *Borboletas estúpidas!*

Enquanto caía no chão coberto de galhos, ela se abaixou.

Um grito de guerra soou. Uma tribo de guerreiras Amazonas pisou por trás das árvores — seus olhos estreitos presos em Cameo.



CAPÍTULO 6

*“Passo três: prove sua força.
Quanto mais cruel o ato, melhor.”*

*— Como alcançar a vitória
Legenda: exceto com Amantes*

Lazarus correu pelo Jardim do Perpétuo Horror, um contingente de soldados perto de seus calcanhares. As borboletas lideravam o ataque. Sua própria estrada pessoal de tijolos amarelos.

Estava agradecido por sua ajuda não solicitada. A sensação de desconcerto retornou como uma vingança.

Um dos guardas que deixou com Cameo notificou sua partida e sua intenção de começar sua busca por Viola, a perdição de seu reino. Partindo sem dizer adeus? Não!

Durante semanas, a deusa possuída pelo demônio havia arado seus territórios, roubando armaduras, artefatos e qualquer outra coisa que imaginasse. Nenhuma vez tomou retaliação. Nem sequer tentou detê-la, com muito medo de que inadvertidamente a prejudicasse e devastasse Cameo.

Ela devia a ele e *iria* pagar. Então se separariam.

Seus ouvidos se contraíram quando um grito de guerra atravessou o ar. Com o aperto firme na *kris*, Lazarus acelerou seu ritmo. Os galhos das árvores se encolheram atrás, com medo de tocá-lo. Insetos carnívoros se esconderam.

Gemidos femininos soaram enquanto subia pelo portão.

Abaixou suas guardas mentais para avaliar a situação à frente. Guerreiras Amazonas lançaram um ataque furtivo, matando seu soldado. Cameo permanecia ileso.

Alívio o atravessou.

Chegou ao grupo e parou. Ela estava cercada pelo inimigo, mas as Amazonas estavam de joelhos, suas mãos pressionadas sobre suas orelhas. E maldição, sua mulher parecia boa o suficiente para comer. O top minúsculo e um envoltório transparente que revelava os menores shorts do mundo pagavam uma homenagem adequada aos pequenos peitos e uma cintura fina. Era um sonho sexual para uma vida surpreendente.

—... uma chance de setenta e nove por cento que será esfaqueada em algum momento de sua vida. Ou sua morte. Seja como for — ela estava dizendo. A tristeza brotava dela, criando um perfume enjoativo. Embora apertasse duas adagas de diamante, parecia deprimida o suficiente para matar suas oponentes... ou ela mesma. — Exceto quando me desafia, é claro. Então as chances aumentam para cem por cento.

O luar se espalhava sobre ela, acariciando a pele perfeita; ela brilhava, sua beleza não natural, etérea. Sua trança de corvo adicionava um novo nível de delicadeza aos seus traços.

Desejo surpreendente e fome selvagem o roeram. *Me dê.* Se a Terra começasse a desmoronar, ele não se importaria. Morreria com um sorriso. E duro.

Agora não é a hora. Ele tentou ler a mente de Cameo, apenas para amaldiçoar quando encontrou seu escudo firme.

— Viva pela espada, morra pela espada — disse ela.

As Amazonas gemeram com mais entusiasmo, sem perceber que os soldados de Lazarus estavam ocupando lugares em torno delas, mesmo enquanto esses soldados gemiam e resmungavam tão alto.

— Está certa, Raio de Sol — ele anunciou. — As Amazonas vão morrer. Seriamente.

Não só mataram um homem sob sua proteção, mas ameaçaram sua mulher. Se não ordenasse uma punição adequada, só convidaria outros a quebrar suas regras.

Cameo se virou para encará-lo.

— Lazarus.

Suas íris de prata líquida o hipnotizaram, segurando-o cativo com mais segurança que o vínculo forçado de Juliette. A fome afiou os dentes, devorando a decisão de deixá-la ir.

Mantenha-a. Tire seu prazer repetidas vezes...

Sua mente se rebelou — seu corpo doeu. Queria odiar essa mulher. Se não conseguisse deixá-la ir, ela o destruiria da maneira que sua mãe destruiu seu pai. Mesmo agora, as veias nas pernas formigaram e aqueceram.

A fraqueza era uma besta insidiosa que não podia ignorar. Typhon a ignorou e olhe onde acabou. Superado por seu pior inimigo, agora um conto cauteloso.

— Pelo menos se lembra de mim desta vez. — Ops. Sua amargura estava se mostrando novamente. Melhor moderar seu tom. — Estamos fazendo progresso.

Suas pálpebras se estreitaram para pequenas fendas, o espesso véu de seus cílios, fazendo com que parecesse tímida e inocente, em vez de perturbada. — Você pode sair. A situação está controlada.

Os olhos dela lacrimejaram e seu queixo tremeu.

Estava prestes a... chorar?

Assassinar esse demônio.

Não. Não podia matar o demônio sem matar Cameo.

Deve agir de qualquer maneira. Sem Cameo, sem fraqueza.

Seus dedos contraíram no punho da *kris*.

Nunca mais experimentar a felicidade de seu perfume, seu beijo? Nunca mais se deleitar com seu toque? A perspectiva o horrorizou.

Ele tirou o olhar dela e concentrou-se nas Amazonas.

— Por que está aqui, incitando minha ira?

Uma beleza negra se acalmou o suficiente para responder:

— Rainha Nethandra... sua prometida em casamento...

Sua raiva cresceu novamente.

— Parado. — Cameo aproximou-se dele, seus quadris balançando. Uma dança de acasalamento. Enquanto seus homens e as Amazonas gritavam, o doce mosquito do perfume de sua mulher o envolvia, testando os limites de seu controle. — Propôs casamento à rainha desta mulher? Quando? Conte-

me! Você se meteu comigo enquanto estava noivo de outra pessoa...

Sua pequena raio de sol era ciumenta?

A possessividade primitiva quase queimou seu controle até as cinzas.

— Não tenho nenhuma noiva. Simplesmente mandei um enviado para averiguar a vontade de Nethandra de juntar sua casa à minha.

Por uma fração de segundo, o alívio eliminou sua tristeza sempre presente e teve que lutar contra o impulso de bater no peito em triunfo.

— Bom — ela disse com um falso ar causal. — Se me fizesse uma traidora teria que estripar você.

Adorável.

— Acha que pode me vencer?

Os ombros dela se ergueram num movimento ocasional.

— Meu método usual claramente não funcionaria com você — disse ela baixo para que ninguém mais a ouvisse — mas há mais maneiras de derrubar um homem.

— É verdade. — Ele falou tão baixo. — Se dispa e vou de bom grado cair de joelhos.

Ele esperava que ela se revoltasse, amaldiçoasse, algo. Em vez disso, ela sussurrou:

— Graças a você, já estou praticamente nua. Vá em frente e se solte. — As palavras eram um desafio.

Seus lábios se contraíram nos cantos.

— Praticamente não é o mesmo que definitivamente agora, não é?

— Verdade. Você é definitivamente um pé no saco.

Ele deu um passo na direção dela.

— Você gosta de mim assim.

Ambos os guardas e as Amazonas os observavam. Mãos apertadas, ele forçou sua atenção para as mulheres guerreiras.

— Se sua rainha realmente desejasse criar uma união comigo teria protegido meu povo. Veria as minhas forças como uma extensão das dela.

Ela inclinou a cabeça com vergonha.

— O erro foi meu.

— Se deseja uma união — murmurou Cameo para ele — verá suas forças como uma extensão própria e perdoará o descuido de sua emissária.

O que, ela *queria* que ele se casasse com a rainha agora?

Lazarus passou a língua pelos dentes e estalou os dedos. As pessoas tremeram e as folhas bateram palmas quando seus homens restringiram as mulheres e descartaram suas armas. As Amazonas permaneceram submissas, colocando zero luta. Ímpar.

Lazarus expandiu a mente... e bufou. Como não conseguiram substituir suas forças, elas planejaram derrubar sua casa de dentro, usando o veneno que adquiriram de Viola.

Boa sorte com isso.

— Elas engoliram sacos de veneno — disse ele. — As cordas estão presas aos dentes.

As Amazonas deram um suspiro coletivo de choque e horror.

— Remova os sacos o mais urgente possível — acrescentou. — Leve as Amazonas para minha masmorra. Todas, exceto a líder. — Para ela, ele disse: — Diga a Nethandra o que aconteceu hoje. Se sua desculpa me agradar, permitirei que ela viva. Se não...

Ele deixou suas palavras se afastarem, sabendo que a imaginação poderia ser mais assustadora que uma ameaça.

— É aqui que nos separamos. — Cameo deu um passo atrás, ampliando a distância entre eles.

A negação rugiu através de sua cabeça. *Não está pronto para perdê-la. Ainda não.*

Tenso, fez sinal para Cameo seguir em frente.

— Vou levá-la para a deusa... e o portal para casa.

Lazarus passou pelo portal apenas uma vez. Depois que Cameo voltou para casa pela primeira vez e seu desejo por ela superou seu bom senso. Passou semanas preso dentro de um vazio escuro e infinito. Teve que lutar para ficar livre e acabar num reino de espírito ardente.

— Obrigada, mas vou ficar bem sozinha — disse ela. — Não é necessário passar tempo com alguém que não gosta.

Ainda preocupada com isso, não estava?

— Para abrir o portal, o sangue deve ser derramado, um sacrifício feito. Sabe que tipo de sacrifício? — Ele balançou a cabeça. — Não, Raio de Sol. Não vai ficar bem por conta própria.

Seus pensamentos explodiram em sua consciência. Não, não, tinha que ser o pensamento do demônio.

Ele nunca considerou pedir que você fosse sua noiva. Você não é o prêmio de ninguém.

Cameo concordava com o demônio e um músculo pulou sob o olhar de Lazarus. Como alguém se atrevia a pensar mal de sua mulher — mesmo a própria mulher! Ele a viu lutar. A garota tinha habilidades. Os inimigos tinham o maior cuidado. E era inteligente. Ninguém se metia com ela. Nem mesmo Lazarus. Era bonita. Excepcionalmente, então. Ninguém se comparava.

Por que o demônio tentaria uma conversa tão deprimente através do escudo mental de Cameo?

A resposta veio facilmente. Incitar a tristeza em Lazarus.

Miséria era pior do que tinha percebido, e esse era apenas outro motivo para desprezar o demônio. Poderia matá-lo em segundos...

A noção acalmou Lazarus, mesmo enquanto o desconcertava. Poderia matar Cameo em segundos também. Ela não estava segura. Ele a queria segura.

Idiota!

Sua cabeça inclinou para o lado.

— Por que está olhando assim para mim?

— Assim como? — *Como se você fosse a razão pela qual respiro?* — Como se estivesse com fome e você fosse um bocado de sobremesa?

— Sim — ela sibilou.

— Porque você é um bocado de sobremesa. — Ele a puxou debaixo do queixo. — Você é um prêmio digno de qualquer homem.

Ela apertou um punho no rosto, uma ação que ele adorava. Sua raiva sempre o emocionava.

— Pare de ler minha mente.

— Pare de projetar. — Ele perseguiu o caminho de paralelepípedos, chamando por cima do ombro. — Por aqui.

Cameo correu para alcançá-lo. Caminharam lado a lado, a proximidade uma agonia e um prazer. As tochas alinhavam o caminho, luzes douradas e suaves que a pintavam com um resplendor irresistível.

Seus olhos estavam fundidos, um mar de fogo prateado. O calor da noite coloria suas bochechas com um rubor rosa requintado. Seus lábios vermelho-sangue eram luxuriosos e beijáveis, uma tentação como nenhuma outra e um tipo especial de tortura. *Um beijo, diziam. Satisfação garantida.*

— Apenas para que saiba — ela gritou — eu posso ter desejado você antes, mas me ofende agora.

— Pode? — Ele riu com certeza. — Sua paixão quase me queimou vivo.

Ela gaguejou, sua perda de memória tornando-a incapaz de refutar sua reivindicação.

Com a esperança de encorajar sua irritação e deslocar o que restava de Miséria, assumiu a liderança e empurrou um galho florido do caminho apenas para liberar o galho antes de passar. As pétalas de flores macias a golpearam no peito.

Ela olhou para ele.

— Fez isso de propósito.

— Não há necessidade de me punir. Sua voz é castigo suficiente.

— É isso! — Ela passou as mãos em torno de seu pescoço e empurrou, usando toda a força de seu corpo. Um corpo que ela então enrolou ao redor dele, tão hábil como uma serpente do céu. Seu peso e impulso o derrubaram.

A ação foi inesperada. A única razão pela qual funcionou — é claro.

Após o impacto, ela o manteve preso e rolou, forçando-o às suas costas. Não teve tempo de reagir. Ela empurrou o peito dele, desembainhou uma de suas adagas de diamante e pressionou a ponta em sua carótida.

Instantânea ereção. Ninguém nunca o levou ao chão.

Prova de que ela só iria enfraquecê-lo?

Instantânea atração.

Uma de suas sobrancelhas meia-noite arqueou, sua miséria habitual avançava com satisfação.

— Estava dizendo?

Essa confiança. Tão astuta. Havia alguma mulher mais linda?

Com suas mãos ocupadas, ela não conseguiria evitar o que ele faria com as dele...

Ele deveria resistir. Um homem não brinca com a tentação; a tentação brincava com ele. Sua associação não poderia terminar bem.

Naquele momento, simplesmente não se importava.

Lazarus a agarrou pela cintura, grunhindo enquanto sua pele se encontrava com a pele aquecida.

— Tão suave — ele entou. — Tão perfeita.

Um tremor a balançou contra ele. Sua ereção voltou como uma vingança.

Com um silvo, pressionou a ponta do punhal mais fundo, formando uma gota de sangue. Seu queixo caiu.

— Está sangrando. E seu coração... Posso sentir sua batida contra minha coxa. Não entendo. Está morto. Você morreu. Não foi?

— Sim. Não tenho certeza do que me separa. Só sei que não sou considerado uma das pessoas vivas. — Caso contrário, teria retornado ao mundo mortal quando passou pelo portal.

Quando criança lembrou que seu pai lhe dizia: — Nós somos os últimos descendentes restantes da Hydra. Nosso tipo não deve morrer. Não por meios justos e certamente não por sórdidos.

Hydra foi a primeira besta de água de nove cabeças que já nasceu, com um veneno tão tóxico que a respiração sempre se mostrou letal. Ela podia regenerar membros decapitados, até suas cabeças, em segundos.

Por que eu não?

Lazarus acariciou seus polegares acima e abaixo do ventre trêmulo de Cameo e circulou o umbigo.

— Eu ainda sangro, sim — disse ele. Sua voz mergulhou. — Também sou capaz de derramar outro fluído.

— Pare — ela exigiu, sem fôlego.

— Pare de lhe dar prazer? — Ele rastreou a ponta dos dedos para cima, para cima, e encontrou a parte debaixo de seus seios.

Sob o tecido de seu sutiã, seus mamilos endureceram em pequenas gemas apertadas.

— Sim. Não. — Ela cobriu os seios com o braço livre. — Pare de foder com minha mente.

— Que tal eu foder você?

Uma noite. Queria uma noite com ela. Seu pai passou cinco anos com sua mãe antes que os cristais o abrandassem na batalha. Concedido, Typhon visitava sua *μνομανία* quando as necessidades do corpo o dominavam. Uma noite causaria poucos danos a Lazarus. Certamente.

De manhã, ele se despediria.

— Não? — Cameo respondeu, uma pergunta quando provavelmente pretendia fazer uma declaração.

Cima... Cima... Ele deslizou as mãos debaixo do braço e segurou seus seios.

— Requentados. — Sua mente vaporizou com luxúria. — Veja quão responsiva você é para mim. — *Somente para mim.*

Arrepios eclodiram sobre seus braços, e o rubor de suas bochechas se aprofundou. A pressão da lâmina diminuiu.

— Sabia que vinte e um por cento das mulheres não conseguem alcançar um orgasmo?

— Deve ser a vigésima primeira por cento com a qual não dormi. Sou um doador de orgasmo.

— Você admite ser um galinha?

— Admito uma juventude maldita quando alguém de saia... ou calças... ou shorts... ou pele nua... serviria.

Ela lambeu os lábios, o epítome da indignação.

— E agradou a todas?

— Várias vezes.

— Tem certeza? Qualquer mulher poderia ter fingido.

— Você esquece, é impossível esconder a verdade de mim. Posso ler as mentes. — Ele arqueou as costas, fazendo com que a lâmina cortasse novamente sua pele. Mas não se importou, o movimento fazendo com que ela deslizesse para baixo e esticasse seus quadris. — Quer me testar, Raio de Sol?

— Eu quero... — Ela se inclinou abaixo e seus seios esmagaram seu peito, seus mamilos ainda pequenos e duros brotos. Seu batimento cardíaco batalhava contra o dele num ritmo muito rápido.

Vida. Ela é a vida.

Ela é minha vida.

Não! Teriam uma noite. Não mais.

Seus lábios pairavam sobre os dele e sua respiração se misturava. Ele inalou sua essência como se fosse seu último golpe de oxigênio.

— Lazarus — ela sussurrou.

O desejo derretido o encobriu.

— Quero Lazarus. Foi o que disse. Não permitirei que recue.

Ela estremeceu e então ficou rígida. Mesmo quando suas pupilas se derramaram sobre suas íris, lembrando-lhe uma tempestade que foi perseguida pelo sol, ela disse:

— Retiro o que disse. Nunca vou dormir com um homem que não gosta de mim. Não preciso de outra razão para me odiar.

— Não durma comigo então. — *Ainda não.* — Posso conseguir que você goze com meus dedos ou minha boca. Escolha da dama. — Tinha que tocar sua pele incrivelmente suave, a vontade tão necessária quanto a respiração.

Sua expressão apertou e ele não precisava ler sua mente para saber por quê. O demônio havia protestado. Alto.

— Concentre-se em mim — ordenou Lazarus suavemente. Quando seu olhar se encontrou nele mais uma vez, ele moldou seu rosto e roçou os polegares sobre a elevação de suas maçãs do rosto. — Suas circunstâncias nunca serão suficientemente boas para Miséria. Se quer ser feliz, deve lutar com propósito. A vitória não acontecerá por acidente.

Ela deixou cair a adaga e circundou seus dedos em torno de seus pulsos.

— Acha que não sei disso? Acha que não lutei com ele a cada hora de todos os dias durante séculos?

— Quer um resultado diferente, faça algo diferente. — Tão fácil de dizer, tão difícil de fazer.

— O que? O que posso fazer? — Disse ela.

Ele... não tinha certeza.

Fúria estalou em seus olhos, mas logo deu lugar a um enorme desgosto.

— Se eu dormir com você, vou te esquecer. Mais uma vez, saberá como pareço, são e me sinto com a paixão que sempre desejei experimentar, enquanto eu não saberia nada sobre você. Vou perder outro pedaço de mim mesma. Perderei o tipo de memória que outros dão por certo. Pensamentos para me

manter aquecida nas frias noites de inverno quando estiver sozinha. Sempre sozinha.

Um pânico percorreu seu coração.

— Cameo...

À distância, um galho estalou. Alguém se aproximava.

Os instintos de proteção surgiram, superando seu desejo. Ele rolou sua mulher embaixo dele e se preparou para atacar e defender.



CAPÍTULO 7

“Passo quatro: estudar o inimigo. Ou seja, estude todos.”

— Como alcançar a vitória

Legenda: Exceto com Amantes e a família deles

Cameo queimava. Cada centímetro dela doía. Oh, como doía! Uma vibração deliciosa em suas células.

Isso era... excitação? Excitação verdadeira, sem qualquer indício da mancha de Miséria?

Sim. Tinha que ser. Um verdadeiro milagre, e o primeiro para ela.

Preciso de mais disso. Ela tinha que ter mais. Agora!

Lazarus queria dormir com ela. Segurava seus seios e apertava seus mamilos. Olhava para ela com agressão, posse e ânsia brutal. Mas dizer sim para o guerreiro era dizer sim à Miséria. Após o sexo, Lazarus mandaria Cameo para longe, era garantido.

Descartada como lixo.

Ele não fez nenhuma promessa sobre o futuro e não se desculpou pelo seu comentário “Eu não gosto de você”. O

demônio apagaria sua memória mais uma vez e perderia outra parte de si mesma.

Não, obrigada.

O calor e as dores desapareceram finalmente, deixando-a fria e vazia.

O desejo de Lazarus também deve ter morrido. Ele rolou sobre ela, seu corpo musculoso fixando o seu mais suave no chão coberto de musgo, sua ereção já não cutucava o entalhe entre suas pernas.

Não se apegue a ele. Combata o impulso.

— Eu preciso que se acalme, Raio de Sol. — Sussurrou as palavras, mas feroz no comando.

Confusão acertou um soco bem colocado em seu lobo frontal. Ele acabou de dizer a ela para se acalmar, apesar de não falar uma palavra.

— Está pensando em voz alta — disse ele, exasperado em seu tom. — Agora silencie.

Ugh. Como poderia esquecer sua capacidade de ler sua mente?

Com um rosnado, ergueu um bloqueio mental.

À distância, novos galhos estalaram. Seus ouvidos se contraíram enquanto o resto de si enrijecia.

Os murmúrios femininos penetraram em sua consciência. Cameo passou o punhal de diamante ao mesmo tempo que Lazarus palmeou uma lâmina com espinhos. Seu movimento foi quase imperceptível. Se não estivesse em cima dela, teria perdido a ação.

Os murmúrios cresceram mais altos, até que Cameo pode distinguir as palavras.

—... muito problema! Quero dizer. Tia Vie tem uma coisa boa aqui. O serviço de babá vai estragar tudo.

A voz familiar quase incitou a excitação. Quase.

— Viola. — Cameo experimentou uma única batida de alívio antes que Miséria jogasse uma tristeza muito familiar em seu coração.

A rígida postura de Lazarus amaciou. Suspirando se pôs de pé e, com os dedos entrelaçados em torno dela, ajudou Cameo a levantar. Os calos na palma da mão criaram uma inegável faísca de fricção, uma lança cheia de prazer diretamente ao seu núcleo. O calor retornou. As dores reiniciaram e ela tremeu.

Desvie o olhar dele! Uma façanha difícil, mas uma que conseguiu realizar. Com dificuldade.

Os galhos sacudiram e se afastaram, revelando um duende de 1,60m com longos cabelos loiros e olhos canela. Tão sexy quanto sempre, usava um vestido de lantejoulas preto. O centro percorria um umbigo perfurado e revelava seu decote perfeito. A bainha chegava até os joelhos, enquanto uma abertura de um lado exibia um par de coxas formidáveis.

Embora Viola fosse a guardiã do Narcisismo, não tinha nada a ver com a Caixa de Pandora. No entanto, havia mais demônios que ladrões que os libertaram, e esses demônios necessitavam de contenção.

Quais melhores destinatários para os restos do que os imortais presos no Tártaro? Não podiam correr, não podiam se esconder.

Por que Viola estava presa ainda não havia compartilhado.

A deusa viu Cameo e parou. Sem surpresa registrada em suas feições delicadas, apenas irritação.

— Uma garota gasta tempo de qualidade construindo o representante perfeito para ficar longe de mim, então os perdedores vão parar de tentar roubar seu corpo, e esta é a recompensa dela? — Em cada mão bem manicurada, agarrava uma criança suja. — Olha quem ousou aparecer na minha porta!

Cameo sacudiu como se tivesse levado um soco. Essas crianças sujas eram Urban e Ever. Seus afilhados gêmeos. Seu pai era Maddox, o detentor da Violência. Sua mãe era Ashlyn, uma imortal recém-feita, graças à sua ligação matrimonial com Maddox.

Urban tinha os cabelos pretos de seu pai e olhos violeta surpreendentes, enquanto Ever tinha os cabelos ondulados da cor de sua mãe e os olhos cintilantes combinando. Ambas as crianças possuíam poderes extraordinários, com algumas habilidades ainda a serem aproveitadas.

Cameo correu e puxou as crianças contra ela, abraçando os dois. Abriu a boca para pedir respostas. O que estavam fazendo aqui? Como chegaram aqui? Da última vez que os viu estavam em Budapeste com seus pais. Mas fechou a boca e

ficou quieta. Infelizmente, mesmo os pequeninos choravam ao som de sua voz.

A frustração a roía fazendo com que perdesse a indiferença de Lazarus.

Um salvador inesperado se aproximou dela para fazer as perguntas que não podia. Quando nenhuma criança respondeu, Viola deu-lhes um safanão.

— Comecem a falar ou começo a bater — disse Viola.

— Sabe quantos soldados de brinquedo se encaixam num banheiro antes que ele seque? — Perguntou Urban com atitude. — Doze. O número é doze.

O queixo de Ever tremeu quando olhou para seus pés e chutou uma pedra.

— Mamãe e papai estão muito preocupados com você, tia Cam. Enquanto lidavam com a grande crise do banheiro, usamos a *Haste de Partir* para verificar você.

Tocada, Cameo apertou uma mão sobre o coração.

O assombro pulsou de Lazaro.

— Vocês são crianças. Quem ensinou a usar a *Haste de Partir*?

Urban cruzou os braços sobre o peito, parecendo muito mais velho que seus anos e tão teimoso quanto sua mãe.

— Não conheço você, então não preciso dizer nada além de *cai fora*.

Viola beliscou a ponte do nariz, como se tivesse sido empurrada para além dos limites de sua tolerância.

— Para pequenos ouriços desagradáveis, são extremamente inteligentes. Observaram suas tias e tios usar a *Haste de Partir* e *tchram*. Aqui estão eles.

Bem. As crianças precisavam aprender uma lição dura, e se Cameo tivesse que fazê-los soluçar no processo, que assim fosse.

— Vir aqui foi irresponsável. Provavelmente seus pais estão doentes de preocupação. E se te seguiram através da *Haste de Partir*? E se acabaram num reino diferente? Podem estar feridos. Ou pior!

Ever se encolheu e vomitou o conteúdo do estômago.

Merda! Vomitar era uma lição um pouco dura.

As lágrimas derramavam pelas bochechas de Urban enquanto ele envolvia um braço em volta dos ombros de sua irmã.

— Ouch — murmurou Lazarus, seus lábios se contorcendo nos cantos. — A tia Cam é fodona.

Ela ignorou a culpa... e o desejo de se apoiar nele, enterrar a cabeça no oco do seu pescoço.

Viola esfregou os cabelos, os olhos secos. Como Lazarus, não reagia à Cameo. Ou a tristeza esmagadora se reciclava dentro dela ou escondia sua tristeza por trás de um véu de amor próprio. De qualquer forma, Cameo tomou uma decisão de qualidade. *Ela é minha nova melhor amiga.*

— Mamãe e papai não sabem que usamos a *Haste de Partir* — disse Urban através de suas fungadas. — Escondi nossas ações, mesmo do tio Torin.

Torin, detentor da Doença e um dos ex-namorados de Cameo, monitorava as idas e vindas de toda a fortaleza em Buda. Esconder qualquer coisa dele exigia habilidade.

— Não pode saber... — ela começou.

— Eu sei. Além disso — o menino acrescentou — você está sendo hipócrita. *Você* veio aqui. *Você* preocupou meus pais.

Ookay. Não podia mais ignorar a culpa. Sabia que seus amigos se preocupariam, mas procurou Lazarus de qualquer maneira, desesperada por recuperar a memória... secretamente esperando criar novas.

Tudo por nada! *Ele não gosta de mim*.

Ótimo! A amargura a esvaziou ao lado da culpa.

— Eu disse aos pequenos monstros que são tolos — disse Viola. — Porque eu sou inteligente. A mais inteligente aqui, sem dúvida.

Urban virou-se.

— Oh, que doce. Você é meu fã número um. — A deusa bateu no topo da sua cabeça. — Isso não é exatamente um choque, criança. Sou a favorita de *todos*.

O amor próprio surgia do demônio, então Cameo não a criticou.

Ela fez um gesto para que as crianças cobrissem seus ouvidos. Assim que obedeceram, ela disse:

— Onde esteve? Um dia estava segura em casa, no próximo tinha ido, uma nota no seu travesseiro. *Não espere acordado*. — Ela pegou um punho no quadril. — Por que retornou aos reinos espirituais?

— Talvez tenha melhor serviço de celular aqui. — Viola deu ao cabelo outra alisada, um anel de prata brilhando em seu dedo. — Talvez meus verdadeiros amigos estejam aqui.

— Decidi que somos melhores amigas. Lide com isso.

Viola acenou uma mão na frente do rosto de Cameo.

— Você realmente sabe como derrubar a vibração, não é?

Ela assentiu. Verdade era verdade.

Lazarus pisou entre elas, um músculo pulando sob seus olhos.

— Uma bola-mordaca seria um excelente brilho labial para você, deusa. — Fúria estourava em seu tom.

Uh, o que o deixou tão chateado?

Viola balançou as sobrancelhas perfeitamente arrancadas.

— Isso é um convite, guerreiro? Porque eu aceito.

Oh, não, ela não o fez.

Um membro escuro e nodoso brotou através das câmaras dentro do coração de Cameo, crescendo a partir de uma raiz de inveja. Apesar da presença do narcisismo, Viola exsudava a sensualidade de uma mulher normal. Podia flertar e encantar com abandono e a felicidade era dela para tomar e dar. Poderia dar a um homem feroz como Lazarus o que Cameo não podia ter prazer.

Repensando nossa amizade...

Ever soltou um suspiro descontente.

— Earmusting está envelhecendo.

Urban bateu o pé, impaciente.

Cameo levantou o dedo indicador, pedindo mais um minuto. Olhando para Lazarus, perguntou:

— Viola está concorrendo para sua esposa?

Viola disse:

— Sim. Claro. Estou concorrendo a tudo.

Ele bufou.

— Diga a palavra e com prazer a apresentarei à ponta da minha espada. E antes que seu ciúme furioso decida que estou blefando num esforço para esconder meu desejo por ela, saiba que queimo por uma mulher, apenas uma, e é uma megera com cabelos negros e olhos prateados.

O membro no coração de Cameo se encolheu, a raiz se queimou. Os joelhos dela tremiam. Lazarus podia não gostar dela, mas a desejava. Não, queimava por ela.

Sem respiração, ela disse:

— Precisamos levar as crianças ao portal. — Quanto antes melhor. Maddox e Ashlyn deviam estar agoniados pela perda de seus filhos. — Quão longe devemos viajar?

— Três dias na direção oposta. Vamos voltar ao palácio e sair à primeira luz.

— Mas...

— Não quer os baixinhos na floresta durante a noite — interrompeu Viola. — Confie em mim. Estou surpresa que as plantas não tentaram nos comer já.

O peito de Lazarus ficou inchado de orgulho.

— As plantas me temem. Com bom motivo.

Guerreiro Lindo. Sua força a atormentava e tentava. *Eu queimo por ele também.*

Estou condenada, lembra? Ele não é para mim.

Enquanto seu grupo avançava, Lazarus disse a Viola:

— Onde está seu animal de estimação? — Seu olhar deslizou para Cameo. — Princesa Fofa, qualquer coisa que tenha roído minha mão em nosso primeiro encontro.

— Você retaliou? — Perguntou ela.

Urban e Ever explodiram em lágrimas e Cameo as secou. *Certo*. Os dois já não estavam cobrindo os ouvidos. Melhor fechar seus lábios.

Lazarus lançou às crianças um olhar irritado. Como se fosse protetor dos sentimentos de Cameo. Devia ser uma má interpretação de sua parte.

— Eu poderia ter retaliado — disse ele. — Muito facilmente. Em vez disso, escolhi perdoar a desfeita.

Sua testa franziu com confusão.

— Por quê? — O perdão claramente não era o estilo dele.

— Os meus motivos são meus.

— E provavelmente *ilógicohomem*. Significado ridículo — disse Viola. — Quanto a Fluffy, está perseguindo uma besta horrível que me acompanha há semanas. Um divertido jogo de esconde-esconde.

As crianças decidiram jogar um jogo, atirando e pegando uma pequena rocha. Urban lançou-a primeiro, as chamas entrando em erupção nos extremos de seus dedos.

Possuíam a capacidade oposta. Ela brotava gelo, apagando as chamas.

Eram opostos de muitas outras maneiras, mas também eram duas metades de um todo, completas apenas um com o outro.

Ah, ter um parceiro dedicado ao crime.

O olhar de Cameo deslizou para Lazarus e demorou-se na protuberância de seu bíceps. Uma pequena veia brilhava branca prateada à luz da lua. O desejo de tocar se registrou uma fração de segundo depois que já o havia alcançado.

Sem girar em sua direção, capturou seu pulso, seus dedos longos e fortes formando uma marca quente e algemas inquebráveis. À medida que a eletricidade se arqueava entre eles, seu coração galopou, um cavalo de corrida para uma linha de chegada invisível.

Um rosnado baixo subiu de seu peito, ecoando pelas árvores. As aves levaram voo, gritando em protesto, e as folhas enrugaram enquanto se afastavam.

— Não toque em público. — Lazarus a soltou.

— Por quê? — Minutos atrás ele disse que a queria. Agora, ela não podia acariciá-lo diante de outras pessoas?

Ele está envergonhado de você. Miséria lançou uma sombra escura sobre seus pensamentos e a envolveu com tristeza.

As lágrimas que tantas vezes provocou nos outros sorriam em seus olhos, mas ela as piscou de volta.

Com a espinha rígida e passo longo, Lazarus avançou para reivindicar a liderança. Cameo e os outros o seguiram através do jardim de rosas, passando pelas estátuas que

admirava antes e no palácio. As crianças pararam de brincar, pararam de rir.

Sua miséria já estava se espalhando, afetando aqueles à sua volta. O conhecimento só aumentou suas dores.

Viola abriu os braços e gritou:

— Estou aqui finalmente. Me absorvam.

Lazarus orientou ela e as crianças para um quarto espaçoso.

— Descansem — disse ele. — A comida será trazida para vocês.

Fechou a porta antes que o trio pudesse protestar. À medida que dois guardas corriam das sombras para sentar-se na porta, atravessou o corredor, virou uma esquina e parou na porta de Cameo.

A tensão irradiava dele e engrossava o ar, ar doce com o cheiro e sensual com seu delicioso calor. A respiração tornou-se mais difícil, como se estivesse tentando inalar melaço.

— Convide-me — ele pediu.

A mudança nele devastou seus sentidos. Ela lambeu de repente os lábios secos.

— Por quê? Minutos atrás, não conseguiu suportar meu toque.

— Falso. Estávamos em público e estava prestes a tocar uma... ferida.

Ele não está envergonhado de mim.

— Desculpe, Lazarus. Não sabia.

Ele deu um passo na direção dela, invadindo seu espaço pessoal.

— Quero uma noite com você, Raio de Sol. Do pôr do sol ao nascer do sol, quero fazer você gritar com prazer.

A flagrante sexualidade de sua reivindicação quase a derrubou. Ele falava sério e faria como prometeu; ela não tinha dúvidas sobre isso. Seus olhos escuros chispavam de luxúria e desafio.

Deve recusar. Mas por quê?

Sua aversão. Sua perda de memória.

Hmm, certamente ela tinha mais de dois motivos?

Só preciso de um.

— Não — ela grunhiu.

Sem perder uma batida, Lazarus a pegou pelos quadris, balançou-a e pressionou-a contra a porta.

— Jante comigo, então. Me dê uma chance de influenciar você.

Miséria sibilou.

Cameo mastigou o lábio inferior.

— Por que me quer? — Por que não ir para Viola, a mais segura?

— O desejo é um animal mais insidioso do que seu demônio.

Em outras palavras, não queria querê-la. E não podia culpá-lo!

Deveria se trancar no quarto dela, acabar com a loucura. O problema era que só ganharia uma hora, talvez duas. Ele era um guerreiro, e se afastar dele o incitaria a lutar. Só viria atrás dela com maior fervor.

Que mal poderia fazer comer, conversar e um pouco de flerte inocente? Ele nunca violaria sua determinação. Ela também era uma guerreira. *Sim?*

— Sim — ela sussurrou. — Vou jantar com você.



CAPÍTULO 8

“Passo cinco: planeje um ataque. Descarte e planeje outro. Descarte esse e aja sem planejar. Se você se surpreender, surpreenderá seu inimigo”.

— Como alcançar a vitória.

Legenda: Exceto com Amantes e sua família.

O coração de Cameo trovejou contra suas costelas quando Lazarus a conduziu até o quarto. Ela ficou parada, estupefata.

Maldito fosse ele. Planejou à frente.

Os servos tinham acendido velas aqui, ali, em todos os lugares. Uma mesinha redonda foi trazida para o quarto e coberta com pratos. O cheiro de doces e guloseimas confeitadas provocava-a e sua boca encheu d'água.

Miséria reduziu seu apetite há anos e, ainda assim, seu estômago resmungou, um sinal de fome que não estava acostumada a sentir. Geralmente, quando passava tempo longe de seus amigos, tinha que alertar seu telefone para que soubesse a hora da refeição.

Nunca violar minha determinação? Sou uma idiota.

— Você não é uma... — começou Lazarus.

Erguendo um escudo mental, pressionou um dedo contra os lábios.

— Se responder meus pensamentos mais uma vez, vou insistir em comer sozinha.

Ele mordiscou a ponta do dedo dela, seus dentes brancos e lisos afundaram em sua carne macia. Ela mal percebeu a picada... mas ofegou quando ele lambeu o mesmo lugar, suas células zumbindo. Calor lento a consumiu.

— Fora — ele vociferou, nunca desviando o olhar dela.

Os criados fugiram da sala. Os machos usavam camisetas e jeans, enquanto as fêmeas usavam suéteres de cashmere e calças leves. Jogo sujo! Lazarus vestia suas garotas escassamente enquanto todos os outros podiam vestir que diabo queriam?

— Não está mais encarregado do meu guarda-roupa — informou Cameo. — As mulheres *sexáveis* não são suas Barbies pessoais. Algumas de nós preferem usar algo além de bandagens de lantejoulas.

— Um simples *obrigado* seria suficiente. E gosto da palavra *sexável*. Está se oferecendo?

— O que! Não! — Certo?

Certo.

Com um sorriso, Lazarus serpenteou um braço em volta da cintura dela e a levou até a mesa. Puxou a cadeira, sempre um cavalheiro.

— Por favor, sente na cadeira desistente.

Músculos contraíram em ambos os cantos da boca de Cameo como se ela... como se... Não. A sensação aliviou e o desapontamento se acendeu. Suspirando, sentou-se.

Ele se recostou na cadeira em frente à dela, luz e sombras tremulando sobre seus traços robustos. Revezando para acariciá-lo? Luzes de sorte. Sombras de sorte.

Ele sorriu enquanto enchia o prato dela com carne de caranguejo escamosa num molho de creme amanteigado, vegetais misturados cozidos à perfeição e uma caçarola que cheirou com desconfiança...

— Doritos? — Perguntou ela.

— Nos Jogos das Harpias, você comeu um pacote de batatas com sabor de queijo enquanto torcia por sua amiga, então fiz com que prepararassem um prato especial. — Ele levantou um ombro casualmente. — Um dos membros recém-falecidos da minha equipe tinha a receita. — Seus olhos escuros brilharam para ela. — Está impressionada?

Ela não queria admitir a verdade, mas, ao contrário de Gideon, o detentor de Mentira, o engano não era coisa dela e só alimentaria o poder de Miséria sobre ela.

— Sim — ela resmungou e o brindou com seu copo de vinho. — Estou.

Ele a notou antes que ela o conhecesse. Que doce era isso?

Ela o brindou com um copo de vinho tinto e acrescentou:

— Aqui estou, esperando que me decepcione o resto da noite.

— Infelizmente suas esperanças são em vão. A decepção é uma façanha que nunca consegui.

— Tenho certeza — ela resmungou.

— Você soa ciumenta. Você é ciumenta?

— Você parece esperançoso. Tem esperança?

Sua risada rouca se provou mais inebriante que o cabernet.

— Para sobremesa, teremos bolo de chocolate. Dizem que os mortais pensam que isto é melhor do que sexo.

Hmm, chocolate. Apesar de sua falta de apetite, às vezes desejava chocolate como se fosse o único caminho para a felicidade.

— Bem. Conheça sua concorrência. Estou tentada a passar a noite com *o bolo*.

— Nesse caso... — Ele ergueu uma tampa redonda, revelando o bolo de chocolate em questão. Com a mão livre, espetou sua faca no centro. — Infelizmente, este bolo foi assassinado.

Ela suprimiu uma risada — não, Miséria engoliu o som antes de ter chance de escapar, deixando-a desinflada.

— Assim que cheguei em seu reino — disse ela, saltando do prazer para negócios por causa de sua sanidade — um homem percebeu que estou viva em vez de morta. Como?

Ele se ajustou, sem perder a batida.

— Quando um vivo passa pela *Haste de Partir*, seu corpo se torna um tipo de terno. E aí, os mortos podem vê-lo, mas o espírito brilha através dele.

Interessante.

— Quantos vivos...

— Não. Minha vez de fazer uma pergunta. — Ele recostou-se em seu assento e a olhou atentamente. — Mencionou sua vontade de encontrar a Caixa de Pandora. Quais são seus planos para isso?

— Estou... indecisa — admitiu. Nenhuma opção a atingiu como “a única”.

Ela poderia destruir a caixa e sentenciar-se a uma eternidade com Miséria e sem esperança. Poderia abrir a caixa e remover Miséria, mas se mataria e a todos os seus amigos.

Rumores declaravam que qualquer um dos demônios morreria quando a caixa fosse aberta, os demônios sugavam seus corpos. Porque o mal se tornou um órgão ao longo dos séculos. Um órgão canceroso, mas necessário. Sem isso, uma ferida aberta permaneceria. Ela e os outros sofreriam hemorragia.

Kane, o ex-guardião de Desastre, provou que o demônio possuído poderia sobreviver à ferida... se o amor substituísse o mal. Tipo um transplante.

O amor conquistava tudo.

Mas quem poderia amar uma mulher como Cameo?

— Estou surpreso por não ter elaborado um plano à disposição. — Lazarus olhou para ela. — A caixa pode ser usada como uma arma contra você e todos que ama.

Como explicar seu desejo egoísta de se livrar de Miséria sem parecer, bem, egoísta?

— Keeley, a namorada de Torin...

— O guardião da Doença, quem você costumava namorar.
Sim. — Ele deu um aceno curto. — Conheço os dois.

Ele estava com ciúmes? Não, não. Não podia estar. Nenhum homem jamais invejou as relações de outrem com ela. Especialmente um homem que só queria uma noite na cama, planejando a despedida pela manhã.

Só porque não pode tolerar mais um minuto na sua presença...

Só. Demônio estúpido!

— Continue — disse Lazarus com os dentes cerrados.

— Sim — disse ela. — Eu o namorei. Não duramos muito e agora ele está com o amor de sua vida. De qualquer forma, ela é a imortal mais poderosa que já conheci. Mais poderosa do que você, eu aposto.

— Não colocaria dinheiro nisso. Não me viu em ação.

Tremores tão deliciosos quanto seu toque, calor queimando suas veias. Na batalha ele seria uma visão magnífica, sua espada na mão, o sangue de seus inimigos salpicando sua pele.

— De qualquer forma — ela disse com um suspiro — Keeley me disse que há outra coisa dentro da caixa.

Lazarus acabou seu vinho e assentiu.

— Sim. A Estrela da Manhã.

Olhos arregalados, ela deixou cair o garfo.

— O que você sabe? — Keeley afirmou que a Estrela da Manhã poderia fornecer uma linha de vida para cada Senhor. Um tipo de Ave Maria.

Lazarus abriu as unhas, fazendo um pobre trabalho ao esconder seu sorriso.

— Gostaria de *comprar* informações minhas?

Com seu corpo?

— Acha que vou ficar bem em me prostituir para você?

— Claro — disse ele, impenitente. — Brincar é divertido.

Bastardo sujo. Por que estava mais sexy agora?

— Não? Quero dizer, não. — Se soubesse sobre a Estrela da Manhã, outros saberiam. Cameo poderia perguntar por aí. — Agora é minha vez. Por que planeja se casar com uma mulher que pode não amar?

Ele fingiu se esfaquear no coração.

— Que modo de matar o clima.

Exatamente!

— Pretendo me casar com uma mulher que não amo porque seu exército se fundirá com o meu e juntos faremos vingança quando meus inimigos entrarem no reino dos mortos.

— A vingança importa mais do que prazer?

Ele poderia ter insistido na sua vez, mas à luz das velas sua sombra refletia de volta para ela.

— Para mim, a vingança é o prazer final. — A dureza de seu tom transformou as palavras num voto.

Um que ela devia prestar atenção.

Seus ombros rolaram empurrados pelo peso do desapontamento. Talvez começasse a ter esperança. Talvez pensasse que seria o único a ajudá-la, talvez até a salvá-la. Podia tolerar sua voz afinal, e a achou atraente. *Lazarus para a vitória!*

Mas ele nunca a escolheria, não é? Ela sempre seria uma conquista, sem importância, facilmente esquecida. Como se tivesse algum direito de julgar. Mas, ele não lutaria por ela, se... quando... ela o esquecesse.

Quem faria? Miséria perguntou.

— Não vai marcar esta noite — ela falou suavemente. — Na verdade, precisa sair. — Antes que começasse a chorar.

* * *

Viola, deusa da Vida após a Morte, filha do amor secreto de pais que se recusava a nomear, e uma fodona completa, cruzou os braços sobre o peito e encarou Urban e Ever. A dupla interferiu seriamente com seus planos para se esconder do monstro em seu rastro, roubar artefatos poderosos perdidos ao longo dos tempos e unir os diferentes reinos espirituais. Seu direito de nascença!

Que valia uma rainha sem um reino?

— Pare de nos olhar assim — Ever falou.

— Assim como? Como pequenas criaturas desagradáveis? Bem, últimas notícias. Vocês *são* criaturinhas desagradáveis. — Viola estremeceu. Apesar de sua falta de experiência com cuidados e alimentação de qualquer pessoa com menos de duzentos anos, estava certa de que tirou esse show de babá de letra.

Crianças eram atraídas para ela, parecendo atraídas por ela ou não. Não podiam evitar. Ninguém podia. Por que, poderia ter ensacado e etiquetado esse Lazarus deliciosamente

lindo se o quisesse. Mas para que uma mulher com a cabeça boa iria querer um homem que olhasse para outra fêmea como se ela fosse o único portal para o céu?

Eu não.

Esteve lá, fez isso, sofreu por isso.

Ever, a levadinha, disse:

— Você é uma pessoa horrível. Odeio você e quero minha mãe!

Debaixo da armadura de amor próprio que Narcisismo tinha erguido, Viola gritou, *sei que sou horrível! Fuja de mim. Fuja agora. Corra pra longe. Nunca olhe para trás. Sou seu pior pesadelo, querida.*

— Vá... — ela apertou os lábios e acenou com os dedos dela a espantando — veja quantos soldados de brinquedo são necessários para tapar os banheiros daqui. A titia Vie tem deveres importantes a serem atendidos. E sim, há uma mensagem escondida nas minhas palavras. Você não é importante para mim. — *Você não pode ser.*

Assim que ela se importasse com pessoas, animais, lugares ou coisas, ela os perdia. Princesa Fluffikans era a única exceção, e só porque uma parte de seu coração batia dentro de seu peito. Literalmente! Amar isso era o equivalente a amar a si mesma.

Ever, a pequena ouriça suja, ancorou suas mãos nos quadris.

— Somos mais importantes do que qualquer coisa. Mamãe sempre diz isso.

Narcisismo chutou contra o crânio de Viola, um sinal seguro de que ela se aproximava da zona de perigo. Medidas deveriam ser tomadas imediatamente.

Ela se curvou ao nível de Ever e apoiou as palmas das mãos nos joelhos.

— Não estou confortável em falar por todas as mães em todos os lugares, mas tenho certeza absoluta de que todas as mães em todos os lugares têm que dizer aos filhos que são importantes. É uma lei. Mas, e isso pode ser difícil para você aceitar, essas mães estão mentindo. Até que possa proteger a Tia Vie de sua legião de admiradores, você é apenas um incômodo.

Urban inclinou a cabeça para o lado, tão calmo como uma manhã de verão e tão grave quanto um ataque cardíaco.

— Posso queimar você até a morte.

— Errado. Tudo que pode fazer é colocar fogo em mim. — Ela balançou um dedo na cara dele. — Infelizmente pra você, tudo que eu faria seria agradecer por me ajudar a me esquentar num dia frio.

— Você não é impermeável às minhas chamas. Ninguém é.

Ela deu um tapinha no topo da cabeça dele.

— Olhe quem está usando suas palavras de Garoto Grande.

Ele abriu os dentes contra ela, sua ferocidade um rival para o pai dele.

— Cuidado — ela disse a ele. — Quebre meu dedo e pagará.

— O que isso significa mesmo? — Ever pisou seu pé, o gelo em suas veias subindo para a superfície de sua pele. — Você fala coisas sem sentido.

Por que tenta se relacionar com seres inferiores?
Narcisismo ofereceu o pensamento com um zumbido de descontentamento.

Ainda mais perto da zona de perigo...

— Sabe o que é bobagem? Essa conversa — disse Viola.
— Agora. Vocês dois vão destruir algo ou não?

A garotinha jogou os braços pra cima exasperada.

— Claro que vamos.

Urban olhou para Viola com... carinho?

— Gosta de destruição?

E outro que se apaixona pela minha grandiosidade impressionante.

— Não gostamos todos? — Viola gentilmente o puxou debaixo do queixo.

— Não,— ele respondeu. — Eu gosto de você.

— Claro que sim. Você e todos os outros que conheci.
Provavelmente pessoas que nunca conheci também.

— Não pode gostar dela. — Ever franziu o cenho para o irmão. — Não gosta de ninguém além de mim, e às vezes mamãe e papai.

— Bem, agora gosto dela. — Ele encarou Viola e disse: — Você também vai gostar de mim.

— Não, obrigado garoto. — Ela não apenas perdia as pessoas, animais, lugares e coisas que gostava; testemunhava sua destruição. Narcisismo insistia que ela atendesse a ele e

nenhum outro, e punia qualquer um que considerasse concorrência. Assim, para salvar a vida do menino, acrescentou com brilho: — Você é um bebê. Fico com homens.

Ever socou o irmão no ombro, deixando cristais de gelo na sua camisa. Viola escondeu um sorriso atrás de sua mão. O ratinho de tapete tinha temperamento.

Ela quase lamentou pelo homem que Ever se apaixonasse. Não só teria que sobreviver ao irmão da menina, pai, tios e tias, mas também a ela mesma.

Sem dúvida, o homem consideraria a oportunidade uma honra. Ever cresceria para ser uma beleza incomparável, desejada por todos que a contemplavam.

Com um rugido de descontentamento, Narcisismo chutou o crânio de Viola. *Eu sou incomparável. Eu! Ninguém mais.*

O calor drenou de suas bochechas.

— Se vai ficar comigo, terá que se acostumar a ficar preso nas sombras do meu fascínio surpreendente. — disse ela a Ever. — Sou irresistível, querida. Sempre fui, sempre serei. A idade não importa.

O demônio ronronou sua aprovação e ela suspirou aliviada.

— Agora — ela bateu as pontas afiadas de suas unhas contra o queixo. — O que eu dizia antes que me interrompesse grosseiramente?

— Que você é a pessoa mais maravilhosa da história do mundo — respondeu, seu escárnio claro.

Certo.

— Eu sou. — Ela fez uma pausa para admirar o anel com joias no seu polegar. O dono anterior começou uma briga quando Viola o roubou. Até que Fluffy tirou seus órgãos internos.

O anel tinha o poder de transportá-la de um reino de espírito para outro sem a *Haste de Partir*. A ferramenta de refúgio perfeito.

Um ofego de choque e horror arrancou Viola de seus pensamentos. Ever e Urban estavam olhando para uma janela, seus minúsculos corpos exsudavam grande tensão. Ela se atirou na frente deles, encarando a ameaça, seja lá o que fosse, e calculou mentalmente a recompensa que exigiria de Maddox e Ashlyn por tal ação.

Um suspiro de choque e horror escapou.

Os painéis de vidro maciços foram abertos, e entre eles apareceu um homem. Um homem alado. Um homem alado grotesco e, no entanto, primoroso. Seus traços faciais eram muito afiados, mas fortes e robustos e emoldurados por longos cabelos pretos que ondulavam num vento que ela não sentia. Seus olhos eram de um azul pálido, quase brancos. Seus músculos eram tão grandes, tão bem definidos, que estavam inchados. Sua pele era de um azul mais escuro que seus olhos, mas ainda pálida, como a de um demônio de gelo, e ela vacilou entre não gostar... e gostar.

Suas asas pareciam infectadas pelo mal. As extremidades eram manchadas de preto, as veias grossas serpenteando de cima a baixo tão duras como pedra.

Ele apontou uma unha preto ondulada em sua direção e falou uma única palavra.

— Desertora. — Sua voz era áspera e afiada, assim como seus traços.

Seu coração acelerou o ritmo. Narcisismo permaneceu silenciosamente quieto. De admiração? Ou nojo? Talvez medo?

O intruso usava uma tanga, nada mais, seu corpo esculpido em exibição perfeita. Seus pés estavam nus, as unhas dos pés tão pretas como as pontas de suas penas.

— Hum, eu vou passar — disse Viola. — Em outras palavras, obrigada, mas não, obrigada.

— Desertora — ele repetiu. Um segundo depois se lançou no ar e desapareceu no horizonte escuro.

Fluffy mergulhou pela janela com os dentes descobertos quando desencadeou um grunhido de outro mundo. Ele tinha a intenção de morder o... Enviado? Enviados eram assassinos demoníacos. Talvez viesse aqui para matar Viola? Em vez disso, Fluffy deslizou pelo chão e bateu na parede.

— Meu bebê! — Ela correu e o pegou. Ao longo dos séculos, ele se tornou seu melhor amigo. O único ser vivo em quem confiava. — Você perseguiu o cara mau enquanto ele me perseguia. Então salvou o dia!

— O que — disse Urban, pontuando a palavra enquanto apontava para a janela — foi aquilo?

Quando acariciou a pele de Fluffy, ela acenou com uma mão desdenhosa.

— Somente outro admirador, tenho certeza. — Mas mesmo enquanto falava, uma onda de presságio a atingiu.

Como deusa da Vida após a Morte, às vezes tinha premonições sobre dor e morte de outras pessoas. Ela tinha uma agora — sobre si mesma! Aquele homem... quem quer que fosse, o que quer que fosse, fazia parte de seu futuro, e a magoaria mais do que nunca.

Siobhan, deusa de muitos futuros, viu Cameo através da prisão de vidro que serviu como sua casa por muito tempo. O espelho mágico, alguns chamavam. Muitos mataram aldeias inteiras para terem a chance de contemplá-lo.

E foi considerada a pessoa má? Porque causou duzentas pequenas guerras? Hipócritas!

Bem, passado era passado e o futuro aguardava. Outra guerra produzida nos reinos imortais. Nos reinos inferiores, para ser exata. Hades contra Lúcifer. Mesmo Siobhan teria que escolher um lado.

Quem estava enganando? Ela *já* tinha escolhido um lado. Quando criança, deu uma olhada no belo, mas injuriado Hades, se apaixonou, certa de que ele era simplesmente incompreendido e ela poderia salvá-lo e pedir sua mão no casamento. Ele tinha sido um grande e mau guerreiro, mesmo naquela época, mas ele disse:

— Claro, garota. Definiremos a data para quatro mil anos a partir de agora.

Na próxima década, seu amor por ele apenas aumentou. Ele era um homem tão forte e capaz, e se ela fosse sincera, seu lado escuro emocionava uma parte secreta dela.

Finalmente ela não podia esperar mais. Quando adolescente, voltou para ele certa de que tinha idade suficiente para ficar com ele. Tão certa de que a aceitaria.

Em vez disso, ele e sua atual amante riram de sua patética tentativa de sedução. Humilhada e irritada, Siobhan meio que arrancou o coração da mulher.

Oops. Que pena. Acidentes acontecem.

Com o comando de Hades, uma poderosa bruxa a amaldiçoou para viver dentro do espelho.

Siobhan passou os últimos quatro milênios presa atrás do vidro, crescendo de adolescente para mulher sozinha, negado o toque de outro.

Só manipulando aqueles que olhavam para o espelho conseguia escapar do submundo. Mas à medida que os séculos passavam, sonhou em voltar, arruinar a vida de Hades.

Mais uma vez teve que planejar e manipular, até que finalmente terminou no Reino de Grimm e Fantica, uma terra governada por um conhecido associado de Hades.

O rei do submundo visitaria? Ele se lembraria dela? Talvez a sensação atrás do espelho?

Ela não culpou a bruxa por sua situação; a mulher simplesmente seguiu as ordens do seu mestre. Era Hades que merecia conhecer a dor da prisão e o horror de ver o mundo viver sem ele.

Merecia trocar de lugar com Siobhan.

A vingança, sabia, corrompia pelos piores caminhos. De fato, uma das extremidades que previu para Lazarus e sua busca para destruir Hera e Juliette foi a destruição de tudo e todas as coisas que ele amava. Apenas uma fruta venenosa poderia crescer a partir de uma árvore venenosa e, com toda honestidade, não havia venenos maiores que amargura, ódio e tristeza.

Privadas de contato, conforto ou camaradagem, essas frutas manchadas cresceram dentro de Siobhan, de qualquer maneira.

Seu lema? *Estratégia. Conduzir. Golpear.*

Estou pronta para atacar!

Problema: poderia prever os caminhos que outros poderiam, deveriam e tomariam, e os resultados finais de suas escolhas... mas não podia prever suas próprias possibilidades.

No entanto, não exigia um presente mágico para saber que precisava ganhar sua liberdade. Para fazer isso, tinha que ajudar outras pessoas a se apaixonar. Toda vez que conseguia, cem anos eram subtraídos de sua sentença. Mas toda vez que tentava e falhava, cem anos eram adicionados à sentença.

Você acha que entende coisas do coração, disse Hades.
Prove.

Deveria tentar ajudar Lazarus Cruel e Incomum? Tão teimoso quanto era, Siobhan o retirou da lista de potenciais na primeira vez que o conheceu. Com Cameo aqui, ela reconsiderou.

Cameo tinha muitas escolhas e muitos resultados possíveis.

Morte... muita morte. Traição. Tristeza. Raiva.

Felicidade... um vislumbre, apenas um vislumbre.
Rapidamente roubado.

Vitória, derrota.

Escuridão, luz. Lágrimas. Riso. Um campo de borboletas vibrantes.

Tudo se misturava. A cabeça de Siobhan doeu, e ela forçou sua mente a ficar em branco, as imagens se limpando.

Cameo finalmente escolheria ficar com Lazarus? Ela faria o que fosse necessário para salvar seu relacionamento?

Siobhan se concentrou na mulher guerreira que se apressava ao redor de seu quarto, preparando ferramentas que exigiu que os guardas trouxessem depois que Lazarus saiu — dois formões, anilhas, raspas e um arquivo. Ela amava seus amigos, morreria para protegê-los; ela buscava alegria.

Lembra-me da garota que eu costumava ser.

Uma vez Siobhan teria feito absolutamente tudo para ganhar Hades. Se ela e Cameo fossem parecidas...

Decisão tomada. Novos planos forjados. *Sim, vou ajudá-la.*



CAPÍTULO 9

*“Passo seis: Abata seu inimigo, bem como todos que ele ama
— e comemore seu triunfo”.*

— Como alcançar a vitória.

Legenda: Exceto com Amantes e sua família.

Lazarus suportou uma noite tortuosa. Talvez a pior de sua vida. Definitivamente, pior do que a vez que uma fêmea lhe deu um beijo envenenado, enfraquecendo-o. Ela o prendeu enquanto ele não conseguia lutar de volta e decepou furiosamente todos os seus membros.

Olhe para o poderoso Lazarus agora.

Descobriu depois que ela era uma assassina enviada por um dos antigos inimigos de seu pai.

Ela teria conseguido matar o filho do Monstro, se não fosse por dois erros fatais. O A e o B da derrota. (A) ela tinha acreditou que ele era impotente sem os braços e pernas, e (B) provocou-o com um segundo beijo. Um adeus.

Orgulho — acreditar em mentiras sobre si mesma para inflar a auto-estima — muitas vezes anunciava uma queda desagradável.

Quando a fêmea levantou a cabeça terminando o beijo com um sorriso, Lazarus rasgou sua traquéia com os dentes. Ela sangrou até a morte e ele viveu. Depois se envenenou repetidas vezes até que desenvolveu imunidade.

Por que Cameo expulsou Lazarus do quarto? Como podia ser tão cega à verdade? Ele poderia desfrutar uma noite com ela e conseguir sua vingança contra Hera e Juliette. Uma coisa não negava a outra.

Com uma maldição, saiu da cama. Uma mosca zumbiu ao redor dele, mas não importava quão rápido golpeasse, o inseto irritante se esquivava dele. Irritado, escapou para o banheiro, onde tomou banho e vestiu-se com uma camisa de manga comprida e couros de batalha. Como de costume, dormiria completamente vestido.

As calças cobriram os cristais que passavam pelas pernas, da coxa até o tornozelo. As mangas da camisa escondiam os cristais agora cruzando seus bíceps.

A fraqueza se espalhava.

A fúria queimou através dele. Entrou no quarto atravessando o tapete de unicórnio que foi apreciado pelo ex-rei. Seu ritmo era mais lento que o normal. Ele tinha uma coxa? Era melhor não ter uma coxa!

Sua metamorfose não se espalhou apenas, ela acelerou. Estava mudando mais rápido do que seu pai.

Lazarus bateu os punhos no saco de pancadas pendurado no canto. Seus nódulos se abriram e o sangue brotou, mas continuou a golpear o saco até que explodiu, areia derramando em todos os lugares.

Queria Cameo mais do que seu pai queria sua mãe? Esse era o problema?

Não podia ter certeza. Sua mente se recusava a analisar qualquer coisa, exceto o tamanho do sutiã da mulher — perfeita. Todos seus pensamentos giravam em torno de uma única pergunta. *Como faço para levá-la para a cama?* A fome desgastada roia e acomodava-se no interior dele, insaciável. A obsessão o governava.

Tinha que tê-la. Uma vez, apenas uma vez. *Então* poderia deixá-la ir, seu corpo seguro de mais danos.

Encheu os dedos com diamantes e enfiou o pingente no bolso e se moveu para a janela para olhar o Jardim do Perpétuo Horror. O amanhecer se aproximava.

A viagem de três dias parecia um compêndio de minutos e segundos que tinha que usar para sua vantagem. Certamente poderia ganhar seu prêmio. Começou e terminou guerras em menos tempo.

A mosca voltou, zumbindo ao redor dele. Ele permaneceu quieto, ouvindo, sua orelha se contraindo — *Paft!*

Droga! Perdeu.

Lazarus passou uma mão em seus cabelos, os músculos em seus ombros amarrados e esticados. Ela tinha duas objeções a ele. Uma, ele se vingaria antes do prazer e duas, ela o esqueceria.

A primeira poderia facilmente apaziguar. Por sua noite juntos, se preocuparia apenas com seu prazer. A segunda era o problema.

Lazarus fez sua pesquisa. Sabia que dois de seus irmãos por circunstância sobreviveram à perda de seus demônios. Kane, uma vez guardião de Desastre, e Aeron, uma vez o guardião de Ira.

Kane... Lazarus não tinha certeza de como se recuperou. Aeron recebeu um novo corpo — uma nova casa para seu espírito — da Verdadeira Deidade, líder dos Enviados e dos anjos. Mas então Aeron se casou com uma Enviada, então o presente fazia sentido. Cameo era solteira, e se Lazarus tivesse algo a dizer sobre isso, ficaria assim para o resto da eternidade.

Minha possessividade importa mais que a felicidade dela? Vou deixá-la ir.

Pequenos rosnados subiram do fundo do peito quando começou a passear de um lado pro outro. Precisava vê-la. Ela estava dormindo? Sonhava com ele?

Ele abriu a mente, viu-a arrumando seu quarto e enrijeceu. As ferramentas estavam espalhadas pela mesa onde jantaram; ela martelava, cinzelava e limava uma pequena adaga. Já tinha feito dois capacetes e duas couraças de tamanho pequeno. Para as crianças, percebeu. Ela temia um ataque na viagem ao portal e isso era um ataque preventivo.

Ficou acordada a noite toda?

Uma mulher tão maliciosa, tão esperta. E talentosa. A magnificência do artesanato o surpreendeu.

Antes de se separarem teria uma espada feita por ela, uma lâmina para apreciar durante toda a eternidade passada sozinho.

* * *

Quando a manhã chegou, os olhos de Cameo queimavam e seus membros tremiam de fadiga. Pelo menos, terminou a armadura para as crianças, usando as habilidades que adquiriu sob a tutela de Alex.

Alex... Uma maré familiar de tristeza a atacou.

Ignore isto. Proteger Urban e Ever — mesmo sem seus adornos habituais — superava qualquer desconforto de sua parte.

Ela se banhou e vestiu um top limpo, outro par de calções e um sarong. Suas botas de combate e punhais descansavam em cima da mesa, surpreendendo-a. Os guardas deviam ter trazido os itens durante uma de suas muitas entregas, o que significava que Lazarus manteve sua promessa de devolver seus pertences pessoais.

Um calor perigoso caiu em cascata pelas veias.

Ignore isto! Ela calçou as botas e enfiou as adagas nos tornozelos. Junto com a armadura, tinha feito um frasco para o “muito caro” unguento que Lazarus usou em suas feridas. Um frasco que pendia em volta do pescoço com um cordão de couro. As serpentes do céu não lhe dariam amor. Se decidissem atacá-la, deveria estar preparada.

Ela escovou e trançou o cabelo — bem, tentou trançar os cabelos. Falhou na verdade e optou por um rabo de cavalo desarrumado. Seu costume. Notando suas bochechas pálidas, beliscou aqui e ali para adicionar cor. Não que se importasse com sua aparência. Nunca se importou antes. Afinal, no momento que abria a boca, a maior parte dos homens fugia como se fosse lixo tóxico.

Mas Lazarus era diferente. Colocava a vingança acima de tudo, mesmo do prazer, como se isso fosse esquecível. Desgraçado! Faria qualquer coisa para experimentar e se lembrar do prazer. Então. Deixe-o olhar para Cameo e querer o que não poderia ter. Deixe-o acalmar seu desejo e não encontrar nenhum auxílio.

Deixe-o conhecer as provas que ela suportava diariamente!

Ou provar que ele está melhor sem você...

Ela inalou bruscamente, as palavras do demônio atingindo onde mais doía. Sua esperança.

Uma batida soou na porta e ela deu um pulo, seu coração falhando uma batida. *Lazarus vinha buscá-la?*

— Entre.

Loira entrou no quarto e Cameo desinflou.

— Café da manhã, cortesia do rei. — Ela colocou a bandeja na mesa, afastando as ferramentas de Cameo e descobrindo vários pratos de comida. Bolo de chocolate, cupcakes e pudim, com uma xícara fumegante de chocolate quente para ajudar a descer.

Suas bochechas aqueceram com *prazer*. Lazarus era fatal para sua determinação.

Como deveria resistir a ele?

Cameo acenou para a criada, desejando que pudesse agir como uma pessoa normal e dizer: “Obrigada”.

Sozinha, engoliu a comida, uma viciada finalmente conseguindo uma dose. Mas o quitute delicioso só aumentou a turbulência dentro de sua cabeça. O que fez com que Lazarus fizesse da vingança sua prioridade número um?

Antes de usar a *Haste de Partir* pela segunda vez Cameo tinha perguntado por aí. Hera a Corneadora, rainha destronada dos gregos, guerreou com Typhon, o pai de Lazarus. Atos terríveis foram cometidos por ambos. Em última análise, Hera matou a mãe de Lazarus antes de se esconder e encarcerar seu pai. Odiá-la era compreensível.

Desde que os Titãs tomaram o controle do terceiro céu, Hera estava presa no Tártaro totalmente indefesa, morrendo de fome e espancada por outros imortais presos. Ela pagou por seus crimes? Sofreu o suficiente?

Quando o ciclo do mal acabaria?

Juliette, a Erradicadora, escravizou Lazarus durante séculos. Cameo lembrou-se de ver o casal junto em duas ocasiões distintas. Quando o temperamento de Juliette ameaçou detonar, ele acariciou sua mão para acalmá-la. Ele era o único capaz de acalmá-la.

Quando ela o agarrou pela nuca e o puxou perto para um beijo, ele não a negou. Não, retribuiu o beijo com igual fervor.

Os ciúmes começaram a ferver, escaldando Cameo. Ao mesmo tempo, Lazarus desejava a Harpia. Talvez escolhesse Juliette para sempre se ela não forçasse a questão, talvez não. Agora desejava puni-la.

Quão rápido os sentimentos de um homem podiam mudar. Mas então sentimentos não eram confiáveis e imprevisíveis, e se não fossem controlados levariam ao desastre. Miséria tinha provado isso repetidamente.

Luxúria não era confiável e imprevisível. E, no entanto, quando os braços de Lazarus se envolviam em torno dela, Cameo queria seus lábios nos dele.

Ele ofereceu uma noite em sua cama. Talvez devesse aceitar.

Talvez ele a balançasse. Talvez ela devesse fingir se divertir. De qualquer maneira, ela o esqueceria depois. Por qualquer motivo, Miséria desprezava o macho e, a julgar pelo comportamento passado, não permitiria nenhum lembrete dele.

Talvez a perda de memória de Cameo pudesse ser uma coisa boa desta vez?

Uma vez um amante lhe disse: “Você não tem cara de pôquer. Você está miserável e quer que eu pare”. Não foi uma pergunta.

Ela assentiu, odiando-se tanto quanto o demônio.

Coisa engraçada. O homem parou sem nenhum esforço. Não estava superado pela paixão ou tão perto de gozar que fosse conduzido à beira da sanidade. Simplesmente vestiu as

roupas e saiu sem dizer outra palavra, apenas lançando um olhar desgostoso por cima do ombro.

Adoraria esquecer a humilhação daquela noite.

E se o guerreiro lhe der o que sempre quis? Miséria acariciou sua mente, como se estivesse acariciando-a. *Posso permitir que mantenha sua memória dele... se o matar depois de dormir com ele.*

Ela engasgou com sua língua. Matar Lazarus? Assassinar um amante a sangue frio simplesmente para manter suas memórias de um orgasmo?

Um orgasmo? Como assim, apenas um?! *Cameo tolinha. Esse homem nunca vai parar com um.*

Com um grito, bateu os punhos nas têmporas.

— Está tão desesperado para acabar com minha associação com ele?

Ela já matou antes, sim; já matou muitas vezes antes, mas sempre no calor da batalha. Nunca consideraria a oferta do demônio. Além disso, Miséria não tinha honra. Se aceitasse a barganha, ele poderia limpar sua memória, mesmo assim. Como saberia?

— Demônio tolo. — Ela fez tsc tsc. — Cometeu um grave erro. Mostrou suas cartas. Você tem medo dele. Porque ele pode me fazer feliz.

Miséria sibilou em negação, mas a verdade ficou subitamente clara como cristal.

Lazarus pode me deixar feliz.

Atordoada, sentou-se na cadeira em frente à penteadeira. Ondulações apareceram no espelho, distorcendo seu reflexo. Ela ofegou.

À medida que uma imagem começou a tomar forma no centro, Cameo teve uma percepção surpreendente. A deusa de muitos futuros estava presa lá dentro.

Esperança inflamou-se. E se um futuro brilhante esperasse Cameo?

— Mostre-me — ela sussurrou. — Por favor.

A tela se abriu, revelando duas imagens. Em ambas, Lazarus estava cortado e machucado, e de pé diante de duas árvores altas, segurando a mão de Cameo, e observando como Viola e as crianças entravam no espaço brilhante e desapareciam.

O portal de casa, ela percebeu.

Na visão, Cameo permanecia ao lado de Lazarus.

A Cameo da vida real mudou seu foco. De um lado da tela, Lazarus a levava para longe das árvores. Tempo ardente, como se fosse um avanço rápido, enquanto a acompanhava de volta ao palácio, onde passavam dias, semanas, conversando, conhecendo cada um, curtindo-se.

Ele apresentou seu corpo para a felicidade, mas nunca tirava a roupa. Por quê?

— Deste jeito ou de jeito nenhum — ele disse a ela.

Deste jeito, de qualquer jeito. Talvez não quisessem coisas tão diferentes afinal. Por ele, Cameo sorriu. Sorriu! Ela assobiou uma melodia alegre e pulou pelos corredores. No entanto, seu sonho se tornando realidade era de alguma forma

um pesadelo para Lazarus. Quanto mais feliz ela estava, mais bravo ele ficava. Eventualmente, olhou para ela com... ódio?

Ele a devolveu ao portal e colocou metade de um coração preto na mão. Quando ela deu um passo à frente, de costas para ele, ele ergueu uma espada como se quisesse atacá-la. No espelho, Cameo permaneceu inconsciente de sua intenção maliciosa.

No presente, o horror a encheu. *Ele se tornará meu inimigo?*

Cameo da vida real suspirou quando ele girou nos calcanhares e se afastou sem prejudicar a visão de Cameo, que jogou o coração preto no portal.

O ar brilhava, o relógio tiquetaqueando em contagem decrescente; o portal ficaria aberto por um minuto, talvez dois. Ela entrou, a luz desaparecendo dos olhos dela. Porque Miséria permitiu que guardasse a lembrança de Lazarus... de seu abandono. Da felicidade que ela não conseguiu sustentar.

O estômago de Cameo ameaçava se rebelar.

Do outro lado do espelho, um destino diferente começou a se desenrolar. Lazarus insistia que Cameo passasse uma noite com ele e voltasse para casa pela manhã. Ela disse não. Eles discutiram e ele a beijou com tanta intensidade que seus joelhos enfraqueceram — no futuro e no presente. Então ela se afastou dele, entrou no portal e...

O espelho enrugou, sem lhe dizer se manteve a memória ou não.

Não, não, não. Cameo agarrou os lados da moldura dourada e balançou.

— O que acontece depois? Mostre-me!

Um minuto passou. Então outro. Nada ainda. Droga!

Quão confiáveis eram estas visões? Não tinha outras opções?

Se fosse embora logo após Viola e as crianças, mais tarde voltaria para Lazarus? Ele viria atrás dela?

Presunçoso novamente Miséria disse:

Os mortos não podem passar pelo portal, lembre-se. E mesmo que pudessem, ele escolheria ficar com você... ou finalmente acabar com você?

Tonta, Cameo massageou as têmporas. Sabia tão pouco sobre o homem sobre quem guardava suas esperanças. Não sabia nada sobre seus desejos e motivações. O que aconteceria caso se separassem no portal? Algo melhor do que amar e perdê-lo? Ou algo muito pior?

Devo ver o resto da segunda visão!

Cameo considerou suas opções. Não havia como esgueirar o espelho para fora do palácio. Talvez um pedaço disso? Sim! Ela pegou um travesseiro e golpeou o vidro com todas as suas forças, repetidas vezes.

Nada aconteceu. Nem uma única pequena rachadura apareceu. Frustração misturada com raiva e desamparo.

Acho que estou sozinha. Como sempre.



CAPÍTULO 10

“A covardia é uma doença.

Mate-a antes que ela mate você. ”

— Como alcançar a vitória

Legenda: Exceto com Amantes e sua família

— Viva em seus próprios termos, droga.

— Rathbone — Lazarus sentou-se em seu trono, seus dedos tamborilando nos braços deste. Deveria estar na estrada. A manhã tinha chegado e as crianças já haviam obstruído dois conjuntos de tubos. Mas a presença de seu visitante indesejável o manteve em casa. — Mostre-se.

Buzz, buzz.

Outra mosca? Ah não. Não outra. A mosca. No centro da sala, a mosca transformou-se num homem completamente vestido. A irritação meteu as garras subindo pela espinha de Lazarus.

Deveria saber.

Rathbone sorriu e abriu os braços.

— Você chamou?

Lazarus rangeu os dentes.

— Por que permaneceu aqui?

O sorriso do guerreiro alargou-se.

— Talvez quisesse dizer ao mundo que passei uma noite na cama com Lázaro o Cruel e Incomum.

— Ninguém acreditaria em você, considerando que ainda é capaz de caminhar.

— Um amante entusiasmado, não é?

— Muito — Lazarus agarrou os braços de seu trono. — Você esteve me espionando.

— Obviamente. Não sou apenas o único. Sou o Mestre dos espões. — Diversão, em vez de vergonha, olhou para ele através desses olhos de diamante. — Você deveria realmente jogar pedras no telhado dos outros, leitor de mentes?

Até que Lazarus declarasse sua fidelidade a um rei do submundo, esse tipo de incômodo estaria acontecendo repetidamente.

— Diga-me. Nossa conversa inteira será em forma de pergunta?

— Isso te agradaria se acontecesse? — Rathbone perguntou com a sobrancelha arqueada.

É assim que ajo com Cameo?

Claro que não! Eu sou encantador.

Isso tinha que terminar. Segurou o olhar de Rathbone quando ele abriu sua mente para o outro homem...

Rugindo, Lazarus rompeu a conexão.

Rathbone permaneceu estóico.

— Eu te dei um vislumbre dos horrores que sofri na minha vida. Tente ler minha mente novamente e lhe darei acesso total.

Antes de hoje, Lazarus pensava que entendia de tortura. Suportou e recebeu sua parte justa disso. A verdade era que não tinha entendido até este momento. O que o guerreiro experimentou... Um novo respeito por ele floresceu.

— Cuide da mulher — disse Rathbone, não mais divertido. — Ela é aliada de Hades e, portanto, minha aliada. Queremos que ela seja protegida.

Ela — é — minha.

Não, não! A negação gritou através de sua mente. Não reivindicaria a mulher que anunciaria sua queda.

— Quer que ela seja protegida. Nada mais? — Rathbone desejava Cameo na sua cama?

— E ajudar você a cuspir em sua única chance de amor verdadeiro? — Rathbone fez tsc tsc. — Não.

— Amor verdadeiro? — Ele zombou. — Não mencionei nada de amor, verdadeiro ou não. O amor enfraquece.

— O medo enfraquece. O amor fortalece — Rathbone segurou seu olhar sem piscar. — Um dia sua mulher vai se cansar de sua rejeição e vai buscar o conforto de outro homem. Espero ser uma mosca na parede quando você descobrir a grande benção que perdeu, mas vou me conformar com a pessoa que ela aceitar na cama quando você se for.

Ele quer minha mulher na cama dele. Um rosnado reverberou no peito de Lazarus, tão áspero que suspeitava que estava sangrando internamente.

Calma. Controle. Quando “um dia” chegasse, Lazarus já teria deixado Cameo partir. Sem laços, sem cristais, sem vulnerabilidades.

— Nós compartilhamos a mesma esperança então — ele respondeu. — As moscas são esmagadas.

Rathbone riu, mas ficou sóbrio rapidamente.

— Sua mulher odeia Miséria, quer muito ser livre dele. Você pode ajudá-la.

O bastardo não podia saber sobre a caixa.

— Vamos fingir que eu me importo — disse ele. — Diga-me, ó Poderoso, como posso ajudá-la?

— Quando eu me tornei seu treinador? Encontre a resposta por conta própria. — Com uma piscadela, Rathbone desapareceu.

Lazarus permaneceu em cima do trono, certo de que o bastardo mentiu. Não havia nenhuma maneira de remover o demônio de Cameo e mantê-la viva. Então ele não mudaria seu plano. Teria uma noite com ela.

Uma e pronto. Não por escolha, mas por necessidade.

Depois a deixaria com um aviso. *Não volte nunca.*

E não se sentiria culpado. Ele seguiria em frente.

* * *

O primeiro dia da viagem passou sem incidentes. Ninguém atacou e não houve agarramentos, membros com fome ou enxames de insetos assassinos. Cameo estava quase desapontada. Coçava por uma briga.

Enquanto seu grupo ralé tinha se escondido no palácio de Lazarus, as garotas que mostravam tudo os perseguiram. Como suspeitava, já desfrutaram de um tempo de qualidade na cama com seu rei e se sentiram com direito a um beijo de despedida.

Para seu crédito, Lazarus pareceu perturbado pela atenção e mandou as meninas que gostavam de se curvar pra longe sem beijo. Enquanto isso, Cameo queria matar as mulheres. Ela pensou, *meu! Não vou compartilhar.*

Sem dúvida, a visão do espelho ferrou com sua cabeça. Ela se viu fazendo amor com ele, gritando com um prazer que nunca conheceu, então, claro, ficou muito possessiva com ele.

Também o vi contemplar me matar. Onde está minha ira justa sobre isso?

Bem, todos tinham falhas. E querer matá-la era uma ocorrência comum entre imortais e até humanos.

Viola passou várias horas flertando sem parar com os soldados e Urban passou as mesmas horas queimando os soldados. Aparentemente, nenhum outro homem podia falar, sorrir ou encorajar a deusa. Ever apagava rapidamente as chamas com gelo.

Nas poucas vezes que Urban lembrou-se que era um menino pequeno e não um perseguidor ciumento, reclamou incessantemente sobre o capacete que Cameo fez.

— Meus cabelos doem — ele disse pela milésima vez.

— Tenho certeza de que vamos sair do campo em breve e poderá removê-lo. — O sol esteve baixando constantemente durante a última hora.

Sua voz tinha um efeito de ondulação, estremecimento varrendo a multidão.

Durante uma das muitas paradas para ir ao banheiro, Lazarus examinou as armas e as armaduras que Cameo fez.

— Incrível — ele disse. — Sua habilidade é insuperável.

Ela quase corou.

— Onde aprendeu? — Ele perguntou.

— Uma forja na Idade Média — Alex tinha...

Ela deteve o pensamento, não queria dar a Miséria um convite aberto para inundá-la de tristeza. Ou a Lazarus a chance de ler sua mente.

— Há uma história aí — ele observou.

— Sim, mas para outro dia.

— Nosso tempo diminuiu — ele esperava isso, e uma pontada atravessou seu peito.

Quando um homem gostaria de *ficar* com ela?

— Acho que deveria ter feito a armadura com magnésio infundido com nanopartículas de carboneto de silício densas — Ever disse, entrando em seus pensamentos. — É tão leve como o alumínio, mas tão forte como o titânio.

Cameo olhou boquiaberta para ela.

Viola sorriu quando Fluffy correu ao redor de seu cavalo.

— Você, sua monstrelha, ganhou meu coração. Magnésio infundido com nanopartículas de carboneto de silício denso tem a maior relação força-peso.

Enquanto as duas conversavam inteligentemente sobre metais, o olhar de Cameo buscava Lazarus. Ele estava sentado no seu enorme corcel alado, sua cabeça alta, seus ombros

erectos, sua espinha rígida. Que visão incrível. Mais de uma centena de soldados cavalgavam com ele, criando um escudo para mulheres e crianças.

Uma horda de serpentes do céu voavam sobre suas cabeças. Seus números eram fluidos, as feras iam e vinham como queriam. Uma coisa permanecia constante minuto a minuto — a morte encarava Cameo.

Em mais de uma ocasião, uma gota de acelerante espirrou em seu rosto. E não por acidente. As queimaduras eram bem colocadas.

— Ei! — Outra gota a atingiu, esta queimando a ponta do nariz.

— Tudo bem. Já chega. Faça algo sobre seus animais de estimação. Antes de eu pegar um galho — ela gritou para o céu.

Soluções de cortar o coração dispararam pela multidão. Ela apertou os lábios juntos.

Miséria gargalhou com alegria. *Imagine quantos suicídios haverá hoje à noite...*

Fazendo o possível para ignorá-lo, ela passou unguento na ferida mais recente.

Lazarus olhou para o céu quando berrou uma série de palavras que ela não entendeu. As serpentes do céu entenderam, no entanto. Várias bestas rugiram em resposta, as asas frenéticas enquanto batiam.

Seu olhar baixou para Cameo.

— Querem você morta e eles mesmos salpicados com seu sangue.

— Confie em mim — ela sussurrou, esperando que ninguém mais a ouvisse. Se fizesse mais uma pessoa chorar...
— O sentimento é mútuo.

Pensativo, ele esfregou dois dedos contra o restolho na mandíbula.

— Talvez as serpentes do céu ficassem satisfeitas se eu...
te espancasse.

Uma palmada? Mesmo?

— Você não...

Ele passou um braço em volta da sua cintura, tirando um suspiro dela.

— O que...

Ele a tirou do cavalo, o bíceps flexionando. Essa força incrível... e, no entanto, ele começou a tremer. Temendo que a deixasse cair, ela se agarrou nele. Então a instalou na frente dele, seu cheiro e calor a envolvendo, e ela estremeceu.

Miséria meteu as garras em seu crânio, enviando dores agudas através de suas têmporas. Tanto para curtir o passeio.

Ou talvez não. Lazarus esfregou a bochecha contra a dela, distraíndo-a e deleitando-a.

Ele riu suavemente.

Merda! Escudos!

— Bem? — Ela exigiu. — Vai me espancar ou não?

— Quer ser espancada?

— Quer perder a mão?

— Como se fosse remover um dos únicos meios capazes de te dar prazer.

O ar perfurou seus pulmões.

— Deixe-me adivinhar. Os outros são a sua outra mão, sua boca e...?

— E tudo mais em mim. Minha voz... meu cheiro... inferno, até mesmo minha mente. Encare, Raio de Sol. Você anseia o pacote inteiro.

Sim. Realmente.

— E seu pau... perfeito? — Oookay. Estavam indo por um caminho perigoso. Hora de mudar de assunto. — Deixa pra lá. Que língua falou com as serpentes do céu?

Ele permitiu a mudança sem protesto.

— Typhonish, o idioma usado por meu pai. — A respiração quente cobriu sua bochecha. — Você, Raio de Sol, é requintada. Resistir ao desejo de tocar em você é difícil. Muito, muito difícil.

Um arrepio deslizou pela sua espinha.

— Está me tocando agora. Você resistiu.

— E ainda tenho que ouvir seus agradecimentos.

Parte dela queria rir. A maior parte queria chorar. Toda ela o queria.

Ok, era hora de outra mudança de assunto.

— Como adquiriu a deusa do espelho de muitos futuros?

Mais uma vez, ele permitiu a mudança sem protestar.

— Herdei-o com o palácio. Por quê?

Aja casual.

— Já viu seu futuro?

Sua postura tornou-se mais rígida.

— Você já?

Por que não dizer a ele? *Dê e receberá.*

— Sim. Duas possibilidades. Na primeira, voltamos ao palácio e fazemos sexo. Parabéns! Foi bom. Então escolheu me levar para o portal, considerou brevemente me matar, mas finalmente me afastei sem dizer adeus.

Ele apertou suas mãos sobre as coxas e ela respirou fundo.

— Então fazemos sexo e é bom — ele respirou em sua orelha. — Você é muito bem-vinda.

A antecipação a segurou no limite de um penhasco, seu interior zumbindo e aquecendo. O que mais ele faria?

— Por que quer me matar? — Ela perguntou, um tremor em seu tom. — Você não é como os outros. Não reage à minha voz.

Ele endureceu, mas disse sério:

— Tenho certeza que você me deu uma razão. Mas eu fui embora, não? Me recompensa?

Enquanto falava, seus dedos tocavam o joelho. A antecipação começou a deixá-la em agonia. Mas um minuto sangrou em dois. Ele não fez nada mais, o bastardo.

— Nenhuma recompensa para você — ela disse áspera.

— Muito bem. Nenhuma recompensa para *você*. Então, qual foi a segunda visão? — Perguntou. — Me fale sobre isso.

— Voltei para casa no mesmo dia que os outros.

— E?

— E nada. O espelho apagou.

— Não me admiro que me incline em direção a uma visão. As coisas que posso fazer com você antes de ir... — Ele pressionou gentilmente os joelhos contra os flancos do

Pegasus. As asas emplumadas levantaram-se, escondendo-a e Lázaro do resto do mundo enquanto ele acariciava sua bochecha. — Ou talvez devêssemos ignorar o espelho e criar um novo caminho, passar a noite toda juntos como eu queria desde o início. Gostaria de provar o prazer que lhe darei?

Sim! Não. Talvez? Ela lambeu os lábios tentada, tão tentada. Mas por que desfrutar de um aperitivo quando não podia ter a refeição completa? Por que forjar lembranças preciosas que o demônio reviraria e roubaria? Ou até mesmo reteria. A vida já era torturante.

— Aviso justo — ela disse áspera. Se não pudesse resistir ao apelo de Lazarus, faria tudo em seu poder para garantir que ele resistisse a ela. — Miséria me disse que eu poderia manter minhas lembranças de você se eu te matasse. Ele odeia você.

O demônio sibilou. *Como ousa abrir o bico!*

— Ele matar um morto? — Lazarus deu de ombros despreocupado. — Terá que entrar na fila.

Um brilho de esperança.

— Não está chateado ou surpreso?

— Demônios odeiam pessoas e amam a destruição. Ficaria surpreso se ele gostasse de mim.

— Mas ele poderia te machucar — ela admitiu baixinho. — Ao longo dos séculos, incentivou pessoas a se matarem. E ele é... — Ela lambeu os lábios. — Ele me convenceu a acabar com minha vida uma vez. Ou seis vezes. Talvez doze.

Ele endureceu, tão rígido quanto aço.

— Tentou se matar uma dúzia de vezes?

Ela engoliu, assentiu com a cabeça.

— A tristeza tornou-se demais para suportar. — Cada vez, seus amigos a haviam encontrado quebrada e ensanguentada, e sua decepção e dano só aumentaram seus problemas, partindo um coração já quebrado.

Não pode ganhar.

Lazarus a apertou como se temesse que ela flutuasse como um balão.

— Não preciso do espelho para me dizer o que está no seu futuro imediato. Você vai gozar.

Ele traçou um caminho de fogo, subiu... parou de respirar, sua barriga tremendo, uma dor que florescia entre suas pernas, mas ele simplesmente brincava com a cintura de seu short.

— Você quer gozar? — Ele sussurrou em seu ouvido. — Me dê uma noite.

Arrepios surgiram em sua pele.

— Não quer semanas de felicidade sexual como previsto pelo espelho?

Ele apertou sua mão, quase a machucando.

— Uma noite é tudo que posso oferecer. Nada mais, nada menos.

O espelho mentiu sobre os diferentes caminhos que seu futuro poderia levar?

— Por que apenas uma noite? — Ela perguntou suavemente. — Me faça entender.

O suspiro dele arrepiou os cabelos no topo de sua cabeça.

— Quer se lembrar de mim, Raio de Sol. Quero lembrar de você bem.

Significando... o que? Miséria mancharia seus pensamentos se Cameo estivesse presa?

Puxa! O conhecimento machucou, e ainda assim não deveria ser uma pancada no radar dela. A verdade era verdade. Mas... não deveria o homem de seus sonhos considerar que valia a pena qualquer dificuldade?

— Posso entrar num lugar e arruinar uma festa — ela retrucou. — Você pode abrir sua boca e fazer o mesmo.

Sem perder o passo — quando ele algum dia o fez? — ele rastreou sua língua quente ao redor da concha de sua orelha.

— Falando em festa... Estou me convidando para o que está dentro de sua calça.

Maldito fosse ele! O calor abrasador da excitação rapidamente derreteu sua raiva.

— Pare. Não há...

— Mas vai haver — as mãos dele subiram até cobrir seus seios enquanto seus mamilos franziam por ele. Ele raspou as pontas, enviando um fluxo de fogo direto ao seu núcleo.

Seus quadris ondularam, e seu traseiro encontrou o comprimento longo e duro de sua ereção. Oh, misericórdia, o prazer era incrível e... esfriou, como sempre esfriava, o demônio inundando-a com tristeza.

Lazarus amassou seus seios e mentalmente sabia que ainda estava bem. Realmente, muito bem. Mas física e emocionalmente, o prazer permanecia à distância.

— Você pode muito bem parar — ela disse a ele. — Eu poderia fingir gozar, mas não estaria fazendo um favor a qualquer um de nós.

Longe de se desapontar, ele soltou uma risada rouca.

— Vou precisar que me prometa algo, Raio de Sol.

Isso não daria certo.

— O que?

— Vai ficar muito, muito quieta da próxima vez que eu mover minhas mãos. Tudo bem?

Oh não, não, não. Ele caiu na armadilha macho alfa. Acreditava que poderia fazer todas as mulheres perderem a cabeça com prazer. Idiota! Pensava que podia trazer para casa o ouro, apesar do aviso de Cameo.

Na verdade, pensava que poderia levar o ouro por causa de seu aviso. Ela teria que ensiná-lo melhor.

A aula está em sessão, e a Dama é uma vadia.

— Escuta — disse ela. — Escuta quando digo...

— Prometa-me — ele insistiu.

Ele não iria deixar isso, ia? Teria que aprender o caminho das bolas azuis. Com um suspiro, ela se torceu para olhar nos seus olhos.

— Muito bem. Prometo.

Seu tom irônico continuou falando muito depois que ela se acalmou. *Você vai se arrepender disso.*

Ela pensou... talvez houvesse uma chance... Os cantos de sua boca estavam sorrindo. Antes que pudesse ter certeza, ele a forçou a girar, rastreou o lóbulo de sua orelha com os dentes e deslizou as mãos para baixo... para baixo... mais uma vez, parando na cintura de seu sarong.

— Não está lutando contra um gemido, está? — Ele perguntou.

Parecia divertido.

— Nem mesmo um pouco — disse ela.

— Tsc tsc. Disse para você ficar calada.

— Você me fez uma pergunta!

— E agora? — Ele moveu a ponta do dedo ao longo da banda do sarong, escovando seu umbigo. — Está lutando contra um gemido agora?

Ela formigava e doía e pensou: *Sim, é isso, isso realmente vai acontecer...* Mas mais uma vez as sensações gloriosas desapareceram.

— Não — ela ralou.

— Ainda falando — ele disse num suspiro. — Minha Raio de Sol é tão terrivelmente insensível. Estou desanimado. — E ainda assim ele parecia divertido.

Ele realmente acreditava que havia agitado um fogo dentro dela.

Com os dentes apertados, ela disse:

— Alguns gemidos e suspiros não significam nada. Não tive um clímax, *Poço Escuro*. — Ele a comparou com o Raio do sol; ela o compararia a um abismo.

— Alguns gemidos e suspiros? Você é adorável.

— E seu pequeno experimento está terminado.

— Temperamento, temperamento. — Ele fez tsc tsc. — Alguém — e não mencionarei nenhum nome — precisa de um clímax.

Durante séculos estive desesperada para experimentar algo que milhões de mulheres desfrutavam diariamente. E

agora ele pensava que provocá-la era uma boa ideia? Depois que não cumpriu o que prometeu?

Uma bomba de raiva detonou dentro dela.

— Sua proeza está muito superestimada. E também sua opinião sobre você!

— Aí está ela, a megera que estava esperando — ele disse, e então empurrou a mão entre suas pernas, debaixo de seu short e enfiou um dedo dentro dela.

Uma onda de felicidade explodiu dentro dela, e ela ofegou.

— Sua raiva enfraquece o demônio — ele ronronou me dando uma oportunidade de agir. Enquanto falava, moveu seu dedo grosso, lindo e incrível dentro e fora dela. Sua ereção pressionou insistentemente entre as bochechas de sua bunda, aumentando as deliciosas sensações.

— Mais — Ela se recostou, descansando a cabeça em seu ombro e oferecendo-lhe acesso mais fácil. — Eu quero mais. — Precisaaaaaava de mais. — Por favor. — Aqui, agora, não era muito orgulhosa para implorar.

Ele retirou a mão, apesar das unhas que ela cavou nos pulsos num esforço para mantê-lo no lugar. — Alguém acabou de quebrar sua promessa.

— O que está fazendo? Estava finalmente chegando a algum lugar. Continue!

Olhos como piscinas de obsidiana crepitante, ele lambeu o dedo.

— Não é óbvio, Raio de Sol? Estou castigando você, deixando você em estado de tormento. Vai se lembrar da sensação de meu dedo dentro de você e logo vai me implorar

por seu retorno.

* * *

Provocar uma mulher até a raiva nunca foi um dos objetivos de vida de Lazarus. Até Cameo.

Depois de lhe dar a versão do dedo, ela voltou ao cavalo. Ele escondeu um sorriso. Deixe seu desejo por ele crescer e se apressar. Em breve se tornaria uma panela fervendo de luxúria. A raiva, quem sabe, criaria uma barreira contra o demônio.

Além disso, Lazarus queria vingança. A pequena megera protegeu sua mente dele o dia todo.

Na próxima vez que olhou de relance para ela, a exaustão havia tomado completamente a raiva dela. Estava caída em sua sela, sem forças. Sua adrenalina caiu, e caiu forte.

— Vamos parar para a noite — ele gritou.

Toda a procissão parou. Lazarus desmontou e acariciou seu poderoso pégasus nas ancas por um trabalho bem feito.

Em poucos minutos, as tendas foram erguidas. Viola e as crianças foram conduzidas dentro da maior — a deusa insistiu. Quando Cameo tentou seguir o trio para dentro, Lazarus apertou a mão dela e a levou para sua tenda.

Em qualquer outro momento, ela provavelmente teria protestado. Esta noite se inclinou contra ele, usando-o como muleta. Seus pés se arrastavam, deixando sulcos profundos na terra.

— Suba, Raio de Sol. — Lazarus a pegou em seus braços e a levou para dentro. O significado da ação não foi perdido para ele e...

Nada.

Quando a colocou de pé, ela tropeçou num monte de peles espesso e desabou. Os olhos já estavam fechados, e ela murmurou:

— O que planejar me perguntar, a resposta é não.

O sono a reivindicou no próximo instante, seu corpo bonito ficando relaxado.

— Aqui está uma pergunta — ele murmurou. — Devo manter minhas mãos pra mim esta noite?

Ele relaxou ao lado dela, com cuidado para não tocá-la. Supervisionaria sua proteção pessoalmente. A noite toda.

Rosas, bergamota e o aroma de neroli o envolveram. Sua mente se abriu, procurando uma conexão com ela. Ela nunca esteve mais vulnerável, e odiava a si mesmo, mas fechar sua mente se revelou impossível.

Deve descobrir mais sobre ela.

As imagens que viu o perturbaram. Miséria a atormentava mesmo em seus sonhos, enchendo a cabeça de lembranças que provavelmente desprezava. Às vezes em que foi ferida fisicamente. Quando as pessoas a chamavam de nomes terríveis. Quando os amigos morreram. Quando aqueles que ela confiava a traíram.

Ela se sacudiu e se virou, incapaz de se acomodar. Pobre Cameo.

Pobre Lazarus. O desejo por ela o atormentava. Poucos minutos antes, seus seios transbordavam em suas mãos, seus mamilos escorriam contra sua carne. Seu dedo estava dentro dela, suas paredes interiores quase o queimavam vivo. Os pequenos sons que fez na parte de trás da garganta eram pornografia auditiva.

O que não daria para despi-la, alimentar seu comprimento dolorido dentro dela, ter suas unhas escavando as costas e as pernas enroladas em torno de sua cintura...

Já está viciado nela.

Por qualquer motivo, o destino decidiu que ela era sua muçomavia. Ou talvez algo tão simples como a química corporal fizesse a chamada. De qualquer forma, a escolha... agradou Lazarus. De alguma forma, Cameo encontrou uma linha direta para a paixão que nunca sentiu por outra. Sua língua afiada e sua inteligência rápida o divertiam. O amor que ela tinha por seus amigos e familiares despertava inveja.

Ele queria ser o único, o único para quem ela se virasse para conforto.

O que quer não é o que precisa.

Ele riscou para fora dos limites do acampamento, sem querer que ninguém soubesse que deixou a tenda, e bateu os punhos no tronco de uma árvore enquanto amaldiçoava a lua repetidamente. As videiras se encolheram de medo. Um vento frio soprava ao redor dele.

Quando os ossos em suas mãos se quebraram, voltou para a tenda. Cameo dormia, inconsciente de sua turbulência.

Quando chegasse a hora, ele a deixaria ir como planejado. Não importava o que o espelho amaldiçoado lhe mostrou. Por que...

Os cristais em seus braços e pernas se espessaram mais uma vez. Agora centenas de rios brilhantes se ramificavam das veias endurecidas.

Como um fraco, quase a deixou cair quando a pegou no colo — quase deixou cair uma mulher que pesava menos que sua espada. Era risível. Mas ele não achou graça.

Cameo era muito mais perigosa do que jamais suspeitou. Porque ela o agradava. Enfraquecia mais que seu corpo — ela enfraquecia sua determinação.

Se não fosse cuidadoso, faria o que seus inimigos não conseguiram realizar. Ela poderia destruí-lo completamente.



CAPÍTULO 11

“Todos podem trair você uma vez. Erros acontecem. Só estou brincando. Ninguém jamais pode trair você. Sempre mantenha um executor na equipe”.

—Viva em seus próprios termos, maldição.

— Acorde, Raio de Sol. Comer.

Cameo piscou e abriu os olhos secos. Seu corpo doía como se tivesse acabado de sair de um acidente de carro. Uma ocorrência comum. O demônio havia se infiltrado em seus sonhos, fazendo-a virar e revirar na cama, uma hora após hora.

Enquanto estudava os arredores, arqueou as costas e esticou os braços acima da cabeça. A primeira coisa que notou — uma barraca feita a partir de uma pele de animal desconhecido. O único móvel? As peles brancas macias embaixo dela. A poucos metros de distância, um pequeno poço com uma fogueira crepitava, fumaça subindo e saindo pela abertura no teto.

O cheiro de ovos e manteiga saturava o ar, e sua boca se encheu d'água.

Um Lazarus completamente vestido puxou-a para uma posição vertical. Ele a soltou o mais rápido possível, como se o tivesse queimado. Um cenho franzido marcava seu rosto rude, o lindo macho alfa claramente irritado por alguma coisa.

Miséria tinha enfiado suas garras dentro do guerreiro?

Lazarus entregou-lhe um guardanapo de linho e um prato com ovos mexidos. Ovos *verdes* mexidos.

— O que, sem presunto? — Perguntou.

— Não temos porcos aqui. Me dê uma meia hora e vou adquirir uma boa picanha de Griffin para você.

Griffin. Um γρὺφῶν na Grécia antiga. Meio-leão e meia águia.

— Não, obrigado — ela deu uma mordida hesitante e gemeu de prazer. — Acho que não deveria ter achado que você era fã do Dr. Seuss.

— Quem é o Dr. Seuss? Um namorado do passado? — Ele cuspiu a palavra.

Os cantos da boca de Cameo torceram. Ora, ora, de que forma o humor dele mudou.

— Talvez seja. Ele tem uma maneira especial com as palavras.

Lazarus estalou os dentes pra ela.

— Que tipo de ovo é esse? — Perguntou ela.

— Serpente do Céu.

Uau! A criatura mais desagradável do reino tinha os ovos mais doces e suculentos? Isso era justo?

Ela engoliu outra mordida e perguntou:

— Isso vai fazer com que meus intestinos explodam?

— Somente seu núcleo. É afrodisíaco.

— Bem, aqui está sua explosão de núcleo — Cameo caiu dentro como se não comesse por anos. Depois de lambar o prato, enxugou a boca com o guardanapo.

Lazarus a observava com intensidade selvagem, fazendo-a estremecer.

— Pergunte-me qualquer coisa — ele sentou-se diante dela. — Vou responder com sinceridade, sem falhas.

Ele precisava de uma distração de sua própria virilha?

O que faria se ela se arrastasse para seu colo?

Resista ao impulso! Um, ele apenas lhe ofereceu um presente. Saber mais sobre ele? Sim, por favor! E dois, precisava de uma escova de dente. Não havia motivo para assustá-lo e afastá-lo com seu mau hálito da manhã.

O que perguntar, o que fazer? Ah!

— Por que está tão determinado a se vingar de Juliette? Houve momentos em que parecia gostar dela. *Apesar* do fato de ter escravizado você.

Seus olhos brilharam.

— Ela fez mais que me escravizar — seu tom ficou duro. — Antes de você, ela possuía a *Haste de Partir*. Ela faz mais do que abrir portais em outros reinos, ele separa o espírito da alma. Ela usou isso para tirar meu livre arbítrio, fazendo-me *pensar* que a queria. Mas os efeitos eram apenas temporários. Eu leria sua mente e iria ver os meus sentidos... e ela removeria

minhas mãos para impedir que eu a matasse, ganhando tempo suficiente para tirar meu livre arbítrio mais uma vez.

Horror trovejou através de Cameo, trazendo Miséria para a parte da frente de sua mente. Ele atacou com relâmpagos de tristeza. Lágrimas encheram seus olhos, obscurecendo sua visão.

Rígido como uma estátua, Lazarus estendeu a mão para capturar uma única gota, esfregou e peneirou a umidade com a ponta dos dedos.

— Cortesia sua ou do demônio?

— Ambos — ela usou o guardanapo de linho para assoar o nariz.

— Você é muito doce e carinhosa para seu próprio bem.

— Não sou — ela fungou. — É só que... você *sofreu*. Não é de admirar que estivesse disposto a deixar Strider decapitar você. — Ser enganado a acreditar que amava alguém que odiava... alguém que estava abusando de você de maneiras terríveis...

Cameo saltou em Lazarus, envolvendo-o dentro do círculo de seus braços e enterrando sua cabeça na cavidade de seu pescoço. Enquanto ele se debruçava em seu abraço, seus braços a rodearam.

— Me desculpe — disse ela. Quando voltasse para o mundo mortal, encontraria Juliette. Puniria a Harpia em nome de Lazarus.

O troco vai doer, puta.

— Não a desafie — ele ordenou, apertando-a. — Você pode ser ferida. Ou pior.

Ele voltou a ler sua mente, mas por uma vez, não conseguiu se importar.

— Ela não vai ser melhor que eu. — A Mãe da Melancolia tinha habilidades.

— Cameo...

Ela se agachou, cortando contato cheia de arrependimento, e voltou sua atenção numa direção diferente.

— Se a *Haste de Partir* pode separar o espírito da alma, também pode separar o espírito do demônio?

Miséria gritava obscenidades. Ele não desejava escapar dela. Na verdade não. Arrasar sua vida era muito divertido.

Agarrando seus ombros, Lazarus a sacudiu com força suficiente para calar o demônio. Um movimento alfa total, sua força e fervor estranhamente excitantes.

Desta vez, reconheceu o arco de eletricidade disparando através dela, pra não mencionar o calor e a consciência pulsando em diferentes partes do corpo.

— Não se atreva a tentar — ele grunhiu. — Se a *Haste de Partir* conseguisse você morreria. Não pode viver sem o demônio.

— Não, não posso. Não neste momento — sua cabeça inclinou para o lado, seu escrutínio sobre ele se aprofundando. Seu sangue cantava com o que ela supunha ser felicidade.

Meu primeiro gosto, e é glorioso!

— Mas não se preocupe, Poço Escuro. Não me permitirei morrer até que encontre a Caixa de Pandora e garanta a segurança eterna da minha família.

Ele começou a relaxar.

— Por que o pensamento de minha morte o incomoda? — Ela perguntou e ele se endireitou de novo. — Não sou nada além de um possível sexo casual de uma noite, certo?

— Não. Sim. — Ele ficou de pé e caminhou diretamente na frente dela. Uma mão se emaranhou em seus cabelos. — Estou com muitos problemas para salvar sua vida, Raio de Sol. O mínimo que pode fazer é viver isso.

Com licença?

— Como? Como está salvando minha vida?

— Neste reino, os vivos são um jogo justo. Se não tivesse concedido minha proteção, as serpentes do céu poderiam ter te matado mil vezes. Ainda nesse assunto, os cidadãos poderiam ter matado você para reivindicar direitos sobre seu corpo. Querem possuí-lo e passar pelo portal.

Ela se irritou com sua falta de confiança.

— Me subestima se acha que sou alvo fácil de alguém. Nessa questão — ela acrescentou, imitando-o — até Viola e as crianças conseguiriam sobreviver sem seu auxílio.

Seu olhar escuro crepitou com chamas de fúria.

— Você me entendeu mal. Juliette conseguiu o melhor de mim. Eu. O que faz você acreditar que pode... Hmmph.

Sem dizer nada, Cameo abriu a mão e lançou uma das adagas de diamante. A ponta ficou presa no ombro dele.

Um espesso rio de sangue escorreu da ferida. Sabia que ele tinha batimento cardíaco, apesar de sua morte, mas o lembrete austero a assustou.

De alguma forma, ele voltou à vida? Poderia atravessar o portal com ela? O entusiasmo floresceu.

— Não — ele disse, lendo sua mente. — Não posso.

A emoção morreu de morte trágica.

— Eu não sou como você. Poderia derrotar Juliette com os olhos vendados e as duas mãos amarradas nas costas.

Com os lábios franzidos, ele arrancou a arma ensopada de vermelho.

— Um tigre ruge debaixo da fachada de gatinha. Estou feliz.

Urban invadiu a barraca sem aviso prévio, interrompendo o próximo “rugido”. Viu Lazarus e soltou um suspiro aliviado.

— Quero apresentar à deusa Viola um sinal de meu carinho. O que os homens devem dar às mulheres?

Que adorável.

— Urban, querido. Você é jovem demais para cortejar uma mulher. Você não pode...

O garotinho se encolheu e Cameo apertou os lábios.

— A cabeça de um inimigo é sempre um toque agradável — interveio Lazarus.

O que! Ela deu uma sacudida inflexível de sua cabeça.

— É isso o que vai fazer por ela? — Urban balançou o polegar na direção de Cameo. — Dar-lhe a cabeça de um inimigo?

— Não — Lazarus sacudiu sua cabeça. — Vou lhe dar o coração de um autômato.

Hum, obrigado? Autômatos, às vezes chamados de Colossos, eram meio homem ou animal, meio metal.

— Na verdade, vou sair pelo resto do dia — ele amarrou duas espadas curtas nas costas. — Para passar pelo portal,

um sacrifício deve ser feito. Para que quatro pessoas passem, um grande sacrifício deve ser feito. Autômatos são grandes o suficiente para um exército.

— Eu vou com você — disse ela. De jeito nenhum poderia ficar parada.

Por quê? Não pode ajudá-lo, Miséria sussurrou. Você é uma mulher. O sexo mais fraco. Só vai atrapalhar.

Mentira, apenas mentira. Ela treinou. Derrubou reinos. Sobreviveu a inúmeras rodadas de tortura. Foi derrubada, mas sempre se recuperou. E isso — essa era a força verdadeira.

— Não — disse Lazarus, seu tom intratável. — Vou sozinho.

Ela encontrou seu olhar estreito e ergueu o queixo, sabendo que retratava a própria imagem da teimosia.

Não era a única.

Considerava-se forte o suficiente para derrotar um autômato sem ajuda, e provavelmente era. Mas não o deixaria arriscar sua vida — ou morte — sem arriscar a dela.

Viola pisou na tenda, Fluffy diretamente atrás dela.

— Tudo bem, estou cansada de ouvir atrás da porta. Posso nos levar ao território do autômato e ao portal até o final do dia.

Coração batendo contra suas costelas, Cameo saltou em pé. Partir com Lazarus hoje?

Cedo demais!

Um músculo saltou debaixo do olho de Lazarus e ela se perguntou se ele teve o mesmo pensamento sobre ela.

— Não.

— Olá Viola — Urban acenou para ela antes de executar um arco gracioso. — Como está?

A deusa lhe deu um olhar estranho, mas acenou de volta.

— Não é óbvio? Estou tão incrível quanto sempre.

— Como pode nos levar ao portal? — Cameo perguntou, ignorando Lazarus. Quanto mais tempo passasse em sua presença, mais rápida sua resistência desmoronava. Quanto antes se separassem, melhor.

— Uh, olá. Sou a deusa da vida após a morte. Talvez eu conheça atalhos através dos reinos do espírito. — Ela acenou com os dedos para Lazarus, o anel em seu polegar brilhando na luz. — Talvez isso me permita pular entre os reinos, nos colocar no território do autômato, e diretamente na frente do portal. Quem sabe, realmente?

Lazarus deu um passo na direção dela, uma torre de agressão ameaçadora.

— Quero o anel. Me dê isto. Agora.

Viola recuou, mesmo enquanto a princesa Fluffikans e Urban pulavam na frente dela para bloquear seu caminho.

— O anel é meu — disse a deusa. — Eu o roubei de forma justa e honesta.

— Não me faça cortar sua cabeça — disse o menino à Lazarus. Ele estalou os nós dos dedos. — Vou fazer isso. Não vou nem hesitar.

O diabo da Tasmânia gritou. Era uma criatura noturna. As manhãs não eram suas amigas.

— Ninguém vai cortar a cabeça de ninguém, e ninguém vai roubar a joia de mais ninguém. E todos vão bater antes de

entrar na tenda da tia Cam, onde quer que seja. Começando por hoje. Entendido? — Ela cruzou os braços sobre o peito. — Viola, concentre-se em mim e não no seu reflexo no anel. Boa garota. Agora responda algumas perguntas para mim. Tinha o anel o tempo todo? Por que não o mencionou antes? Pode usá-lo para nos levar para casa?

— Sim. Tinha tudo isso. E não o mencionei porque sabia que Lazarus, o Egoísta e Ganancioso tentariam reivindicá-lo. — Ela brincou com as pontas de suas tranças pálidas. — E não. Só posso usá-lo para nos levar a outros reinos espirituais.

— Me dê o anel. Por sua própria vontade — ele acrescentou. — Considere o pagamento pelo assassinato do autômato.

Viola afofou os cabelos.

— Vou matá-lo sozinha, obrigada. Tenho habilidades loucas. E sempre posso usá-lo como escudo. — Ela apontou o polegar na direção de Urban. — Vou sobreviver e voltar para casa. Você pode explicar ao Sr. e Sra. Maddox por que seu filho está morto.

— Ei! — Ever pisou na tenda, cor saltando em suas bochechas. — Sou a única que pode usar meu irmão como escudo.

— Aqui está a questão — disse Viola a Lazarus, ignorando a garota. — Se eu lhe der o anel, você me deixará para trás. Isso é um problema. Quero ver a casa do autômato.

Lazarus estendeu os braços, agindo como o último homem são do universo.

— Quer morrer, então.

Ok, isso estava ficando fora de controle.

— Se der a ele o anel, Viola, pode ir conosco. Em breve estará deixando os reinos espirituais, de qualquer forma, então não precisará do anel. Um lugar para outro? Urban, Ever. Parem de chorar. Vocês ficam aqui com os guardas. Os adultos estão indo fazer algo adulto.

Ela se preparou para uma bofetada de luxúria e encontrou o olhar de Lazarus.

— Você. Ajude-nos a conseguir o que precisamos e vou te dar um beijo de adeus.

* * *

Cameo escovou os dentes com a escova e pasta que Lazarus lhe deu e se banhou numa bacia cheia de água gelada. Refrescada, vestiu-se com uma camiseta e jeans fornecidos pela deusa.

Aparentemente, Viola usou seu anel de abertura de portal na noite passada, pegando centenas de camisetas que fez semanas antes, planejando dar as roupas pequenas demais a todos no reino. Cada camisa tinha uma mensagem diferente, mas todas as mensagens significavam exatamente a mesma coisa.

Eu Coração Viola.

Time da Viola.

Se não puder ter Viola, prefiro a morte.

Saí com a deusa da vida após a morte e tudo que consegui foi essa camiseta surpreendente.

Lazarus usou o tempo para acariciar seu novo anel e se mexer sobre... Cameo não tinha certeza. Ele queria que ela vestisse sua roupa de *Jeannie é um Gênio*? Estava tagarelando sobre ter companhia em sua missão de coração-do-autômato?

Não queria que Cameo o deixasse?

O pensamento a eletrificou, e por uma vez, nada que Miséria fez para contrariar a sensação a afetou. Seu sangue continuava a ferver, seus ossos vibrando.

Matar um autômato, beijar Lazarus e adeus.

Cameo juntou-se ao guerreiro, Viola e Princesa Fluffikans fora da barraca. A luz do sol cintilava num céu implacável. Felizmente as asas das serpentes do céu atravessaram uma grande distância e lançaram a quantidade perfeita de sombra.

Os guardas correram ao redor do acampamento, procurando as crianças, que decidiram brincar de esconder-e-queimar-quem-procurar. Ela teria se preocupado, mas risadinhas lúgubres flutuavam ao vento, assegurando que tudo estava bem.

Além disso, Viola disse à Urban para vigiar sua irmã, ficar junto às tendas e não matar ninguém. Ele concordou, dizendo:

— Para você, meu doce, qualquer coisa.

Maddox iria enlouquecer quando descobrisse a paixão de seu filho.

—... vão permanecer aqui — Lázaro estava dizendo a um grupo de seus homens. — Vão proteger minha carga com suas vidas.

Carga. Bem. As crianças foram chamadas de pior.

Uma borboleta escolheu esse momento para voar para o acampamento e pousar no ombro de Lazarus, e uma súbita sensação de terror sufocou Cameo.

Algo terrível aconteceria hoje.

— Faça o que ele diz e protejam as crianças com suas vidas — ela gritou — ou vou remover suas espinhas através de suas bocas... enquanto canto.

Um choque de lamentos agonizantes estourou.

Lazarus a encarou, admirando a cintilação no fundo de seus olhos escuros. Admiração... e só um pouco de raiva. Ele dirigiu-se a ela, a borboleta alçando voo.

— Mandando em meus homens agora?

Ela se manteve firme. *Fui criada para a guerra. Não vou me render a ele nem a nenhum homem.* Mesmo quando o cheiro de chocolate e champanhe daquele homem provocava seus sentidos.

— Agora e sempre — disse ela.

— Tem certeza que quer ir comigo? — Ele rastreou a ponta do dedo ao longo de sua mandíbula, enviando arrepios através dela. — Se for prejudicada, ficarei muito descontente.

— Não se preocupe. Não vou perder nosso beijo de adeus.

Ele se inclinou, o nariz escovando o dela, sua respiração quente descendo por seu queixo.

— Sabe que sou um homem vingativo e ainda assim me insulta. É corajosa ou tola. Não tenho certeza qual. Sei que quero mais do que um beijo. Quero minha noite.

— Vou para casa. — Por enquanto. Retornaria aos reinos espirituais pela terceira vez para procurar pela Caixa de Pandora.

Sua busca a levaria de volta ao reino de Lazarus?

— Os outros podem passar pelo portal hoje. Você pode passar amanhã.

Passar uma única noite com ele? Foi o que ofereceu na segunda visão do espelho...

— Desculpe, mas eu...

— Não diga não. E não me faça esperar pelo meu beijo. Quero isso agora. — O olhar que ele lhe deu... era como se fosse a única mulher algum dia nascido. A única mulher que podia ver. A única mulher que sempre quis. — Me dê isto.

Desse jeito a despojou de inibição e apreensão, e expôs a crueza de seu desejo. Negar-se a ele não era opção, mas ajudá-lo não era sábio.

— Você quer? — Ela grunhiu. — Pegue.

Ele agarrou sua nuca e a puxou contra a linha sólida de seu corpo. Enquanto ela ofegava, pressionou a boca contra a dela e enfiou a língua profundamente. Assim como seu cheiro, seu gosto devastou os sentidos dela; era tão escuro, rico e doce como um bom vinho, e mais intoxicante do que ambrosia.

Em seus braços, ela ganhou vida.

O fogo em seu sangue aqueceu até ferver, e queimou-a de dentro pra fora a sacudindo e ela gemeu. Seus ossos dissolveram. Para permanecer ereta, tudo que podia fazer era agarrar-se nele.

Ele a beijou sem reservas, como se quisesse saboreá-la. Ele a beijou como se quisesse *devorá-la*. Como se fosse um tesouro que havia buscado por toda a vida — como se planejasse apreciá-la para sempre.

Quando a paixão e o prazer colidiram com a tristeza do demônio — a paixão e o prazer ganharam! Cameo balançou em choque, suas unhas afundando nos ombros largos de Lazarus. *Tão forte. Tão masculino.*

Como posso deixá-lo ir?

Um rosnado reverberou em seu peito quando o tom do beijo mudou. De exploração fundida a um consumo imparável. Sua sede um do outro era inextinguível. Ele se esfregou contra ela, a sensação de seu eixo incrível. Era duro, longo e grosso.

A respiração de Cameo misturou-se com a dele até que estavam inalando o mesmo ar. Até que ela...

Ouviu um suspiro feminino de aborrecimento?

Lazarus a soltou e deu um passo atrás, nenhuma parte dele a tocava. Uma farsa. Cameo ofegou, seus joelhos tremendo, seus membros lutando para voltar ao seu estado sólido.

Fúria escureceu suas feições e ele cuspiu.

— Distração mata.

Espere. Ele a culpava pelo beijo?

—... nunca posso ter o suficiente de mim — dizia Viola.
— O mesmo não é verdade para vocês dois. Podemos ir agora?
Estou atrasada para um encontro muito importante.

Lazarus enxugou a boca com as costas da mão. Como se o gosto de Cameo fosse de repente repelente para ele. Ele se concentrou em seus homens.

— Se houver algum dano às crianças, é melhor correrem. Não que isso seja bom para vocês. Vou persegui-los.

Miséria riu e Cameo murchou...

Não! Não dessa vez. Ela ergueu o queixo e enquadrou os ombros. Lazarus lhe deu um prazer inegável, silenciando os efeitos do demônio. Perdoaria seu comportamento brutal, qualquer que fosse a razão para isso.

Mas vou esquecer?

Ela apertou uma mão no seu estômago. Sua rejeição doeu, sim, mas veio como resultado de seu beijo. A única grande experiência de sua vida. Preferia perder um membro que essa memória.

Para Viola, ele disse:

— Diga-me como usar o anel.

— Desculpe — A deusa estendeu a mão, palma para cima.

— Preciso mostrar a você.

Ele abriu e fechou a boca. Com uma maldição violenta, renunciou ao controle do anel.

— Se isso for um truque...

— Por que ela te enganaria? — Exigiu Cameo. — Neste momento, todos temos o mesmo objetivo.

Ele a ignorou, nem sequer olhou em sua direção.

Viola soprou um beijo para seu animal de estimação.

— Não há motivo para se preocupar. Mamãe vai voltar. — Ela acenou o anel pelo ar e uma fenda cortou a paisagem. Uma

abertura entre um reino e outro, o suficiente para que um Lazarus de 2,15m de altura atravessasse com facilidade.

Cameo seguiu em seus calcanhares e a deusa a seguiu. A fenda fechou com um *estalo* audível.

Um terreno deserto estéril os cercava, o calor quase insuportável. O suor secou sobre a pele de Cameo. O chão era queimado, a terra preta e em camadas com carvão, enquanto os rolos de fumaça ondulavam de rachaduras vermelhas. O céu não era melhor, nuvens grossas vazando uma substância oleosa e negra.

Viola saltou para uma rocha e sentou-se para lixar as unhas.

— Decidi ficar no banco. Continuem sem mim.

O que! Ela insistiu em vir apenas para ignorar a ação?

Lazarus marchou sem cerimônia, tirou o anel do dedo dela e seguiu em frente, tudo sem falar uma palavra. E ela era a chamada Mãe da Melancolia. Ele devia ser o Pai da Festa da Piedade.

Cameo correu para alcançá-lo e manteve o ritmo ao seu lado. A terra carbonizada logo deu lugar a um caminho de paralelepípedos.

— Já lutou contra um autômato? — Ela perguntou.

— Quando era criança, meu pai me deixou no meio de uma horda. Literalmente. Ele me disse para não voltar para casa sem um pedaço de metal e me empurrou atrás de uma serpente do céu.

— Isso é horrível, Lazarus!

— Não. Isso é a vida. Meu passado me forjou no homem que sou hoje. Forte e destemido.

— E humilde?

Ele assentiu.

— Minha humildade é das minhas coisas favoritas sobre mim.

Um sorriso tentou florescer no rosto dela.

— Faria algo tão entusiasmado com seu próprio filho?

— Nunca terei filhos — ele respondeu facilmente.

— Porque não pode ou porque não quer?

— Não quero?

Ele não tinha certeza?

— Você quer filhos? — Perguntou ele.

Imaginou-se como mãe e Lazarus como pai. Seria protetor de sua ninhada. Provocaria seus meninos e meninas quando chorassem, fazendo as lágrimas virarem riso.

Seu coração espremeu com saudade.

— Eu quero — ela admitiu. — Um dia. Mas só se eu estiver livre do demônio.

Chegaram a um banco de árvores retorcidas. Com a ajuda de Lazarus, os galhos estapearam as bochechas dela suavemente. Sua própria piada pessoal? Ou um meio de mantê-la fora da tristeza?

Ele me ajuda, não é?

Se ao menos pudesse mantê-lo. Graças ao espelho, sabia que o perderia se ficasse aqui.

Mas o que aconteceria depois que o deixasse?

Ela retornaria, conforme o planejado? Ele encontraria uma maneira de passar pelo portal? Ele podia?

Ela desejou que o espelho tivesse mostrado o resultado da segunda opção.

Enquanto caminhava adiante, ela se assegurou de pisar apenas onde Lazarus pisava, mas sua pisada era tão leve que muitas vezes teve problemas para detectar sua pegada.

No final do caminho, pararam. Lazarus manteve uma mão no bolso, sacudiu algo e usou a outra para segurá-la ao lado dele. Ela estremeceu enquanto estudava o terreno — uma montanha com uma boca aberta, a abertura de uma caverna.

— Sinto apenas uma presença dentro da caverna — ele sussurrou —mas muito poder. — Uma pausa. Um sorriso perverso para deixá-la louca. — O meu é mais forte.

— Desde que sou mais poderoso do que você, a fera de metal não tem chance contra mim.

Ele bufou.

— Está dizendo que é mais poderoso do que eu? — Ela exigiu.

— Não, não estou dizendo que você é mais poderosa que eu. Há uma diferença.

Homem engraçado.

Ele marchou dentro da caverna, uma adaga na mão, e mais uma vez ela o seguiu. Enquanto se moviam pela escuridão, o fedor de podre se agarrava ao ar. Membros cortados em diferentes estágios de decadência a fizeram tropeçar.

Não vai sobreviver à batalha que vem, Miséria provocou. Vou sentir sua falta quando estiver morta.

Ignore-o, disse a si mesma. Continue.

Lazarus pressionou contra uma parede rochosa antes de virar a esquina e Cameo fez o mesmo. Quando desceram uma inclinação e ao redor de outro canto, sons estranhos começaram a penetrar em sua consciência. Mastigação? Raspagem?

Uma luz cintilava no final do corredor. Uma tocha brilhante, percebeu. Viraram outra esquina e descobriram que as paredes estavam alinhadas com fileiras de tochas, levando a uma enorme sala cheia de lençóis e fragmentos do que parecia aço, titânio, tungstênio e Inconel e, no entanto, os metais possuíam um brilho leve, como se fossem místicos.

Como chamados a gosto.

Um rugido poderoso explodiu através do recinto e um enorme animal caiu do teto para pousar numa pilha de metal. Um fêmur pendia ao lado de sua boca como um cigarro. Um fêmur *humano*. Olhos de chama vermelha crepitante procurando... procurando...

Seu ritmo cardíaco aumentou. Um autômato de grifo com o corpo, a cauda e as pernas traseiras de um leão, mas a cabeça, garras dianteiras e asas de uma águia.

Quando ele abriu o bico para soltar um guincho agudo, viu os *dentes*. Picos de metal se estendiam do topo de sua cabeça, do maxilar e embaixo do queixo, seguindo ao longo de toda a espinha. A carne que possuía era uma mistura de penas e pêlos. Suas asas poderiam cobrir um campo de futebol

inteiro; brilhavam na luz das tochas e parecia que mil espadas foram soldadas juntas.

Com um único deslize, poderia cortar qualquer coisa em duas.

— Surpresa! — Gritou uma voz atrás deles. — Estou aqui para ajudar... a mim mesma pelos metais.

Cameo virou para encontrar uma Viola sorridente na caverna.

—Shh.

O grifo desencadeou um rugido monstruoso e voou na direção deles.

Lazarus agarrou Cameo e Viola e jogou-as ao lado com um único movimento de pulso. Elas bateram numa das pilhas, derrubando-a. O metal frio choveu sobre elas e Cameo gritou.

Não era de admirar que Lazarus não se queixasse de sua companhia. Planejava incapacitá-la o tempo todo.

Outro rugido ecoou, um de excitação. Um *whoosh* de ar, o abanar das asas. Um grunhido.

Lazarus estava lutando com o grifo sozinho. Qualquer outro dia poderia ter vencido. Hoje, uma borboleta tinha pousado sobre ele.

Tinha que ajudá-lo.

— Uau. Este é o agradecimento que recebo? — Murmurou Viola. — Prefiro flores.

Cameo lutou para se livrar do peso. Adagas ainda na mão, ficou de pé. Onde estavam... Lá! Lazarus subiu em cima de uma das pilhas. Ou foi deixado lá. O grifo pairava acima dele, cuspidendo veneno. Lazarus mergulhou fora do caminho

enquanto jogava a adaga cravada que frequentemente acariciava. Essa adaga cortou a garganta do grifo e saiu do outro lado — com uma traqueia travada num dos ganchos.

A perda mataria qualquer outra criatura. Esta sacudiu a cabeça, ferida, mas viva — e mais irritada. Ele mordeu Lazarus, prendendo seu pulso. Como Lazarus fez com ela e Viola, o dragão fez com ele, jogando-o do outro lado do lugar.

Minha deixa. Fira meu homem e sofra. Cameo se jogou na briga.



CAPÍTULO 12

“O medo não é seu amigo e não vai mantê-lo seguro. O medo é a primeira etapa da autodestruição”.

— Viva em seus próprios termos, maldição

— Verdades eternas para todo homem

Lazarus cometeu vários erros táticos, cada um deles crítico.

Ah, ele fez tudo que se estabeleceu para fazer. Escondeu as fêmeas sob uma pilha de aço. Obrigou o grifo a se concentrar apenas nele enquanto abria a mente para os pensamentos do animal: errático, escuro, vil, para prever cada movimento contra ele. Mas subestimou a resolução de Cameo e sua própria fraqueza crescente. Pensou que a luta terminaria rapidamente, então não lhe deu os presentes atualmente queimando um buraco no seu bolso. Tinha esperado que ela ficasse lá embaixo e salvasse a Viola mais fraca.

Em vez disso, Cameo atacou o grifo, movendo-se rápido demais para Lazarus e suas veias cristalizadas bloqueá-la.

Ela disparou passando pelo grifo e cortou seus tornozelos. No segundo que atingiu no chão, ela rolou e ficou de pé.

Thump. O pé da fera foi separado. Um grito agudo quase rompeu os tímpanos de Lazarus. Ao mesmo tempo, a raiva o consumia; através de sua conexão com a besta, sentiu o fogo branco da emoção em cada célula.

Para o grifo, Cameo tinha acabado de ser marcada para uma morte sangrenta.

Quando Lazarus gritou:

— Não — pulando para ela com toda a intenção de abrigar seu corpo com o dele, o grifo abriu as asas. Uma asa varreu por Lazarus e quase o rasgou em dois. A outra passou por Cameo. Ela saltou do caminho e... sim! Alcançou a zona de segurança. Ou o faria, se outras lâminas não se desdobrassem da ponta da asa, atraídas por ela como se ela fosse um imã.

Lazarus observou com horror, impotente, enquanto as lâminas passavam pelo meio dela.

Seus olhos se arregalaram e ela grunhiu de choque e dor. Tremendo, deixou cair suas armas e apertou as feridas.

Sangue e órgãos derramaram no chão enquanto os joelhos dobravam.

Não, não!

O grifo adorava a visão e o cheiro de sua lesão. Ele apertou os dentes e inalou profundamente.

Naquele. Mesmo. Segundo. A amarra no controle de Lázaros estalou, sua própria raiva ultrapassando-o. Ele se tornou a coisa de pesadelo.

Pela primeira vez em sua vida ou morte, as presas brotaram de suas gengivas, mais letais que qualquer espada. Garras cresceram da ponta dos dedos, mais agudas que qualquer arma. Suas veias queimavam como se lava derretida as atravessasse, mesmo enquanto os cristais cresciam.

Mil vezes quando criança testemunhou essa transformação tomando seu pai, fazendo-o forte. Invencível. Em todos seus anos com Juliette, rezou para que isso acontecesse.

Lazarus era cada centímetro o filho do monstro.

Enquanto ele corria para a frente, o grifo mastigava o pescoço de Cameo. Ela não deveria ter força para se mover, mas por algum milagre conseguiu se virar, os dentes da criatura afundando em seu ombro. Suas costas se curvaram e ela gritou.

Lazarus agarrou o pelo embolado, suas garras cortando todo o caminho até o osso. Ele varreu com seus pés — um movimento que assistiu Cameo executar contra suas serpentes do céu quando invadiu sua mente pela primeira vez e testemunhou suas memórias de batalha — e caiu diante dela, ao mesmo tempo que usava seu impulso para cortar a espinha do grifo em duas.

Ferir... mais.

A cabeça da criatura estava pendurada num ângulo estranho. No entanto, a falta de controle muscular não impediu que arrastasse seu peso contra Lazarus.

Esperando a ação, Lazarus bloqueou, enterrou garras afiadas no peito do grifo e jogou-o do outro lado da caverna.

Lazarus riscou, encontrando o grifo quando pousou batendo as presas em seu pescoço vulnerável. Ele balançou a cabeça e arrancou a traqueia regurgitada do bastardo, óleo negro pulverizando da ferida.

Mais!

Lazarus usou suas garras para cortar as asas de metal em tiras... para cortar as escamas tão facilmente quanto manteiga.

Uma piscada de pensamento racional. *Cuidado, precisa do coração.*

Ele soltou o órgão morto murcho de lado. Então piscou, superado pela loucura mais uma vez. Lá se foi o rosto. Os ombros. Toda a cavidade torácica, o que restava dos órgãos rasgados em tantos pedaços que eram irreconhecíveis.

Primeiro o grifo lutou, desesperado por afastar a implacável brutalidade de Lazarus. Como o óleo negro continuava a pulverizar, a fonte de sua vida após a morte drenava, juntamente com sua força. Ossos estalaram e quebraram até o grifo não se mover.

— Estou mantendo isso! — Disse Viola. — E isto. E isto. Isto, isto e isto. Ah! Cameo, viu isso? Lançamos o método mãe dos metais. Estou chorando? Acho que estou chorando. Posso construir armaduras... a casa dos meus sonhos. Posso proteger a mim e ao meu Fluffikans de todos.

Arqueando, Lazarus escrutinou a caverna até encontrar Cameo. Ela conseguiu colocar seus órgãos internos dentro de seu torso, sua carne no processo de se unir.

Uma linda onda de alívio o varreu. Ela se curaria. E agora sempre saberia a verdade. Ele podia defendê-la de qualquer perigo.

Apesar da minha fraqueza, sou mais forte do que nunca.

A percepção o reforçou. Isso significava... Poderia ousar mantê-la?

— Por aqui, Lazarus — chamou Viola. — Vem me ajudar. É o mínimo que pode fazer desde que estou deixando você emprestar meu anel, certo? Você *meio* que me deve uma. Das grandes. E este *pequeno*. Ah! E este. E por esse *meio* eu quero dizer *definitivamente*.

— *Meu anel.* — Lazarus levantou-se.

Não podia ir para Cameo assim, não enquanto estava num estado tão frágil. Ele respirou e saiu com propósito, concentrando-se num único pensamento, num esforço para se acalmar. Estaria beijando sua mulher em algum momento hoje. Terminaria o que começaram...

Suas veias chiaram quando a raiva inclinou-se para a excitação. Ele ficou duro como uma pedra, sua ereção esticando contra seus couros, latejando, desesperada pelo aperto da mão dela, pela boca. Sua linda boca vermelha, com lábios tão cheios e suaves. Suas paredes internas quentes e úmidas. Quão bem apertou seu dedo.

A mulher foi feita para ele. Ela ganhou vida no círculo de seus braços. Ele, e apenas ele, poderia levá-la ao clímax.

Só tinha que provar isso para ela.

O vermelho diminuiu de sua visão. O gosto amargo de grifo se apagou, e suas presas e garras se retraíram.

Vou dar prazer a ela todos os dias, a cada hora...

Entre um batimento cardíaco e o seguinte, sua fraqueza retornou. Suas veias se estreitaram, os rios de cristal espalhando-se.

Suas mãos fecharam em punhos.

Não, não conseguiria manter Cameo.

— Lazarus? — Sua voz áspera suplicou.

Ele pegou o *kris* e se aproximou dela. Ela não se moveu do chão. Ele enfiou os braços debaixo dela e a ergueu suavemente, encaixando-a contra o peito.

Ela parte em breve. Devo aproveitá-la enquanto puder.

Com um suspiro, ela relaxou contra ele.

— Sabia que tem carne de grifo debaixo de suas unhas?

Ele zombou dela.

— Quer dizer que *deve ter* acessório dos reinos espirituais?

Ela bufou, então fungou.

— Eu sinto muito. Queria ajudar, não atrapalhar. Pensei que estivesse condenado e não queria... desculpe.

Condenado? Ele avaliou seus pensamentos.

Ela enrijeceu, apenas para soltar outro suspiro.

— Bem. Faça sua coisa. — O escudo caiu, sua mente se abrindo para ele, enchendo-o de satisfação e possessividade.

Um clipe de sua vida tocava dentro de sua cabeça. Mais cedo, uma borboleta voou pelo campo e pousou em Lazarus. Ela entrou em pânico. Ao longo dos séculos, as borboletas tornaram-se um sinal de catástrofe iminente para ela.

Um sentido de maneira distorcido, ele supôs. Sobre sua possessão demoníaca — uma ação contra ela — uma borboleta foi marcada em sua carne.

Lazarus viu a marca em seus colegas guerreiros, mas nunca sobre ela. Devia estar escondida debaixo de suas roupas...

Rastrearei minha língua em cada centímetro dessa marca.

— As borboletas são atraídas por mim — ele disse a ela.
— Sempre foram. Elas me ajudam, nunca me condenam.

Suas sobrancelhas franziram.

— Mas por que são atraídas para você?

— Devem ser fêmeas.

Ela riu. Então seus olhos se arregalaram de surpresa.

Ele queria bater no peito com orgulho. *Eu a diverti*. Agora devo acalmar seus medos.

— As borboletas são sinais de sucesso iminente, Raio de Sol. Se deixarem sua crisálida facilmente, suas asas estão enfraquecidas. Ela deve se esforçar para sair ou nunca terá força para voar. Mas porque ela voa, traz força para você.

— Você acha?

— Eu sei que sim.

Numa rara mostra de carinho, ela acariciou seu peito. A ação simples quase o deixou de joelhos.

Ele a queria por tanto tempo, e agora a tinha. Em seus braços. Em seu reino. *Tome-a!*

Não aqui, não agora.

Ele a carregou para Viola, que estava tão pesada por pedaços de metal que não conseguia endireitar sua espinha.

— Nunca poderá caminhar por um portal.

— Então vou correr. E vou criar um portal aqui, muito obrigado. — Ela acenou com a mão, o anel que deu a ele então tomou de volta, depois cedeu a ele mais uma vez em seu dedo. Quando uma fenda não conseguiu se formar, ela explodiu. — Não está funcionando.

Ele colocou Cameo de pé e tirou o anel do dedo de Viola, dizendo:

— Devemos voltar ao ponto que entramos. As costuras que mantêm o reino juntos são mais maleáveis lá.

— Me carrega? — Perguntou a deusa, batendo seus cílios.

— Não farei...

Cameo olhou para ele com olhos suplicantes, olhos cintilantes?

— Ela está deixando você emprestar seu anel favorito. Não deveria ajudá-la?

Uma Viola sorridente colocou uma mão sobre seu coração.

— As pérolas de sabedoria que está deixando cair agora são adoráveis, Cameo, minha querida. Embora não seja tão adorável quanto meu novo titânio. Olhe! — Ela acariciou uma lâmina de metal.

Ele devia permanecer firme e pelo menos fingir ter defesa contra sua mulher guerreira.

— O anel é meu para sempre. — Uma arma que poderia usar a seu favor. — Mas irei levar a deusa porque você oh, pediu tão docemente. Só espero um benefício em troca.

Cameo sorriu, um rápido subir e descer de sua boca, mas um sorriso era um sorriso, e seu peito inchou de orgulho pela segunda vez. Era viciado em sua diversão e queria mais. Queria um sorriso cheio da próxima vez. Ou uma risada imparável.

— Deixe-me adivinhar — disse ela. — Tenho que passar a noite com você?

Ele rastreou a linha de sua mandíbula, adorando a sensação de sua pele sedosa. Então se inclinou para sussurrar em seu ouvido:

— Não seja ridícula, Raio de Sol. Nunca deixaria espaço para interpretação. Exigiria que passasse a noite comigo... nua e ansiosa pelo meu toque.

Quando ele ergueu a cabeça para contemplar seus olhos — não mais cintilantes, mas queimando — cor adorável escurecia suas bochechas.

— Se eu disser não? — Ela perguntou, seu tom esfarrapado.

— A deusa caminha.

Pequenas respirações ofegantes a deixaram. Uma reação tão contente o agradou. Seu desejo por ele cresceu, sua capacidade de ignorar a tristeza do demônio ficando mais fácil. Ela queria passar a noite com ele.

— Eu... — ela começou.

A poeira chovia das vigas. Mil rugidos de repente ecoaram pela caverna, silenciando-a.

— Uh-oh. Mais autômatos — disse Viola.

Muitos mais. Seus pensamentos bateram na consciência de Lazarus de uma só vez, uma explosão terrível de ódio, malícia e raiva. Sentiram a morte para sempre de seu parente e tinham fome de vingança.

— Depressa! — Cameo agarrou sua mão e tropeçou pra frente. — Não estamos em condições de lutar outra batalha.

— Posso lutar contra qualquer um, a qualquer momento e sair vitorioso. — Mas mesmo enquanto repreendia a censura, determinado a mascarar sua própria condição enfraquecida, sabia que outra batalha colocaria sua mulher em maior risco e não permitiria isso.

Ela vinha em primeiro lugar.

Hoje. Apenas hoje.

Ela escolheu lutar por ele. Colocou-se voluntariamente em perigo em seu nome. Não porque tivesse ordenado ou porque seria recompensada. Seu único objetivo foi sua proteção.

A lealdade não era um presente que já havia recebido. Até agora. Até ela.

Juliette, que alegava amá-lo, nunca colocou suas necessidades antes das dele. Seus homens lutavam por ele porque temiam sua ira, não por nenhuma outra razão.

Espanto queimou através dele. Ela o escolheria acima dos seus irmãos por circunstância? Será que confiaria nele para mantê-la segura... confiaria nele para cuidar da Caixa de Pandora?

Quero que ela me escolha. Sempre, só eu.

Os dois lados dele — autoprotetor versus possessivo — envolvidos num violento conflito de guerra. *Esteja com ela por um dia... esteja com ela para sempre... uma semana... para sempre.*

Como ele poderia desistir dela?

Foco!

Ele beijou os nós dos dedos dela antes de puxar-se de seu aperto. Ele pegou o coração do grifo. Mais rumores soaram. Mais sujeira caiu na cabeça deles. Os grifos se aproximavam.

Lazarus entrelaçou a mão livre com Cameo e correu da caverna. Uma vez que limparam a montanha, Viola pegou velocidade e reivindicou a liderança, pesada pelos metais, mas não mais afetada pelo seu peso volumoso. Sua vontade de sobreviver em seus próprios termos devia ser mais forte que quaisquer limitações físicas que incorreu.

A deusa não era o elo fraco que ele considerava.

— Mais rápido — ele ordenou, puxando à frente de Viola. Na selva, a gazela mais lenta era comida.

Apesar da lesão de Cameo, ela correu com elegância inata.

Enquanto corriam em torno de árvores queimadas e manobravam em torno de galhos afiados e nodosos, Viola decidiu cantar uma música que ela não conseguia lembrar.

— Correndo alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa. Segurando alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa. Tentando alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa.

Esperava que ela esticasse os braços e girasse. Enganada pelo narcisismo como estava, devia acreditar que ninguém e

nada tentaria prejudicá-la — devia considerar-se muito valiosa para prejudicar.

Um dia, alguém provaria que estava errada e ela sofreria muito por isso.

Quando o grupo deles alcançou o montículo de pedregulhos aonde chegaram pela primeira vez, o suor o banhava. Seus pulmões queimavam.

Atrás deles, uma nuvem escura de fumaça atravessava o horizonte direto para eles.

Lazarus acenou com a mão enquanto esfregava o polegar sobre o anel criando fricção, exatamente como Viola fez anteriormente. Depois de ler sua mente, sabia evocar o reino que desejava entrar.

Os pulsos elétricos atravessam a paisagem, criando uma fenda. As motas de poeira brilharam, dançando numa súbita onda de vento através do portal. Ele puxou Cameo e a deusa seguiu. O portal fechou-se atrás deles.

O alívio abundou. Conseguiram. Escaparam.

Eles pararam para respirar.

— Uau — disse Viola. — Aquilo foi...

Outro portal foi aberto, os grifos zumbindo através.

— Droga — Cameo disse asperamente.

Bem, inferno. Lazarus aumentou seu aperto nela, avançou e assobiou. Um segundo depois, o silvo de suas serpentes do céu atravessaram a terra. Poucos segundos depois, a horda o encontrou, pairando acima, esperando seu comando.

— Ataque! — Ele gritou.

— Seus animais de estimação podem ganhar? —
Perguntou Cameo entre respirações ofegantes. — São
superados em número de três para um.

— Elas podem. Elas vão. Pobre grifos.



CAPÍTULO 13

“Não há segundas chances pra matar à primeira vista.”

— Verdades eternas para todo homem

Cameo sentiu uma mudança em Lazarus assim que seus soldados vieram à vista. Qualquer sinal de emoção mais suave evaporou. Ele se tornou um homem sem uma pitada de vulnerabilidade. Um homem determinado a matar qualquer um que pudesse detectar.

O que descobriu de sua luta com o grifo: se decidisse atacar, seu oponente não sobreviveria.

Nunca, em todos seus dias, ela viu mais agressão, raiva mais escura ou brutalidade retorcida. E vivia com onze imortais possuídos por demônios!

Será que Lazarus percebeu que sorria enquanto rasgava o grifo em tiras?

Ficou fascinada com a beleza dele. Sua variedade de tatuagens — as que podia ver em seus braços, de qualquer maneira — brilhavam com vida e vitalidade, e ansiava ver o

resto dele nu. Ele se movia rapidamente, com tanta habilidade, e com uma graça tão fluída, que parecia deslizar na água.

Se podia praticar tal violência sem uma forma corporal, que façanhas poderia realizar se alguma vez se juntasse à terra dos vivos?

Ao seu grito, seus homens carregaram as tendas em tempo recorde.

— Monte — ele guardou o coração do grifo numa mochila pendurada em seu cavalo alado e saltou sobre a sela.

Cameo ofereceu sua mão, e ele a puxou na frente dele.

As feridas em seu ombro e no meio do corpo pulsavam, mas ela engoliu em seco. Nenhuma razão para fazê-lo sentir-se mal — assim como Miséria sempre fazia com ela — quando ele só queria ajudá-la.

— Onde estão as crianças? — Viola girou em círculo, seus traços delicados contorcidos de preocupação.

— Seu futuro marido está aqui, deusa. — Urban trotou seu cavalo ao seu lado.

Ever andava atrás dele.

— Sua paixão é oficialmente assustadora, irmão.

— Concordo — disse Viola, mesmo quando exalava com alívio. — Não quero me gabar, mas apenas concordaria em me casar... comigo mesma.

— Vai mudar de ideia — insistiu o menino.

Deus ajude as senhoras quando ele se tornar adulto.

Desde seu nascimento, Urban e Ever foram protegidos do resto do mundo. Com suas habilidades, tinham que ser. Além disso, sempre que estavam irritados, chifres brotavam de suas

cabeças e garras se estendiam de seus dedos. Pele bronzeada se transformava em escamas coloridas e seus olhos ficavam vermelhos. Por serem tão jovens, tinham pouco controle sobre a transformação.

— Você tem o anel. Pode usá-lo para levar todos para o portal. Vou te encontrar lá — Viola acenou para eles irem. — Vão. Agora! — Então ela desapareceu antes que alguém pudesse protestar.

— Viola pode riscar — Lazarus estalou as rédeas do garanhão. — Bom saber.

Ele coletava informações sobre os outros, apenas no caso do aliado se tornar inimigo, ela adivinhou.

Estou aprendendo com ele, Cameo percebeu.

— Não quero usar o anel enquanto os grifos estão tão próximos — disse ele.

— Concordo.

Ao levantar a carga do acampamento e as criaturas longe do sangue deles, ela decidiu monitorar a batalha e jogou uma perna sobre a cabeça do cavalo, com cuidado para não impedir suas asas. Então chutou a outra perna ao redor da cintura de Lazarus, empurrando-o. Palmeando a semi-automática, ela examinou o céu e ofegou.

As serpentes e os grifos do céu colidiam com tanta força que uma rajada de ar aquecido explodiu, tremendo até o chão. Presas cortavam. Garras fatiavam. Os grifos utilizavam suas asas com ponta de metal. As serpentes do céu usavam suas caudas como chicotes, às vezes amarrando, às vezes

embrulhando em torno de focinhos, pescoços e membros para apertar e quebrar.

Antes, o nível de ameaça a impulsionou para o modo de sobrevivência, sufocando o demônio. Agora, Miséria exigia o que considerava o que lhe era devido.

As serpentes do céu te odeiam e, no entanto, lutam para protegê-la, simplesmente porque Lazarus o exigiu. Muitos morrerão hoje. Os sobreviventes vão te culpar. E com razão! Quanto tempo o desejo de Lazarus por você vai durar então, hmm? Um dia, vai olhar para trás e compreender que este é o momento em que trocou suas afeições por segurança.

Uma pontada de tristeza quase a cortou em duas. *Eles também o protegem*, ela retrucou.

Miséria mostrou uma imagem dentro de sua cabeça. A última cena que Cameo espiou no espelho: Lazarus se afastava, sem olhar para trás.

A tristeza redobrou.

— Está *literalmente* observando minhas costas? —
Diversão escura mergulhou na voz de Lazarus.

— Senhor, sim senhor. Sargento Cameo tem reportado para o dever.

— Dever... ou desejo? — Ele estava duro, longo e grosso entre suas pernas, sua ereção esfregando seu núcleo aquecido enquanto o cavalo galopava.

Ela gemeu, incapaz de escapar da fricção deliciosa, a pressão constante.

— Você é muito preciosa, Raio de Sol. — Ele mordeu o lóbulo da sua orelha, acendendo uma onda de arrepios dentro dela.

Ela? Preciosa? Não era uma descrição que alguém já usou para ela. Ela suavizou contra ele. Sua barba raspou a bochecha dela. Seus seios incharam para ele, e seus mamilos apertaram. Calor chocante a atravessou, lânguido e sensual.

Tão facilmente seduzida. Ele quer sua noite, nada mais...

Suas mãos apertaram seus punhais. Demônios arruinavam tudo!

— Diga-me — ordenou Lazarus suavemente. — Como Miséria me bloqueou desta vez?

— Por que não lê minha mente como sempre?

— Porque suspeito que tenha uma bomba aí.

Os cascos trovejavam cada vez mais rápidos. Captou a visão de um homem que apareceu no meio das serpentes do céu. Serpentes do céu que ele ignorou. Ele se curvou através dos grifos, usando as asas para cortar e dizimar os membros daqueles que estavam no caminho.

Ele usava uma tanga. Seus músculos eram maiores que os de Lazarus e a metade superior dele safira, a metade inferior esmeralda.

Ele abriu as longas asas emplumadas, apenas para retrai-las e cortar através dos animais. Em cada mão agarrava uma pequena machadinha.

— Quem é ele? — Perguntou ela.

Lazarus lançou um olhar por cima do ombro e franziu a testa.

— Não sei. Mas permitirei que viva porque não está prejudicando meus animais de estimação.

Verdade. Mesmo que os grifos e as serpentes do céu tratassem o recém-chegado como inimigo, mordendo-o e cortando-o.

— Me pergunto por que está te ajudando — disse ela.

— Ou você. Talvez seja outro dos emissários de Hades.

— Outro?

Ele desconsiderou sua pergunta, dizendo:

— Talvez esteja acalmando as serpentes do céu numa falsa sensação de segurança. Não importa. Elas também o derrotarão.

— Como pode ter tanta certeza?

— Meu pai as treinou, assim como me treinou.

Então... foram deixados em situações perigosas e deixados para se defender?

— Conheço a rainha Hera...

— Ex-rainha — ele criticou. — Seu título foi despojado.

— Certo. A ex-rainha escondeu seu pai, sim?

Sua expressão torceu-se com um faiscar de raiva.

— Sim.

— Diga-me. — Ela esfregou a bochecha contra a dele. — Por favor.

— Ele... perdeu a mobilidade. Podia andar com dificuldade, mas não conseguia balançar uma espada. Ela entrou e matou minha mãe enquanto ele e eu assistimos. Ele não conseguiu fazer nada a respeito disso e meus esforços foram ineficazes. Então ela riscou com ele para longe.

Dizer a ele *você era apenas uma criança* não aliviaria sua culpa. A culpa sempre encontrava um jeito de cutucar e despedaçar um coração que buscava a absolvição.

— Você não é mais um menino — disse ela. — É um homem. O mais forte que conheço.

Uma pausa pesada. Então, com dentes cerrados, ele disse:

— Sou como meu pai.

— Como?

— Sou... não quero mais falar disso. — Ele a ajustou mais firmemente contra si, seus polegares escovando contra a parte inferior de seus seios.

Uma distração? Que pena. Ela ignorou o ressurgimento do calor em seu corpo.

— A rainha, eu lembro, detestava a espécie masculina. Por que manteria seu pai?

Ah, Cameo ouviu os rumores. Zeus trancou Hera em sua torre, escravizando-a e engravidando. Então, quando a quebrou por fim, casou e a liberou. Durante os anos seguintes, Hera se provou inteira, dormindo com qualquer homem que o rei dos gregos considerasse amigo ou inimigo. Fez acordos secretos com outras rainhas poderosas para garantir que os machos mais poderosos do mito e da lenda perdessem tudo que queriam.

O formidável Typhon e sua esposa foram pegos na mira?

— Um troféu, talvez — Lazarus finalmente respondeu.

Ela apoiou a cabeça em seu ombro e envolveu seus braços ao redor dele, oferecendo conforto.

— Eu sinto muito.

— O relacionamento de Typhon com minha mãe o enfraqueceu.

Cameo ouviu amargura... e acusação? Achava que ela o enfraquecia?

Uma fraqueza percebida poderia ser a razão pela qual exigiu uma única noite e evitou algo mais. Para ganhá-lo, teria que provar que ela o fortalecia.

Ela o fazia? Poderia?

Ele acrescentou:

— Hera não teve vontade de machucar uma criança, ou foi o que afirmou, mas sabia que eu iria crescer para ser um homem. Ela usou a *Haste de Partir* para cortar uma fatia do meu espírito. O que significa que o proprietário do artefato tinha o poder de me controlar. Quando fiquei mais velho, ela deu a *Haste de Partir* para Juliette. Deu à Harpia um pedaço meu, como se eu fosse sua propriedade.

Seu aperto sobre ele aumentou.

— Desculpe — ela repetiu, lágrimas brilhando em seus olhos.

— Vou punir as duas mulheres. Eu devo. — O ódio atropelou suas palavras, dando ao seu tom uma ferocidade assustadora. — Eu também vou manter um troféu.

O demônio ronronou de alegria, sentindo o que Cameo não fez. A “necessidade” de vingança era apenas outra forma de miséria. Enquanto Lazarus permanecesse focado nos erros cometidos a ele, nunca veria o que estava certo.

Pobre Cameo. Nunca é a prioridade. Sempre o consolo.

Não sou seu consolo!

Mas... não era? Lazarus nunca colocaria suas necessidades acima de seu desejo de vingança. Com ele, ela sempre viria em segundo lugar. Se ela se classificasse ao menos. E isso não era um pensamento deprimente.

Por uma vez, Lazarus não tentou provocá-la por seu mau humor, e a preocupava.

Anime-se! Sua visão de mim não importa. Graças ao anel de Viola nos despediremos em breve. Na verdade, nunca mais nos veremos novamente.

A conversa de vitalidade não conseguiu animá-la.

À medida que seu grupo se movia, o único som a ser ouvido era o trovão de cascos de cavalo e respirações ofegantes. Eventualmente, estavam longe o suficiente da ação — e dos grifos que certamente tentariam segui-los — para abrir um novo portal. Um que levava diretamente ao portal do lar.

Lazarus teve que abrir o portal repetidamente para permitir que todo o contingente de soldados atravessasse. Ele e Cameo entraram por último.

— Estamos aqui — ele disse, sua voz plana.

Já?

Para seus homens, ele gritou:

— Alto — Ele desmontou e ajudou Cameo e Ever a descer antes de cortar o manto que continha o coração do grifo sobre seu ombro.

Viola apareceu como prometido, os metais roubados em nenhum lugar, os braços apertando a Princesa Fluffikans.

Urban recusou o auxílio de Lazarus e saltou por conta própria para se curvar.

— Minha mais linda majestade.

— Meio exagerado, garoto. — Viola gentilmente o tocou no queixo.

— Não sou garoto, sou um guerreiro.

Ar fétido flutuou para Cameo e ela enrugou o nariz. Uma paisagem lúgubre e cinzenta cercava seu grupo. Árvores nuas se abaixavam como se tivessem sido derrotadas pela vida e acabassem por desistir. Pelo menos quinze animais diferentes estavam espalhados por um solo manchado de sangue, cada um num estágio diferente de decomposição. Os insetos rastejavam através das órbitas vazias e troncos ocos. Pequenas criaturas malditas mastigavam os ossos.

As sobrancelhas de Viola subiram... com confusão?

— Algo está errado. Bem, não importa. Enfrentei pior.

Ever bateu palmas e correu para a frente, seus braços estendidos.

— Veja! Um cãozinho! Ele pode nos acompanhar? Por favor?

— Ever — gritou Cameo. — Pare!

Lazarus uniu os dedos e apertou. A outra mão permaneceu em seu bolso, revirando o que guardava ali.

— A menina está bem, prometo a você. Pelo menos fisicamente. Qualquer outra pessoa teria corrido na direção oposta.

Ele a levou para frente e... o terreno mudou num piscar de olhos. Cameo ofegou. Aqui o sol brilhava de um céu

gloriosamente azulado. As árvores eram altas, folhas exuberantes e âmbar. A cor da felicidade, assim como os olhos de Lazarus. Ela inalou profundamente. O ar cheirava limpo e fresco.

As carcaças desapareceram. Assim como os insetos rastejantes.

Ever bateu o pé.

— Não é justo. Quero meu cachorrinho.

— Tia Katarina encontrará o cachorro perfeito para você — disse Urban. — Ela prometeu, lembra?

— Como isso é possível? — Exigiu Cameo de Lázaros. Ele era responsável, por certo.

— Sabe da minha capacidade de ler mentes. Também sou capaz de... afetar mentes. Posso criar ilusões. Normalmente, essas ilusões funcionam — ele acrescentou secamente.

Não havia nada que este homem não pudesse fazer?

— Então criou o terreno podre?

— Sim.

É claro. Porque quem com o juízo perfeito gostaria de continuar?

— Onde está o portal? — Perguntou. *Não me diga. Eu não quero ir.*

Ele fez um gesto para duas árvores altas, o ar entre os troncos brilhando como um pano enrolado de diamante.

A umidade na boca secou. A visão ganhou vida.

— Vamos enviar seus amigos para casa — Lazarus entrou a passos largos no portal. Ele espreitou à distância, um minuto se transformando em outro.

Pensando em me manter?

Devia ser. Suas palavras implicavam que ela deveria permanecer no reino. Seu pulso acelerou.

Ele tirou o coração do grifo da sacola e uma lâmina da bainha na cintura. Com um único movimento de seu pulso, cortou o órgão em dois. Visgo preto escorreu das câmaras.

Mãos cintilantes saíram do portal e pegaram metade do coração. O ar esmagado com diamantes ondulou com mais força, ondas se movendo de cima para baixo. Ele guardou a outra metade na mochila. *Para Cameo usar amanhã?*

— Tudo bem, seus pequenos terrores — Viola colocou a Princesa Fluffikans no chão e bateu palmas. — Estão prontos para ir para casa?

Ever fez beicinho.

— Acho que sim.

Urban deu de ombros.

— Se devemos.

— Você deve — disse Cameo. — Seus pais provavelmente queimaram Budapeste até o chão no esforço de encontrá-los.

Ambas as crianças se encolheram.

Viola uniu um braço com Urban e outro braço com Ever e olhou para Cameo por cima do ombro.

— Dê a Lazarus um beijo de adeus por mim... e use a língua. Eu o faria. — Ela piscou, depois avançou com sua carga a reboque.

Passaram pelo portal, Fluffy em seus calcanhares, e desapareceram.

Os tremores atrapalharam Cameo quando Lazarus girou em seus calcanhares e colocou-a no lugar com seu olhar quente.

— Fique. Mais uma noite.

— Eu quero. Tanto.

Ela ansiava por noites cheias de prazer, manhãs eróticas e dias felizes. As consequências seriam condenadas. Graças ao espelho, sabia exatamente o que aconteceria se viajasse por esse caminho.

Quando ela e Lazarus se separassem, e se separariam, Miséria poderia deixá-la manter sua memória, como fez na primeira visão... ou ele poderia apagar isso, esperando que ela cometesse o mesmo erro novamente. Curiosa sobre um imortal chamado Lazarus que poderia ou não ser a chave de sua felicidade, que talvez não pensasse em matá-la antes de deixá-la.

E então havia um caminho completamente desconhecido. Passar uma única noite com ele. O que aconteceria então?

Ela não tinha ideia se a humilhação, rejeição e perigo a aguardavam...

Sem grande risco, não há recompensa.

Vou rolar os dados. Vou dar uma chance à segunda visão.

Havia coisas que queria fazer no mundo mortal. Coisas para Lazarus...

— Não — ela grunhiu, então sacudiu a cabeça para dar ênfase. — Não vou ficar a noite.

A luz do sol acariciou suas feições quando ele segurou suas bochechas. Era tão lindo, com aqueles olhos escuros

sardônicos, olhos tão pretos que de repente pareciam azuis. Com esse espesso leque de cílios. Essas maçãs do rosto afiadas. Esse nariz afilado. Esses lábios suaves que foram feitos para beijar. Correção: feitos para beijá-la. A barba escura em sua mandíbula.

O pomo de Adão se moveu, um sinal que seu escrutínio o agradou — o que a agradou.

— Posso forçá-la a ficar — disse ele. — Posso mantê-la aqui até o portal fechar.

Oh, não, não, não. Seus amigos costumavam agir como ditadores e isso a irritava. Seu homem de fantasia a trataria como igual.

— E posso usar seu coração para reabri-lo.

Um pequeno sorriso, rapidamente desaparecido.

— Não terminamos, Raio de Sol. De uma maneira ou outra, vou ver você de novo. Vou te encontrar. Sempre vou encontrar você. — As palavras foram jogadas sobre ela, mas ela as amou, mesmo assim. As adorou tanto quanto Miséria as odiou.

Ela estendeu a mão para brincar com as pontas dos cabelos escuros de Lazarus.

— Posso retornar... pela caixa.

Ele deu uma sacudida brusca de sua cabeça.

— A caixa não está aqui.

— Você não pode saber...

— Eu sei. Não está escondida aqui, eu juro.

— Rumores...

Mais uma vez, ele a cortou.

— Os rumores afirmam que a caixa está num domínio espiritual. Há milhares.

Bem, merda. Era assim então. O fim.

— Vai sentir minha falta?

— Vou — ele disse com voz áspera.

A satisfação sentida... morreu. Isso não podia ser o fim.

— Vou fazer um pacto com você. Se encontrar um caminho através do portal, recompensarei você. Vou te beijar...

— Ela riscou a ponta do dedo no centro de seu peito. — Em qualquer lugar que você desejar.

Suas pupilas se expandiram, pontinhos de luz ardendo bem, bem no fundo de suas profundezas.

— Me beija.

Sim. Ela se ergueu na ponta dos pés e apertou os lábios contra os dele. Ele abriu sem hesitação, rolando a língua contra a dela, provando-a como se fosse um bom vinho, mas também reivindicando o controle, reivindicando-a. Ele sugou e mordiscou, deslizou as mãos pelos braços dela, em torno de seus quadris e segurou seu traseiro.

Com uma arrancada forte, puxou-a contra ele. Mmm. Estava duro e forte e não se continha. Cada deslizamento de sua língua oferecia um toque de satisfação para gozar, e a provocava com um vislumbre de satisfação.

E... e... a felicidade brilhou dentro dela, pura e incandescente, a única chama num mundo de escuridão. A luz que ansiava desde sempre, mas sempre era negada. A doçura que nunca conheceu, nem mesmo com Alex.

Lazarus não tinha ilusões sobre quem ou o que era. Ele a conhecia, e gostava dela mesmo assim. Só por isso, ela gostava dele de volta.

Miséria lutou contra ela, enchendo-a de tristeza, sufocando sua luxúria.

Chorando, Cameo interrompeu o beijo e recuou. Lazarus a alcançou, mas ela recuou.

— Eu sinto muito.

— Cameo — O grunhido voltou para a voz dele. — Você é minha, e quero o que é meu.

Tão possessivo. Arrepios cascadearam através dela, varrendo a tristeza. *Bem-vindo de volta, desejo.*

Sem mais beijos para alimentar seus sonhos e deixá-la selvagem, talvez até louca. Forçou-se a caminhar para trás, ampliando a distância entre eles e se aproximando das árvores gêmeas.

— Acho que meu beijo te deixou grávida — disse ele. — É melhor ficar até sabermos com certeza.

— Se você me quiser, Poço Escuro, terá que vir me buscar. — Tudo era possível.

— Fique.

Tentada, oh, estava tentada. Se permanecesse, a curto ou longo prazo, eles tinham um presente, mas talvez não um futuro. *Quero um futuro. Esta é a minha única esperança.*

Outro passo atrás.

— Lembre-se de sua recompensa.

Com a expressão agoniada, ele a seguiu.

— Não vou esquecer. Você vai?

Ugh. E se ela o esquecesse?

— É um risco que temos que assumir.

— Por quê? Por que temos que aceitar?

— Porque eu quero mais que uma noite.

— Você não pode ter isso — suas mãos apertaram em seus lados. — Fique aqui — ele insistiu. — Seus mamilos estão duros. Aposto que sua calcinha está encharcada. Deixe-me aliviar os dois antes de sair.

A luxúria se enroscou dentro dela e seus joelhos quase se dobraram. Requereu todo seu poder, mas sacudiu a cabeça, tirou a outra metade do coração da sacola, deu-lhe um beijo e correu pelo portal.



CAPÍTULO 14

“Nunca peça. Sempre exija.”

— Verdades Eternas para Todo Homem

Lazarus ficou em pé por um longo tempo sem ser visto por seus homens. Loucura chiando dentro dele, causando estragos com a turbulência em sua mente.

Ele não deu à Cameo seus presentes. O dar e receber seria demasiado final. Então ela o deixou de qualquer jeito. Mas não antes de provocá-lo.

Se você me quiser, Poço Escuro, terá que vir me buscar.

Uma impossibilidade, droga. E, no entanto, ainda queria a noite com ela. Merecia uma noite com ela. Ganhou dentro dessa caverna, quando matou o grifo. Mas ele não entendia.

Agora, tudo que tinha eram lembranças dela.

Logo ela não teria nada dele.

Ele perfurou uma árvore, deixando um buraco do tamanho de um punho no tronco.

Ele poderia ter matado Cameo a qualquer momento; deveria tê-la matado, sua única fraqueza. Em vez disso,

ajudou-a e àqueles que ela amava. Salvou-a dos grifos. Ele a provocou e beijou, dando-lhe um gosto de prazer. Seu primeiro gosto. E único.

Possessividade o agarrou pela garganta e apertou.

Deveria ter tirado a roupa dela, lambido seus mamilos e metido a língua na doçura entre suas pernas. Ela teria gemido e puxado seu cabelo, teria implorado por mais.

Eles teriam se consumido.

Demônio maldito. Lazarus acariciou o punho da *kris*.

Sabia onde a Caixa de Pandora estava escondida. Não contou a ela.

Se recuperasse a caixa, Cameo seria forçada a retornar ao Reino de Grimm e Fantica. Ele a veria novamente. Talvez ameaçasse o demônio. *Deixe-a manter a memória ou morra.*

Uma ameaça que Lazarus nunca conseguiria levar a cabo.

Por outro lado, Cameo poderia usar a caixa para se prejudicar.

Vou mantê-la segura, até de si mesma.

Cada músculo em seu corpo se apertou até o osso. O plano era bom. Ele a atrairia de volta. Cameo ficaria chateada quando descobrisse seu engano, é claro. Não, não engano. Ele reteve a verdade. Não era a mesma coisa. Ele a curaria de sua irritação dando-lhe prazer.

Um dia ela o agradeceria.

Precaução temperou sua ânsia. Não estava no seu melhor. Apenas o pensamento de ver Cameo fez com que suas veias queimassem e latejassem. Os cristais se esticaram nos

braços, pernas e... peito? Ai, sim. O calor secou no lugar acima de seu coração. Deviam ser os cristais. Não, digamos, culpa por não dizer à Cameo sobre a caixa.

Ele testou sua amplitude de movimentos, notou uma ligeira resistência e franziu o cenho. Não era bom, mas não terrível também.

Agitando o anel no ar, esfregando o polegar sobre o metal, imaginou o Reino dos Crânios. Um espaço protegido por Hilda a Única Mortal.

Hilda era uma esfinge, uma prima dos grifos. Tinha um rosto humano, corpo de leão e asas de águia.

Lazarus conhecia bem Hilda, o mundo imortal tão pequeno quanto grande. Os pais deles — ambos igualmente atrozes — já foram amigos, então passaram muitos anos juntos. Compartilhavam uma rudeza mútua.

O anel vibrou, correntes elétricas arrasando pelo ar como um raio, criando uma nova fenda. Além da floresta, um escritório apareceu. Lazarus entrou, o portal fechando atrás dele.

Uma arrumação comum. Paredes bege lisas com algumas pinturas impessoais. Um armário de arquivo, uma mesa e uma vitrine de vidro. Uma pequena caixa branca descansava numa das prateleiras e parecia ser feita de falanges e metacarpos.

O poder familiar pulsava naquela prateleira, acariciando-o. Seu sangue crepitou.

Seu olhar se deslocou para o crânio humano ao lado da caixa. Ele franziu a testa. Os dentes eram afiados como navalhas. Algo sobre isso...

Não importava.

— Mostre-se, Manhilda. — Ele abriu sua mente para a dela, mas ela ergueu um muro. — Ou prefere o nome Hildabesta?

O espaço na frente à estante de livros cintilou antes de aparecer. Um monstro em mais de uma maneira. Ela se espalhou e saiu, e desenvolveu músculos em cima de músculos. Um bigode grosso e preto levava a uma barba mais espessa e uma torção exagerada. Veias abauladas no pescoço dela.

Um colar de metal espetado rodeava seu pescoço.

Pôr um colar numa esfinge era o mesmo que escravizar uma esfinge. O mestre poderia forçar o animal a fazer qualquer coisa. Mas quem colocou seu colar? Muito poucos imortais eram fortes o suficiente para derrotar uma Esfinge.

Lazarus não teve que se perguntar sobre porque ela foi encoleirada. Seu mestre desconhecido a obrigava a proteger a Caixa de Pandora.

Um peitoral cobria seu amplo peito e punhos de couro envolviam ambos os pulsos. Seus únicos adornos. Com quatro pernas, ela tinha a opção de andar como animal ou humano. Escolha da dama.

Quando a maioria das pessoas olhava para ela, viam um homem magro com olhos vermelhos. Uma ilusão.

Poucos imortais podiam derrotá-la sim, mas ainda menos podiam sustentar uma ilusão contínua. A pequena lista de potenciais mestres diminuiu ainda mais.

— Olá, Hi-lazarus — subindo ao topo de suas pernas traseiras, ela tinha pelo menos 2,30m de altura. — Nos encontramos de novo.

Na última vez que esteve aqui, Cameo estava ao seu lado. Ele disse à sua *μovoμavia* que a “besta” o venceu numa briga — e teve grande prazer em se referir à besta na forma masculina. Lazarus deixou de lado um detalhe crítico. A idade dele. Ele tinha quatro anos.

— Boas notícias — disse ele. — Esta é a última vez que nos encontraremos. Hoje você morre. A menos que queira entregar a Caixa de Pandora?

— Pra você, aquele que impediu os outros de me encontrar e libertar? Nem mesmo se me ordenasse.

Lazarus esteve aqui duas vezes antes. Da primeira vez, com Cameo. Da segunda, voltou para lançar sua própria ilusão, escondendo a caixa de todos os que a procuravam. Mesmo assim, sabia que a caixa poderia ser usada contra Cameo. Não que seus amigos alguma vez a machucassem intencionalmente. Mas por que correr o risco?

A razão pela qual tinha que manter seu Raio de Sol longe do item que mais desejava, mesmo negando-lhe a oportunidade de lutar por isso.

Necessário. O demônio a deprimia. Um dia poderia tentar acabar com sua vida. Novamente! Com a caixa poderia se matar em segundos antes que alguém tivesse oportunidade de detê-la.

Se ela morrer se juntará a mim na vida após a morte... para sempre...

Esqueça o fato de que ela o arruinaria. Ele queria que ela vivesse a vida de seus sonhos.

— Está chateado porque não tinha ninguém para matar e comer? — Ele esfregou os punhos debaixo de seus olhos, imitando lágrimas. — Pobre Hildabesta.

Ela passou a língua sobre as presas manchadas de sangue.

— Vou gostar de comer você. Lembro-me de quão doce seus órgãos saboreiam.

Apenas uma vez conseguiu prendê-lo em correntes e cortar seu tronco. Ao contrário de outras crianças imortais, que teriam morrido depois de perder cada órgão vital, Lazarus se regenerou e recuperou.

Nunca pode morrer. As palavras de seu pai ecoavam em sua cabeça.

Lazarus estalou os ossos em seu pescoço e considerou brevemente usar as juntas de diamante que roubou para Cameo, apenas para decidir que não queria que fossem salpicadas de sangue e... outras coisas.

— Quem conseguiu pôr a coleira em você? — Ele perguntou informalmente.

Hilda afiou um conjunto de suas garras dianteiras contra a outra.

— Algumas perguntas não podem ser respondidas.

Seu mestre ordenou seu silêncio sobre o assunto, então. Ele — ou ela — viria pela caixa. Que venha. Lazarus mataria o mestre tão facilmente quanto matou o escravo.

Ele puxou suas espadas curtas das bainhas ancoradas nas costas, assobiando os metais e deu um passo à frente...

Uma parede invisível o deteve. Franzindo o cenho, esfaqueou repetidamente, tentando criar uma fissura. As armas se curvaram enquanto o muro permanecia ileso.

Hildabesta deu um sorriso presunçoso.

— Deseja passar? Me responda isso. O homem que faz isso não precisa disso. O homem que compra isso não irá usá-lo. O homem que o usa não saberá que está fazendo. O que é isso?

Seus enigmas estúpidos. Em sua pressa para garantir o retorno de Cameo, Lazarus esqueceu o modo da Esfinge. Nenhum homem poderia se aproximar sem primeiro responder um enigma. Uma das razões pelas quais as criaturas eram cães de guarda tão excelentes.

Da última vez, sempre que Lazarus ou Cameo se aproximavam da parede, experimentavam vertigem antes de serem mandados ao canto mais distante da sala.

Desta vez, Lazarus não estava morto. Estava mais forte, apesar dos cristais, e estava muito mais determinado.

Ele rolou o enigma de Hilda através de sua mente, e decidiu que ela pegou leve com ele. Queria lutar com ele.

O homem que faz “não” tinha necessidade disso... porque ele vivia. O homem que comprou “isso” não o usaria... porque vivia. O homem que usava “isso” não saberia que estava fazendo isso... porque estava morto.

— A resposta é um caixão — disse Lazarus. — O que você precisará hoje.

Um assobio alto soou com rajadas de ar quente sobre ele. O muro acabava de cair.

Alegria escureceu os olhos dela.

— Realmente acredita que pode me vencer?

— Eu sei. — Sorrindo, jogou suas espadas danificadas no chão e perseguiu sua oponente. Fariam isso mão a mão. Ou melhor, mãos com garras.

Sem aviso, ela passou as garras contra ele. Ele se esquivou, apenas para se colocar no caminho de outra mão. A dor rasgou seu meio, tornando-o momentaneamente imobilizado. Como qualquer predador, ela usou sua paralisia em sua vantagem, travando a parte de trás de suas coxas e puxando.

Ele bateu no chão com um forte baque. As estrelas passaram por sua visão.

Em vez de lançar seu próximo ataque, como qualquer pessoa sã, ela olhou para ele. Olhar fixo no dele, levou os dedos até a boca. Esticou a língua, lambendo o sangue dele.

— Delicioso — disse ela.

Fúria o atravessou queimando. Talvez humilhação.

— Você é um tolo. Deveria ter acabado comigo quando teve chance. Não terá outra.

— Pronta para mais tão cedo? Sei que estou.

Lazarus saltou. Desta vez quando ela passou por ele, ele se deixou cair de bruços, tateando duas adagas no caminho ao chão. Ela perdeu, e ele esfaqueou ambos os pés dela.

Seu rugido ecoou pelas paredes, sacudindo a sala inteira. Garras rasgaram suas costas. Ignorando o mais novo ataque

de dor, ele rolou para o lado. Quando ela deslizou de novo para ele, pegou seus pulsos, chutou as pernas e cruzou os tornozelos em sua nuca.

Jogou-se de costas no chão, lançando-a por cima de sua cabeça. Os punhais caíram de seus pés. Ele acabou por cima dela, seus joelhos prendendo os ombros. A raiva contorcia as feições dela numa careta feia.

Não tão presunçoso agora, não é?

Sorrindo, deu um soco na parte inferior da mandíbula. Os nós dos seus dedos quebraram, mas a mandíbula dela também. Ela se curvou, mas a ação não conseguiu desalojá-lo. Então suas asas varreram e o derrubaram pela sala. Alimentado pela adrenalina, o impacto mal foi registrado. Ele saltou e cuspiu uma pena. Ela levantou nas quatro patas.

Eles se rodearam, cada passo deixando uma impressão de pata sangrenta.

— Há algo diferente em você — seu olhar deslizou sobre ele. — Mas o que?

Se ela notasse os cristais, sua fraqueza, ele...

Não importa. Hilda morre hoje.

Ele soprou um beijo pra ela.

— Não sou mais uma criança, mas um homem. Não homem como você, é claro, mas todos têm uma cruz a suportar.

O deboche em seu tom fez exatamente o que ele esperava. Provocada além da razão, ela mergulhou nele com as presas à mostra e as garras prontas. Ele agarrou as adagas caídas e abaixou-se. Quando Hilda levantou a cabeça, perdendo-o por

apenas alguns centímetros, ele usou uma mão para dar um soco e cortar seu peitoral — através de seu corpo, do esterno ao púbis. A outra mão cortou a asa.

Sangue e órgãos choveram sobre ele. Um grito estridente de dor se misturou com seu grunhido satisfeito enquanto ela caía no chão acarpetado. Agindo rapidamente, sabendo que ela regeneraria tudo o que perdeu, ele se atirou em cima dela e moldou seu rosto com as mãos. Pele com pele.

Seus olhos se arregalaram quando percebeu seu propósito final. Ela explodiu, lutando com ele com todo seu poder. Tão escorregadia quanto ele, embebida com sangue, ele perdeu o controle. Ela o expulsou. Droga! Ele voltou, derrubando-a enquanto tentava se sentar. Ela deu um soco no rosto dele e uma joelhada nas bolas. O ar jorrou de seus pulmões. O cotovelo colidiu com a bochecha, e ele cambaleou para o lado.

Quando ela tentou ficar de pé, ele a chutou no maxilar. Sem piedade. Abaixou-se. Ficou por cima dela mais uma vez e cavou suas garras em suas têmporas, agarrando-se firmemente.

— Isso vai acontecer — ele grunhiu, envergonhado por estar ofegante. — Encare isso como um homem.

— Se o tomasse como um homem — ela grunhiu de volta — eu estaria chorando. — Ela bateu as mãos dele pra longe, deixando as garras à mostra e a bochecha tão crua como carne de hambúrguer.

Mesmo enquanto ela grunhia de dor, rolou para o lado dele e empurrou seu peito. Mas sua força diminuía. A ação apenas o derrubou na *metade* da sala.

Quando ela ficou de pé, ele abriu o caminho para trás. Continuando propenso, chutou os tornozelos dela juntos. Ela se debateu enquanto caía. Quando pousou, ele rolou em cima dela. Ela lutou por dominar. Socando. Mordendo. Arranhando.

Sangue pingou dentro de seus olhos. Dele? Ou dela? Ela mordeu seu ombro e arrancou um pedaço de carne e osso. A dor o atingiu. Ele rugiu para as vigas, faíscas de luz piscando atrás de seus olhos.

Superado por sua raiva, Lazarus ergueu a cabeça, afundou os dentes em seu pescoço vulnerável e rasgou sua traqueia. Ela ofegou, a ferida aberta sugando qualquer ar que pudesse roubar. Ele rolou pela última vez, terminando em cima, empurrando os joelhos para dentro do tronco e agarrando suas bochechas.

Como um interruptor mental sendo ligado, o calor fluiu para fora dele e dentro dela, calor tão intenso. O suor de repente a encharcou. Sua carne começou a se transformar em pedra...

No começo, ela se debateu. À medida que sua pele e pelos se endureciam, beges e castanhos escurecendo em cinza, seus movimentos diminuíram...

Bastardo, ela murmurou por último antes de ser petrificada.

Pelo seu conhecimento, o processo não podia ser desfeito. O que significava que ele ganhou.

Aliviado, entrou em colapso ao lado dela. O processo sempre o drenava, motivo pelo qual só usava a habilidade quando não tinha audiência.

— Eu te disse — ele respondeu.

Ele estudou sua mais nova estátua. Seus traços em agonia estavam para sempre congelados, seus olhos olhando para cima pedindo misericórdia, sua boca aberta, presas reveladas. Seus braços estavam estendidos, suas mãos fechadas em punhos. Ambos os conjuntos de pernas também estendidos. Sua asa quebrada estava num ângulo estranho, enquanto a outra se envolvia para tentar protegê-la. Sua cavidade torácica estava aberta, ainda não curada.

Ela teria um lugar de honra em seu jardim.

Uma última coisa a fazer...

Ele se arrastou pesadamente para ficar de pé e atravessar a sala, parando diretamente na frente da vitrine. O poder que encontrou anteriormente o roçou, seu sangue começando a zumbir novamente.

Tirou os restos de sua camiseta, enrolou o material ao redor do punho e deu um soco no painel que protegia a caixa.

O vidro esfaçalhou e cortou o algodão. Cacos espalharam sobre seus dedos e carmesim brotou de mil pequenas feridas.

Preparando-se, estendeu a mão para a caixa... apenas para ficar quieto. O pulso de poder não estava vindo disso. Ele franziu a testa e se concentrou no crânio, a verdadeira fonte. Por que seus dentes tinham sido afiados ao ponto de navalha... se não para proteger algo importante?

Agindo por instinto, alcançou dentro de sua boca aberta. Aqueles dentes apertaram seu pulso e ele sibilou, mas não puxou a mão. Seus dedos bateram contra um pequeno objeto ancorado no interior, e o poder o fez arquear, atravessando-o, puro e não diluído. Os arranhões em seu estômago e costas se curaram. Os cortes nas articulações se fecharam.

Esse era o mesmo poder que experimentou nas poucas vezes que encontrou Kadence, a deusa da Opressão. Após a morte, seus ossos foram usados para fazer a caixa.

A satisfação borbulhou dentro dele. Ele encaixou o item, seja lá o que fosse, e puxou. Os dentes do crânio permaneceram presos em sua pele. Veneno vazou dos incisivos, mas não era impedimento para ele. Um a um, jogou os pedaços de esmalte no chão. Então examinou a pequena bolota que libertou.

Definitivamente feita de ossos, assim como a caixa. Dedos e juntas. E sim, pertenciam a Kadence. Os ossos estavam quebrados, as peças soldadas e manchadas de vermelho para se assemelharem a uma maçã.

Uma maçã. A tentação original. Mas...

Esta era a infame Caixa de Pandora?

Problema: os outros Senhores se lembravam de uma caixa literal, como a que ele primeiro buscou.

Possibilidade: quem fez a caixa poderia ter feito a caixa depois que foi aberta. Uma boa estratégia. Como melhor escondê-la? Mas quem fez a primeira caixa? E por quê?

Os Senhores acreditavam que um ser vivo ainda estava preso dentro. A Estrela da Manhã. Não um demônio, mas uma

criatura capaz de destruir Lúcifer e seu mal com um único toque. Capaz de libertar os Senhores de seus demônios também, garantindo que os guerreiros vivessem.

Lazarus fez sua pesquisa. Alguns diziam que a Estrela da Manhã era um Enviado, o melhor assassino de demônio que já viveu. Outros alegavam que a Estrela da Manhã era um descendente literal de seres celestiais conhecidos como *Estrelas da Manhã*, tão brilhantes que o sol choraria de inveja. Outros ainda sugeriam que o ser era um gênio, detentor dos desejos.

O próximo problema, ou talvez o maior paradoxo: Lazarus adoraria usar a Estrela da Manhã, mas, para fazê-lo, teria que abrir a caixa. Cameo poderia morrer antes que tivesse chance de usar a Estrela, salvando-a.

Ela poderia ser salva?

Falando sobre sua grandeza, como conseguiria falar com ela? Ele tinha o que ela ansiava.

Ela esperava que ele aparecesse na sua porta, todo *Lembra que me recompensaria se eu escapasse do reino dos espíritos?*

Sabia o que ele pediria. Sua boca no pau dele.

Lazarus pendurou o pendente numa corrente ao redor de seu pescoço e puxou os restos arruinados de sua camisa sobre a cabeça, escondendo o artefato debaixo do material. Usando o anel, criou um portal para o Reino de Grimm e Fantica. Arrastou Hilda e acabou na frente do outro portal. Aquele que levava ao mundo mortal. Para Cameo.

Olhou furioso para o ar brilhante. *Você tirou minha mulher de mim.*

Uma estranha sensação de puxão o atraiu mais perto. Sua mente rodava enquanto cavava em seus calcanhares. A Caixa de Pandora tentando alcançar os demônios?

Não, não podia ser. A sensação se originava em suas veias. Nos cristais. Ele não entendia, mas esperava o pior e recuou.

Seus homens estavam exatamente como os deixou. Suas serpentes do céu também. As árvores foram derrubadas, mas também tinham grifos. Seus corpos se juntavam por toda a floresta.

— Ótimos meninos e meninas — ele elogiou. Para seus soldados, pediu — Corda.

Um dos homens se apressou adiante para oferecer o item desejado. Lazarus ancorou uma extremidade em Hilda e a outra na sela de seu garanhão, garantindo que o comprimento trançado não se enroscasse nas asas do corcel. Ele montou.

— Você, você e você — ele apontou para seus homens mais fortes. — Acampem aqui. Quando a mulher de cabelos escuros voltar, quero que a protejam com suas vidas e a acompanhem ao palácio. O resto de vocês... vamos para casa.

* * *

Lazarus posicionou Hilda no Jardim do Perpétuo Horror. Somente o melhor para sua mais nova adição. Seu corpo quebrado estava debaixo de um troll agachado que invadiu

uma aldeia próxima e abateu os machos para roubar as fêmeas.

Satisfeito com sua seleção, Lazarus entrou no palácio. Nenhum servo se apressou a cumprimentá-lo. Na verdade, os salões estavam estranhamente quietos. Ele retirou dois punhais quando abriu a mente para avaliar a situação.

Conversa mental dos soldados que haviam retornado com ele. Eles se perguntavam sobre Cameo, o que ela significava para o rei deles. Os únicos outros ocupantes estavam... sonhando? Nada mais explicava a imagem de um elefante dançando com um tutu, um carro falante e um robô excitado.

Ele dobrou a esquina, entrou na sala de jantar e descobriu que os corpos dos soldados e criados caíam sobre os móveis e se espalhavam pelo chão.

Finalmente — uma resposta das amazonas que aprisionou. Os sacos de veneno eram iscas. Elas já tinham transformado o sangue delas em veneno — para outros.

Ele foi enganado, distraído por um estratagema enquanto outro fermentava. O que ele fez, elas queriam que ele fizesse.

E agora, sentia outra presença. Alguém que avisou para ficar longe.

— Rathbone — ele gritou. Ele invadiu o Salão e passou as portas arqueadas requintadamente pintadas que levavam à sua sala do trono.

O macho de cabelos escuros reclinou no trono, uma perna cruzava a outra numa pose preguiçosa e relaxada. Havia apenas um sinal externo de sua impaciência — ele tamborilava os dedos contra os braços da cadeira.

— Olhe pra você — disse Rathbone. — Vivo e bem. E praticamente sem camisa. Determinado a roubar os trêmulos corações das solteiras, né?

— O que está fazendo aqui? — Perguntou Lazarus.

— Protegendo seu povo em sua ausência. De nada — o rei do submundo acenou para a parede mais distante. — Contemple.

Ele se virou para ver as Amazonas suspensas no ar.

— Elas escaparam e tentaram um golpe — Rathbone sorriu sem humor. — Sua rainha tem planos para você. Uma escravidão mascarada como casamento.

Seu aperto nas adagas aumentou. *Ela pensa em me escravizar? Ela morre!*

— Elas receberão pontos privilegiados no meu Jardim do Perpétuo Horror até o final do dia. — Ele não agradeceria Rathbone. As palavras seriam uma admissão de que precisava de ajuda. Ele não precisava. Podia ter recuperado o palácio sozinho, sem problema.

O medo amazônico deixava um aroma acre no ar. As fêmeas coletivamente lutaram contra a prisão de Rathbone... e falharam.

— Excelente. Estou indo então — Rathbone ficou parado. — Mas receio ter que ouvir sua decisão. A guerra já não fermenta. A primeira batalha entre pai e filho foi travada. Um ataque furtivo. Uma das casas de Hades foi destruída, todos dentro dela capturados ou mortos.

Uma perda sempre irritava, mas uma perda no início de uma guerra devastava. A motivação entre as tropas despencava.

Comece da maneira que espera terminar. Palavras que sua mãe já havia falado com ele. Ela se referia a seus relacionamentos românticos, oferecendo ao seu único filho um conselho para ajudá-lo nos próximos anos.

Nunca se alinhe com o lado perdedor. As perdas dele se tornam suas. Palavras que seu pai falou.

Então, ali e agora, Lúcifer deveria receber o apoio de Lazarus. Mas...

— Muito bem — disse ele. — Vou lutar por Hades — Por Cameo. Só se separou dela há algumas horas, e seu anseio por ela era como se fosse um membro faltante. — No entanto, meu período de tempo não mudou. Vou usar meu mês para arrumar minha própria casa. — Para recuperar sua mulher. Até que tivesse sua noite com ela, ele seria inútil.

— Você é necessário agora.

— E daí? A guerra pode ter começado, mas não vai terminar tão cedo. Coloque seu melhor jogador no final para garantir a vitória.

O macho franziu os lábios, mas assentiu.

— Eu provavelmente deveria avisá-lo. Hera escapou do Tártaro. A rainha grega está livre agora.

Cada músculo em seu corpo ficou tenso. Fora do Tártaro, Hera era um jogo justo. Vingança... finalmente ao alcance...

Não revele nada.

— Ex-rainha — ele disse com um tom chocantemente plano.

— Você vai caçá-la? — Rathbone perguntou.

— Sabe que não posso deixar os reinos dos espíritos — as palavras foram ásperas. *O bastardo me insulta!*

A cabeça de Rathbone inclinou-se para o lado.

— Você é Lazarus, filho único do Monstro, sim?

— Sim — estalou Lazarus.

— Então não sei de tal coisa — sorrindo, Rathbone desapareceu.

* * *

As pessoas sofriam tragédias todos os dias. Choravam, soluçavam e um dia acordavam e sua dor diminuía misteriosamente. Cameo sofreu durante séculos, sua dor constante. Mas agora, sem Lazarus, sofreu *pior*.

Ela estava em casa há apenas dois dias e já sentia falta dele como sentiria falta de um membro. E deveria saber! Durante seu encarceramento, os Caçadores arrancaram suas mãos e pés para impedir que ela lutasse.

Metade do dia desejava esquecer Lázaro — e se odiava por isso. Ela lamentou o horror de perder a memória por tanto tempo que perdeu de vista a paz que poderia ganhar sem ela.

A única razão pela qual Miséria lhe permitiu manter suas preciosas... odiadas... amadas... realmente odiava lembranças — era garantir que ela nunca, nunca sentisse paz alguma.

Contudo, isso importava? A outra metade do dia Cameo desejava voltar ao guerreiro mesmo assim.

Por uma noite. Apenas uma noite.

Uma noite com ele tinha que ser melhor que mil noites sem ele, certo?

Toda vez que pensava em voltar, o demônio ameaçava levar a memória, apesar da visão que teve.

Não posso perder a memória de Lazarus. A maneira como ele sorria para ela a aquecia... a maneira como a provocava a acalmava... ambos eram preciosos para ela. E seu beijo de despedida... a incendiava, mudando o próprio tecido de seu ser.

Sou a mulher de Lazarus.

Ela precisava de uma distração e, lembrando do tratamento de Lazarus nas mãos de Juliette a Erradicadora, sabia exatamente o que fazer.

Ela mandou texto para sua amiga Gwen, a Harpia consorte de Sabin, detentor da Dúvida. Quando a resposta entrou, um tentáculo de antecipação a atravessou. Ela arrumou uma bolsa e amarrou nela suas armas favoritas.

Enquanto entrava no corredor, alegria e risada flutuavam da sala de jantar no andar de baixo.

Uma vez que Urban e Ever se reuniram com seus pais frenéticos — e as preocupações e os temperamentos se acalmaram — todos os que não estavam no submundo ajudando Hades celebravam. Houve festas, karaokê ruim e muita bebida. Vinho de Ambrosia para adultos, caixas de suco para crianças.

Como todas as celebrações no passado, Cameo observava à distância, não querendo arruinar o zumbido feliz de todos.

Agora, dirigiu-se ao quarto de Viola. Todo grande guerreiro deveria ter um companheiro, alguém para protegê-la, e a deusa seria a dela.

— A Caixa de Pandora está em jogo. Eu repito. A Caixa de Pandora está em jogo — a voz de Torin surgiu dos altofalantes estrategicamente colocados no teto. — Isto não é um treino. Danika pintou uma nova cena, e Keeley finalmente conseguiu usar os artefatos para entrar no escritório, onde a caixa estava sendo mantida. Palavra-chave. Estava.

A felicidade no andar de baixo cessou abruptamente. Cameo congelou, sua mente girando.

Danika era o Olho que-tudo-vê, capaz de examinar os céus e o inferno, bem como o passado e o futuro. Ela pintava as coisas que via.

Keeley tratava as pinturas de Danika como mapas e as usava em conjunto com outros três artefatos. A Gaiola da Compulsão, a Capa da Invisibilidade e, claro, a Haste de Partir.

Perguntas gritadas de diferentes áreas da casa.

— Temos a caixa?

— Onde está a caixa agora?

— A Estrela da Manhã ainda está dentro?

— A caixa não está em nossa posse não — disse Torin, e suas palavras encontraram gemidos. — Foi movida ou tomada. As mulheres estão procurando e vão encontrá-la. Não venham batendo na minha porta para repetir suas perguntas. Minhas respostas não vão mudar. Eu disse tudo que sei.

Enquanto os murmúrios se levantavam da cozinha, o coração de Cameo trovejava. Quem tinha a caixa? Estava aberta? E ela e seus entes queridos iam morrer?

Uma sensação de urgência a assaltou, seu maior arrependimento subitamente claro. Se seus dias fossem contados, queria a noite com Lazarus, queria o prazer que ele lhe prometeu.

Prazer que não poderia experimentar se fosse morta.

Quando os imortais possuídos pelos demônios de Pandora faleciam, seus espíritos acabavam dentro de um reino prisão. Baden, ex-guardião da Desconfiança, e Pandora, ex-dona da caixa, escaparam do lugar apenas se tornando escravizados por Hades. Não, obrigado.

Perguntando o que poderia ser... fantasiando, mas nunca sentindo Lazarus contra ela... dentro dela... essa seria a verdadeira miséria.

Cameo lançou os dados em seu futuro e deixou Lazarus para trás, esperando que ele encontrasse um caminho para o mundo mortal. Um erro, percebeu agora. Um erro que poderia corrigir.

Novo plano. Encontre e brigue com Juliette, volte para Lazarus.

Ela se lançou em movimento, contornando uma câmara cheia de cães do inferno rosnando. Baden casou com uma mulher que treinava os cães do tamanho de cavalos.

Treinava, não domesticava.

Cada um dos cães mostrava presas afiadas ao dar a Cameo olhares fedorentos. Ela parecia um petisco pegue-e-vá? Oookay. Se movendo. Ela pegou o ritmo, virou a esquina...

E deu de encontro com William o Sempre Excitado, filho de Hades.

Desde que o objeto das afeições de William casou com outro homem, ele estava louco. Um louco com um botão de desliga inexistente.

De acordo com as damas da casa, William era a razão pela qual Hades perdeu a primeira batalha com Lúcifer.

Ele olhou para ela com olhos mais azuis que qualquer oceano.

— Veja por onde anda, Miséria.

— Com certeza. Mas é melhor ver como fala — ela estalou.
— Por que está bravo, de qualquer maneira? Por que não está lutando por sua garota? O tempo é curto e...

Ele se encolheu, e ela apertou os lábios juntos. Certo. Lazarus podia tolerar sua voz, mas poucos tinham essa força. Enquanto estava aqui, tinha que observar sua boca.

— O covarde de seu marido a escondeu de mim — William levantou uma garrafa de whisky meio vazia para seus lábios.

O demônio riu. *Não a considera meio cheia?*

Isso importa? A garrafa é recarregável.

Gulp, gulp, gulp. Com a mão livre, William limpou a boca.

— Alguém já mencionou que soa como a morte?

— Apenas todo mundo — ela murmurou.

— Bem, você soa — ele disse com voz áspera, talvez não percebendo que ela concordou com ele. — Agora saia do meu

caminho antes de ser forçado a cortar você. — Apesar da ameaça, ele tropeçou ao redor dela quando ela permaneceu no lugar.

Seus ombros roçaram os dela, a tristeza dele pulsando sobre sua pele. Miséria ronronou com prazer.

Uma lágrima quente deslizou pela bochecha de Cameo.

— William — ela chamou.

Ele estremeceu, mas a ignorou, e então se foi.

Com um suspiro, continuou para a frente — e quase bateu em outro guerreiro.

Sabin, detentor da Dúvida, olhou para ela.

— Sei o que está planejando e não estou de acordo. Proíbo você de sair! Precisamos de você conosco procurando a caixa.

— Você me proíbe? — Ela gaguejou com indignação. — Diga-me que está brincando.

O grande guerreiro de cabelos negros com traços endurecidos de batalha se encolheu assim como William, irritando-a.

— Sabe que não tenho senso de humor, Cam. Venha. — Ele a forçou pelo corredor e a empurrou para dentro de seu quarto. — Vamos falar sobre isso na semi-privacidade.

A bela Gwen estava de frente para uma cama amarrotada, mordendo o lábio inferior. Seus cachos loiro-morango estavam empilhados num coque desarrumado em cima de sua cabeça, e seu pequeno corpo estava embalado num minúsculo top e shorts mais curtos que qualquer coisa que Lazarus deu à Cameo.

Sabin apontou um dedo acusador para ela.

— Acabamos de recuperá-la. Nós...

Cameo deu um soco na cara dele.

Enquanto sua cabeça chicoteava para o lado e o sangue escorria do lábio, Gwen bateu palmas. A Harpia amava seu marido, mas também amava o poder das garotas.

Nos céus, Sabin foi nomeado general do exército de Zeus. Lucien também. Davam as cartas, dois grandes e maus Papais Smurfs para a Smurfette Cameo. Continuaram a dar as cartas aqui no mundo mortal. Bem, não mais! Estava se encarregando de sua vida.

— Agradável gancho direito. Você melhorou e estou impressionado. — Ele esfregou dois dedos no nó que ela deixou para trás. — Mas Juliette é um problema. Não precisamos de mais problemas agora.

— Ela machucou meu amigo e pagará. — Sabendo que Sabin ia enlouquecer se mencionasse seu plano de retornar para Lazarus, mesmo por uma única noite, não ofereceu mais nada.

— Seu amigo. Quer dizer Lazarus, o homem que nosso irmão decapitou. — Ele olhou para o teto e murmurou: — Diga-me que a mulher que treinei não é tão tola.

Sussurros de incerteza passaram por sua mente. *E se Lazarus só quis ficar com você para punir Strider? E se estiver dormindo com outra pessoa? E se...*

Ela jogou os braços para o ar.

— Coloque a focinheira no seu demônio. Agora.

— Desculpe — ele murmurou.

— Olha, sei que está preocupado comigo, mas sou grandinha. Tenho isso. — Ela deu um tapinha na sua bochecha. — Eu te amo mesmo que seja um babaca e *vou* voltar. — Depois de passar uma noite com Lazarus e se perder num mar de paixão.

— Sim, mas vai voltar inteira? — Sabin brincou.

— Sem promessas.

— Se atacar Juliette — disse Gwen — toda a família Eagleshield virá atrás de você.

— Conheço os riscos. Não me importo — Lazarus disse a Urban que o melhor presente para dar num encontro era a cabeça cortada de um inimigo. Cameo apresentaria-lhe algo ainda melhor, as mãos de Juliette.

Ele vivia para a vingança, e ela daria isso a ele.

Tentando comprar suas afeições? Miséria fez tsc tsc. *Que vergonha!*

— Cameo...

— Eu vou e ponto final — ela saiu do quarto.

Para sua surpresa, Viola esperava no corredor vestida como uma gatinha de couro pronta para a batalha. A princesa Fluffikans dançava entre os tornozelos dela.

— A missão de lutar contra Juliette Eagleshield ainda é um “vamos”? — Viola perguntou.

Como ela sabia?

Bem, não precisava de um leitor para descobrir a resposta. Torin. Seus microfones e câmeras de segurança estavam em todos os lugares. Além disso, conhecia Cameo melhor que a maioria. Ele a viu no seu ponto mais baixo e até

a ajudou a colar os pedaços. Apesar de seu relacionamento romântico falho, ele a amava e queria o melhor para ela. Queria que fosse protegida. Se sabia o plano de Cameo para falar com Viola ou não, agiu de acordo.

—É... — Cameo se sacudiu. Uma borboleta acabava de atravessar o corredor para pousar no ombro da deusa. Um sinal de destruição iminente.

Ou o sucesso que vem, de acordo com Lazarus.

Respire fundo, solte. O sinal — bom ou ruim — não importava, decidiu. Seus objetivos eram muito importantes. Não podia recuar.

Ela assentiu.

— É absolutamente um “vamos”.



CAPÍTULO 15

“Seja o monstro que outros monstros temem”

— Verdades eternas para cada homem

Lazarus retornou ao portal. Ele dispensou seus soldados, preferindo ficar sozinho com sua loucura.

O mundo mortal ficava apenas cinco passos de distância. Seus inimigos estavam lá. *Cameo* estava lá.

Ele já estava três dias sem ela. Tempo demais. Um fato que o desconcertava. A última vez que se separaram, a separação tinha doído, mas tinha conseguido administrar. Desta vez, não estava administrando. Seu humor piorava a cada segundo.

Sua conversa com Rathbone continuava a se repetir em sua cabeça, torturando-o.

— Você vai persegui-la?

— Você sabe que eu não posso deixar o reino dos espíritos.

— Você é Lazarus, o filho único do Monstro, não é?

— Sim.

— Então não sei de tal coisa.

O guerreiro acreditava que Lazarus poderia atravessar o portal *sem* acabar no vazio? Por quê? Como? Nada tinha mudado. Ele...

Não era verdade. Muitas coisas tinham mudado. Sua aliança com Hades. Isso o tinha fortalecido? A atração que o portal agora exercia nele. Por quê? A maçã pendurada em seu pescoço... um ser vivo poderia ou não estar preso dentro disso. Outro sinal de força? O espelho mágico. Desde que isso havia revelado futuros possíveis para Cameo, ele o trazia consigo. Talvez tivesse o poder de reuni-lo com sua mulher, talvez não.

Desesperado o bastante para tentar qualquer coisa.

Todavia, mais de suas veias tinham sido preenchidas com cristais. Logo ele não seria capaz de ocultar a transformação dos outros. Uma fraqueza certa.

Se ele acabasse no vazio, perderia um tempo precioso. Outro imortal poderia se apoderar de seu reino, roubar seu exército. Quando voltasse, perderia ainda mais tempo lutando contra o novo rei.

Se acabasse no mundo mortal, teria que desistir de seu exército, de qualquer forma.

Ele mordeu a língua até sentir o gosto metálico de sangue. Teria que se casar com uma rainha logo. Não haveria maneira mais rápida de recuperar o poder que perderia.

Uma chance de vingança valeria o risco? Não. Ele podia esperar, como sempre tinha planejado esperar, para que Hera e Juliette morressem e acabassem no reino dos espíritos.

Imortais poderosos morriam todos os dias. Ele era prova disso.

Cameo valia o risco, considerando que ele não poderia ficar com ela?

Não havia necessidade de ponderar a resposta. Sim. Cameo valia *qualquer* risco, e a ironia não lhe passava despercebida. Ela abrigava Miséria, mas apenas ela poderia lhe fazer feliz.

Com uma mão, Lazarus pegou o espelho. Com a outra, procurou na sua bolsa, e retirou um coração de uma Amazona recentemente espremido.

* * *

Cameo e Viola entraram em *Downfall* lado a lado. O clube noturno imortal ficava localizado no terceiro andar do firmamento, onde o bem e o mal e frequentemente colidiam. Ele pertencia a três Enviados. As paredes e o chão pareciam ser feitos de nuvens finas e brancas, permitindo que os ocupantes espiassem o céu negro e as estrelas brilhantes além e abaixo do prédio. Um fenômeno impressionante, já que aquelas nuvens eram sólidas ao toque.

O cheiro de álcool, sexo e perfumes misturados era pesado no ar. O aquecimento estava bem alto, quer para incentivar o consumo de bebida ou para tirar as roupas. Provavelmente os dois.

Cameo avistou espelhos no teto e gemeu. Cada demônio vinha com um conjunto de falhas, e espelhos eram um defeito do Narcisismo. Sempre que Viola via seu reflexo, ela ficava encantada. Qualquer um poderia atacá-la, e ela nem veria nem reagiria até que fosse tarde demais.

— Não olhe pra cima — Cameo disse a ela. — Por favor.

— Por quê? — Claro que Viola tentou olhar.

Cameo agarrou seu queixo e a olhou nos olhos.

— Confie em mim.

— Tem um espelho, não tem? — A deusa mordeu o lábio.

— Claro que eu posso me dar ao luxo de uma olhadinha... eu sou tão linda.

— Claro. Olhe. Torne-se vulnerável para todos do clube. Poderia se transformar em uma *piñata* imortal. O sonho de toda garota!

Um tremor balançou viola em seus saltos de prostituta.

— Certo. Nada de olhar. Estamos aqui para achar um gostosão delicioso e...

— Não! Para achar a Harpia. Juliette. Nada de gostosão — não era como se alguém fosse tentá-la. Enquanto Cameo se lembrasse de Lazarus, ele seria seu padrão de homem. Ninguém poderia se comparar.

Viola mexeu as sobrancelhas quando viu um shifter de urso.

— Talvez uma *fatia* de gostosão? — Flufly estava aos pés dela, rosnando para todo homem que passava. — Estou com fome de distração.

— Bem, considere hoje um dia de poucas calorias, sem glúten e cem por cento vegano.

Um homem que ela nunca viu olhou para ela, desviou os olhos, e então se moveu e ficou olhando-a intensamente. Ele passou a língua nos lábios como se já conseguisse sentir o gosto do seu beijo.

Ele não a queria, não realmente. Ontem, depois dela ter tomado a decisão de passar uma noite com Lazarus, o desejo tinha começado a cozinhar dentro dela. Desejo que ela agora irradiava, acompanhado de tristeza. Os homens com quem tinha cruzado tinham respondido... com entusiasmo.

Quando aquele veio em sua direção, o andar sugerindo que era um vampiro, ela ergueu uma adaga em advertência. Ele sorriu com vontade revelando presas e continuou vindo.

Ela disse:

— Quer ter uma discussão sobre coisas cheias de profundidade e significado?

Quando sua voz foi levada acima da música, ele fez uma careta e recuou.

— É, foi o que eu pensei — ela murmurou, escondendo sua mágoa sob uma máscara inexpressiva. *Eu sou um repelente masculino.*

Miséria riu com a sua alegria de sempre. *Lazarus está feliz por ter se livrado de você.*

Ela engoliu um grito de agonia. O demônio amava atazaná-la com declarações que no momento não podia rebater. Uma arma pérfida em seu arsenal de maldade.

Lazarus ficaria feliz em vê-la? Ou ele tinha percebido que ficaria melhor sem ela?

— Dica de amiga — disse Viola por trás da mão. — Quando um homem gatinho quiser flertar conosco e pagar nossas bebidas e aperitivos... Ei, quer dividir umas batatas com queijo?

— Não. Qual é a sua dica de amiga? Que é melhor eu não falar?

— Não seja ridícula. — A deusa acenou com a mão em negativa. — Eu ia sugerir que você roubasse a carteira dele antes de abrir a boca.

Não era exatamente um conselho ruim.

Cameo fez o seu melhor para bloquear Miséria de seus pensamentos ao examinar o clube. Uma banda tocava em cima de um palco no canto, lingerie femininas espalhadas aos seus pés. Na pista de dança, homens e mulheres de todas as raças imortais dançavam juntos em safada harmonia. Múltiplos bartenders davam conta de um bar superlotado.

Um dos bartenders — um belo homem com cabelo rosa — avistou Viola e deixou um copo cair. Seu rosto perdeu a cor, ficando pálido.

— Você o conhece? — perguntou Cameo, apontando. Ele tinha uma aparência bem singular. Lágrimas de sangue estavam tatuadas nos cantos de seus olhos e um anel de aço adornava seu lábio inferior.

— Eu não diria que o conheço. Diria que o destruí uma vez — respondeu Viola, o tom jovial, mas os olhos torturados. — Tenho certeza que ele não guarda rancor por mim.

Uma lista de coisas que Cameo confiava mais do que na garantia de Viola: chicletes deixados debaixo das mesas, um inimigo armado às suas costas e um bufê dado por Lúcifer, o Destruidor.

O bartender correu para uma porta dos fundos, desaparecendo de vista. Em segundos, outro homem apareceu.

Asas brancas e douradas arqueavam acima de seus ombros. Ele era um Enviado. Cameo nunca o tinha conhecido, mas a julgar pelo revelador cabelo branco, pele de alabastro cheia de cicatrizes e olhos vermelhos que proclamavam sua identidade, aquele era Xerxes. Um dos proprietários do clube.

Seu olhar caiu em Viola e se estreitou.

— Conhece *ele*? — Cameo apontou. Se o demônio assassino tinha uma rixa com Narcismo, ele também teria com Miséria.

— Definitivamente não — Viola se abaixou para acariciar Fluffy atrás das orelhas. — Pronto. O que eu estava dizendo? Tenho certeza que você estava louca para ouvir.

Cameo observou com temor quando Xerxes moveu os olhos para o clube e acenou quase que imperceptivelmente para...

Outro Enviado, que vinha pela multidão diretamente para Viola. Cameo o fitou, perplexa. Ele parecia... não podia ser... mas sua imagem nunca mudava. Cabelo preto ondulado, olhos azuis vibrantes e feições talhadas geralmente só encontradas em fantasias femininas — ou no reflexo de William, o Sempre Excitado.

Eles não podiam ser gêmeos. Esse cara parecia mais novo e menos endurecido pela vida. Bem, isso e as asas branco-douradas magníficas.

De jeito nenhum William era parente de um Enviado. De jeito nenhum mesmo.

O homem parou em frente a Viola e deu um sorriso pecador. *Igualzinho a William.*

— Olá, senhoras. Eu sou Axel, o homem dos seus sonhos. Algo que William teria dito.

Cameo assentiu em cumprimento, querendo inundá-lo de perguntas. Não havia por que estragar a noite dele.

— Na verdade — disse Viola — eu sou a mulher dos meus sonhos, e estou em uma relação séria comigo mesma.

— Estou intrigado. — Ele ofereceu o braço e a deusa aceitou sem hesitação, como se sua admiração fosse devida. — Me conte mais.

— Prepare-se para ficar fascinado.

Os dois saíram andando, a conversa logo abafada pela música. Mas que parceira.

— Viola — ela chamou. — É sério quando dizem que não se deve falar com estranhos. Você não devia...

Sem olhar para trás, a deusa levantou o polegar. As pessoas ao redor dela começaram a chorar.

Cameo curvou os ombros. Ela não iria atrás da sua amiga, tratando Viola do jeito que Sabin tratava. Como se ela fosse uma inválida incapaz de se proteger. Ela confiaria que Viola cuidasse da própria segurança.

Cameo voltou a atenção para caçar sua presa. Graças a Gwen, sabia que Juliette Eagleshield estaria — ali!

Oh, uau, Cameo tinha esquecido o quanto ela era bonita. Alta e atlética com cabelo escuro e olhos cor de lavanda. Um homem poderia se embriagar olhando aqueles olhos.

A Harpia tomou uma dose de uma vez, ergueu os braços e gritou, “Uhu.” Ela usava um top roxo de alcinhas e uma minissaia, a riqueza de tatuagens em suas pernas

perfeitamente exposta. Em vários lugares, símbolos diferentes se conectavam criando uma ilusão ótica, fazendo a pele dela parecer tão delicada quanto renda.

Quando Juliette jogou a cabeça para trás e riu, uma lâmina de inveja cortou Cameo, atravessando-a.

Por que Lazarus iria querer você, um rio de lágrimas prestes a transbordar e não ela, uma lagoa cristalina e serena?

Cameo ergueu o queixo. A resposta não importava. Juliette tinha removido as mãos de Lazarus. Mais de uma vez! Hoje Cameo removeria as dela.

Determinada, ela diminuiu distância.

Xerxes entrou em seu caminho, detendo-a.

— Brigas não são permitidas dentro do clube. — Seus olhos vermelhos brilhavam, tão sinistros quanto incomuns. De perto suas cicatrizes se destacavam em contraste com a pele clara e se tornou óbvio que eram marcas de garras.

Não havia jeito. Ela teria que falar.

— Como sabe que eu pretendo brigar?

Ele estremeceu de leve antes de indicar a mão dela.

— Você está segurando uma adaga.

Cameo embainhou a arma.

— Feliz agora?

— Não — movendo-se com uma velocidade que ela não conseguia acompanhar, ele tomou a adaga e sua gêmea.

Tanto faz. Dos pés à cabeça, *ela* era uma arma.

— Eu ficarei com elas até você ir embora — ele disse. — Não há razão para brincar com a tentação.

— Tudo bem. Mas só para esclarecer, eu enfiarei essas adagas nos seus olhos se você ou seu amigo machucarem Viola.

Surpresa registrada, suavizando as feições dele.

— Nenhum mal acontecerá a ela.

Ela acreditava nele. Enviados eram incapazes de mentir.

— Nem a você — ele acrescentou. — A não ser que cause problemas aqui.

Ele saiu andando, desaparecendo na multidão apesar do tamanho e aparência única, uma façanha que requeria talento.

Bem. Hora de causar problemas.

Cameo finalmente alcançou nas Harpias. Com a voz que era absolutamente mágoa e desespero, ela disse:

— Juliette, a Erradicadora.

Juliette se encolheu, mas rapidamente cobriu a ação arqueando uma sobrancelha escura.

— Cameo, Mãe da Melancolia. Sugiro que você saia daqui. Sua amiga matou o meu consorte.

Ela correu a língua pelos dentes.

— Ele não era seu consorte. Era seu escravo. E por que eu sairia? Eu vou limpar o chão com a sua cara.

A Harpia ficou tensa, mesmo enquanto lágrimas enchiam seus olhos. Na verdade, todas as Harpias da mesa ficaram. Seis no total. Seis pares de olhos maldosos e lacrimejantes focaram em Cameo brilhando de raiva. *Vamos começar bem, então.*

— Olha só quem decidiu roubar um par de bolas — Juliette passou a língua pela ponta afiada de um incisivo, imitando

Cameo. — Que pena pra você, a gente sabe que essas bolas pertencem a Hades. Estamos em lados diferentes da guerra e você pensa que ele pode te proteger. Notícia fresca. Ele não pode. Não se engane, eu arrancarei seus membros e os mandarei pra sua família.

A multidão de imortais notou uma discussão e formou um círculo em volta de Cameo e das Harpias. A música parou repentinamente e o silêncio reinou. Os murmúrios começaram a crescer.

— Estão filmando isso?

— Essa é Cameo, guardiã da Miséria? Aposto cinco pratas que estamos prestes a descobrir se a cor de sangue combina com ela.

— Uma vez eu vi Juliette arrancar a espinha de um homem... pela boca dele. Cameo já era.

Todos supunham que a Harpia acabaria com ela? Uau. Isso doía.

Sua perda será humilhante, Miséria disse, e gargalhou.

Tristeza ameaçava sufocá-la. Não! Não aqui. Não agora. *Eu posso fazer isso. Vou fazer isso*. Se ela pudesse controlar seus pensamentos, poderia controlar as emoções. Ela *podia*.

Três Enviados abriram caminho para a frente do círculo — Xerxes e os outros donos, Bjorn e Thane — empurrando as pessoas do caminho.

Nada de briga no clube?

— Hipócrita — ela murmurou.

Bjorn tinha o cabelo escuro, pele bronzeada e o par mais espetacular de olhos das cores do arco-íris. Thane tinha

inocentes cachos dourados, mas olhos azuis duros. Todos os três homens irradiavam más intenções quando cruzaram os braços nos peitorais gigantes, desafiando Cameo e Juliette a darem o primeiro golpe.

Cameo fincou sua bandeira.

— Você machucou Lazarus — cuspiu para Juliette. — Agora, eu machuco você.

Olhos lavanda se estreitaram até quase minúsculas fatias.

— Lazarus é o meu consorte agora e sempre, na vida e na morte. Meu! Ele não é nada pra você.

Pegando emprestada uma página do manual de estratégia de Viola, Cameo balançou os cabelos como se não estivesse nem aí.

— Tem certeza? Eu acabei de passar o final de semana com ele.

Tremores varreram a Harpia.

— Você o encontrou nos reinos espirituais?

— Encontrei... beijei.

— Beijou — com um grito estridente, Juliette pulou em cima dela.

Pouco antes do contato, um raio negro bateu em cheio na Harpia, derrubando-a para trás. Fluffy, percebeu Cameo, chocada até os ossos. Ele meteu as garras no rosto de Juliette, uma bola de fúria, e a Harpia gritava de dor.

A multidão ofegou coletivamente e se afastou. Alguém deve ter tropeçado em outra pessoa, porque uma briga surgiu. Os Enviados entraram em ação, fazendo o melhor para impedir o pior da violência.

Uma das amigas de Juliette tirou uma vara fina prateada da bainha de couro em volta do pulso. Uma vara que ela arremessou em Cameo.

Com os reflexos bem afiados, Cameo segurou a ponta e deu um soco. Seus dedos estilhaçaram a maçã do rosto da Harpia.

Viola apareceu em um *puf* de fumaça vermelha. Não mais angélica, ela parecia com o demônio que vivia dentro dela. Dois chifres saíram de seu escalpo. Escamas vermelhas tinham substituído sua pele e seus olhos brilhavam como rubis radioativos. Presas afiadas e mortais cresceram de suas gengivas e as unhas estavam do tamanho de garras. O cheiro de enxofre emanava dela.

A deusa rasgou o pescoço da oponente de Cameo — como se fosse manteiga. Sangue jorrou, a Harpia segurando o tecido rasgado desesperada para respirar, mas incapaz.

Os Enviados focaram seus esforços em Viola, mas falharam em impedi-la. Ela simplesmente era forte demais. Enquanto acabava com as Harpias, rasgando qualquer uma que estivesse ao alcance, a mesa virou e copos quebraram.

Cameo aproveitou a oportunidade para atacar Juliette, que ainda não tinha se livrado do demônio da Tasmânia. Ela chutou a vadia no estômago... e chutou de novo quando a Harpia se colocou de quatro, com ânsia de vômito.

Fluffy a soltou — mas levou um pedaço da orelha dela consigo.

Cameo deu um tapa na bochecha ensanguentada, fazendo a Harpia tropeçar para a multidão desordenada.

Uma Juliette bufando e botando os bofes pra fora, empurrou outra mulher em cima de Cameo — uma sereia — fazendo com que ambas caíssem pra trás. Enquanto ela lutava para se levantar, a Harpia agarrou um pedaço de vidro quebrado e saltou para cima dela.

O impacto jogou Cameo ainda mais para trás. Quando ela esbarrou em uma mesa, Juliette a atacou duas vezes. Cameo conseguiu desviar do vidro nas duas, caiu por cima de uma cadeira, mas de algum modo conseguiu segurar firme o pulso da Harpia, salvando-se de ser desmembrada.

Um braço musculoso de repente rodeou a cintura de Juliette, tirando-a de cima de Cameo.

— Me solta — berrou a Harpia, lutando para se libertar.

Sem dizer uma palavra, Thane a levou até a varanda, abriu as asas e se lançou no céu.

Cameo saltou em pé, com a intenção de correr até... ela não tinha certeza. Não podia segui-los. Um braço musculoso a rodeou. Um braço com cicatrizes. Xerxes. Bjorn, ela notou, finalmente tinha segurado Viola enquanto um Fluffy rosnando atacava seus tornozelos.

— Violem nossas regras — disse Xerxes entredentes cerrados — e enfrentem a nossa fúria.

— Faça algum mal a ela — uma voz masculina rouca anunciou — e morra.

O coração de Cameo vacilou dentro das costelas. O resto dela ficou imóvel, vibrando de... antecipação?

Oh, sim. A multidão se abriu e um Lazarus furioso apareceu.



CAPÍTULO 16

*“Se facilita para si mesmo, facilita para o seu inimigo.
Portanto, dificulte. Melhor ainda, dificulte muito. Bastante.”*
— *Verdades Eternas para Cada Homem*

O homem segurando Viola a entregou para um Enviado caído chamado McCadden como se ela fosse um saco de calcinhas. O bartender tatuado de cabelo rosa a apertou no braço e, em um esforço para fugir do caos que tinha sido gerado pela aparição de Lazarus, saiu correndo do lugar.

Sem asas, ele não podia sair do prédio. Precisaria de ajuda. A menos que ele possuísse a habilidade de riscar.

Pouco antes de McCaden dobrar num corredor levando ao corredor de escritórios, os olhos de Viola encontraram os de Cameo. A linda garota tinha parado de olhar espantada para seu homem para procurar Viola. Claro que era uma façanha que exigia inimaginável força, considerando que o belíssimo Lazarus tinha sido decapitado e agora caminhava entre os vivos. A bela morena pretendia vir resgatá-la? Que fofo.

Eu fiz uma amiga de verdade?

Viola sacudiu a cabeça, silenciosamente dizendo para Cameo se acalmar. Ela ficaria bem. Ela devia a McCadden e, pra variar, pagaria sua dívida. Enfrentaria a ira dele em vez de usar sua habilidade de desaparecer em um piscar de olhos. Por que... simplesmente por que!

Cameo assentiu em compreensão.

Fluffy mordeu o calcanhar de McCadden, recusando-se a deixar sua mamãe sair de vista.

O Enviado caído a levou para um escritório luxuoso com espaço suficiente entre cada peça de mobília para abrigar a amplitude das asas. Ele fechou a porta com um chute, prendendo-a ali com ele. Sozinha. Algo ecoava entre eles, como o aviso de um mal presságio.

Viola se libertou dos braços dele, encontrou o chão e deu as costas para ele, algo que normalmente não teria feito. *Não confio em ninguém, só em mim mesma.* Bem, e em Fluffy. Mas este homem não a machucaria; ela sabia com todas as fibras de seu ser.

Além disso, Fluffy estava de guarda. Ele se posicionou aos seus pés, presas expostas em advertência.

— Sabe quem eu sou, deusa? — McCadden perguntou em voz baixa.

— Eu... — Narcisismo costumava apagar sua memória assim como Miséria apagava tão frequentemente a de Cameo. Só que ele não tinha apagado os bons tempos em um esforço para deixá-la atolada em remorsos. Ele só tinha apagado as coisas que ela fez para arruinar a boa opinião que tinha de si mesma, tudo em um esforço para mantê-la cheia de orgulho.

Uma condição que ela antes enaltecia. *Eu sou maravilhosa. Por que não aceitar?*

Mais cedo ou mais tarde, o orgulho sempre levava a uma queda brusca.

Um dia, Narcisismo tinha percebido que a felicidade de Viola manchava a dele. Ele só se fortalecia quando magoava os outros. Incluindo sua hospedeira. Só gostava de seu poder apenas quando enfraquecia os outros propositadamente. Mais uma vez, incluindo sua hospedeira. Sentia-se em controle quando fazia os demais perderem o controle. Sim, incluindo sua hospedeira.

Essa era a natureza de um demônio. De *todos* os demônios. Os diabos não eram algo que se podia aceitar e aplacar. Não era ursinhos carinhosos que só precisavam do amor de uma boa mulher. Não eram um mal que podia ser usado em proveito próprio. Eles destruíam. Sempre. Eles tomavam, pura e simplesmente. E só desejavam *mais* destruição, *mais* devastação.

Às vezes, quando o último do orgulho de Viola se transformava em cinzas, Narcisismo se enfraquecia e se retraía para os fundos de sua mente, sua presença quase não se discernia. Ela se lembrava das coisas que tinha feito e dito, e seu coração se estilhaçava. Ela caía de joelhos e chorava, forçada a reconhecer que, ao se submeter à maldade, tinha se *tornado* má.

Mas o demônio sempre revidava, e o ciclo sempre voltava a se iniciar. Engrandecer-se e derrubar os outros. Uma dor que rivalizava a de Cameo. Uma ressurreição de orgulho.

Aquele era um momento em que ela queria cair de joelhos e chorar. Não que fosse fazer isso na frente de uma audiência, principalmente uma que incluía McCadden. O idiota faria de tudo em seu poder para confortá-la.

Ela não merecia conforto.

— Sim — ela disse. — Eu sei.

— Fico feliz.

— Não fique — ela envolveu seus braços ao redor de sua cintura para mascarar seus tremores. Teve que recolher os pedacinhos do seu coração estilhaçado incontáveis vezes, e conseguiria recolher de novo. — Eu já provei que sou a sua ruína.

Quando ele não ofereceu resposta, ela andou pelo escritório. O espaçoso anexo tinha um teto alto e convexo, prateleiras de livros emolduradas em ouro e colunas entalhadas para se parecerem com imortais específicos. Ela reconheceu Thane, Bjorn e Xerxes, mas não a mulher que parecia ser engolida por chamas.

Obviamente uma Fênix... a esposa de Thane? Sim, sim, claro. De acordo com as fofocas, o Enviado de aparência mais angelical estava completamente enamorado de sua feroz Elin. Por que ele *não* ergueria uma estátua com sua imagem?

Oh, ser amada de um jeito assim.

Eu te amo, disse o demônio.

Mentiroso!

— Você já foi a minha queda — disse McCadden, a voz baixa.

As palavras a arrancaram de seu descanso momentâneo.

Ele falava no sentido literal. Tinha desistido do seu lugar entre os Enviados, permitindo que suas asas fossem cortadas de suas costas, sua posição nos exércitos arrancada e sua casa dada a outrem, simplesmente pela *chance* de ficar com ela.

Narcisismo tinha se alimentado da adoração dele. Enviados eram seu lanchinho favorito, afinal de contas. Talvez por eles carregarem um pedaço de Amor em seus corações, um dom de sua exaltada linhagem. Eles eram filhos da Verdadeira Divindade, que era mais poderoso que os Gregos, os Titãs e qualquer outra raça de imortais. Demônios desprezavam a Verdadeira Divindade e seus seguidores, e ficavam bem contentes quando eles encontravam sua destruição.

Narcisismo usava Viola para fazer seu trabalho sujo.

Como a deusa da Pós Vida, ela podia puxar como um sifão a força vital de alguém — de qualquer um. Simplesmente precisava de permissão, quer essa permissão viesse com ou sem intenção.

Na noite em que conheceu McCadden, ela tinha pressentido um alvo fácil. Rejeitado por sua família por... um motivo que ela tinha escolhido não ouvir, ele estava desesperado por afeição. Ela havia sorrido e ligado seu charme, e em poucas semanas ele lhe tinha servido sua força vital em uma bandeja de prata, permitindo que ela alimentasse Fluffy, mantendo seu amado animal de estimação vivo por mais um século ou dois.

Não sentirei culpa, não sentirei culpa, droga, não sentirei culpa.

A seguir abandonou McCadden, largando-o ao seu condenado destino, certa de que nunca mais voltaria a falar com ele.

Como ele pode me olhar com tanta bondade?

Ela queria que ele gritasse e a atacasse.

— Eu ainda a amo — ele disse.

Ela sacudiu a cabeça, determinada.

— Não pode. Eu o sentenciei ao inferno.

Ele bateu no peito com o punho fechado, sem se render.

— Eu sei o que sinto.

Ardência atrás dos olhos. *Nada de choro. Não aqui.*

— Sentimentos mudam — sussurrou. — Além do mais, veja aonde os seus o levaram.

Mil gritos explodiram dentro de sua cabeça — e eles eram todos seus. Ela queria gritar com ele, *Você é um idiota! Proteja-se de mais dor!* Ela só faria o que se provasse melhor para si e para seu animal de estimação e, portanto, para o demônio.

Ela vinha provendo o demônio há tanto tempo que ele acabou ganhando mais força dentro dela. Tinha-lhe acorrentado com correntes invisíveis. Agora ele a possuía.

Mas era assim que o mal trabalhava, não era?

No começo, a escuridão do demônio não tinha passado de uma sementinha. Quanto mais atenção ela administrava, quanto mais regava, maior e mais forte havia crescido. Até suas raízes ficarem profundas bem dentro dela, e seus galhos e folhas obscurecendo qualquer toque de luz.

— Meu irmão jurou encontrá-la e tomar de volta o que roubou de mim — ele disse.

— Não sobrou nada — era a verdade. Logo o mortal Fluffy precisaria de outra infusão de poder e Viola caçaria outro Enviado. Qualquer imortal serviria, mas ei, por que não matar dois pássaros com uma só pedra? Salvar Fluffy, apaziguar Narcisismo.

Além disso, Enviados tinham as forças vitais mais puras.

— Odeio ser a portadora de más notícias, mas se seu irmão quiser brigar comigo, eu farei com ele o que fiz com você.

Não posso perder meu bebê. Simplesmente não posso. Ele tinha se tornado o seu melhor amigo, sua única fonte de conforto... sua família. Sua família com presas, de uma ira feliz e superprotetora.

Ela se odiaria por caçar outro imortal e provavelmente choraria, mas faria o que fosse necessário sem hesitar.

McCadden apertou os punhos e ela notou as pequenas garras se projetando de seus dedos. Ele tinha começado sua transformação então. Muito frequentemente Enviados caídos se tornavam similares aos demônios que certa vez caçaram.

— O nome do meu irmão é Brochan — ele continuou como se ela não tivesse falado. — Ele é, era, o melhor assassino de demônios que já existiu. Ele cortava através de hordas como faca na manteiga.

— O nome dele é Broken? Sério? — O coitado foi injustiçado desde que nasceu.

McCadden continuou.

— Se escreve B-R-O-C-H-A-N. Talvez tenha ouvido falar dele? Ele é caído, mas ainda tem asas. Escapou dos céus antes que os apêndices pudessem ser removidos. — Agora seu tom

carregava inveja. Ele sentia falta das asas então, e ela não sentiria culpa, não podia se permitir sentir. — O mal o infectou, o deturpou... tornou-o um monstro.

Caído... alado... deturpado...

Monstro.

Tinha de ser sua sombra. Aquele que a chamava de “abandonada”.

Por vários segundos, seu coração se esqueceu de bater. Agora finalmente ela sabia o que a fera de pele azul e olhos prateados tinha planejado para ela.

Planejava destruí-la. Puni-la pelos crimes contra seu irmão.

Mas por que ainda não tinha atacado? Ele teve múltiplas oportunidades e ainda assim só veio alertá-la.

Talvez quisesse atraí-la com uma falsa confiança? Talvez planejasse fazer com ela o que tinha feito ao seu irmão, ceder seu coração voluntariamente a ele, deixando-a sem nada?

Ela devia temer a batalha vindoura, mas só sentia antecipação.

— Se ficar aqui — disse McCadden — eu a protegerei do meu irmão. Os outros também a protegerão. Eles fizeram um voto.

Destrua-o de uma vez por todas. Acabe com ele, para que ele pare de se importar comigo e comece a se importar consigo mesmo.

— Os outros são tolos — ela lhe disse. Por fim encontrou seu olhar, permitindo que suas feições se endurecessem diante

dele. — Mas você é pior. Você busca proteger quem o machucou, quem irá machucá-lo novamente, e pediu aos seus amigos que fizessem o mesmo.

Cruel para fazer o bem. Um lema tão enganador quanto o demônio, mas um ao qual ela se apegava para não desabar.

A devastação escureceu os olhos dele eee sim, presas saíram de suas gengivas. Tornando-se os demônios que uma vez matara.

— Essas palavras não são sinceras. — Pela primeira vez, ele gaguejou.

Cruel. Para. Fazer. O bem. Ela girou uma mecha de cabelo pálido ao redor do dedo e ofereceu o seu melhor sorriso de amor próprio.

— Você não é o primeiro homem a se apaixonar por mim e não será o último. Pelo menos os outros tiveram bolas para me odiar depois. Sugiro que você faça o mesmo antes que eu tire mais que a sua masculinidade.

Seu corpo tremeu... ou vibrou com uma ira crescente. Quando ele deu um passo agressivo em sua direção, as portas foram arrombadas e a fera — Brochan — adentrou no quarto. Ele pousou entre Viola e McCadden, os olhos em Viola.

Fluffy rosnou, seu corpo vibrando de fúria.

Ela nunca esteve tão perto assim de seu perseguidor, só o viu de longe em alturas diferentes. Em nível do chão, ele era bem maior que ela, uma fortaleza de músculo e hostilidade. As asas abertas, indo de parede a parede, as pontas pretas emitindo um cheiro forte de sangue e cinzas. Seu rosto... Antes ela pensava que ele, de alguma maneira, havia cruzado a linha

entre o grotesco e o primoroso. Agora ela sabia. Ele era magnífico. Tinha cílios tão longos que se curvavam nas pontas. E sardas! Ele tinha três sardas debaixo do olho esquerdo. Seu queixo tinha uma covinha adorável, basicamente uma placa que dizia *Lamba aqui*.

Narcisismo começou a se perguntar se fazer uma criatura tão poderosa apaixonar-se por ela provaria ser sua maior realização. As primeiras faíscas de pânico brotaram no peito de Viola.

Brochan estendeu um dedo com garra, apontando para ela.

— Abandonada.

McCadden agarrou seu irmão pelo ombro, mas Brochan escapou facilmente e prosseguiu em direção a ela.

Com o coração martelando nas costelas, Viola pegou Fluffy nos braços e desapareceu. Recuando. Algo que disse a si mesma que não faria.

Mas ela precisava de tempo. Tempo para planejar sua próxima jogada.

* * *

Lazarus lutou para controlar a ira devastadora, vacilando de choque e de um tesão abrasador.

Cameo estava aqui, finalmente ao seu alcance, e ainda assim outro homem tinha ousado pôr as mãos nela. Uma possessividade o consumiu, veias queimaram quando novos cristais se formaram.

Ele decidiu lidar com o choque primeiro, não querendo obstáculos entre ele e seu prêmio. Sua mulher e a morte do Enviado a segurando.

Tinha conseguido. Realmente entrou no mundo mortal.

Ao dar um passo dentro do portal, ele experimentou uma privação sensorial total. Pensou que tinha feito uma aposta e perdido. A ideia tinha despertado seu monstro interior, suas presas e garras retornaram, os cristais em suas veias pulsando. Mas conforme latejavam, luzes tinham começado a pulsar e a desaparecer. Segundos mais tarde ele caiu, foi para baixo, pra baixo, aterrissando em um campo aberto de flores silvestres. Não havia ninguém por perto. Nem espírito, nem humano, nem imortal.

Cauteloso, incerto, mas sem ousar ter esperanças, ele riscou para uma casa que tinha construído e escondido há séculos. Ela residia em uma das terras que formavam um arquipélago nas Ilhas da Nova Zelândia Subantártica. Um lugar que era incapaz de alcançar dentro dos reinos do espírito.

Ver a sua cabana o fez cair de joelhos. Sim, a madeira tinha apodrecido, e sim, o tempo e a vida selvagem deixaram suas marcas, mas o que importava? Lazarus estava vivo. Vivo! *Depois* de ser decapitado.

Seu pai estava certo. Ele viveria para sempre. Não sabia como ou por que exatamente, mas agora suspeitava que os cristais eram o catalisador. O jeito que tinham pulsado...

Impossível. Os cristais eram sua ruína. Eles não o fortaleciam; eles o debilitavam, e um homem fraco não

sobrevivia a nada. Os movimentos de Lazarus já eram mais lentos que o habitual, seu alcance mais limitado.

Ele tinha pensado, *Encontre e seduza Cameo. Mate Juliette e Hera antes que seja muito tarde.*

Tinha se protegido com uma ilusão de invisibilidade e riscou para Budapeste. Vasculhou a casa de Cameo, uma verdadeira fortaleza, permanecendo invisível para os ocupantes. Depois de ler uma mente ou doze, descobriu que ela saiu mais cedo naquela manhã. Tinha escondido o espelho mágico em seu quarto, feliz pelo vidro ter sobrevivido à jornada, e partiu em sua própria caçada.

Murmúrios encheram sua cabeça, puxando-o para o presente.

— Este é Lazarus, o Cruel e Incomum?

— Cara! Não falaram que tinham aparado o pescoço dele?

Lazarus respirou fundo, os odores mais fortes aqui do que no reino espiritual. Ele detectou notas de álcool e ambrosia, uma mistura farta de perfumes imortais, a madeira, o aço e o cimento usados para construir o clube, e um dilúvio de muitas outras coisas para definir. Não, não muitas outras — três se distinguiram acima de todo o resto. Rosas, bergamota e neroli.

Ele ficou duro, sua ereção empurrando a abertura da calça de couro.

Seu olhar encontrou Cameo e o resto do mundo desapareceu. Lá estava ela, a *μovoμavia* responsável pela sua dor... e pelo seu prazer. Apenas dias tinham passado, mas sua beleza o atingiu de novo como se ele a estivesse vendo pela primeira vez. Suas mechas negras estavam ancoradas em um

rabo de cavalo alto balançando de um lado para outro. Os olhos de prata líquida queimavam de tristeza sim, mas também de ardor.

Ela o atraía, mas ele também a atraía. Ao menos eles estavam juntos nessa bagunça.

Seus lábios de rubi vermelho suavizaram como se preparando para seu beijo. *Pode ficar tranquila, eu a beijarei assim que estivermos a sós, Raio de Sol. E depois receberei a minha recompensa...*

Enquanto seu corpo vibrava de necessidade, ele abriu a mente para ela, barrando todos os outros. Muitos pensamentos de uma vez podiam incapacitá-lo. A proteção dela estava ativada.

Será que Miséria apagou sua memória?

Pronto para a guerra, Lazarus avançou. Dois shifters de urso reagiram à agressão que ele irradiava, entraram em seu caminho e rosnaram. Lazarus agarrou um pelo pulso e puxou antes do soco poder fazer contato, girando o bruto de forma a virar as costas dele para seu tórax, criando um escudo. O outro gêmeo acabou socando o irmão.

Quando o que estava em seus braços caiu inconsciente, Lazarus martelou a mandíbula do irmão. Quando esse caiu, Lazarus passou por cima dele, uma vez mais a caminho em direção à sua mulher.

O Enviado soltou Cameo. Sem hesitar, ela correu pela multidão — e um grupo de Harpias — para se colocar diante dele.

Ela se lembrava. Alívio o percorreu.

— Você está aqui e está vivo — ela sussurrou. Ela estendeu uma mão trêmula para passar as pontas dos dedos pela sua mandíbula.

O simples toque ameaçou derrubá-lo, as sensações muito mais intensas agora que tinha um corpo físico. O calor de sua pele, a suavidade incomparável, a fricção causada pelos pequenos calos de sua palma...

Não posso deixá-la nunca.

Deve!

— Você é tangível para mim no reino mortal e... — Com um ofego, ela saltou para longe dele. — Cheio de eletricidade? Você literalmente está enviando picadas por cada pedacinho de mim.

Eletricidade?

— Magnetismo animal é forte dentro deste — ele violentamente desconsiderou o desejo de gritar, *Me toque de novo. Não pare nunca.* — Alguém machucou você?

— Não, eu que estava machucando alguém até os Enviados estraga-prazeres interromperem as festividades.

Ela falou tão baixo que ele teve que se esforçar para ouvir. Alguém — provavelmente múltiplos *alguéns* — a fez sentir vergonha de sua voz. Ninguém tinha coragem mais?

Ele apertou sua mão estremecendo de prazer. A certeza da conexão que tinham...

Mais uma vez ela saltou para longe dele. Franzindo o cenho, ela esfregou a palma, como se ele a queimasse.

As picadas doíam?

O que diabos faria...

A Caixa de Pandora. A Caixa de Pandora pendurada ao redor de seu pescoço, escondida pela camisa e pressionada contra sua pele. Como podia ter se esquecido? O poder da caixa o usava como um canal?

Ele se encheu de culpa. Esta mulher — *sua* mulher — tinha procurado a Caixa de Pandora por séculos. Ele planejava usá-la para atraí-la ao seu reino, mas nunca teve a intenção de dar a caixa a ela. Muitos riscos envolvidos.

Os amigos dela a queriam destruída. Parte de Cameo provavelmente a queria destruída também. O que aconteceria quando — se — a Estrela da Manhã escapasse? Outra pessoa selaria o poder do ser, talvez até usasse aquele poder contra Cameo? E se os Senhores decidissem esconder a caixa e Miséria depois convencesse Cameo a dar um fim à própria vida bem como às vidas de seus entes queridos?

Oh, sim. Muitos riscos. E muitos desconhecidos. Lazarus não mencionaria a caixa a ela. Não apostaria em sua reação.

Ele devia ter deixado a caixa com o espelho, e teria se não temesse que os Senhores sentissem sua presença na fortaleza, falhassem em perceber o que se tratasse e a abrisse.

Preciso protegê-la. Ele criou uma ilusão. Quem olhasse em sua direção veria homem e mulher a poucos centímetros de distância, as cabeças juntas à medida em que conversavam. Na realidade, ele rasgava a camisa de Cameo.

— Uh, o que você está fazendo? — Ela perguntou.

— Explicarei mais tarde. — Alguma versão diluída da verdade, de qualquer forma. Ele puxou o pendente de maçã de baixo da sua camisa e amarrou a tira de tecido em volta dele

antes de escondê-lo de novo, prevenindo qualquer contato com sua pele.

— Bonito — ela disse. — Eu nunca diria que você era um cara que gosta de maçã.

— Por quê? É a fruta proibida. O pecado original. — Ele se preparou e ofereceu a mão a ela. Uma leve hesitação antes que aceitasse. E-e-e ela soltou um suspiro de alívio.

— Melhor — ela disse com um aceno de cabeça.

Um suspiro de alívio escapou *dele*. Ele cancelou a ilusão e a levou direto ao Enviado. O macho precisava entender o erro de suas maneiras — e as consequências que enfrentaria.

— Você não toca nela. Nunca. Entendido?

O macho de olhos vermelhos e cabelos brancos o olhou de cima a baixo e sorriu sem humor.

— Cuidado, guerreiro. Minha lista de dança está atualmente cheia, mas eu não me importo em escrever seu nome.

Cameo se colocou entre eles para agir de pára-choque.

— Eu aprecio a rotina *de machão*, Poço Escuro, mas você precisa saber de uma coisa. Juliette estava aqui. — As pessoas dentro do alcance de audição se encolheram e ainda assim ela continuou. — Thane foi embora voando com ela. Se nos apressarmos podemos alcançá-los.

Juliette. Por perto. Vingança afinal. Mais cedo em vez de mais tarde. Pontos vermelhos piscaram em sua vista, a ira voltando à superfície. Hora de criar um novo Jardim de Horror Perpétuo. Juliette Eagleshield podia ter a honra do primeiro lugar. *Siga-os. Agora!*

Não. Primeiro o que vinha primeiro. Ele estava ali por Cameo, desafiando tempo, espaço e morte para estar com ela. Vingança tinha sido sua prioridade número um, mas aqui, agora, o prazer da sua mulher importava mais do que qualquer outra coisa.

Ele se agarraria ao seu plano original. Teria sua noite com ela, *depois* caçaria Juliette.

Primeiro precisava de um quarto. Ele invadiu os bloqueios mentais do Enviado. O nome Xerxes o atingiu antes de incontáveis imagens de abuso e tortura que ele suportou em sua muito longa vida. Lazarus apertou os dentes e prosseguiu até achar a planta do clube.

O bastardo sentiu sua intrusão e o empurrou para fora com uma força rivalizada apenas por Rathbone.

— Não faça *nunca* — Xerxes disse áspero.

— Considere o sexto quarto de hóspedes da ala oeste ocupado pelo resto da noite — Lazarus apertou a mão de Cameo e a levou para longe da multidão.

Quando eles saíram das áreas públicas, ficou claro que o prédio inteiro era projetado para confundir intrusos. Guardas armados marchavam por certos corredores e na frente de portas específicas, mas ninguém fez um movimento contra ele. Enviados podiam se comunicar telepaticamente e Xerxes deve ter vocalizado sua bênção. Provavelmente por serem aliados de Hades e, portanto, um do outro.

Quando Lazarus alcançou seu destino, ele abriu a porta e fez um gesto para Cameo entrar. Ela passou por ele, deixando

uma nuvem com cheiro doce em seu caminhar e ele a seguiu, a boca se enchendo d'água.

A porta se fechou com um clique fatídico.

Ele olhou em volta fazendo uma varredura rápida. O quarto era pequeno, mas elaborado, cada peça de mobília finamente fabricada... e planejada para amantes. Espelhos decoravam o teto e as cobertas na cama com pétalas de rosas frescas espalhadas.

— Espera — Cameo esticou o braço para mantê-lo à distância. — E quanto a Juliette?

— Ela pode esperar. Você e eu não podemos — ele empurrou suavemente sua mão de lado, consumido seu espaço pessoal... e a beijou.

Ela deu boas-vindas a ele avidamente, devolvendo seu abraço apaixonadamente, sem indicação de tristeza. Ela não era só doce; era seu doce favorito. Ela não era só intoxicante; ela o estava consumindo todo. Não era meramente sua *μονομανία*; naquele momento, ela era o tudo seu.

Ele segurou sua nuca, mechas de cabelo sedoso por entre os dedos. Pequenos sons vinham dela e ele rosnou em aprovação. Seus sentidos estavam afiados quando a respiração dela se entrosou com a sua, tornando-se necessária para sua sobrevivência. Seu salva-vidas.

Excitação o queimava por dentro. A necessidade o rasgava. Ondas de sensação pulsavam por cima e dentro dele. Os cristais doíam, talvez até se estendessem, mas ele não se importava.

Ele a devorava com abandono, com medo de que nunca conseguiria se faltar, apavorado que sua sede nunca fosse extinta e que só desejaria mais. *Necessitaria* de mais.

De tantas formas ela o possuía. Ele era mais escravo dela do que alguma vez já foi de Juliette.

O pensamento devia tê-lo apavorado. *Realmente* o deixava em pânico. E mesmo assim continuava, pouco disposto a soltá-la. *Minha!*

Ofegando, ela ergueu a cabeça e passou a ponta do dedo nos lábios vermelhos sensuais.

— Você me achou — ela disse.

Ele quase rugiu uma negação, quase a agarrou e a puxou para outro beijo devastador. *Não posso pedir demais rápido assim.* Miséria usaria aquela oportunidade para atacar.

— Eu sempre acharei você, Raio de Sol.

— Porque você quer fazer sexo comigo — um rastro de amargura... uma riqueza de tesão.

— Eu quero. Então vamos a isto, sim?



CAPÍTULO 17

“Sempre erre no lado da morte.”

— Verdades eternas para Cada Homem

— Verdades eternas para Homens Sem uma Mulher

Cameo sentiu calafrios, e um mel quente pareceu fluir por cima dela da cabeça até a ponta dos pés. Em um instante, a ânsia que tinha lutado tão diligentemente para impedir ressurgiu com força inegável. Ela tremia. Seu sangue esquentou ao ponto de ebulição. Sua barriga apertou. Entre as pernas, ela sentia dor.

Miséria chiou, agindo como uma criança petulante. Ele chutou seu crânio repetidas vezes, causando uma ardência estranha que provocava os cantos de sua mente.

Eu vou fazer isto. Vou rolar os dados. Vou dormir com Lazarus e rezar para reter minha memória. Rezar para que ele me queira depois.

Se ela perdesse sequer uma memória dele... como ele tinha olhado para ela durante seu reencontro, como se ela fosse tudo de certo em um mundo errado, a sensação de suas mãos em sua carne sensível, emaranhadas em seu cabelo, o

modo que os lábios forçaram os seus a se moldarem aos dele... não, ela preferia morrer.

— Tire sua camisa — ela grasnou. *Deixe-me ver pelo que estou arriscando minha sanidade — minha vida.*

Um músculo apertou e relaxou na mandíbula dele.

— Minhas roupas ficam. As suas saem.

Ele estava brincando? Tinha que estar brincando. Mas...

O espelho tinha previsto assim. Todas as vezes que eles fizeram amor dentro da visão, ele tinha permanecido completamente vestido.

— De jeito nenhum — ela disse. — Tira a roupa.

— Damas primeiro... cavalheiros nunca — ele estendeu a mão para a camisa que tinha arrancado, mas ela bateu em suas mãos.

— Na mesma moeda — ela insistiu.

— Eu prefiro tetas.

— Que peninha. — Ela se manteve firme. — Se quer ver meu corpo, precisa me mostrar o seu.

— Tudo bem — Ele arrancou a camisa por cima da cabeça e ficou inteiramente quieto enquanto ela o examinava, sem nem ousar respirar.

Por que tanta resistência? Ele era magnífico. Fileiras de músculos se erguiam em locais pelos seus braços, tórax e abdome que criavam vales suavemente sombreados que a hipnotizavam. Tentavam-na. Abasteciam um desejo nela de tocar, saborear e explorar. Do pescoço para baixo, uma cornucópia de tatuagens magníficas cobria cada centímetro de pele. Rosas com espinhos e crânios combinavam habilmente

com insetos sinistros e sim, até borboletas. Os seus mamilos eram perfurados, e ele tinha uma trilha escura de pelos debaixo do umbigo que terminava descendo pela cintura da calça de couro.

Pura perfeição masculina.

Seu cérebro derreteu. Seus ovários explodiram.

Embaixo das tatuagens, linhas brilhantes rastejavam sobre e ao redor de seus bíceps. Ferimentos, ele uma vez as chamou. Elas estavam mais grossas agora, mais longas também.

Enquanto as considerava, ele tocou as linhas com a mão. Ele tinha vergonha *assim*? Ou temia ser mais machucado?

— Eu terei cuidado com os seus machucados — ela o assegurou baixinho. Mas, como num ato de clemência, ela voltou a atenção para os colares pendurados entre seus músculos peitorais. O anel de Viola e o pendente de maçã que Lazarus cobriu com a tira de tecido de sua camisa.

Cameo estendeu a mão... outra pulsação estranha de poder roçou sua pele, e seus batimentos cardíacos se elevaram, indo de sessenta a seiscentos em um piscar de olhos.

Qualquer que fosse a sensação, antagonizava Miséria. Seus chiados se transformaram em maldições.

— Por que você cobriu o pendente? — Ela perguntou.

Ele desviou os olhos dos dela.

— É um artefato antigo. Perigoso.

E ele queria protegê-la dele?

— Que tipo de artefato? — Pelo que sabia, a única maçã mítica pertencia à Branca de Neve, cuja história era muito

mais complicada do que os humanos achavam... e muito mais verdadeira. — Não é perigoso pra *você*?

— Um artefato de vida e morte — ele disse. — E sim, é, mas acontece que eu gosto do perigo.

— Você o usou para retornar ao mundo mortal? — Ela lambeu os lábios e ainda saboreou a essência dele. — Agora é o Lazarus versão 2.0?

— Eu sou o original. Lazarus 1.0, de alguma maneira tornado corpóreo para todos os reinos. Por que mexer na perfeição?

Por que realmente?

— Estou lutando para acreditar que você é real e que realmente esteja aqui. Quer dizer, você estava morto. E se *está* aqui, deveria ser classificado como zumbi?

— Talvez eu seja um zumbi — ele olhou fixamente para o peito dela e grunhiu. — Seeeeeios.

Uma risada — negativo. Graças a Miséria, a risada morreu no fundo de sua garganta. Demônio estúpido!

Decepção brilhou nos olhos de Lazarus, mas retrocedeu quando ele continuou a secar seus seios com os olhos. Quando seus mamilos se endureceram pela atenção dele, um brilho predatório surgiu.

— Não se preocupe — o tenor de sua voz desceu para um sussurro rouco. — Eu a farei gozar.

— Tão certo. Você, Lazarus, é um lothario³.

— E sem arrependimentos. — Ele roçou a dobra de um dedo em seu mamilo, enviando ondas de prazer diretamente

3 Devasso.

ao seu sexo. Ao seu sexo *molhado*. — Este devasso já está cansado de conversa. Me beije — ele ordenou. — Não seja gentil. Seja bruta. Não se contenha.

— Seus ferimentos...

— Me. Beije.

Sim... Tonta de desejo, ela se colocou nas pontas dos pés e colocou os braços em volta dele. Seus lábios se encontraram em uma pressa frenética, a língua dele varrendo o interior de sua boca, saboreando-a, aprendendo seu contorno de novo, dando um novo soco de paixão... devorando-a. A doçura dele deixou-a louca. O chocolate que amava tanto misturado com um ardor que sempre desejaria.

— Não quero parar com um beijo e alguns toques desta vez — ele soltou. — Quero fazer mais. Muito mais.

O momento da verdade tinha chegado. Se ela dissesse não, ele pararia. Ele provavelmente iria embora. Nada de transa de uma noite, talvez nada de futuro, também. *Jogue os dados, baby*.

— Sim — ela sussurrou. — Por favor.

Triunfo encheu a expressão dele enquanto caminhava para trás com ela. Seus joelhos bateram na extremidade da cama e ela caiu sobre o colchão. Como ela manteve as unhas cravadas em seus ombros, ele não teve escolha senão segui-la.

Ela nunca tinha gostado de ficar presa sob o peso considerável de um homem; frequentemente sentia-se cativa e vulnerável. Mas com Lazarus, o epítome da pura masculinidade, força e agressão selvagens, ela nunca se sentiu mais segura.

— Camiseta. Tira. Agora — ele mandou.

O pendente envolto tocou sua clavícula, pura energia estalando dele. Ela deu um pulo enquanto Miséria berrava.

— Sêrio. Que coisa é essa? — perguntou. Ele tinha dito “um artefato de vida e morte”, mas o que isso queria dizer, exatamente?

Lazarus empalideceu.

— Já foi. Viu? — Ele removeu os colares e os enfiou no bolso da calça dele. — Agora. Tire a camisa pra fora, Raio de Sol. Me mostra o que eu tenho perdido. Estou ansioso por um gostinho.

Uma recusa em responder. Uma mudança de assunto. Novamente.

Um tópico para outro dia então. Um que não deixaria passar da próxima vez.

Hoje era uma história completamente diferente. Um dia dedicado ao êxtase.

Cameo tirou a camiseta rasgada e arrancou o gancho frontal do sutiã, libertando os seios. O ar fresco acariciou seus mamilos e eles ficaram ainda mais altos. Lazarus apoiou o peso nos joelhos, liberando as mãos... ele apalpou e massageou, e deu atenção aos bicos duros entre os dedos.

Ele emoldurou e amassou, e trabalhou os brotos endurecidos entre seus dedos.

— Lazarus...

— Que bocadinhos perfeitos — ele louvou.

Ondas de prazer a deixaram trêmula, e aqueles tremores só intensificaram quando ele curvou a cabeça para chupar seus mamilos.

— Não me esqueci da minha recompensa. — Ele beijou e lambeu o caminho até o umbigo, sua barriga se contraindo. — Vai me dar prazer, mas só depois que eu a fizer gozar. Duas vezes.

Duas vezes! Uma vez seria um sonho, mas duas? Sim, por favor. *Agora estou ficando gulosa.*

Ela enfiou os dedos através do cabelo suave e aveludado dele, coçando seu couro cabeludo, persuadindo-o silenciosamente a provar outro lugar, não tinha certeza. As sensações que ele despertava nela... muitas, demais, em demasia, mas suspeitava que entraria em combustão interna se ele fosse embora agora.

O golpe quente da língua dele se moveu pela cintura da sua calça deixando um rastro de fogo e tremores. Ele olhou para ela por entre cílios pretos espessos, seus olhos gêmeos de um céu de meia-noite com um milhão de estrelas em brilhante exibição.

— Eu quero estar com você, Cameo. Por completo, sem segurar nada. Diga sim.

Os ossos dela se liquefizeram. Sim! Por favor! Era o grito do seu coração. E mesmo assim, ela hesitou. E se ele falhasse em lhe dar prazer durante o ato? E se Miséria apagasse sua memória antes que ele gozasse? E se ela dormisse com ele, e ele fosse embora depois? Mais do que nunca, ela queria passar muito tempo com ele, ter uma relação real, não só um lance.

Ela conseguiu falar:

— Não. Nada de sexo. Podemos fazer todo o resto. Eu quero fazer *todo* o resto.

Ele se tornou sua tábua de salvação em uma tempestade terrível. Não poderia soltá-lo. Ainda não.

— Por quê? — Ele abriu o botão da calça dela. — Ainda acha que não vai gostar?

— Sim — não. Talvez. E se ela simplesmente odiasse sexo? Um peixe morto. Uma rainha de gelo. Toda esperança estaria perdida.

Certo, vamos por partes. Digamos que ele a faça gozar. Muito. De um jeito maravilhoso. E se *ela* não conseguisse fazê-lo gozar?

Assim que seu prazer tivesse passado, Miséria lutaria para tomar controle dela. Cameo se tornaria nada mais que um corpo seco, frio, que Lazarus teria usado. Ele sentiria repugnância por ela.

— Eu sinto muito — disse.

Enquanto ele lambia seu umbigo, seus dedos viajaram pelas suas pernas, atrás de seus joelhos, acariciando o pulso que ficava ali. Contra sua carne úmida, ele falou:

— Não se desculpe, Raio de Sol. Você quer o que quer, e eu tomarei o que puder conseguir. — Ele deslizou a mão cada vez mais para cima e apertou o globo da sua bunda. — Me diga se você ficar triste demais para continuar, certo?

Ele abriu a sua calça de couro e baixou o tecido com os dentes. Os dentes que roçaram sua calcinha ensopada...

Seus ossos liquefeitos pegaram fogo.

— Lazario! — O apelido saiu ofegante dela, sua mente de alguma maneira misturando seu nome com Lothario.

— Não existe nada mais doce que meu Raio de Sol. Eu acho que você vai gostar do que vem a seguir. — Ele nem se incomodou em remover a calça dela, não a empurrou até seus tornozelos nem tirou sua calcinha do caminho. Como se fosse um drogado que precisava de outra dose agora, agora, agora, ele a lambia e chupava por cima da renda fina.

Suas costas arquearam sozinhas, um gemido explodindo de dentro dela. Com medo de arrancar o cabelo dele em sua excitação, ela estendeu os braços para cima e agarrou a cabeceira da cama. O tempo inteiro ele continuava a lambar. A chupar. Lambeeeeer. Chupaaar. Incapaz de se conter, ela se retorceu contra a boca dele, girando o quadril.

— Lazarus, eu...

— Lazario. Gosto de ter um apelido especial. Só seu.

— Sim. Sim! — Isso tudo era tão novo para ela. Tão surreal e perfeito e maravilhoso. Era... um prazer não diluído, impoluto, algo que nunca pensou que experimentaria. — Não pare. Por favor, por favor, não pare.

Claro, Lazarus, sendo Lazarus, concluiu o doce tormento antes dela poder montar sua boca como que monta um cavalo até gozar.

Argh!

— Eu amaldição o seu nome e o dia em que você nasceu, seu bastardo estraga-clímax!

Ele levantou o rosto e sorriu, perverso e brutal ao mesmo tempo, e tão incrivelmente sexy que ela suspeitava — rezava —

para que esta imagem estivesse para sempre marcada a ferro em sua mente, e que não existisse nada, absolutamente nada, que Miséria pudesse fazer para apagá-la.

— Você logo me agradecerá... Cami.

Humm. Ela gostava de também ter um apelido especial.

Ele abriu a calça e desceu o zíper liberando a volumosa ereção de sua gaiola. Com o olhar incandescente nela, ele se acariciou de cima a baixo.

—Você confia em mim?

Ela lambeu os lábios e acenou com a cabeça.

— Confio.

— Então confie em mim para não tomar mais do que você me oferece... não importa o quanto possa me implorar o contrário. — Ele se abaixou lentamente, segurando o peso com uma mão... uma mão que ele descansou próximo à sua cintura. Ele usou sua outra mão para...

Ela gemeu antes de arquejar com choque e êxtase. Ele tinha deitado o pau em volta dos fundos da sua calcinha, a parte mais íntima dele pressionando na parte mais íntima sua. O resto dele estava envolto no tecido fino — e no momento encharcado. Ele não tinha entrado nela, e ainda assim conseguiu se aninhar em seu sexo dolorido de prazer.

Ele apertou sua bunda para erguê-la... e depois, oh, então, ele se esfregou nela. Um movimento longo, firme. Ele se esfregou novamente, cobrindo seu membro com os seus fluídos. Outro gemido explodiu dela, este entrecortado. A intensidade do prazer! Nada podia se comparar.

Esfrega, esfrega...ela cantava seu nome... ele batia no ponto onde ela mais doía, elevando ainda mais o seu desejo.

— É tão gostoso, Raio de Sol. Você é gostosa. Não acho que vou conseguir parar.

Ela queria oferecer uma resposta inteligente, mas não conseguia respirar direito. Além disso, sua mente estava enevoada, seus pensamentos fragmentados.

— Gosta disso? — Ele perguntou.

Palavras incoerentes derramavam dela e ela não tinha certeza se estava implorando a ele para parar... não, não, não pare nunca ... ou para ir mais rápido... sim, sim, mais rápido! O prazer continuou a aumentar, criando uma pressão, uma pressão abrasadora que exigia que ela arqueasse o quadril e se esfregasse nele.

Dentro dela um frenesi enlouquecido escalou. Uma loucura selvagem, as sensações eram tão intensas que ela temia desmaiar e perder a melhor parte. Necessidade pulsava da cabeça ao dedão do pé, até mesmo criando uma canção de paixão. Toque nele... sinta o gosto dele... devore-o.

Isso era... vida. A vida que ela sempre sonhou em ter. Quando novos gemidos saíram dela, lutou contra o desejo de fazer o que ele suspeitava e implorar que a tomasse. Que lhe desse mais, desse tudo a ela. Ela nunca se sentiu tão vazia. Ele tinha que preenchê-la... *por favor... por favor!*

— Lazario... não aguento... eu preciso...

— É isso que vai ter comigo, minha Cami. Êxtase. Toda — vez.

— Toda vez? — Ele tinha acabado de oferecer o relacionamento que ela desejava? *Nunca confie em um homem perdido no fogo da paixão.* — Tipo, mais de uma vez?

— Mais que *muitas*. Comigo. — Mais rápido... mais rápido... — Apenas sempre comigo.

Ele falou!

— Esta noite — ele disse, curvando-se para correr o lóbulo de sua orelha entre os dentes — eu farei que você goze mil vezes, de mil maneiras diferentes. — As veias em seus braços se destacaram quando ele usou mais de sua força incrível para...

Epa. *Esta noite*, ele disse. A palavra ecoou em sua mente, suas esperanças morrendo. E ainda assim, de alguma forma, sua felicidade física continuava a aumentar; era grande e terrível, primorosa e excruciante; ela ia explodir, e só pedaços seus permaneceriam.

Desesperada por alívio, ela apertou os seios, apertando os mamilos. *Acho que estou enlouquecendo!*

Ela traçou o plano da sua barriga, circulou o umbigo... e acariciou a ponta molhada da ereção dele. Ele chupou o ar.

— Amo a sua textura. De aço duro, quente.

Um novo grunhido retumbou do fundo do peito dele.

— Olhe só pra minha mulher quando ela toma o que quer. Possuindo o seu prazer. Possuindo o meu.

Quão orgulhoso ele soava.

Quão intoxicante.

Ele estava tão fígado pelo prazer quanto ela, e saber disso a encheu, destruindo o pouco que restava do seu

controle. A pressão dentro dela finalmente estourou. Ela gritou quando a satisfação passou por cada um dos seus membros e se fundiu em seu sexo. Abalos secundários a sacudiram. Tremores que a reduziram a uma boneca de trapo mole.

Aquilo era... Ela... Merda! Isso foi... Uau.

Como ela tinha vivido sem isso?

Ela bebeu da visão de seu Lazario magnífico e consumido pela luxúria. Suas feições estavam tensas, os dentes expostos. Os cantos dos lábios dela subiram... continuaram a subir... até que ela pensar que talvez pudesse estar... sorrindo para ele.

O olhar dele encontrou o seu. Um segundo depois, ele jogou a cabeça para trás e urrou para o teto.

* * *

Siobhan estudou seu novo ambiente, um quarto tão feminino quanto masculino. A cama king tinha lençóis azul marinho, um edredom marrom, mas uma tira única de renda cor de creme adornava as extremidades. Armas diferentes agarravam-se às paredes, algumas modernas, outras antigas. Uma penteadeira mais cheia de armas que de artigos de toalete.

A câmara pessoal de Cameo, Siobhan suspeitava.

Lazarus a tinha depositado ali e desapareceu. Ele não tinha ideia que duas Amazonas o seguiam. O falatório sobre o seu último feito como rei de Grimm e Fantica tinha se espalhado entre as tribos, entre os vivos e os mortos. Ele havia

transformado um contingente de Amazonas em pedra, e agora estava jurado para morrer. Novamente.

Ele saberia acerca do golpe pretendido muito em breve. E seria melhor que destruísse seus novos inimigos. Se as Amazonas tivessem sucesso e ele morresse antes de se comprometer com Cameo, Siobhan seria forçada a passar outros cem anos em cativeiro. Tudo porque tinha decidido ajudar o casal e revelado a Cameo dois possíveis futuros. Não havia mais volta.

A maldição exigia que ela juntasse casais, e se ela falhasse, sofreria.

Negação gritava dentro de sua cabeça. Como poderia ajudar Cameo?

Usar suas visões para convencer alguém a redecorar o quarto, deixá-lo mais romântico? Ninguém amava um romance mais que Siobhan. Talvez ela convencesse alguém a redecorar o quarto do *seu* agrado. Haveria um sofá de veludo — roxo! As cômodas e outros móveis seriam feitos de puro ébano. O lustre gotejaria com diamantes com ouro. Uma cama de estilo gótico com um lustre separado pendurado no centro substituiria o monstruoso trenó onde ela agora descansava. O armário estaria cheio dos melhores vestidos das melhores costureiras do mundo.

Suas quinquilharias favoritas decorariam a cômoda. Uma ampulheta segura pelas mãos cortadas de sua irmã. Uma caixa cheia de venenos e um sortimento de coroas.

A porta explodiu de repente e sua respiração ficou presa na garganta. Um visitante!

Um guerreiro de cabelo preto e olhos azuis entrou tropeçando, e os céus sejam testemunhas, ele era belo sem comparação, apesar dos buracos encovados em suas bochechas e a barba de uma semana no rosto. Apesar de até com as roupas desgrenhadas que ele usava, o tecido rasgado e manchado de sangue seco.

— Cameo — ele disse. Ou melhor, gaguejou. — Eu vim para ouvir seu pedido de desculpa.

Imagens do futuro do guerreiro passaram por sua mente, ensinou-lhe muito a seu respeito. Ele era William da Escuridão, embora seus amigos se referissem a ele como o Sempre Excitado. Suas conquistas eram lendárias. Ele tinha se deitado com rainhas e deusas, e matado reis e deuses.

Ele era o filho adotivo de Hades...

Ela bufou de indignação. Hades adotou um filho? Quando? Por quê?

Siobhan percorreu as visões atrás de informações sobre a mãe... uma loira delicada com a qual William pareceu ter se encontrado pela primeira vez em... ela não sabia ao certo quando, os dias, meses e anos se misturando.

Mil novas imagens se derramaram em sua mente e ela se encolheu. Todos os caminhos levavam aquele homem ao mesmo fim: morte.

Como ela, ele carregava o fardo pesado de uma maldição. Diferente dela, ele possuía um livro escrito em código. Disseram a ele que o código o libertaria. Ele tinha esperanças.

Se eu salvá-lo da morte certa e o ajudasse a se apaixonar, eu poderia descontar mais cem anos da minha sentença. E então... finalmente, abençoadamente, ela ficaria livre.

O prospecto a seduzia. Mas...

Ajudar o filho amado de Hades? Nunca!

Contudo... por liberdade, ela faria muito, muito pior.

Está bem! Ela o ajudaria. Mas como? Antes de Lazarus partir, ele a tinha envolvido com uma ilusão impenetrável. William não poderia vê-la... poderia?

Espreitando para ela, ele se deixou cair de joelhos ao lado da cama. A garrafa de uísque rolou de sua mão, o líquido que ainda tinha se derramando no chão. Tormento e espera guerreavam por domínio contraindo suas feições.

Ele sabe o que — quem — eu sou, Siobhan percebeu com enorme surpresa. Poucos sabiam.

— Existe uma garota. Seu nome é Gillian. Ela é — Ele esfregou o rosto com a mão. — Ela era muito nova para mim. Era. Agora não é. Ela foi abusada por homens que deveriam protegê-la, só havia visto o pior em nós, e eu quero lhe mostrar o melhor. Quando ela mais precisou, eu me recusei a casar com ela. Eu não quis arriscar me tornar humano ou ver o amor que ela sentia por mim se transformar em ódio. Essa é a única razão para que ela tentasse me matar como a maldição prevê, sim? Porque ela me odeia? Então outro homem apareceu, deu uma olhada nela e viu o que eu vi desde o início. Um tesouro que valia a espera. Ele fez o que eu não faria e agora ela está ligada a ele, de corpo e alma. Eu desejo matá-lo, mas machucá-lo a machucará. Eu não posso machucá-la. Mostre-me o meu

fim — ele grasnou. — Mostre-me quem me mata. Se eu souber...

Ele assumia que saber o permitiria desistir de Gillian. Também assumia que Gillian era a única para ele. E ela era... se ele fizesse certas escolhas. Se fizesse outras, haveria outra mulher...

Se ele soubesse sobre a outra mulher, ele a mataria logo que Siobhan revelasse sua identidade. Porque, neste momento, a mulher era uma estranha para ele. Ela não significava nada para ele. *Não era* nada — não, não era verdade. Na mente dele, ela era pior que nada; era um obstáculo para um “feliz para sempre” com Gillian.

O que fazer, o que fazer. Se Siobhan o ajudasse e falhasse...

Quando o espelho continuou claro, William praguejou e se esforçou para se levantar.

— Hades — uma palavra suavemente dita e, mesmo assim, Siobhan reagiu como se tivesse levado um soco na barriga.

O rei do submundo iria vir? Ela finalmente enfrentaria seu inimigo?

Sim! Ele apareceu em uma névoa de sombras, deixando seu coração em disparada.

Ele estava mais bonito que nunca e não tinha nenhum direito. Mais alto e mais levemente musculoso, com cabelo e olhos pretos retintos. Os olhos tão pretos que pareciam poços sem fim. Ele vestia um terno listrado, o ajuste perfeito para

sua poderosa armação, os únicos sinais de sua natureza selvagem eram as estrelas tatuadas em cada um dos dedos.

Ela esmurrou a parede da sua prisão — *bang, bang, bang* — desesperada para alcançá-lo e arrancar seus olhos com as unhas.

— Como eu, você tem o poder tem que ver além de uma ilusão, não é? — William perguntou ao pai.

— Oh, sim. Contudo, a boneca apagada tem talento.

— Cameo é incapaz de lançar ilusões — William cheirou o ar. — Eu sinto o cheiro de Lazarus, o Cruel e Incomum... e os Senhores do Submundo não vão amar a escolha de namorado da garota.

Hades continuava a fitá-la.

— Você está correto nos dois.

— Sei que o espelho é o que eu penso que é. Eu posso *ver* o poder que irradia dele. O que eu não sei é como ativá-lo.

— Ativá-la, não é um objeto. Ela decide quem vê e quem não vê — Hades riscou aparecendo diretamente na sua frente, agachado em cima do colchão. — A deusa de Muitos Futuros ainda está presa do lado de dentro. Eu posso senti-la.

Ela bateu no vidro com mais força. Ele estendeu a mão, tocando onde ela tocou, e ela ofegou. Uma onda de calor penetrou sua prisão de gelo. Quando tremores a abalaram, o vidro ondulou.

As pupilas de Hades dilataram de excitação.

Bang, bang, bang. Como ela adoraria substituir sua excitação por dor.

— Está brincando comigo? — William jogou os braços pra cima. — Você está ficando de pau duro com um espelho? Eu duvido que Taliyah vá aprovar.

Taliyah a de Coração Frio? A Harpia maligna que Siobhan tinha visto entrar e sair dos possíveis futuros de William por causa de sua amizade com os Senhores do Submundo? Hades estava com ela?

Ele merece sofrer!

— Taliyah não fala comigo há semanas — Hades disse, seu tom cortante.

Boa menina.

Mais uma vez, Siobhan abriu a mente para os dias e anos por vir, mas desta vez, não importava o quanto sondasse, ela não via... nada. Nem um único caminho e ela praguejou. O futuro de Hades deve estar tão entrelaçado com o seu que ela não conseguia ver *nada* que aconteceria com ele.

Bem, bem. Parecia que sua sorte estava finalmente virando.

— Como Lazarus adquiriu o espelho? — William perguntou.

Hades ficou tenso, sua espinha reta como um pau.

— Vou descobrir.

— Ela é nossa aliada. Nós não podemos roubar dela sem colocar em perigo sua lealdade e a lealdade dos outros Senhores.

Hades esfregou dois dedos na mandíbula recém-barbeada.

— Talvez possamos oferecer uma troca.

Sim, por favor, ofereçam. Ele sabia o quanto Siobhan o odiava? Ele suspeitava que ela só conspiraria para sua ruína?

Uma comoção súbita no corredor fez os dois homens saltarem. O correr de crianças e de pais as perseguindo.

— Não meta outro soldadinho de brinquedo na privada, Urban — uma mulher gritou. — Estou falando sério!

Hades e William compartilharam um olhar de determinação antes de sumirem em um flash deixando Siobhan sozinha... mas ela não tinha que ser a deusa dos Muitos Futuros para saber que veria o dueto de pai-filho novamente... e muito, muito em breve.



CAPÍTULO 18

*“Para assegurar que suas habilidades continuem afiadas,
~~mate alguém~~ dê prazer a sua mulher todo dia.”*

— Verdades Eternas para Homens sem Mulheres

— A Arte de Manter Sua Fêmea Feliz

O Mundo. Sacudiu.

Lazarus vacilou enquanto limpava Cameo, depois a si mesmo. Ele endireitou a calça antes de fechar o gancho do sutiã dela, cobrindo seus belos seios. Um disfarce necessário. Um olhar para a sua perfeição feminina e ele estaria em cima dela novamente... e novamente...

Ele fechou a calça dela, mas deixou as camisetas dos dois no chão, pretendendo apreciar um pouco do contato de pele com pele.

Devia ir embora. Ele tinha gozado e *a* tinha feito gozar. Um milagre, ela diria. Sua mente deveria estar livre da névoa da paixão, vingar-se de Juliette sua prioridade número dois.

Sua prioridade número um? Interromper novas formações de cristal. Lava corria pelas suas veias, abrasando-

o e seus músculos doíam. Sinais que denunciavam seu crescimento iminente.

Ainda assim, ele rastejou para a cama com Cameo e a puxou pra perto. Seu sorriso tinha acabado com ele. Nunca mais seria o mesmo. O rosto dela tinha se iluminado e felicidade ardeu por seus poros. Não existia visão mais bela em qualquer reino.

Ele estava viciado, já queria outro.

Primeiro, tinha perguntas para ela. Mais tarde, exploraria cada centímetro do seu belo corpo, veria e tocaria sua tatuagem de borboleta... veria e tocaria nela *toda*. Nada de reservas. Então ela o abençoaria com outro sorriso.

Tanto em sua vida quanto em sua morte, ele esteve com muitas mulheres, mas ninguém algum dia significou mais que a sua *muovavá*. Ele compartilhou com ela algo que nunca tinha compartilhado com outra. Um laço sentimental.

— Eu não sei como — ela disse, a voz rouca e trágica, a respiração morna soprando seu peitoral — mas você, de Conchinha, torna tudo melhor.

— Claro que torno — *por você, só por você*.

— Correção. Você torna *quase tudo* melhor.

— Desculpe, mas não há volta atrás.

Nos braços dele ela era Cameo, uma mulher sem um demônio. Feliz e contente. Ele nunca apreciou uma visão mais magnífica. Sua pele tinha enrubescido e brilhado de saúde, vitalidade — e prazer, tanto prazer. Seus olhos faiscaram como diamantes recentemente polidos em uma montagem de

platina. Seus lábios inchados por beijos brilhando com sua essência.

Serei assombrado para sempre.

— Estou surpresa por você estar disposto a baixar a guarda em um ambiente pouco conhecido — ela disse.

— Como ousa — ele deu um grunhido falso. — Em nenhum momento baixei minha guarda.

Ela arqueou uma sobrancelha negra.

— Então não deu sua completa atenção ao meu corpo?

Ele soltou uma risada, admirado pela rapidez dela.

— Essa é uma primeira vez. Você me acuou em um canto. Se eu disser que sim, vai me chamar de mentiroso. Se eu disser que não, vai me chamar de péssimo amante. De um modo ou de outro, ficarei em maus lençóis como homem.

— Bem, não posso acusá-lo de ser um mau amante exatamente enquanto ainda estou sentindo espasmos do meu primeiro orgasmo. — Quando ela esfregou a bochecha suave no seu peito nu, ele passou um braço em volta de sua cintura. — Eu cheguei ao clímax de verdade. Um orgasmo real, não um falso.

— Confie em mim, Raio de Sol. Eu notei. Também, não tinha planos de interromper minha sedução de *especialista* até que você explodisse.

— Bem, obrigada — ela beijou o côncavo de seu pescoço, onde seu pulso ainda não tinha diminuído, os lábios macios, doces e generosos. — Mas também não obrigada, senhor! Como vou conseguir viver sem ao menos um orgasmo por dia?

Ele quase sufocou com outra risada.

— Não vai?

— Exatamente!

Algo sombrio se torceu em seu peito, evaporando seu bom humor. E se, quando Lazarus se separasse dela, ela se voltasse para outro homem?

— Ei. Você enrijeceu — ela o olhou com a testa enrugada.

— Por quê?

— Talvez esteja sentindo falta do seu sorriso.

— Por favor. Você nunca nem me viu sorrir.

Ela já tinha esquecido?

— Raio de Sol, você sorriu depois que gozou.

— O que? Eu? — As pontas do cabelo dela fizeram cócegas em sua pele quando ela sacudiu a cabeça. — Eu *não* posso sorrir.

— Pode sim. Você sorriu. — Ela tinha esquecido. Pobre Cameo. Pobre *Lazarus*. Em quanto tempo ela iria se esquecer *dele*? E como ele reagiria ao esquecer?

A autopreservação dizia, *Você se regojizará. Sem novo* *avia, sem fraqueza.*

O resto dele urrava, *Mate o demônio!*

Lazarus sabia do resultado de seu namorico com Cameo desde o início. De um jeito ou de outro, ele a perderia. Ele tinha achado que aceitaria o fim deles. Agora, com ela aconchegada nele, só queria se revoltar. Nunca mais tocar em sua maciez? Ou deslizar no calor líquido que só ele podia fazer brotar? Nunca mais ouvir sua voz mudar de trágica a sem fôlego quando ela gemia de prazer? Nunca mais vê-la desabrochar

enquanto satisfação queimava séculos de desesperança em cinzas? Nunca mais ver o seu sorriso?

Não existiria outra oportunidade de fazê-la sorrir.

Desesperado para descobrir se a memória dele já começava a se dissipar, ele abriu a mente para ela... e roçou a sua proteção.

— Pare com isso agora antes que eu remova algo que não queira perder. — Ela passou a ponta do dedo em volta do seu mamilo e ele estremeceu, de um modo muito másculo. — O que é que você quer saber?

— Se o demônio começou a corroer suas memórias minhas.

— *Não* — ela suspirou. — Eu queria ter a habilidade de ler mentes. Eu poderia ler a sua depois que Miséria faz sua coisa. — Seu queixo tremeu. — Eu poderia lembrar pelos seus olhos.

A culpa que ele tinha sentido antes retornou, só que mais pungente. Ele agora tinha os meios para libertá-la do demônio. Também tinha os meios para matá-la.

Não posso arriscar. Lazarus fez tudo em seu poder para transformar seu próprio coração em pedra. Por que mencionar a Caixa de Pandora afinal? Ele e Cameo se separariam muito em breve e ele nunca usaria aquela coisa contra ela. Ele a manteria segura, nunca permitindo que ninguém a usasse contra ela. Incluindo a própria Cameo.

E se ela tinha aprisionado Juliette e Hera, mas nunca lhe disse?

A pergunta era um veneno injetado diretamente em sua mente. Fatal e sem antídoto.

Isto — seu silêncio sobre a caixa — era igual. Se Cameo descobrisse seu logro ficaria magoada; ela se enfureceria e buscaria vingança e com razão. Se ela descobrisse o quão perto esteve de alcançar a meta de uma vida, e descobrisse que foi *Lazarus* que a tinha traído...

Não. Absolutamente não! Seu silêncio não era uma traição, mas sim um ato de bondade. Ele *protegia* Cameo.

Faça perguntas, receba respostas, dê outro orgasmo a ela, vá embora. Era assim que a sua segunda chance na vida tinha que acontecer. Ele tinha que construir um novo exército e atacar o clã Eagleshield de todos os lados. Um novo exército levava tempo.

— Você disse que tinha medo que o sexo comigo fosse ruim. Aliviei suas preocupações?

Ela traçou uma das veias cristalizadas em seus bíceps.

— Primeiro me responda uma pergunta. São estes... machucados a razão de você se recusar a ficar nu?

Compartilhar seu segredo? Sua vergonha? Seu medo de que iria acabar como seu pai, derrotado, preso e escondido do resto do mundo?

Ele confiava em Cameo, mas não confiava na família dela. Se ela contasse a um amigo — quer consciente ou inconscientemente — e esse amigo contasse a outro, e assim por diante, logo a comunidade imortal inteira saberia da sua fraqueza.

Enquanto os cristais permanecessem dormentes sem contato com Cameo, ganhando vida só em sua presença, o dano que ela causou seria permanente.

Ele se tornaria um alvo para todo vampiro, *shifter* ou feiticeira que quisesse ganhar um *apelido*. *Olhe para mim. Olhe, olhe. Eu sou quem derrotou o filho único do Monstro.*

Juliette poderia usar sua fraqueza contra ele. Hera também.

— Talvez eu me ache gordo — ele finalmente murmurou.
— Esta calça deixa minha bunda muito grande?

Os cantos da boca dela mexeram, dando-lhe a esperança de que veria... negativo, sua carranca retornou.

— Fala sério. Você está escondendo uma tatuagem feia, não é? Talvez o nome de uma ex dentro de um coração? Oh! Já sei. O rosto de um homem na coxa. Ou um foguete que se parece com um pênis?

— Estou pensando em fazer todas essas tatuagens. Elas parecem ser de alta classe.

— Sim, mas que nome irá dentro do coração?

— O meu. Eu sempre me amei mais.

Ela bateu os cílios para ele.

— Nós temos tanto em comum. Eu sempre me amei mais também.

Sua tentativa de flerte foi a-do-rá-vel.

— Mas que mentirosa. Eu sou o seu favorito. Admita.

— Poço Escuro, você mal entra no top dez.

Lazarus era um bastardo egoísta, ganancioso ao extremo, e tão possessivo que queria marcar todos os aspectos da vida da sua mulher — ainda que eles não fossem ficar juntos.

— Me dê nomes. Pela manhã eu serei o único que restou.
— Meio brincadeira, meio promessa direta. — Você *terá* de me premiar com a primeira posição.

Ela bufou. Depois ficou muda. Depois enrijeceu. Com as defesas baixas, sua mente de repente se abriu à dele, sem proteção. Sua relação com Alex e a dor que o homem lhe causou consumia seus pensamentos. Bem como o tormento que os Caçadores tinham provocado.

Ela foi confinada a uma cela úmida e escura que emitia um cheiro forte de suor, urina e outras coisas que Lazarus não podia suportar contemplar. Ela tinha ficado acorrentada a uma parede, com exceção das vezes que ficou acorrentada a uma estrutura de tortura, todos os membros deslocados. Atiçadores de fogo queimaram sua pele suja, apêndices removidos enquanto ela gritava de dor. Enquanto seu demônio ria. *Ria.*

O bastardo não tinha nenhum direito!

Lazarus lutava para controlar uma onda de fúria negra. *Calma.* Tranquilo.

Galen, líder dos Caçadores, tinha vindo exigindo saber mais sobre os outros guerreiros possuídos por demônios. Cameo tinha se recusado a lhe dar, não importava quantos de seus ossos o homem quebrava, nem quantas vezes ele tinha cortado sua carne já ferida... nem quando ele tinha removido sua língua.

Não quer falar? Ótimo. Agora não pode falar.

O próprio Galen era um guerreiro possuído por um demônio. O guardião do Ciúme e Falsa Esperança. Segundo o que se dizia por aí, os Senhores recentemente o haviam recebido de volta em sua congregação.

A ira de Lazarus só piorava. Ele não era muito de perdoar e adicionou o nome “Galen” na sua lista de vingança. O homem se tornaria a atração principal do próximo Jardim do Horror Perpétuo.

Quanto a Miséria, Lazarus ansiava por usar a caixa para *rir* enquanto o demônio fosse arrancado de Cameo.

Ele continuou cavando pelas memórias dela, um detalhe estranho prendendo sua atenção. Borrado nas bordas. Por quê? Ele seguiu a linha e caiu bem no meio da memória de Miséria.

Lazarus começou a cavar os pensamentos do demônio e sorveu o ar bruscamente. A criatura do mal não podia apagar a memória de Cameo sem sua permissão. E quando aquela permissão era concedida? Ele poderia fazer mais do que apagá-la. Ele podia torcê-la, fazendo com que ela visualizasse o passado por lentes pintadas de tristeza.

Lazarus tinha descoberto um fato que Miséria tentava desesperadamente esconder.

Cameo não tinha amado Alex, não do modo profundo e romântico que ela acreditava. Ela tinha amado poder conversar com ele sem provocar uma afluência de lágrimas. *Minha querida Cami*. Por séculos ela almejava companhia, compreensão e adoração.

A verdade era que Alexander tinha sido um pequeno curativo colocado em cima de um ferimento volumoso em sua alma. O humano não a ajudou, mas também não a feriu. Na época, ela nunca tinha vivenciado algo melhor.

E o quanto isso era triste?

Alexander tinha sido um homem problemático, procurando alguém, qualquer pessoa, para culpar pelos seus próprios ferimentos. Cameo tinha oferecido conforto a princípio, o humano ficou grato, até em dívida com ela. Lazarus pôde *ver* a gratidão nos olhos dele. Quando dias, semanas e meses se passaram, a miséria pessoal de Cameo havia alimentado a do humano. Ele continuava a sofrer e eventualmente passou a considerá-la o melhor escape para sua dor.

Os Caçadores do dia o abordaram com contos de demônios libertos da Caixa de Pandora, Alex era só uma fruta madura pronta para ser colhida.

— Lazarus. Pare! — Onda após onda de tristeza se derramou dela, erguendo-se em um oceano de pesar. Então deu um branco em sua mente, a proteção de volta ao lugar. Ela sentou com um pulo, os cabelos escuros uma cascata caindo em volta de seus ombros delicados. — Minha cabeça não é seu *playground* particular.

Quando ela jogou as pernas do outro lado da cama, ele a apertou pela cintura para segurá-la.

— Não vou me desculpar. Agora eu sei mais. *Gosto* mais de você. E você não tem nada do que se envergonhar. As ações revelam a fraqueza *dele*, não a sua.

Tremores a sacudiram na gaiola dos seus braços, atijando a necessidade que sempre fervia em seu sangue.

— Meu passado está fora do limite a menos que eu escolha compartilhá-lo. Ou talvez você ache bom que eu explore o seu sem permissão?

Sua culpa ressurgiu, uma âncora caindo no meio do seu oceano. *Já está negando tanto a ela.*

— Você tem um ponto válido. Eu sinto muito, Raio de Sol. Pouco a pouco, ela relaxou contra ele.

— Eu te disse que um punhado de pessoas cometeu suicídio depois de passar um tempo comigo, certo?

— Certo — *você também me falou que tentou se matar*, ele adicionou silenciosamente, nauseado pelo pensamento. E se ela conseguisse?

— Quando conheci Alex, eu tinha o pior da tristeza contida, exceto quando eu falava. Eu me permiti ter esperanças, mas também deveria ter me afastado dele. Eu devia ter me afastado de você também.

— Não! — A negação correu dele com mais força do que ele pretendia. *Calma!* Ele poderia ter ficado melhor sem a sua ruína, mas certamente ficaria mais feliz tendo-a ao seu lado. — Você está permitindo que Miséria fale por você agora.

Lazarus vivia há muito tempo, lutou com muitos oponentes diferentes. Demônios eram perversos, detestáveis e rancorosos, sem exceção; eles não possuíam sequer um fragmento de bondade. Eles gostavam de corrupção e destruição, alimentavam-se das carcaças daqueles que corromperam e destruíram com sucesso. Eles não podiam ser

domesticados nem se redimirem porque não *queriam* se domesticar nem se redimir.

— Como não? — Cameo disse. — Nós somos um.

Lazarus penteou os cabelos dela com os dedos, acalmando-a do jeito que sua mãe uma vez o acalmou, nos poucos momentos em que eles tiveram permissão para ficarem juntos.

— Não, vocês estão separados. Eu me sinto atraído por você, não por Miséria. Ele eu odeio. Ele toma o que me pertence. — As memórias que ela tinha de Lazarus. Seu sorriso *ainda* o assombrava. *Preciso de outro. Logo.* — Para mim, você é a Branca de Neve e ele é um amálgama de todos os sete anões, operando independentemente dos seus comandos.

Um pouco da tensão a deixou, suas belas curvas derretendo nele, moldando-se a ele.

— Engraçado. Eu pensei na Branca de Neve também. A sua maçã...

Ele enrijeceu e ela sacudiu a cabeça, adicionando:

— Mas eu não sou gentil e nem de fala mansa como ela foi criada para ser. De fato, enquanto estive em seu reino fiquei mais confortável me comparando a uma vilã tipo a rainha má. E caso você não tenha percebido, Miséria não é nenhum Feliz, Atchim, Dunga, Soneca, Dengoso nem propenso à medicina. Ele é só o Zangado. Então não pode ser um amálgama dos anões.

— Eu não disse que anões agora, não é? Ele é Ânsia, Aflição, Pesar, Depressão, Aflição, Desespero e Abandonado.

— Eu não disse de que anões, disse? Ele é Ânsia, Desgraça, Pesar, Depressão, Aflição, Desespero e Abandono.

Quando ela bateu os cílios timidamente para ele, ela passou de maneira safada a unha ao redor do mamilo dele.

— Seja sincero. Você está é tentando me convencer que *você* é o Príncipe Encantado.

— Seus lábios podem me chamar por qualquer nome, Raio de Sol, que eu responderei com um beijo.

A boca de Cameo se torceu e, debaixo da sua braguilha, seu membro endureceu e doeu.

Ela rolou para mais perto e beijou seu esterno — mais abaixo do que ele esperava, mas ainda não baixo o bastante.

— Eu quero tanto me livrar de Miséria. Agora que provei do prazer? Poço Escuro, eu não posso viver com o demônio muito mais tempo. Simplesmente não posso.

O pânico o queimou e marcou a ferro, obscurecendo sua excitação.

— Você não fará mal a si mesma, Cameo. Não permitirá que nenhum mal te aconteça. — *Preciso remover o demônio. Ele é o perigo.*

Como?

— A ordem de um rei? — ela perguntou, e ele pensou sentir uma lágrima quente deslizar pelos músculos do seu abdômen. A porra de uma lágrima.

A ordem tinha vindo de um homem. Do *seu* homem. Mas ele se viu dizendo:

— Vou encontrar uma forma de ajudá-la a destruir o demônio. Um jeito de você permanecer segura. — *Cale a boca.*

Não ofereça nada mais. Você não pode — Mas algo dentro dele se quebrou. Sua resistência? Aquela lágrima... — Até então, eu ficarei com você, tomarei conta de você. Até de você mesma se for preciso.

Ela o olhou imediatamente, encontrando seu olhar — e sim, havia lágrimas presas em seus cílios. Suas tripas deram um nó.

— Eu sou só uma ficada, lembra? — Ela o olhou com raiva. — Eu não quero você me rondando só porque tem medo que eu vá dar cabo da minha vida.

Ela tinha acabado de dar uma desculpa para ele. Um jeito de dizer adeus agora... ou em uma hora...talvez pela manhã. Talvez em um dia. Não mais do que dois. Ele devia dar o fora e correr sem nem olhar pra trás. Quanto mais tempo ele ficasse com ela, mais rápido sua saúde declinaria e mais mobilidade ele perderia. Ele precisava estar em seu melhor se esperava derrotar Juliette e Hera.

O tempo não era seu amigo, não mais. No reino dos espíritos, ele teve décadas, séculos e até milênios para fortalecer as defesas do seu palácio, para aumentar seu exército e treinar seus homens para ser o melhor dos melhores. Aqui no mundo mortal onde Juliette e Hera viviam, ele tinha menos que quatro semanas para conseguir se organizar antes de se tornar um dente na engrenagem da guerra de Hades. Uma guerra que exigiria toda sua atenção.

— Além disso — Cameu acrescentou — eu estarei ocupada. Tenho que encontrar a Caixa de Pandora. Está agora em jogo. Torin disse que alguém a encontrou.

Eeeee sua culpa o usou como saco de pancada, deixando-o com hematomas pretos e azuis. Porém a resolução dele continuava firme. Ele *já* daria a caixa a esta mulher. Se Miséria a subjugasse, ela poderia usar a caixa para facilitar um fim rápido e certo.

— Alguma ideia a respeito do culpado? — ele perguntou.

— Ainda não.

Nem nunca. Ele tomaria as precauções.

— Que tal encontrar seu prazer? — Ele se inclinou para atrair o mamilo dela entre os dentes. — Não deveria usar essa oportunidade para usar e abusar de mim? A propósito, estou dando nome aos seus mamilos. Essa aqui é a Malvada.

Gemendo, ela deslizou as mãos no seu cabelo.

— Qual é o nome da outra?

Ele voltou a atenção para a belezinha em questão.

— Essa é Boazinha. E você vai se lembrar do nosso tempo juntos... de cada segundo. Jure.

— Só porque você decreta não torna verdade.

— O demônio precisa da sua permissão para apagar sua mente.

Cameo ficou ereta, desalojando Lazarus.

— O que? De jeito nenhum. — Ela o empurrou, alargando a distância entre eles. — Eu nunca concordaria em me desfazer das minhas memórias. — Ela abriu a boca para dizer mais, só para morder o lábio. — Eu não permitiria — ela reiterou com bem menos força. — E como você poderia saber de algo assim?

— Como acha? — Ele segurou seus ombros, empurrou-a de costas e rolou para cima dela, prendendo-a ao colchão. —

Miséria te deixa tão triste que você implora por um novo começo. — O que significava que ela, de boa vontade, desfez-se de sua memória de Lazarus.

A ideia foi pouco absorvida.

Ele abriu as pernas dela, sua metade mais baixa se instalando melhor ali. Dureza em maciez, necessidade com necessidade. Então ele apertou seu queixo, olhando fixamente para ela com força suficiente para que seu olhar encontrasse o dele.

— Sempre que o demônio inundá-la de tristeza, pense nisto.

Ela lambeu os lábios vermelhos e deliciosos, deixando para trás um vislumbre de uma intenção que não dava para disfarçar.

— Você em cima de mim?

— Não, Raio de Sol. Pense nas coisas que eu te faço sentir.

— Ele esfregou a ponta do no dela antes de acarinhar sua bochecha com a própria e depois morder seu lóbulo.

Ficando mole, ela disse:

— Me dá outro orgasmo?

— Está pedindo ou perguntando?

— Perguntando. — Contudo, suas pálpebras estavam pesadas e cobertas de desejo, ele podia ver seus olhos brilharem em desafio. — A primeira vez pode ter sido um acaso.

— Um acaso? Um acaso! — Ele esfregou a ereção no seu sexo. — Raio de sol, hoje eu vou te dar três orgasmos.

Ela ofegou fingindo horror.

— Não, por favor. Qualquer coisa menos isso. Absolutamente qualquer coisa, oh grande e poderoso rei de Grimm e Fantica.

Engraçadinha.

— Continue falando. Eu a desafio. Você está prestes a ganhar um quarto.

— Eu te devo um beijo especial, lembra?

— Como se eu pudesse esquecer.

Ela abriu a boca para responder. Ele engoliu as palavras, apertando os lábios nos dela e empurrando a língua dentro.

— Lazario — gemendo, ela relaxou contra ele e passou os braços ao redor do seu pescoço.

Ele quase uivou em triunfo. Ele amava quando ela se agarrava a ele, seu tesouro de feminilidade seu para saquear.

— Vou explorar cada pedacinho seu — ele disse a ela. — Não ficará uma parte sem tocar. Aí você pode me dar aquele beijo especial.

Um golpe duro soou na porta.

— Vão querer se vestir agora. — A voz de Thane explodiu pelo quarto. — Juliette a Erradicadora retornou... com o clã inteiro.



CAPÍTULO 19

"Nunca permita que seu latido seja pior que sua mordida.

Os dois devem ser igualmente terríveis".

— ~~A arte de manter sua mulher feliz~~

—Tornando-se o monstro que você nasceu pra ser

Cameo saltou da cama, sua mente correndo com um milhão de pensamentos diferentes, mas também formigando, como se Miséria ainda estivesse chutando seu crânio. Não, não chutando — ela não sentia nenhuma dor — mas dançando sobre seu córtex cerebral. Uma sensação estranha, e uma que ela nunca tinha experimentado até hoje mais cedo, quando Lazarus chegou ao clube.

Sensibilidade sensual aumentada? Simples e desobediente desejo?

Fúria? A chegada de Juliette interrompeu o segundo orgasmo de Cameo.

Juliette pagaria.

Tremendo, Cameo colocou sua camisa. Quando Lazarus vestiu a dele, seus movimentos eram precisos devido a uma

raiva sombria que ela somente vislumbrou dentro da caverna do grifo. Ele deveria estar muito feliz. Um dos seus sonhos estava prestes a se tornar realidade.

Ela enfiou uma de suas adagas na bainha e checkou a pequena semiautomática que guardava na bota. Excelente. Totalmente carregada.

— Espero que você não se importe, mas eu estou pegando isso emprestado — ela disse.

Ele olhou para ela.

— Fique com elas. São suas. Mas fique aqui — quase como uma reflexão tardia, ele acrescentou: — Por favor.

Como a única mulher em um grupo de homens fortes e corpulentos, ela tinha ouvido uma variação desse mesmo comando — fique aqui — tantas vezes que tinha perdido a conta.

— Foda-se, Poço Escuro — ela teve que trabalhar mais duro do que seus amigos do sexo masculino simplesmente para ser considerada uma igual. Ao fazer isso, teve que suportar o ridículo. O que os homens consideravam como força em outros homens, consideravam malicioso nela. Ela teve que lutar para ser ouvida depois de ouvir essas repetições de forma condescendente. — Sua ex-consorte precisa aprender que sou uma inimiga formidável. Aparentemente, você também. Além disso, ela precisa saber que sua bunda pertence a mim.

— Cameo...

— Não. Não há desculpas sobre o grande e forte homem que protege a mulherzinha fraca. Se você me quiser na sua cama, vai ter que me aceitar ao seu lado. Nenhum outro

resultado é tolerável. — Ok, ela acabou de fazer uma enorme jogada. Antes, Lazarus só havia pedido uma noite com ela. Ele tinha acabado de concordar com mais, mas não porque gostava dela ou não podia continuar sem ela. Mas porque temia por sua segurança.

Oh, ela sabia que ele ainda a desejava. Ele tinha um AK-47 totalmente carregado com ela na mira a cada vez que ele olhava em sua direção. O desejo era suficiente para anunciar sua felicidade — e sustentar isso?

Ele deixou claro desde o início que queria casar com uma rainha, não por amor. Que ele queria uma aliança, um exército. Ele não a considerava material para casamento.

O lembrete a cutucou, e Miséria se regozijou.

Seus olhos se estreitaram quando ele pegou um punhal.

— Seu coração é muito doce.

— Você está falando sobre meu coração ou um dos corações que eu mantenho dentro de uma jarra em casa?

Ele lhe soprou um beijo.

— Eu sei o que você está fazendo. Exaltando respostas violentas para que eu veja você como um guerreiro em vez de uma mulher apaixonada, mas isso não vai...

Ela agarrou suas bolas e torceu.

— Eu sou um guerreiro.

—... funcionar — ele terminou com uma nota alta. Quando o soltou, ele esfregou suas joias preciosas. — Muito bem. Você pode vir comigo.

— Jesus. Você está me deixando ir com você? Você é demais. Simplesmente o melhor!

Ele continuou como se ela não tivesse falado.

— Se você se machucar, até mesmo um único arranhão...

— Você vai se enfurecer e as pessoas vão morrer, blá, blá, blá. Não podemos ter sua ficada de uma noite incapaz de desempenhar seus deveres, agora podemos ir?

— Oh, você vai desempenhar seus deveres corretamente ou as pessoas não vão simplesmente morrer, Raio de Sol. Eles vão implorar para morrer.

Como ele podia ser tão sexy e tão exasperante ao mesmo tempo?

— Vamos parar de falar e ir exhibir um dos dois em ‘A busca de Lazarus pela vingança’.

Seu olhar escuro a manteve cativa por uma eternidade feliz, aquelas íris de ébano se aprofundando e girando, quase a hipnotizando. Então ele saiu pela porta. Ela correu atrás dele. O corredor havia sido esvaziado de guardas. Dentro do próprio clube, os Enviados empurraram os convidados restantes para fora. Convidados que ficaram mais do felizes em sair. Ninguém queria estar no caminho de uma Harpia enfurecida, muito menos de um clã inteiro.

Haveria carnificina.

Cameo moveu-se para uma das janelas nos fundos. Um belo jardim florescia com rosas noturnas, as pétalas macabramente vermelhas. Na frente estavam as Harpias. Eles estavam bem armadas e cercavam o prédio, perfeitamente iluminadas por estrelas brilhantes e o brilho de uma lua vibrante.

Juliette reinvidava a liderança, o vento levantando suas tranças escuras e a bainha de sua curta saia de couro.

Lazarus vai ser escravizado. Miséria fingiu abafar um soluço. *Ele vai culpá-la, odiá-la.*

— Há mais de uma centena de Harpias por aí e apenas dois de nós — disse Cameo, fazendo o melhor para ignorar o demônio.

— Eu sei. Pobres Harpias — Lazarus parou diretamente atrás dela e pousou uma mão em seu quadril.

O estranho formigamento começou de novo, mas quando o calor de sua respiração acariciou o topo de sua cabeça, ela estremeceu de prazer.

Miséria sibilou e ficou em silêncio.

— Se eu libertar o demônio — ela disse, recusando-se a reivindicá-lo com a palavra meu — ele pode incapacitar as forças das Harpias com tristeza. Podemos derrubá-las uma a uma sem arriscar ferimentos.

— E te incapacitar no processo, tenho certeza.

— Sim — ela admitiu. Seriamente. Ceder as rédeas do controle permitia que Miséria a preenchesse com tanto desespero que desejava a morte. Somente com o tempo e um milagre ela se livraria de suas garras.

— Não — Lazarus sacudiu a cabeça, determinado. — Nós lutamos.

Não estava disposto a conseguir sua vingança da maneira mais fácil? Um choque!

Mais sexy do que irritante...

— O clube foi esvaziado — Thane aproximou-se, as pontas de suas asas escovando no chão. — As Harpias me deram um ultimato. Mate Cameo ou comece uma guerra. Eu não aprecio ultimatoss, então decidi começar uma guerra. Nós estaremos com você nesta batalha.

Ao lado dele estava Bjorn e um Berserker de 2,13 metros — o mestre da guarda do clube. Bjorn assentiu e o Berserker deu um passo à frente, dizendo:

— Como eu — onde estava Xerxes?

Ela esperava que Lazarus protestasse. Sua vingança, sua batalha. Ele acrescentou, para seu total choque, um balançar de cabeça em agradecimento.

Espera. Ele concordou com a ajuda deles como meio de protegê-la?

Mais irritante do que sexy.

Ela não era fraca. E provaria isso!

Não havia nenhum sinal de Viola ou do barman que tinha fugido com ela. Que pena. Teria sido bom lutar ao lado da deusa e seu companheiro peludo. Meus novos melhores amigos.

Quem você está enganando? Você não tem amigos. O que você poderia trazer à mesa?

Miséria queria pressioná-la antes da grande batalha para que ela fosse derrubada rápida e facilmente. Uma tática que ele tinha usado muitas vezes antes.

O que eu poderia trazer à mesa? Ela perguntou ao demônio. *Fácil. A mesa. Eu a construiria.*

— Por sinal, você escolheu o lado certo — disse Lazarus aos outros. — Eu convoquei minhas serpentes do céu.

Ele tinha? Quando?

Ele disse:

— Elas devem estar chegando...

Gritos agudos ecoaram pelo clube.

Mais de uma dúzia de serpentes do céu pairavam no céu, suas asas membranosas deslizando pra cima e pra baixo. Os seus enormes corpos em tons de joia irradiavam tensão enquanto as caudas estavam enroladas, prontas para atacar. Acelerante pingava de suas presas. Com cada exalação, brilhavam chamas azuis dentro de suas narinas.

Lazarus ofereceu um sorriso gélido.

— Agora.

— Você naturalmente será responsável por qualquer dano que o prédio tenha — disse Thane.

— Claro —Lazarus apontou para Juliette. — Sinta-se à vontade para enviar a conta aos parentes mais próximos.

Metade do exército Harpia virou-se para encarar as serpentes do céu, enquanto a outra metade permaneceu focada no clube. Então. Elas estavam dividindo suas forças. Uma escolha perigosa, colocando as Harpias em uma desvantagem grave desde o início. Mas então, não era como se Lazarus lhes deixasse muita escolha.

Cameo gostava disso nele.

Xerxes apareceu ao lado de Thane, saindo de uma porta invisível. Ele estendeu o braço na direção do Cameo, um punhal descansando na palma da mão.

Lazarus o pegou pelo pulso, impedindo-o de entrar em contato com ela.

— Mantenha suas mãos para si mesmo.

— Minha lâmina!— Ela embainhou a arma que pegou "emprestada" de Lazarus e reivindicou a adaga.

Xerxes arqueou uma sobrancelha branca e o Lazarus soltou com um bufo.

O movimento fora da janela chamou sua atenção. Ela rosnou. Grifos tinham se juntado à festa. Grifos *vivos*. Eles se separaram das serpentes do céu, prontos para lutar pelo Time Harpia.

— Como ela convocou grifos?— Exigiu Cameo.

— A palavra das minhas façanhas viaja rápido — Lazarus levantou os ombros com dar de ombros. Lendo a mente da Harpia? — Os grifos a encontraram.

Juliette sorriu.

— Lazarus! — Sua voz ecoou pelo clube. — Eu não posso te dizer a profundidade da minha felicidade sabendo que meu consorte vive. Junte-se a mim, meu amor. Não há necessidade de um confronto. Nós deveríamos estar juntos.

Se a Harpia ainda não tivesse assinado seu próprio atestado de morte, bem, ela teria feito isso então. Lazarus gritou a maldição mais obscena que Cameo já tinha ouvido.

— Juliette, a Erradicadora é minha para matar — ele falou para os Enviados. O olhar dele ficou preso em Cameo. — E você...

— Ei, não se preocupe comigo — Na batalha, a distração matava tão brutalmente quanto qualquer espada. — Eu vou

deixá-la pra você. E antes de dizer o contrário, eu me colocarei em perigo, desnecessário ou não. Mas também vou ganhar.

Um músculo saltou debaixo de seus olhos.

— Você já lutou contra Harpias? Antes de hoje?

— Todos não lutamos?

— E vocês? — Perguntou aos outros.

O olhar cor de arco-íris que Bjorn lançou, dizia *you só pode estar brincando*.

— Vivemos há milhares de anos e Harpias não têm nenhum filtro ou limites. O que você acha?

— Certo — Lazarus assentiu. — Então vocês sabem que tem que quebrar as asas para retardá-las ou enfraquecê-las.

As asas das Harpias eram pequenas e geralmente agitavam rapidamente para se conseguir agarrar. Cameo nunca conseguiu esse feito especial, mas havia uma primeira vez para tudo.

— Pare de se preocupar — disse ela. — Vamos ficar de olho nisso.

Lazarus deu um beijo rápido em seus lábios.

— Seja cuidadosa. Ou tudo mais — Então ele se concentrou nos outros, seus olhos de obsidiana crepitando como as chamas emitidas por suas serpentes do céu. O resto dele parecia frio como gelo. — Estejam preparados. No segundo que dermos um passo lá fora, as Harpias dispararão suas flechas. Concentrem-se nelas. Minhas serpentes do céu lidarão com os grifos.

Juntos, os Enviados expandiram as mãos. Espadas de fogo apareceram.

— Será que suas serpentes do céu vão lidar comigo? —
Murmurou Cameo.

— Elas sabem da sua disputa com os do meu reino, se é o que você está perguntando — respondeu Lazarus. — Devo protegê-la de sua ira ou você gostaria de afirmar sua independência mais uma vez?

Idiota.

— Eu gostaria de afirmar minha independência bem na sua...

— Mate! — Com isso, Lazarus atravessou a porta, estilhaços fluindo em todas as direções. O movimento foi tão inesperado para as Harpias quanto para Cameo.

Ela o seguiu, permanecendo perto de seus calcanhares, e os Enviados se derramaram atrás dela. Como Lazarus previu, as flechas foram lançadas.

Você não pode ganhar, Miséria sussurrou, não querendo desistir. Você vai perder, de uma forma ou de outra. Talvez ganhe a luta, mas definitivamente perderá Lazarus. Se não hoje, amanhã. Como todos os outros, ele se cansará das tentativas mal sucedidas de te animar.

Cameo o desligou. Distração matava e tristeza debilitava. Ela se concentrou na batalha. Exatamente o que foi criada para fazer. O mundo ao redor dela desacelerou, mas seu ritmo permaneceu rápido enquanto ela esticava os braços e inclinava os pulsos. As flechas esbarravam em suas adagas, inúteis.

As serpentes do céu desencadearam uma tempestade de fogo, aumentando o calor. A fumaça formou uma nuvem de

escuridão à medida que as gotas de suor escorriam pelas têmporas e coluna de Cameo.

Um grito de guerra feroz soou. Harpias se precipitaram para frente, três ansiosas e furiosas encontraram Cameo no meio do caminho. Ela se preparou para o impacto e...

Lazarus se chocou com as fêmeas, uma bola de boliche em seus pinos.

Só pode estar brincando comigo.

Outras Harpias surgiram sobre suas companheiras caídas, seus olhos trancados em Cameo. Felizmente Lazarus estava preocupado com... Ela franziu a testa. Por que ele estava se movendo tão devagar, permitindo que as mulheres o rasgassem? Uma estratégia de batalha? Esperando dar às Harpias uma falsa sensação de vitória?

Sim ou não, ela não podia ajudá-lo agora. Um novo grupo a alcançou. Ela bloqueou uma mordida e depois um golpe. Surpresa escureceu os olhos delas.

O que, elas esperavam derrotá-la assim facilmente?

Ela não iria atrás das asas delas, decidiu. Sem dúvida, o movimento era esperado. Em vez disso, girou, caindo agachada e chutando a perna, dando uma rasteira. Uma Harpia tropeçou, depois outra. Quando elas caíam, enfiava os punhais na barriga delas.

A princípio as mulheres não perceberam que ficaram feridas. A adrenalina passou por seus sistemas, provavelmente engrossando a dor. Mas Cameo permaneceu agachada. Quando as fêmeas tentaram ficar de pé, provavelmente pensando que estariam em vantagem enquanto ela estava

abaixada, seus intestinos se espalharam aos seus pés. Gritos de agonia enchiam o ar.

Minha deixa. Determinada a acabar com suas oponentes, Cameo saltou. Com rápidos golpes, esfaqueou uma no coração e a outra no pescoço. Infelizmente, elas tinham uma amiga. A garota passou suas garras pela bochecha de Cameo.

Sua carne rasgou, queimando como se estivesse mergulhada em ácido. Seus joelhos vacilaram e bateram no chão. Enlouquecida pela raiva, a Harpia a seguiu.

Ignorando o influxo de dor, Cameo afundou sua adaga na traqueia da sua atacante. A garota gemeu antes de cair.

Grupo um — acabou.

Diferentes sons se registraram, fazendo suas orelhas se contraírem. Chamadas furiosas, grunhidos e gemidos, rugidos, o estalar de ossos quebrados, outros uivos. Onde estava Lazarus? Ela se levantou...

Um forte peso bateu nela, lançando-a do outro lado do jardim.

Ela perdeu o fôlego, pontos de luz piscando através de sua visão, cegando-a momentaneamente. Um punho bateu em sua bochecha ferida uma vez, duas vezes. Um punho frio. Juntas de bronze? Sua mandíbula saiu do lugar e seu cérebro bateu contra o crânio. O sangue vazava dos lados de sua boca quando as ondas de dor se espalhavam sobre ela.

Não pare. Continue a lutar. Ela ficou deitada e chutou suas pernas pra cima. Ao mesmo tempo, a Harpia se inclinou para dar o próximo soco. Perfeito. Cameo cruzou suas coxas,

travando o pescoço da garota. Ela rolou para seu estômago, forçando a Harpia ficar para baixo.

Crack! A testa da Harpia encontrou-se com uma pedra e a pedra ganhou.

Embora sua oponente mexesse as pernas numa tentativa de se levantar, o golpe a enfraqueceu, permitindo que Cameo estivesse de pé e golpeasse uma bota em seu rosto uma vez lindo.

Apagada, Harpia.

Tonta, ofegante, ela procurou o campo de batalha. As serpentes do céu diluíram o rebanho do inimigo, enquanto os Enviados derrubavam sua justa parcela de Harpias — sem realmente matar as mulheres. Bjorn e Xerxes estavam no processo de confinar as fêmeas lesadas dentro de uma gaiola camuflada por pedras.

Apenas Juliette permanecia de pé. Bem, não em seus próprios pés. Não exatamente. Lazarus a tinha pela garganta, as pernas balançando no ar. Ela metia as garras nele, desesperada para ganhar sua liberdade.

Vermelho o salpicava da cabeça aos pés, especialmente na parte inferior da calça. Sua camisa e uma boa porção de sua pele haviam sido estraçalhadas. A óbvia tensão apertando a pele ao redor de seus olhos e boca, o peso de Juliette aparentemente mais do que ele podia tolerar. Seus lábios foram afastados de seus dentes com uma expressão feroz.

A carne bronzeada da Harpia... estava se tornando acinzentada?

O olhar selvagem de Juliette dardejava sobre seus arredores, provavelmente procurando qualquer coisa ou qualquer pessoa que pudesse usar contra seu atormentador. Quando viu Cameo, ela ofegou:

— Caixa. Saiba... quem... caixa.

Apenas uma caixa importava para Cameo. De Pandora. Juliette sabia quem a possuía?

Coração batendo contra suas costelas, Cameo chamou:

— Lazarus — com a mandíbula ainda fora do lugar, ela disse o nome dele meio borrado, como se estivesse bêbada.

Ele não deu sinal de que a tivesse escutado. Sua sede de vingança era tão grande que havia perdido o controle de todo o resto? Ou simplesmente não se importava com o que ela tinha a dizer?

Depois de tudo o que eles fizeram na cama, a segunda possibilidade doeu mais do que os golpes que ela tomou.

— Lazarus — ela repetiu, saltando para frente. Ela tropeçou sobre um corpo, mas permaneceu na posição vertical e continuou correndo. — Solte-a. Você tem que soltá-la. — Se Juliette soubesse quem tinha a caixa, Cameo precisava dela viva. Pelo menos por um tempo.

Sim, a Harpia provavelmente mentiu para se salvar. E se assim for, sua morte seria mil vezes pior. Mas é mais seguro do que remediar quando as vidas dos entes queridos de Cameo estavam em jogo.

Ela bateu em Lazarus, esperando que ele tropeçasse; ele caiu no chão em vez disso, perdendo o controle sobre Juliette. A Harpia rolou e se levantou.

Não! Cameo fez uma jogada para ela, mas mesmo sem fôlego, Juliette conseguiu dar uma finta para a esquerda e em seguida ir para a direita. Ela correu, e Cameo a perseguiu. Elas se aproximaram da borda da nuvem. A Harpia teria que parar e...

Juliette mergulhou, saindo de vista. Cameo derrapou até que quase mergulhou para sua morte.

Um dos grifos apareceu embaixo de Juliette, pegando a Harpia nas costas e o alívio tomou conta de Cameo. Haveria outra luta, outra chance de obter respostas.

As serpentes do céu restantes sibilaram para ela, lembrando-lhe que um inimigo ainda espreitava nas proximidades. Os animais de estimação de Lazarus adorariam puni-la... e também Lazarus.

Ele rugiu.

— Por que, Cameo? Diga-me o porquê!

Ela fechou os olhos e descansou sua mandíbula contra seu ombro. Com um empurrão, forçou sua mandíbula no lugar — e quase se dobrou com a dor.

Quando se acalmou, disse:

— Você a ouviu — ela apontou na direção que Juliette tinha voado. — Sua consorte pode saber onde encontrar a Caixa de Pandora.

— Ela nunca foi minha — ele chegou ao lado de Cameo, seu olhar cuspidando fogo pra ela. — E ela não sabe.

— Como você pode ter certeza?

Seus olhos se encheram de culpa e raiva. Por que culpa?

— Eu apenas sei.

— Bem, eu quero falar com ela antes de matá-la. Ok?

Uma serpente do céu pousou atrás dele e soltou um grito estridente.

— Não — gritou Lazarus. Seu olhar permaneceu em Cameo enquanto ele brigava com a criatura: — Ela não deve ser prejudicada. Nunca. Não por você.

Não por você. E isso não era tão reconfortante?

— Estou voltando para Budapeste — disse ela. — Você pode vir comigo ou você pode ficar aqui. Agora não me importo exatamente. Na verdade, eu me importo. Fique aqui! — Uma mímica de seu comando anterior para ela. Como um cara se sentiria sobre o chauvinismo invertido? — Quando minhas feridas curarem, vou encontrar Juliette e conversar com ela. E ela deve estar viva. A segurança da minha família é mais importante do que sua vingança. Está me ouvindo?

— Acho que todo mundo te ouviu — ele criticou.

Cameo virou ao redor dele tempestuosamente, olhando primeiro para a serpente do céu, depois os Enviados.

— Alguém se voluntaria para me dar uma carona para casa ou vou começar a cantar uma canção de ninar.

Todos os três Enviados e seu amigo Berserker imploraram o privilégio. E, ok, uau, a serpente do céu se prostrou para permitir um fácil acesso às suas costas.

Talvez a batida em seu crânio tivesse destruído sua sensação de autopreservação desde que decidiu ir com a serpente do céu. Claro, ela gostaria de rasgá-la ao meio e sugar a medula de seus ossos, mas então, e daí? Se ela a comesse, ela a comeria. Se ela a soltasse o ar, ela a deixaria cair. Ela

morreria ou sobreviveria. No momento, não tinha certeza de qual deles queria mais.

O que a criatura não faria? Dar-lhe um sermão.

Serpente do céu por vencedora. Todos a bordo do SS Express.

Ela se aproximou dela apenas para fazer uma pausa e olhar para Lazarus.

— Os humanos nos verão e vão se assustar?

— Não. Ela vai se camuflar.

Camuflar? Um sopro de fumaça branca flutuava das narinas da serpente do céu, cobrindo-a e escondendo-a.

— Bem. Isso explica como você ficou tanto tempo sem ser detectado — disse ela, marchando para frente.

— Cameo — Lazarus gritou seu nome, de alguma forma transformando três sílabas em um comando áspero.

— Não. Nossa conversa acabou — ela se instalou em seu transporte.

— Eu irei atrás de você — disse ele. — Eu *sempre* irei para você.

Ele disse essas palavras antes. Na primeira vez, tinham sido uma promessa, doce e reconfortante. Hoje elas pareciam um aviso.



CAPÍTULO 20

~~“Nunca se desculpe.~~

Sempre se desculpe, mas apenas com sua mulher. ”

— ~~Tornando-se o monstro que você nasceu para ser~~

— A arte de manter sua mulher feliz

Três dias. Três dias torturantes, Lazarus permaneceu separado de sua Cameo. Ele chegou ao seu limite.

Rangeu os molares, a mandíbula dolorida em protesto. Ainda tinha que sair do quarto de hóspedes de *Downfall*. Por causa de Juliette, não estava forte o suficiente para se juntar à sua povoação. No final da batalha, a Harpia enfiou suas garras na virilha dele e, com um grito de vitória, tirou um de seus testículos. Ele estava muito lento para detê-la.

Usou seu tempo para criar uma bainha de couro para a Caixa de Pandora, alinhando-a com uma corrente fina como camada adicional de proteção. O artesanato era impecável e ainda não era igual ao de Cameo.

Surpreendentemente, a separação dela o deixou em agonia muito mais que a perda de seu testículo. Deveria ter se

curado até agora. Sem Cameo, sem piora. No entanto, começou a se regenerar apenas nesta manhã.

Seja qual fosse a razão, Juliette pagaria por sua prisão e os dias separado de sua mulher. Pagaria com sua vida sim, mas primeiro ela sangraria.

Ele sentia falta de Cameo. Sentia falta de sua inteligência e ferocidade. Ansiava seus doces beijos e seu gosto decadente. Fome por seus sedutores ronronar de excitação. Ele ansiava por ter suas unhas nas costas mais uma vez, suas pernas enroladas na cintura. Sonhava com a forma como ela encharcava sua calcinha por ele. Mesmo assim ela lutou com as Harpias...

Acima de tudo, precisava vê-la sorrir novamente, tão raro quanto era. Ele agora era um viciado na necessidade de uma solução, nervoso e desencadeado, pronto para rasgar qualquer pessoa que ousasse entrar em seu caminho.

Ele a via por quem ela era — forte, inteligente, corajosa — tudo isso e muito mais. Ela merecia ser sua parceira, não apenas uma bonita decoração ao seu lado.

Ele quase entrou nas sombras, sua vingança pessoal contra Juliette e Hera esquecida apenas para vê-la. Ela usava uma espada tão habilmente como fazia uma de sucata de metal, a arma uma extensão de seu braço. Ela se movia como ondinhas na água, tão lisa que parecia inofensiva até que fosse tarde demais.

Ontem ele não tinha aguentado e convocou o Enviado com olhos da cor de arco-íris. Bjorn. O mais velho.

— Tenho sua palavra, essa conversa não vai mais longe?
— Perguntou Lazarus.

— Tem — o Enviado respondeu. Incapaz de mentir, ele efetivamente faria silêncio sobre o assunto.

Que foi a única razão pela qual Lazarus continuou.

— Está vivo há muito tempo. O mesmo tempo que eu. O que sabe de Hera? De... meu pai?

— Muito pouco sobre seu pai. Hera e sua mãe, eu sabia. Inclusive que eram amigas.

Amigas? A notícia veio como um choque. Como uma amiga podia matar a outra sem piedade?

— Quando se tornaram inimigas?

— Quando seu pai sequestrou sua mãe.

Um caso simples de ciúme? Hera queria Typhon? Por quê?

Ele girou a maré da conversa, dizendo:

— Conhece uma maneira de remover o demônio de Cameo e mantê-la viva?

Bjorn bateu os dedos no seu queixo.

— Um navio vazio seca. É por isso que ela vai morrer quando ele for removido. Se você conseguir revivê-la depois, o que não é uma garantia, seu espírito teria que ser corrigido... ou curado... e tornado a ser preenchido. Amor por ódio. Alegria por tristeza.

Isso fazia sentido, mas era muito arriscado. Nem ele nem Cameo sabiam amar. E ele algum dia conheceu alegria? Alegria verdadeira?

Lazarus atravessou o quarto que compartilhou com Cameo e fez uma careta pela fina carne regenerada que esfregava contra seus couros. Deveria deixá-la ir agora em vez de mais tarde. Deveria esforçar-se para construir um exército. Sim, deveria. Mas ficar longe da guardiã de Miséria parecia cada vez menos como uma opção para ele.

Ele disse que iria ajudá-la a controlar o demônio. Disse que a protegeria, mesmo de si mesma.

Devia protegê-la.

Tolo!

Ele tinha milhares de anos. Experimentou o melhor e pior que a vida tinha a oferecer, e ainda não tinha defesa contra Cameo. Sua mera existência se tornava seu inimigo número um. Sem ela, ele viveria. Ele seria forte, um líder entre os homens. Mas sem ela, não viveria bem.

Sou o filho do meu pai.

Nunca! Nunca tomaria Cameo contra sua vontade.

Iria fazer romance com ela pra cacete.

Droga! A necessidade por ela ameaçava substituir sua vontade de sobreviver. Ele a ansiava antes; era uma tentação. Agora, era uma necessidade, essencial para sua existência.

Era assim que seu pai se sentia sobre sua mãe? Demente? Esse foi o começo do fim para Typhon?

Faça ou dê um tempo, Lazarus percebeu. Tinha que decidir. Afaste-se de Cameo para sempre ou vá em frente. Aceite os cristais e o resultado final — uma vida nas sombras, incapaz de lutar — ou evite os cristais e ganhe suas guerras pessoais.

Se escolhesse o primeiro, não poderia haver meias medidas. Cometeu esse erro antes, exigindo que Cameo aceitasse um encontro de uma noite. Por todas às vezes e pelas maneiras como sofreu, ela precisava da segurança de seu homem. Merecia saber que era adorada. Só então ganharia sua confiança. Só então ela compartilharia seu corpo... e escolheria lembrar de seu sorriso.

Em troca, ela poderia ajudar Lazarus a conquistar sua vingança. Qual melhor guerreiro para ter ao seu lado? Ele poderia ter tudo, sua mulher e sua vingança, antes que os cristais o alcançassem.

Mas. Sempre havia um “mas”. Se Lazarus planejava passar o que restava de seus dias com Cameo, tinha que contar a ela sobre a Caixa de Pandora. Tinha que contar a ela antes de desafiar Juliette por informações que a Harpia não possuía.

E se usasse a caixa para se machucar?

Ele poderia destruir a caixa e simplesmente mostrar-lhe os restos.

Ela o odiaria.

E quanto à Estrela da Manhã? A maçã estava pendurada em seu pescoço novamente. Ele envolveu sua mão e apertou. Se destruísse a Caixa de Pandora, também podia destruir a Estrela da Manhã. Ou o ser misterioso seria finalmente liberto?

A Estrela da Manhã podia salvar Cameo?

Se houvesse uma chance, não poderia destruir a caixa. O risco superava a recompensa. Isso significava que não podia dizer à Cameo a respeito disso, não importa o quanto ela merecesse a verdade.

Não podia comprometer seu bem estar. Ou o futuro dela. E não se sentiria mais culpado por isso. Não faria isso! Ela significava demais para ele, e o que fez, fez por causa dela.

Ele a protegia. Fim da história.

Novo plano, próximo passo. Mataria Juliette antes que Cameo tivesse chance de conversar com ela. Então, voltaria suas atenções para Hera, descobriria a localização de seu pai e finalmente mataria a mulher que assassinou sua mãe, bem como o homem que a escravizou. Agiria rapidamente. Então passaria o resto de seus dias com Cameo, aproveitando o contentamento que só ela podia dar.

Soa como um plano.

— Olá, Lazarus.

A voz familiar saiu do espaço atrás dele, cada músculo em nó no seu corpo. Palmeando um punhal em cada mão, ele girou...

E ficou cara a cara com Hera.

Lazarus lançou uma ilusão, escondendo sua fúria atrás de uma máscara em branco, apagando qualquer sinal da maçã embaixo da camisa e das armas amarradas ao seu corpo. *Deixe-a acreditar que estava desarmado.*

Os anos foram gentis com ela, tornando-a mais bonita que nunca. Seu cabelo parecia uma queda de musgo misturado com flores cor de rosa exuberantes. Seus olhos eram, em essência, um mapa aéreo da Terra, azul com manchas de verde e marrom. O complemento perfeito para a linda tonalidade ocre de sua pele.

Ela usava um vestido feito inteiramente de pétalas de rosa encantadas, o doce perfume das flores flutuando sobre ela.

Uma cadela como ela deveria cheirar como enxofre sulfúrico!

Não esperava que viesse até ele. Não esperava que se lembrasse do menininho que deixou órfão. Quando Lazarus se transformou num homem, manteve suas intenções para si mesmo.

— Hera. Há muito tempo sonhava em vê-la novamente.

— Você foi decapitado. Acho difícil acreditar que você sonha e muito menos vive — ela disse conversando.

— Não ouviu? Não posso ser morto.

— Faz sentido, suponho. Você é, afinal, filho de seu pai — os lábios franziram. — Typhon. Um porquinho tão escorregadio que conseguiu se evadir da morte... até agora.

Ela percebeu que acabara de confirmar a sobrevivência de seu pai?

— Você matou minha mãe. Sua amiga — ele terminou com uma mordida. — Quem é o verdadeiro porco nessa foto?

Raiva escureceu os traços dela. Então detectou um crepitar de poder semelhante ao dele próprio — aos de seu pai — e sua expressão ficou em branco. Ela também tinha a capacidade de lançar ilusões?

— Sabe por que estou aqui? — Perguntou ela.

— Ah sim. Para morrer nas minhas mãos.

— Você tem a Caixa de Pandora. Minha caixa. Você matou minha escrava.

Sua ilusão encobriu seu choque. Hera A Corneadora era a mestre de Hilda.

— Sei que a caixa está próxima — disse ela. — Posso sentir isso. Não minta pra mim, Lazarus. Como sabe, antes de ser encarcerada no Tartarus, passei meus dias matando machos que provaram ser qualquer tipo de ameaça ao sexo mais justo. Eu era muito boa. Muito boa. — Ela girou um fio de cabelo ao redor de seu dedo, parecendo inocente. — Mantenha sua língua e me devolva a caixa agora ou deve se juntar à minha lista de indesejáveis.

— Você mesmo disse que a Morte não pode pôr suas mãos sujas em mim. — Ele manteve o tom agradável. — Irei com a opção C e deixarei você em pedaços.

— Boa sorte com isso. — Ela vagou pelo quarto com indiferença, arrastando uma ponta do dedo ao longo da parte superior da cômoda antiga... a penteadeira... uma dos postes da cama maciça, onde os lençóis amarrotados ainda tinham um fraco aroma de Cameo. Lazarus não possuía nada aqui e, no entanto, sua sensação de posse queimava.

A vingança exigia que matasse sua inimiga. *Aja agora.* Mas ele permaneceu no lugar. *Nunca comece uma briga que não pode ganhar.* Enfraquecido como estava — tão poderosa como ela era — tinha que prosseguir com cuidado... furtivamente.

— Que hipócrita se tornou na sua velhice, hein? — Ele permitiu que um sorriso frio passasse por sua ilusão, a verdade em seu olhar uma provocação aberta. — Você, a vingadora das violadas, conhecida por punir qualquer um que

se atrevesse a tomar algo não oferecido livremente... roubou a Caixa de Pandora e impediu que os demônios fossem colocados de volta. Liberou esses demônios num mundo desavisado. Durante séculos saquearam, roubaram e destruíram inocentes.

Uma risada amarga preencheu o espaço entre eles.

— Está certo. Sou hipócrita. E sou punida todos os dias por minhas escolhas.

Tentando virar a mesa e ganhar sua simpatia? Nunca!

— Choro por você — disse a ela e enxugou uma lágrima imaginária.

— Tenho certeza que o faz — ela encontrou seu olhar com determinação implacável. — Onde está minha caixa?

— Onde está meu pai?

Ela levantou uma sobrancelha.

— Deseja salvá-lo?

— Quero matá-lo.

Uma pausa carregada de tensão. Então:

— Onde está minha caixa, Lazarus?

— Onde está meu pai? — Ele disse, dando um passo em direção a ela.

— Apreendi bem minha lição, Lazarus. Deixar você viver foi um erro. Diga-me onde está guardando minha caixa ou vou destruir sua família, começando com seu filho.

— Não tenho filho — ele tocou a virilha. — Mas é bem-vinda a beber diretamente da torneira.

Pálida, fez meia volta, sempre o mantendo dentro de suas vistas.

— Eu salvei você de se tornar uma cópia de seu pai. Quando criança, poupei sua vida. Você me deve.

— Você me escravizou e relegou o cuidado de minha alma a uma Harpia. Não devo nada além de uma morte dolorosa.

— Palavras valentes. Palavras *tolas*. Não me obrigue a desmembrar sua preciosa Cameo da maneira que desmembrei Echidna.

Sua voz tremia lá no final?

— Obrigiar você? — O ódio que guardava há tanto tempo explodiu dentro dele, estilhaços emocionais incorporando-se em cada centímetro de seu corpo. As feridas sangraram mais raiva, apenas raiva.

— Nunca gostei de prejudicar minhas companheiras.

— Toque Cameo e eu... — Não havia nenhuma ameaça suficiente.

— O que? Vai congelar como seu pai, incapaz de se mover, preso dentro de algum tipo de crisálida? — Ela riu. — Eu o chequei não muito tempo atrás. Um destino trágico para um macho tão forte.

Um destino que Lazarus compartilharia.

Ele já tinha se resignado a ele — ou pensou que tinha. Se ficasse com Cameo continuaria a enfraquecer. Talvez agora fosse o momento de atacar. Talvez nunca tivesse mais poder do que tinha agora.

Decisão tomada.

Sem prever sua intenção, Lazarus se atirou em Hera. O ombro dele acertou a parte mais macia da barriga dele e ele rugiu com satisfação pelo seu som de angústia. Enquanto a

seguia até o chão, ela tomou o peso do impacto, a parte de trás do crânio quebrando.

Apesar da sua injúria, ela bateu sua testa no queixo dele. Adrenalina aumentou, ele quase não registrou o golpe. Nunca perdendo o ritmo, ele recuou o cotovelo e puxou o braço para frente. O golpe não encontrou nada além de ar enquanto ela se afastava.

Esperando que ela voltasse, ele se levantou. Ele andou pelo quarto por cinco minutos... dez... mas ela nunca apareceu.

Novo plano. Enfraquecido ou não, retornaria para o lado de Cameo. Hoje. Agora. Iriam caçar e matar Hera e Juliette juntos. Encontrariam e matariam seu pai. Confiava em Cameo e admirava sua habilidade.

Não precisava de um exército. Só precisava dela.

* * *

— Ponham seus traseiros em marcha. Nossa milionésima reunião familiar está prestes a começar — a voz de Torin ecoou no sistema de som que instalou dentro da fortaleza.

Ótimo! Maravilhoso! Cameo sabia o que seria discutido. Ou melhor, a *quem* estariam discutindo.

Quando ela disse que Juliette talvez, possivelmente, quem sabe soubesse onde encontrar a Caixa de Pandora, a emoção e esperança floresceram. A Harpia tinha se tornado inimiga número um dos Senhores.

Será que Lazarus perdoou Cameo por salvar a vida de sua atormentadora?

De jeito nenhum. Caso contrário, estaria aqui.

Eu o perdi antes de tê-lo.

Todos entraram na grande sala. Cameo reivindicou um lugar na frente com os braços cruzados sobre o peito enquanto encontrava o olhar de cada ocupante: Torin, Keeley, Maddox, Ashlyn, Sienna, Sabin, Gwen, Gideon, Scarlet, Amun, Haidee, Danika, Kaia, Aeron e Olivia, uma Enviada.

Lucien, Anya, Reyes, Kane, Josephina, Strider, Baden e Katarina estavam atualmente no submundo com Hades.

Galen, o ex-inimigo que virou quase amigo, entrou na sala e mergulhou no sofá. Uma tempestade se produzia dentro de seus olhos azuis celestes. Seu cabelo pálido estava em completa desordem. Ele acabava de voltar de uma missão secreta para... Hades? Ele mesmo? Ele deve ter falhado.

A ruiva Kaia cutucou o ombro de Cameo, tipo *você consegue*.

— Sente e escute. Todo o clã Eagleshield declarou guerra à nossa menina Cam. Esperam que todas as Skyhawks façam o mesmo porque sempre mantivemos um rancor contra o Malidocioso Lazarus, homem de Cam.

Como se atrevem, as Eagleshields tentando recrutar seus amigos!

Você não tem amigos, Miséria sussurrou.

Eu tenho! Sei que tenho.

Um coro de “buu” soou da multidão.

Viu? ela disse ao demônio. *Amigos.*

— Nós declinamos, é claro. Com as lâminas. — Aplausos entraram em erupção e Kaia fez uma reverência. Quando a sala se acalmou, ela acrescentou: — Uns tempos atrás, Lazarus destruiu uma das nossas aldeias, mas hoje nós o perdoamos oficialmente. Por causa de Cameo e também porque gostaríamos de torturá-lo lentamente. Da maneira mais não violenta — seu olhar se dirigiu a Cameo. — A morte é muito rápida e definitivamente demasiado permanente.

— Dizem que Lazarus realmente voltou dos mortos — disse Gwen. — Como isso é possível?

Todos os olhos pousaram em Cameo.

— Eu não sei — sua aparência física mudou, as linhas gravadas em seus braços mais grossas e mais escuras, o ódio dele pior. — Nem ele.

Seus amigos se encolheram ao som de sua voz. Pior, eles se encolheram com mais força que o habitual.

Eu disse, Miséria provocou.

Ela apertou os lábios juntos. Não tinha planos de contar a ninguém sobre as linhas de Lazarus de qualquer maneira. Seu segredo era dele para compartilhar.

— Vou perguntar por aí — disse Sienna — se alguém sabe de alguma coisa. — Como nova detentora de Raiva, os castigos disputados tornaram-se seu passatempo favorito. Ela abriu os nós dos dedos. — Alguém vai cantar como um canário.

— As mentes inquiridoras querem saber — Kaia saltou para cima e para baixo. — Cada centímetro do novo e vivo Lazarus funciona?

Tipo, se seu coração batia? Ela assentiu.

Kaia ofereceu um sorriso malicioso.

— De quantas polegadas estamos falando? Huh, hein?
Conte-me!

Tente: gigante. *E meu. Tudo meu.*

Cameo silenciosamente fez com a boca.

— *Foco, gente!*

— Então, menos de quinze? dezoito? — Ela insistiu. — Juliette se gabou de manter suas bolas em sua caixa de troféus. Aparentemente, cortou uma de cada agora e para lembrar Laz de quem era a chefe. Obteve uma nova durante a última batalha. Só queria saber se ele estava sofrendo de encolhimento.

Ele estava ferido? Ela assumiu que o sangue que o cobria pertencia às vítimas.

Como pude deixá-lo para trás?

Antes que Miséria pudesse usar sua culpa contra ela, virou-se para Aeron.

— Depois que você morreu, a Verdadeira Deidade deu-lhe um novo corpo. Ele é o único ser capaz de tal façanha, não é?
— Ele criou os Enviados, anjos e até mesmo humanos da terra.

Quanto às outras espécies?

Histórias alegavam que anjos caídos uma vez se acasalaram com humanos para criar semideuses: os titãs, gregos e não-nomeados. Embora tenham escolhido deixar a palavra “semi”. Esses semideuses haviam se acasalado com outros semideuses e surgiram diferentes raças imortais. Shifters, Berserkers, sereias, ninfas e um punhado de outros. Ainda outros semideuses haviam se acasalado com demônios,

criando Harpias, vampiros e bruxas. No entanto, nenhum desses seres sabia como criar carne do pó — ou qualquer outra coisa.

— Pelo que eu saiba, sim — a voz de Aeron era tão grave como sempre. — Não sei como Ele fez isso. Acordei nos céus, já ligado ao meu novo corpo.

Então, ainda estamos no quadrado. Impressionante.

A tristeza surgiu de Miséria, um perfume envenenado. Sienna fungou. Kaia e Gwen se viraram para esfregar suas lágrimas furtivamente.

Aqui vou eu, tornando todos ao meu redor miseráveis de novo.

— Vou sair — de cabeça baixa, Cameo entrou no corredor.

— Precisamos discutir a caixa — Sabin disse a ela.

Ela fez uma pausa suficiente para responder.

— Não se preocupe. Juliette Eagleshield vai me contar tudo que sabe antes de perder a cabeça. — Sem mais bancar a legal e parar na remoção de uma mão.

Cameo desceu as escadas. Ao longo do caminho, passou por uma borboleta em vôo e ignorou a inquietação. Fechou-se dentro de seu quarto e pousou no assento acolchoado na frente de sua penteadeira... onde o espelho de Lazarus agora pendia.

No começo, não tinha ideia de que o espelho estava no quarto dela. Viu uma boneca explosiva. Então a tocou e a ilusão desapareceu, o vidro apareceu diante de seus olhos. Um presente de Lazarus. Estava admirada por sua consideração... e aterrorizada com o que veria a seguir.

A história provava que mágoa a aguardava.

Lágrimas escorriam por sua face enquanto pequenas dores começavam a morder a alma dela como ratos famintos que finalmente encontraram um pedaço de queijo. Tristeza e arrependimentos corriam por sua mente, baratinhas que moravam nas sombras.

Apesar de seu adeus explosivo, sentia falta de Lazarus a cada segundo que passava. Sentia falta de seu toque. Seu gosto. Sua risada rouca, um pouco enferrujada nas bordas. Muitas pessoas não podiam fazê-lo rir; ela era uma das poucas. Até sentia falta de seus comentários irritantes.

Com ele, sentia-se viva pela primeira vez desde sua posse, tão perto da felicidade que quase podia dar uma risada.

Lazarus abandonou você, não quer nada contigo. Miséria ronronou como um gatinho bem alimentado. Talvez se sinta melhor se o esquecer.

Nunca!

Talvez...

Lazarus acreditava que o demônio precisava de permissão para limpar sua memória. No começo, descartou a ideia como ridícula. Não saber as coisas que fez e disse era uma tortura. Agora, no entanto, estava possuída por uma tortura ainda pior. Saber as coisas desleixadas que fez e disse, as coisas descaradas que *Lazarus* disse e fez — e saber que ela nunca mais as experimentaria.

Não, não. A perda de memória seria pior, por certo, e não podia deixar a tristeza convencê-la de que finalmente conhecesse a paz.

Nenhuma “paz” poderia se comparar com a lembrança de seu primeiro beijo. Os pequenos detalhes, tanto quanto os grandes. O brilho sardônico em seus olhos escuros quando a provocava. A rouquidão de sua voz quando ela o agradava. A maneira como as gotas de suor escorriam pelas ondulações de seus músculos.

Cameo olhou para o espelho, desesperada.

— Mostre-me o futuro — ela sussurrou. — Por favor.

Para sua surpresa, o vidro ficou líquido, ondas acima e abaixo. Eventualmente essas ondas se dividiram e duas imagens apareceram, uma à direita, outra à esquerda. Na primeira, Lazarus esfaqueava Hera com uma versão em miniatura da Haste de Partir. O eixo foi cortado em dois, a ponta bulbosa empurrada para o centro para abrir espaço para uma adaga retrátil. Na visão, Cameo assistia o assassinato com um ar de alívio. Ele conseguiu. Alcançou a vingança e sobreviveu.

A cena se transformou, revelando as consequências de sua vitória. O corpo imóvel de Cameo queimava numa pira. Seus amigos a cercavam, suas cabeças curvadas com tristeza e melancolia, as emoções terríveis ainda eram cortesia dela.

— Se Lazarus matar Hera, eu morro? — Ela perguntou ao espelho.

Tremendo, concentrou-se na outra metade do espelho e piscou em estado de choque enquanto observava sua imagem representar a segunda cena. Nela, ela entrava na frente de Hera, salvando a vida da ex-rainha e causando seu próprio fim.

Sem esperança. Abençoada se eu fizer, condenada se não fizer. A menos que pudesse de alguma forma mudar seu futuro.

Por que Cameo protegeria a deusa que matou a mãe de Lazarus?

A cena mudou, revelando as consequências de sua escolha. Desta vez, Cameo deitava-se na cama, rindo enquanto um caleidoscópio de borboletas dançava sobre sua cabeça.

Uau. Ela sobreviveu? E ria? Com borboletas?

Talvez não devesse tentar mudar seu futuro afinal. Seguindo a liderança do espelho, a primeira vez funcionou muito bem para ela.

Mas... borboletas?

Se alguém deixa sua crisálida facilmente, suas asas ficarão enfraquecidas. Ela deve se esforçar para sair ou nunca terá força para voar.

Lembrou-se das palavras de Lazarus e torceu-se para contemplar uma enxurrada de borboletas empoleiradas fora da janela. E se os insetos não fossem um símbolo de desgraça, mas em vez disso — ela engoliu em seco — um sinal de sucesso? E se sinalizassem a chegada de Lazarus? Ele disse que elas gravitavam para ele.

Seu coração saltou. Ele a teria perdoado pela suspensão temporária da execução de Juliette?

Talvez sim, mas... descansou os cotovelos na penteadeira e inclinou a testa contra os troncos das palmeiras. Ele a desprezaria para sempre por salvar Hera. Portanto, salvar a deusa não poderia levar à felicidade de Cameo.

Mas vamos lá! E se perdesse Lazarus de qualquer maneira? A primeira visão mostrava sua morte, e na segunda visão ele não estava em nenhum lugar perto de sua cama.

E ainda assim eu ria. Por quê?

Ele estava por perto?

Muitas perguntas não respondidas.

Uma batida soou em sua porta. O espelho limpou, revelando seu reflexo e a desordem de seu quarto. *Bom, isso era bom.*

Ela ficou de pé e pernas trêmulas.

— Entre.

Viola varreu para dentro, seu animal de estimação beliscando de brincadeira em seus calcanhares. Hoje Viola usava uma camiseta masculina que dizia *estou namorando uma supermodelo. Eu!* A gola estava rasgada e a bainha desfiada. Seus shorts curtos estavam manchados de grama. Suas botas de cowgirl sujas de lama.

Fluffy usava uma roupa correspondente.

A dupla tinha voltado para a fortaleza ontem. A deusa se recusou a falar sobre o que deu errado no clube e Cameo não pressionou por respostas.

— Desde que sou sua melhor amiga — disse Viola — fui eleita para te contar as más notícias.

Ah não.

— O que aconteceu? Alguém morreu? Quem morreu?

Miséria riu.

— Uau — disse Viola. — Sua mente imediatamente vai toda para o pior cenário, não é?

Ela se forçou a inalar e exalar com propósito.

— O que aconteceu? — Ela repetiu o mais calmamente possível.

— Gwen e Kaia apenas conseguiram uma nota de Juliette. — O olhar de Viola pousou no espelho e se abriu, sua boca se separando num suspiro sonhador. Como se estivesse em transe ela avançou, seus braços se estendiam para tocar. — Oh! Que bonito!

Cameo pegou um cobertor e correu para o espelho com a intenção de intervir antes que Viola se perdesse em seu reflexo. Missão cumprida.

— Quais as novas notícias de Juliette para mim? — Perguntou Cameo, limpando as mãos por um trabalho bem feito.

— Quem disse alguma coisa sobre isso ser uma má notícia para você? É uma notícia muito ruim para ela. Esqueci de mencionar que a Harpia boba emitiu um desafio? Ela quer uma competição família contra família e lutar contra você uma contra uma. A vencedora consegue manter Lazarus.

As mãos de Cameo fecharam em punhos.

— Uma a uma? Feito. Mas Lazarus não é peão de ninguém. Ele vai escolher a mulher com quem fica.

Não será ela e não será você, o demônio encurralou. Esse avião já deixou a pista.

— Ela não se importa com livre arbítrio, então você precisa se preparar. Venha — Viola se afastou, esperando claramente que Cameo a seguisse.

Pés tão pesados quanto pedregulhos, ela marchou atrás de sua amiga. Entraram na sala de artefatos, onde a Haste de Partir, a Gaiola da Compulsão, a Capa da Invisibilidade e as pinturas criadas pelo Olho-que-tudo-vê foram armazenadas.

O poder engrossava o ar. E poeira. Muita e muita poeira. Cameo tossiu.

O olhar fixo na Haste de Partir. Possuía um longo eixo metálico e uma ponta bulbosa de vitrais. Um toque e acabaria em outro reino.

— Por que estamos aqui? — Perguntou ela. — Não quero deixar o mundo mortal.

— Dã — Viola tirou um pedaço de pano do bolso e esfregou cuidadosamente a lâmpada. — Como sabe, tornei da minha conta aprender mais sobre a Haste de Partir enquanto estava presa dentro do reino espiritual.

— Não estava presa. Entrou voluntariamente pela segunda vez. E tinha o anel! — Cameo a lembrou.

— *Tanto faz.* A Haste de Partir. Tenho a sensação de que vai precisar disso. — Enquanto Viola falava, ela curvou-se e torceu a Haste... em sulcos naturais que Cameo nunca notou, encurtando o equipamento, fazendo com que uma borda mais afiada emergisse da ponta.

Seu estômago torceu num nó apertado. A Haste de Partir encolheu numa versão em miniatura de si mesma, tornando-se a espada que viu no espelho. O que significava que o artefato acabava de se tornar a arma que Lazarus usaria para matar Hera... ou Cameo.

Entãaaao. O espelho mostrou dois possíveis futuros e agora Cameo precisava escolher qual deles desejava realizar.

Não havia necessidade de refletir. O segundo. Claro que escolheria o segundo. Ela riu!

E quanto a Lazarus? Sua felicidade arruinaria a dele?



CAPÍTULO 21

*“Seu reino nunca experimentará a paz enquanto ~~seus~~
~~inimigos ainda viverem~~ sua mulher estiver chateada”.*

— A arte de manter sua mulher feliz

Lazarus entrou na fortaleza de Budapeste como se a possuísse. Em sua mente, possuía. Decidiu ficar com Cameo, então tinha que ir com ele. Nenhum outro resultado era aceitável. O que pertencia a ele agora pertencia a ela e vice-versa. Portanto, era dono da fortaleza.

Ele parou no vestíbulo. Talvez a proximidade de Cameo o fortalecesse de alguma forma, enfraquecendo-o de outras, porque seu testículo finalmente terminou de se regenerar. Um processo agonizante que não traiu nem pela palavra nem pela ação.

— Bem-vindo. — Uma voz desencarnada derramou sobre um sistema de intercomunicação. Uma voz que sabia pertencer a Torin, fantoche da Doença, quem uma vez namorou Cameo. O homem viveria apenas porque nunca a tocou.

Com as câmeras colocadas ao redor do perímetro, Torin soube de sua chegada no segundo que piscou diante da porta. Lazarus abriu a mente aos ocupantes antes de entrar e não sentiu nenhum desejo de atacar.

Talvez porque Torin anunciasse:

— Temos um convidado. Não o matem.

Lazarus desligou uma das câmeras enquanto se lançava em movimento. Urgência o montava, chicoteando seu flanco; aumentou a velocidade quando atingiu um lance de escadas.

No segundo andar viu uma mulher que conheceu há muito tempo. Ele era menino e ela estava noiva de Hades. Keeley, a rainha vermelha. Typhon arrastou Lazarus para o submundo para cumprimentá-la.

Naquela época ela tinha cabelos vermelhos e olhos castanhos. Hoje, seus longos cachos eram rosa, seus olhos tão verdes como a grama. Amanhã? Quem sabe que cor seriam. Seus traços estavam ligados ao calendário e mudaram a cada estação.

Ele observou como a mulher entrava e saía dos quartos, colocando itens diferentes numa bolsa.

— Ela vai precisar disso — um vaso — e isso — ela puxou um prego da parede — e definitivamente isso! — Um par de óculos de natação.

Seu olhar insondável pousou nele e ela ofereceu um sorriso distraído.

— Ei, preguiçoso. Eu queria te dizer... uma coisa? Preciso pesquisar meu quadro de cortiça antigo. Se está procurando

minha garota ela está no seu quarto, preparando-se para o desafio. Boas notícias! Ela aceitou.

Que quadro de cortiça? Que desafio? E aceitou o que, exatamente?

Lazarus não esperou para perguntar. Em vez disso, decolou num ritmo acelerado pelo corredor, passando por uma porta aberta onde Sabin, guardião da Dúvida, estava no centro do quarto, tomando uma xícara de café e olhando para baixo. Ou para cima. O macho media aproximadamente 2 metros. Sem camisa, a enorme tatuagem de borboleta do lado direito não podia passar despercebida. A marca de seu demônio.

Logo vou ver e lambar a marca do meu Raio de Sol.

— Você machuca Cameo — disse Sabin — e vou remover suas *duas* cabeças.

Em qualquer outra circunstância, Lazarus atacaria sem aviso prévio. *Me ameace e morra.* Mas ele disse:

— Justo — Se machucasse Cameo merecia qualquer dor que o guerreiro entregasse.

Franzindo o cenho, Sabin esfregou os braços.

— Há algo diferente em você. Está me dando... arrepios.

Lazarus passou a língua pelos dentes. O guerreiro sentiu a Caixa de Pandora, apesar da bainha de couro e da cobertura. Com Hera quente em sua trilha, tinha que carregar o pingente com ele.

— O que está sentindo provavelmente é atração sexual. Desculpe, mas vai ter que lidar com isso.

A consorte de Sabin, Gwen, dirigiu-se a ele e mostrou as presas para Lazarus.

— Não sinto nada diferente, mas definitivamente vou usar seu crânio como vaso.

Gwen era uma Harpia do Clã Skyhawk, mas ele a tolerava. Sabia melhor que odiar toda uma raça pelos pecados de uma pessoa.

Cada outra porta aberta tinha outro guerreiro no lugar esperando para aterrorizá-lo. Esta era uma caminhada de promessa de dor, não era? Tanto faz. Estava namorando Cameo. Isso tinha que acontecer mais cedo ou mais tarde.

— Também me arrepio e definitivamente não é atração sexual — Maddox, guardião da Violência, tinha cabelos pretos e olhos violetas, um homem tão letal quanto bonito. — Pode ser raiva, no entanto. Cameo sofre e vou jogar *Go Fish* com seus órgãos internos.

— Não sinto seu novo atrativo, mas quero pular em seus ossos — Gideon, guardião de Mentira, tinha uma vibe de punk rock, com múltiplos piercings e cabelos azuis que eram uma combinação perfeita para seus olhos. Não conseguia pronunciar uma única verdade sem sofrer dores debilitantes. Ele acrescentou: — E para sua informação, Cameo não é como uma irmã para mim. Não vou dar uma merda se usar e abusar dela, e certamente não usarei seu crânio cortado como auxílio masturbatório.

Uma mulher grávida de cabelos escuros passou seu braço ao redor da cintura de Gideon. Ofereceu a Lazarus um sorriso suave e doce.

— O que meu marido quer dizer é que vai foder seu crânio até o inferno e voltar. — Esse doce sorriso nunca vacilou.

Porra, mas Lazarus gostava dessas pessoas.

Amun, ex-guardião de Segredos, estava ao lado de sua mulher, Haidee, fortemente tatuada.

— Machucar Cam? Vou cortar sua garganta enquanto está dormindo e dançar no seu sangue.

Legal.

Aeron, ex-guardião da Raiva beijou sua mulher, uma Enviada de cabelos escuros, antes de encontrar o olhar de Lazarus.

— No entanto, você voltou dos mortos... não vai fazer isso de novo quando terminar com você se ferir Cameo.

— Ótimo conversar com vocês, rapazes — Lazaarus chegou ao quarto de Cameo e entrou sem bater. Ele fechou a porta com uma risada suave, quase sobrecarregado por uma mancha de tristeza opressiva.

Ainda não o percebendo, sua ~~movoquavla~~ se apressava aqui e ali. Pela primeira vez desde que se separaram, sentiu como se pudesse respirar. Apesar do seu humor sombrio, ele finalmente estava em casa. Tensão evaporada, excitação tomando seu lugar.

— Quero mais de uma noite com você — ele anunciou.

Ela girou, os cabelo negros dançando com o movimento. Suas bochechas delicadas coraram de uma forma linda, mas seus espessos cílios estavam espetados e úmidos, seus olhos prateados vermelhos. Ela estava chorando?

Um grunhido retumbou no fundo do peito.

— Lazarus. Está aqui. — A tristeza em sua voz continha uma borda afiada e o rasgou completamente por dentro. — Não tinha certeza de vê-lo novamente.

Permanecer no lugar se provou um feito hercúleo. Se a tocasse, a conversa terminaria.

— Diga-me o que há de errado, Raio de Sol, e consertarei isso.

Uma nova rodada de lágrimas brotou e seu queixo começou a tremer.

— Sinto muito, arruinei tudo para você. Senti sua falta... eu o perderia em breve... nosso tempo juntos é limitado, até contaminado e... e...

Miséria usou sua separação para atacá-la, ele percebeu. Apertando os dentes, Lazarus levantou a mão e a envolveu sobre a maçã, ainda escondida debaixo da camisa. Cada vez mais ansiava matar o demônio, ensinar-lhe o erro de seus caminhos.

Não pode arriscar Cameo.

— Se você matar Hera — ela disse e fungou — eu morro. Suas sobrelanceiras franziram.

— Como sabe?

— O espelho me mostrou.

— Lembre-se, o espelho mostra possíveis futuros — mas não podia tolerar o pensamento de sua morte em qualquer hipótese. — Agora que sei, posso tomar medidas para garantir que você fique segura. — E o faria. — Sempre me recusei a pedir ajuda a alguém. Acreditava que precisar de ajuda significava que eu era fraco. Mas estou pedindo. Ajude-me a

encontrar Juliette. Vamos matá-la juntos. Quanto mais rápido, melhor. Tenho certeza de que há um estudo lá fora que irá confirmar que casais que matam juntos, ficam juntos. Além disso, se ela soubesse onde encontrar a Caixa de Pandora teria usado isso para matar você já. Quando Juliette estiver apodrecendo numa sepultura, podemos nos concentrar em Hera. Bloqueá-la se necessário. E uma vez que for derrotada, podemos encontrar e matar meu pai.

A esperança brilhava em seus olhos, apenas para ser apagada. As lágrimas escorreram pelas bochechas, destruindo-o.

— Quer o seu pai morto? Isso é tão triste. Quero dizer, eu sabia que ele era um bruto, mas com certeza você tem boas lembranças.

Se ela não estivesse tão chateada, ele ficaria divertido. Um coração tão suave para uma guerreira tão endurecida.

— Typhon escravizou e estuprou minha mãe. Vou celebrar sua morte.

— Oh, Lazarus. Sinto muito. Não é de admirar que queira se casar com uma rainha por um exército. Um exército que não posso te dar — *funga, funga*. — E graças a mim, perdeu um testículo...

— Você, Raio de Sol, é um exército em uma — ele interveio. — Vou liderá-la. E seus amigos.

Ela bufou agora.

— Vai me liderar? Nos liderar? Uau. Que honra. Todo mundo ficará... satisfeito. Prevejo zero problemas com seu plano.

Ele fingiu choque.

— A Mãe da Melancolia acabou de fazer uma piada?

— Ela certamente fez e sua piada ainda tem uma fila de soco. E adivinha? É você. Porque a primeira vez que emitir uma ordem para meus amigos, eles vão se revezar em dar socos em você. Alguns podem até chutar suas bolas.

Seu olhar deslizou sobre ela, persistindo em seus lugares favoritos.

— Ficaré satisfeita em saber que meu testículo regenerou. Talvez devesse dar um beijo de boas-vindas?

Ela envolveu seus braços ao redor de seu meio, de repente varrida por uma nova maré de tristeza.

— Não deve deixar meus lábios perto de suas joias de família. Mencionei que estrago tudo?

Maldito demônio. Hora de tirar suas garras das emoções dela.

Lazarus suspirou.

— Está certa. Arruinou minha vida bem ordenada, meu plano de casar com uma rainha que eu não amaria e provavelmente nem gostaria, e destruiu qualquer chance de ter uma existência pacífica. Você é terrível. Tem zero qualidades positivas.

O queixo dela caiu.

— Devo ter algumas qualidades positivas.

— Por favor. Estava apenas brincando. Você é irremediavelmente irremediável. Continue, admita. — Ele colocou o suficiente na sua voz para irritar um santo. — Admita para que eu possa te dar um beijo de piedade.

— Não vou fazer isso. Guarde seu beijo de piedade para si mesmo!

Incapaz de ficar longe — e não tendo certeza de quanto tempo poderia esconder seu sorriso — ele diminuiu a distância e a arrastou contra o sólido comprimento de seu corpo.

— Aceite minha oferta e vou te dar um beijo de *derreter a calcinha*.

Arrepios fizeram com que seus mamilos esfregassem contra o peito. Ele se acalmou, cada célula pegando fogo e queimando seu controle. Ela se acalmou, embora o pulso na base do pescoço acelerasse.

— Suspeito que vai me dar um beijo de derreter calcinha, de qualquer maneira — ela sussurrou.

Ele amava quando estava certa.

Lazarus reclamou seus lábios com uma exigência feroz. Ela recebeu o forte empurrão de sua língua, mas não devolveu sua paixão volátil. Inaceitável. Quando ele abriu sua mente para a dela, ouviu a queixa do demônio.

A vingança será minha.

Ele levantou Cameo em seus braços e a levou para a cama — onde a jogou no colchão.

— Neste momento, somos as únicas duas pessoas existentes — erguendo os braços, tirou a camisa. Depois removeu o pingente de maçã, colocou-o na gaveta superior da mesa de cabeceira.

Mais tarde, criaria uma ilusão para esconder melhor isso. E não se sentiria culpado.

Ela olhou para a gaveta, as engrenagens em sua cabeça claramente girando.

— Ainda não me disse... — ela começou.

— Concentre-se no seu homem. Ou melhor, meu Buffet de delícias masculinas.

Seu olhar o acariciou, pupilas negras derramando sobre íris de prata. Ela lambeu os lábios e a visão de sua linguinha rosa quase acabou com ele.

— A maior coisa em você... é seu ego. É por isso que não devo admitir isso, mas que diabos. Você é tão bonito.

— *Você é a bela* — as tatuagens dele não conseguiam esconder a investida do cristal.

Desesperado por qualquer contato que permitisse, ele se arrastou sobre ela. Ela rastreou o coração humano gravado no centro do peito e os punhais perfurando cada uma das câmaras. Então a ponta do dedo circulou o umbigo, e as entranhas dele se apertaram de desejo.

— Quer outro orgasmo, Raio de Sol? — A pergunta não era mais do que um resmungo. Ele queria dar seus orgasmos. Plural. Tipo, milhares.

Respiração enrolada em sua garganta.

— Eu quero. Realmente, quero sim. Mas primeiro quero ver esses testículos que mencionou. Uma garota tem que inspecionar sua mercadoria.

A luta para esconder o sorriso dele se intensificou.

— O que vai me dar em troca da minha cooperação?

Como ele esperava, o resto de sua tristeza deu lugar à determinação.

— A oportunidade de sobreviver a este encontro?

— Qual minha outra opção? Morrer de prazer?

— Sim. Não! — Ela deu um soco nele.

Rindo, ele se levantou de joelhos. Seus olhos trancados, prata líquida contra preto. Lentamente desabotoou as calças, deixando a antecipação crescer. À medida que a necessidade superava suas feições requintadas, sua diversão escorria. Ainda mais devagar, ele abriu o zíper.

Ela engoliu em seco.

— Sem cueca?

— Porque me importar? Suspeito que minha mulher me prefere nu. — Ele afastou o material, sua ereção saltando livre. Ele deu aos seus testículos um puxão antes de envolver seus dedos em torno da base de seu eixo. — Veja. Sua mercadoria está perfeita. Feliz agora?

— Acho que estou chegando lá. — A rouquidão em sua voz tirou uma gota de umidade de sua ereção. — Sei que está todo curado, mas vou escrever uma receita para um pouco de Cameo e estou pedindo que me tome duas vezes por dia.

Seu aperto flexionou por vontade própria. Puta merda. Com um rosnado feroz, ele se abaixou e lhe deu outro beijo ardente. Ele a devorou, e ela o devorou de volta, o beijo rapidamente fora de controle. Seu interior ficou derretido e seu eixo doía. Cameo era mais viciante que qualquer droga.

Não podia ter o suficiente dela, essa mulher que o encantou por todas as razões. Ela era paixão e prazer, de repente sua única razão para respirar.

Combatendo os tremores, ele a despiu. Sua mente quase não conseguia calcular a majestade de sua beleza. A pele de alabastro. Esses mamilos escuros já prontos para ele. Quão delicada sua estrutura óssea parecia... uma decepção. Não havia mulher mais forte.

Entre suas pernas, um pequeno arbusto de cachos úmidos implorava por sua atenção. *Impotente para obedecer...* ele agachou e puxou as pernas dela para fora. A mulher que afirmou que não poderia gozar estava rosa, molhada e muito ansiosa.

Ele passou o dedo pelo centro dela antes de deslizar dentro. Seus quadris arquearam e ela gritou. Quando ele tirou o dedo, ela gemeu em desapontamento.

— Vou te dar mais. Daqui a pouco. — Ele a virou e recebeu sua primeira visão completa de sua borboleta. Suas antenas descansavam entre os ombros, o tórax estava perfeitamente alinhado com a espinha e o abdômen terminava na fenda de sua bunda. As asas anteriores ondulavam em torno de seus quadris enquanto as posteriores caíam em torno de suas coxas. As cores... mil cores brilhavam dentro de um contorno negro irregular: uma mistura feminina de roxo e rosa, com manchas prateadas para combinar com seus olhos.

Fascinado, rastreou a borboleta com a língua e deslizou o dedo para dentro de Cameo. O calor molhado o cumprimentou e ele grunhiu com satisfação. Ela ofegou, suas paredes internas o espremendo, criando uma prisão que ele adorava.

Ele trabalhou um segundo dedo e ela sussurrou seu nome.

— Lazario — a maravilha em sua voz encheu seu peito de orgulho. — Não pare. Por favor.

— Nunca — dentro... Ele angulou seu pulso. Fora...

Agora ela gritou. Uma maldição ou um pedido, não tinha certeza. Ele acelerou o ritmo. Dentro e fora, dentro e fora. Seus quadris rebolaram quando seus dedos deslizaram de volta pra dentro. Sua cabeça percorreu o travesseiro de um lado para outro, fitas de seda preta emaranhadas. Ela agarrou o lençol e mastigou o lábio inferior, suas unhas cortando o algodão. Era a imagem da paixão e felicidade.

Dentro, fora. Dentro, fora. Dentro, fora. Cada vez mais rápido. Ele escovou o polegar sobre o calor escaldante dela, e ela estremeceu. Então fez isso novamente... e novamente.

— Lazario! — Ela culminou, suas paredes internas apertando e soltando.

— Minha Cami.

Quando ela ficou mole, ele a rolou. Satisfação irradiava dela enquanto sorria para ele, indecente e lânguida.

Esse sorriso... a coisa dos sonhos.

Necessidade selvagem pulsava dentro dele, seu próprio orgasmo quase disparando dele. Ele agarrou sua ereção, quase mandando:

— Toque-me, Raio de Sol. Por favor.

Ela passou a ponta do dedo ao longo dos lábios vermelhos e inchados.

— Com minhas mãos ou minha boca? Devo-lhe uma recompensa afinal.

— Mãos. Boca. — Me dê. — Ambos. — Ele tomaria qualquer coisa que quisesse dar. Ele tomaria tudo.

— Eu vou te comer — ela prometeu e ele ficou tenso, pronto, tão condenadamente pronto. — Mas só depois de remover seus couros.

Um faiscar de pânico esfriou seu ardor.

— Quero você agora. Bem assim.

— Tira — ela disse com uma sacudida de cabeça. Olhando para ele, ela se sentou. Seus seios perfeitos sacudiram, e por um momento esqueceu seu próprio nome. — Ou mantenho meus lábios pra mim mesma e você desejará que seu testículo nunca tenha crescido de volta.

— Por que me quer sem os couros? — Ele exigiu.

— Quero ver você todo. — Luminosos olhos prateados suplicaram, suas longas pestanas lançando sombras sobre suas bochechas. — Do jeito que você me viu.

Sim, mas ele via beleza e força. Ela veria nele sua vergonha e fraqueza. Ele teria que explicar o que aconteceu com seu pai, o que aconteceria um dia com Lazarus. Ela podia insistir que se separassem. Em algum nível, ela se importava com ele. Por que mais poderia confiar nele com seu prazer? Ela o desejaria saudável e inteiro. Odiaria quão completamente seu senso de sobrevivência se corroía cada vez que ele se aproximava dela.

O medo de perdê-la o consumia.

Calma. Firme. Ela estava aqui em seus braços. Viva e bem. Ele precisava dela de uma maneira que nunca precisou de nada nem de ninguém. E devia a ela. Tinha a Caixa de Pandora. Não podia arriscar falar sobre o artefato, mas *podia* arriscar isso. Sua vergonha secreta. Se pensasse em romper com ele, como os humanos gostavam de dizer, ele encontraria uma maneira de fazê-la mudar de ideia.

— Muito bem. — Ele ficou de pé, envergonhado por seus tremores. Ele arrancou suas botas e — *faça isso, apenas faça isso* — tirou os couros, deixando as pernas abertas.

Por vários segundos agonizantes, ela o olhou todo. Os cristais se espalharam, ramificando de seus quadris para seus tornozelos, um rio reluzente, o ardor lembrando seu odiado destino.

— Você é... magnífico — ela disse, sua voz pesada com... admiração? — Essas linhas. São como as que estão em seus braços. Aquelas que chamou de feridas. Vou te machucar se eu as tocar?

— Vai me machucar se não fizer isso.

— Por que esconder então?

— As linhas... significam uma mudança que não consigo parar. — Não desejando encontrar seu olhar, ele voltou para a cama para se instalar contra um monte de travesseiros. — Uma mudança que sobrepujou meu pai e, em última instância, levou à sua destruição.

— Quer dizer no dia que Hera o atacou? — Sua cabeça inclinou para o lado. — Eu não entendo.

E não a ajudaria a entender. Não aqui, não agora. O demônio usaria as informações contra ela.

— Mais tarde — Lazarus acenou uma mão imperial para seu eixo inchado. — Fiz minha parte. Hora de fazer a sua.

— Muito bem — ela se acomodou entre suas pernas, permanecendo de joelhos e apertou sua mão sobre seu coração. — Me dê um momento para me recuperar da sua investida romântica.

Seu tom seco ganhou um brilho.

Seus olhos brilharam com um pouco de diversão e seu pânico recuou. Sua irritação também, até que apenas excitação permaneceu. Abaixou-se, inclinou-se e acariciou sua língua sobre um de seus mamilos. Uma sensação pura e bruta arrasou-se por ele, e ele respirou fundo.

Seus lábios deixaram uma trilha de fogo nas cordas de músculos que suavizavam seu estômago.

— Você diz que é como seu pai. Ele é conhecido como o Monstro. É por causa do tamanho do pênis?

Lazarus quase engasgou com sua língua.

— Por que pergunta?

— Porque o seu pode se qualificar como um monstro também. Diga-me a verdade. Pensou que eu teria medo disso, não é?

— Não. Temi sua reação às marcas nas minhas pernas. Elas são...

— Letais às minhas inibições? Exatamente certo.

— Eu... não sei o que dizer agora mesmo — ela o desconcertava.

— Bem, essa é a primeira vez, não é? — Ela voltou sua atenção para a coxa e lambeu a veia cristalizada correndo de sua virilha até o joelho.

O contato foi um choque para seu sistema. Seu corpo inteiro estremeceu de prazer.

Quando ela seguiu outra veia, estendeu a mão e envolveu seus dedos em torno da base de sua ereção. Gemendo, ele se arqueou em seu toque — e finalmente seus lábios se fecharam ao redor dele. Ela o sugou pra baixo, pra baixo, até o fundo da garganta. Ele rugiu. O calor ardente... as profundidades molhadas e sedosas de sua boca... demais para sobreviver e ainda não o suficiente para salvá-lo. Gotas de suor escorreram pelas têmporas. Ele socou os lençóis. Dentro dele o êxtase e a pressão combinavam, atormentando-o.

Minha mulher. Minha. Nunca desistirei dela.

Ela o chupou como se fosse um deleite saboroso. Como se não pudesse ter o suficiente dele. Como se nunca tivesse o suficiente dele.

Ela era dona dele.

— Sim. Sim! — Ele queria dar a ela o mundo. Cada reino. Cada joia. Queria jogar seus inimigos aos seus pés. Queria fazer amor com ela todas as noites e despertar com ela todas as manhãs.

Seus dentes raspavam levemente sobre a cabeça de seu eixo. Seus quadris dispararam por vontade própria, enviando-o mais fundo por sua garganta. Enquanto ela gemia sua aceitação, o som enviando vibrações suaves ao longo de sua ereção, a satisfação o percorreu, exigindo o que lhe era devido.

Lazarus explodiu, gozando mais do que nunca.

* * *

Cameo se aninhou ao lado de Lazarus. Qualquer um que já tivesse namorado alguém provavelmente diria que apego era uma fria, mas ela o apertou mais, recusando-se a largá-lo.

Acho que estou me apaixonando por ele.

Bem, por que não? Cada vez que ele lutava — fossem as Amazonas, shifters de urso ou Harpias — verificava Cameo primeiro para se certificar de que estava ilesa. Quando Miséria a criticava, movia céu e terra para fazê-la feliz. Ele assegurava seu orgasmo antes de procurar o dele.

Em muitos aspectos, ela vinha antes de sua vingança, e essa percepção a emocionava. Talvez tivessem chance de ir longe, afinal.

E sobre as visões?

O demônio bateu no seu crânio e um formigamento familiar, mas ainda estranho, ressoou abaixo da superfície de sua pele. Um formigar que tinha experimentado desde a chegada de Lazarus. Um formigamento que não entendia — assim como não entendia seu medo dos rios brilhantes que atravessavam suas pernas.

— Conte-me sobre a mudança que acabou com seu pai — disse ela. — O que levou à sua destruição?

Ele ficou tenso, mas admitiu:

— As linhas que vê nos meus membros... são cristais e estão me matando lentamente.

Ela sentou. Ele a puxou de volta para seu lado antes que ela pudesse pular da cama.

— Mas... não pode ser morto. Não por muito tempo. Sua ressurreição é uma prova.

— Destruição não tem que significar morte. Como acha que Hera conseguiu capturar meu pai, o homem mais forte que existe? Porque ele também começou a cristalizar.

Horror transformou seu sangue em lodo gelado.

— O que causa isso? Existe uma maneira de deter isso?

— Não importa — Ele enfiou os dedos através dos cabelos dela, acariciando-a. — Eu aceitei meu fim. Você também vai.

Ela sacudiu violentamente sua cabeça.

— *Nunca* vou aceitar seu fim.

Ele beijou sua têmpora, suspirou.

— Você deve.

— Igual você aceitou o meu quando falei sobre a visão? — Ela respondeu.

— Isso é diferente. O seu pode ser prevenido por uma mudança de ação. Os cristais estão se espalhando, limitando meu alcance de movimento. Um dia vão me cobrir.

Perdê-lo, depois que acabou de encontrá-lo? Não!

— Deve haver um antídoto.

— Confie em mim. Esgotei meus recursos durante minha busca. Não há. E agora estou voltando meus esforços para outra coisa. Antes do meu último suspiro, vou procurar a destruição de nossos inimigos.

Não os meus. Não os seus. Mas os nossos.

— Lazarus — Não quero continuar sem ele. — Podemos conversar com Torin e Keeley. Eles podem ajudá-lo...

— Não. Não aceito ajuda de ninguém além de você. Fazer isso revelaria minhas fraquezas. Vou arriscar ser sequestrado como meu pai, condenado a viver uma existência em consciência paralisada, incapaz de mudar meu destino de qualquer maneira. E você não vai terminar comigo por isso — disse ele. Um comando, não uma pergunta.

— Claro que não vou — Por que ele pensaria algo tão horrível? E era sério sobre não aceitar nenhuma ajuda? Seu orgulho era *assim* grande? A recompensa - mais tempo com ela - não era suficiente? — Mas vou encontrar uma maneira de salvá-lo.

Já havia uma raiz de ideia. A caixa de Pandora... a Estrela da Manhã supostamente ainda estava presa dentro. E se o ser pudesse remover os cristais?

Para libertar a Estrela da Manhã, Cameo teria que encontrar e abrir a caixa. Acabaria se matando e aos seus amigos no processo. Droga! Tinha que haver outra maneira.

— Espero que não se importe — disse ele — mas já planejei nossa semana. Primeiro, vamos caçar e matar Juliette. Segundo, caçamos e *aprimosamos* Hera. Viu? Uma mudança de ação, um novo resultado. Você viverá. Terceiro, passaremos cada minuto deitados na cama, fazendo lembranças para durar milhares de vidas.

Tinha que convencê-lo a conversar com Keeley, a mulher mais velha da criação, e Torin, o melhor pesquisador do planeta.

— Na verdade, *estarei* atacando Juliette. Tentei te contar mais cedo, mas você me distraiu. Ela me desafiou a um duelo e afirma que a vencedora vai conseguir te manter.

Tensão irradiava dele.

— Não haverá duelo. O golpe mortal é meu para dar.

Pelo menos não tinha assumido que Juliette ganharia. O lado bom, mas oi, lado bom de qualquer coisa era novo para ela, então não ia reclamar.

— Pensei que disse que vamos trabalhar juntos.

— Nós vamos. Vou dar as ordens e você vai obedecer a elas.

— Sonhe, Homem das Cavernas. Tenho gerenciado meu calendário sem um Secretário de Guerra há séculos, obrigada.

— Que pena. Sonhei em matar a Harpia por séculos.

Cameo afofou seu travesseiro.

— Antes estava sozinho. Agora você me tem. Portanto, seus sonhos precisam de uma revisão.

— *Eu* tenho você — ele acariciou sua bochecha. — E gosto de você assim. Admitimos abertamente que você é minha.

Tentando distraí-la?

— Vai me dar sua benção. Vai me assistir lutando contra sua inimiga em seu nome. Vai me animar enquanto chuto sua bunda. Considere seu presente para mim... desde que lhe dei o presente da minha presença.

Ele apertou os dentes.

— Alguém esteve saindo com Viola, pelo que vejo.

Outro lado bom: ele não a contradizia!

— Sim. Gosto dela — admitiu. — Posso querer ser ela quando crescer.

Ele beliscou a ponte do nariz.

— Percebe que o que está me pedindo vai contra todas as fibras do meu ser, sim?

— Sim.

— E ainda assim você pede.

— Errado — disse ela. — Não me lembro de pedir, apenas constatar. Quero dizer, o que mais vou tirar do nosso negócio? Sua lista de tarefas beneficia apenas você. E a minha lista? Falar com Juliette, encontrar a Caixa de Pandora. Encontrar uma maneira de liberar a Estrela da Manhã. Talvez, só talvez, salvar você no processo — *porque não quero m lembrar de você apenas para viver sem você.*

— Não pode confiar em nada que a Harpia diga. — Tão rígido quanto aço, ele soltou um som que parecia grunhido, parcialmente suspiro. Ela notou que ele não tinha perguntas sobre a Estrela da Manhã. Devia ter ouvido os rumores. — Mencionei que passaríamos nosso tempo livre na cama, não é? Os orgasmos devem ser em números de um a dez em sua lista.

— Os orgasmos são de dois a dez.

— Pelo menos são avaliados. — Ele esfregou uma mão pelo rosto. — Provavelmente deveria ter me ligado com uma mulher mais fraca.

— Você se *ligou* com mulheres mais fracas. Todo mundo que namorou antes de mim — Cameo rolou pra cima dele, algo

estranho acontecendo no rosto dela. Os cantos de seus lábios estavam... levantando? Um sorriso estava prestes a florescer! Um milagre que apenas Lazarus podia realizar.

Miséria pareceu passar por sua mente para petrificar os músculos em volta da boca e o desejo de sorrir desapareceu.

— Então — ela disse e suspirou. — Dê-me sua benção.

Ele moldou a mandíbula dela com suas mãos grandes, fortes e calosas.

— Não vai confiar nela?

— Claro que não. — Mas mesmo assim, Cameo estaria checando todas as ligações sobre a caixa.

Lazarus olhou para o teto como se estivesse rezando por paciência.

— Quando me olha assim, Raio de Sol, não posso negar nada a você. Tem minha benção.



CAPÍTULO 22

“Se você é verdadeiramente rei do seu castelo, sua mulher é a rainha. trate-a como uma.”

— A arte de manter sua mulher feliz

Lazarus manteve Cameo na cama até o último segundo possível. Quando não pôde mais adiar o inevitável, riscou-a para uma parte remota do Alasca. Uma floresta cercada por montanhas de gelo e território supostamente neutro para as Harpias. Foram os primeiros a chegar.

O duelo começaria em uma hora. Apenas tempo suficiente para estudar o terreno, verificar armadilhas e garantir que Cameo tivesse todas as vantagens.

Ele ergueu duas tendas lado a lado, uma vez que quatro das amigas de Cameo insistiram em vir para forçar as Eagleshields a jogar pelas regras. Kaia e Gwen, Keeley e Viola. Ele se sentiu... endividado.

Uma sensação estranha. Especialmente porque ainda acreditava que matar Juliette era seu trabalho. Seu privilégio.

Suas mãos enrolaram em punhos. Tinha que ser assim. Entendia o modo de vida Harpia melhor que a maioria. Os clãs eram predatórios; quando sentiam fraqueza, eles se precipitavam. De um modo ou de outro, Cameo teria que provar sua força ou as Eagelshields a veriam para sempre como presa fácil. E então a perseguiriam, perseguiriam, perseguiriam, mesmo que Lazarus decapitasse Juliette antes da luta.

— Tem um ritual pré-batalha? — Perguntou à Cameo.

— Não temos todos?

— Faça — Ele a beijou, demorando o maior tempo possível antes que seu corpo começasse a insistir em fazer mais. — Quero fazer outra varredura por armadilhas.

— Senhor, sim senhor.

Ele apertou seu nariz antes de girar e andar um raio de milha ao redor do acampamento. Neblina dançava na frente do seu rosto toda vez que exalava. Talvez o território fosse neutro. Não havia minas terrestres, nenhum fosso escondido ou exército deitado à espera, pronto para atacar.

Satisfeito, voltou para as tendas para ver que um punhado de Eagleshields finalmente tinham chegado. Estavam bebendo cerveja e escalando árvores, e acenaram quando o viram.

— Juliette trouxe uma sela — gritou alguém. — Está planejando te montar bem esta noite.

Vermelho piscou através de sua visão. *Continue caminhando*. Se matasse a Harpia agora, o clã poderia chorar mais tarde.

Entrou no calor relativo da barraca e fez um balanço.

A caixa — mais uma vez pendurada ao redor de seu pescoço.

O anel que conseguiu de Viola — pendurado ao lado da caixa.

As joias que adquiriu para Cameo — ainda queimavam um buraco no bolso.

Cada vez mais, o primeiro item o enchia de uma culpa que não conseguia escapar. Se algum dia Cameo descobrisse que ele tinha a caixa, ela o desprezaria. Nunca o perdoaria.

Estarei congelado na minha forma de cristal. O que isso vai importar?

Ele poderia lidar com seu ódio, mas não com sua morte.

Problema: num estado congelado, seria incapaz de protegê-la ou a caixa. Se alguém roubasse a relíquia e a usasse contra Cameo...

Ele amaldiçoou. Talvez desse a caixa a um dos Senhores com a condição de que Cameo nunca soubesse, visse ou tocasse. Amun, ex-guardião de Segredos, aperfeiçoou a arte de ficar em silêncio. Durante sua posse, não conseguia pronunciar uma única palavra sem vomitar inúmeras confidências, então não dizia nada.

Lazarus podia confiar nele?

Talvez. Provavelmente. A menos que a própria culpa de Amun o levasse a confiar em seus amigos. A palavra chegaria em Cameo.

Lazarus não estava disposto a correr riscos com a vida dela. Se passasse a eternidade preso no lugar como as estátuas

que criava, tinha que saber que Cameo não só vivia, mas prosperava.

— Está andando de um lado pro outro — disse Cameo calma e fria, mas não exatamente senhora de si. A tristeza escorria de seu tom.

Seu olhar a buscou. Seu olhar sempre a buscava. Ela sentava-se na frente de uma fogueira crepitante, amolando uma espada que nunca a viu usar. Um pedaço de pano preto cobria uma porção do punho.

— Nervoso por mim? — Ela perguntou.

— Você vai ganhar — um comando. Sentou-se ao lado dela, tirou o anel de seu pescoço e puxou a corrente sobre sua cabeça. Se ela morresse hoje...

Ela não morreria hoje. Não estava pronto para deixá-la ir.

Algum dia estaria pronto?

Mesmo assim, tinha que se preparar para o pior. O anel podia ser o único modo de sair do reino prisão. Ele colocou o peso debaixo da camisa dela.

Se o pior acontecer, eu a encontrarei. Sempre a encontrarei.

— Se acha que vou ganhar — disse ela — por que você...

— Sempre tenha um plano de apoio — ele cavou no bolso e retirou as garras de diamantes. — Estas são pra você. Faça-me um favor e molhe-as com o sangue de Juliette.

Sua mão tremia enquanto deslizava a linda arma no lugar, as joias brilhando na luz. Quão adoráveis pareciam pressionadas contra sua carne firme.

— Obrigada pelo presente e por me confiar sua ira — disse ela. — Não vou te decepcionar.

— Não, não vai. — Sua gratidão o afetou de forma inesperada, fazendo com que sentisse como se acabasse de receber uma flecha no coração. — É a guerreira mais forte que conheço.

Ela colocou a espada de lado e chutou sua perna sobre a dele para se acomodar no seu colo. Sua fragrância deliciosa o envolveu enquanto ela passava os dedos pelos cabelos dele.

— Vai se ressentir por roubar sua vingança? — Perguntou ela.

Ele agarrou sua cintura e puxou-a diretamente contra seu eixo duro. Ambos prenderam o fôlego.

— Esperei muito tempo para matar Juliette, sonhei com isso, ansiei.

Apertando seu queixo com dois dedos, inclinou a cabeça, forçando o olhar a encontrar o dela. Excitação aprofundava suas íris prateadas para um cinza letal.

— Não respondeu minha pergunta.

Porque não tinha resposta para ela. Só sabia que não podia impedir que lutasse sem magoá-la; portanto, não a impediu.

Ele agarrou seu maxilar, simplesmente curtindo a aparência dela, a suavidade de sua pele e a surpreendente conexão que compartilhavam. Então deslizou as mãos nos cabelos e puxou os fios sedosos.

— Por que está tão determinada a conversar quando podemos estar nos beijando?

Os olhos dela se estreitaram em câmera lenta, como se seu corpo tivesse que alcançar seus pensamentos.

— Por que usa o beijo como meio de parar toda conversa pessoal?

— Com você, usarei qualquer desculpa para beijar. — Ele virou rapidamente, colocando-a de costas enquanto pairava sobre ela. Ela ofegou; ele pressionou a boca na dela, roubando um gosto rápido.

— Não devemos — ela sussurrou, soando deliciosamente escandalizada. A necessidade estremeceu através dela. — Não há tempo suficiente. As pessoas estão lá fora. Vão nos ouvir.

— Sempre há tempo. E deixe as pessoas ouvirem.

Deixe Juliette ouvir. Deixe-a saber.

Um tipo de vingança, mas se isso servisse para balançar a Harpia? O sexo para a vitória tornaria a vitória de Cameo muito mais doce.

Ele se ajoelhou entre suas pernas, desejando despi-la completamente, dedicar horas à borboleta gravada nas costas dela, mas estava certa; o tempo não era seu amigo.

Desabotoou as calças, abaixou o zíper... então torceu um dedo na beirada de sua calcinha para tirar o material, revelando o playground mais quente e rosa que já viu.

Ela sussurrou seu nome. Um apelo. Ele atendeu. Inclinou a cabeça para lambê-la e ela gritou seu nome.

A mulher era doce em todos os lugares. Ele não se contentou em lamber. Sugou e mordiscou, e ela se contorceu contra ele até começar a cantar seu nome. Percebeu quando a tristeza desapareceu facilmente de sua voz; ele *ouviu* sua paixão.

Ele desistiria voluntariamente de sua vingança por isso. Como podia ressentir-se dela?

— Estou indo ter você todos os dias em que estivermos juntos. Exatamente assim... — ele respirou contra sua carne macia.

— Sim — Arrepios cobriram as coxas. — Sim!

Seus ouvidos se contraíram enquanto passos se aproximavam da tenda. Aproximadamente quinze segundos até que alguém cruzasse a porta da tenda. Ele rosnou com frustração.

Não estou pronto para parar. Nunca estarei pronto!

Lazarus... absolutamente... a devorou. Com uma forte pressão de sua língua, levou-a a um clímax rápido e brutal. Quando ela convulsionou com satisfação, ele endireitou suas roupas, ajustou-as e a levou para uma posição sentada. Os cabelos escuros caíram descendo por seus braços em cachos.

Tempo perfeito.

— Ei! — Kaia passou a cabeça pela aba. — O sino de partida está prestes a tocar.

Cameo lutou para se acalmar. Suas bochechas possuíam um brilho rosado e seus lábios estavam ligeiramente inchados por serem mordidos.

A ruiva piscou para ele.

— Motivando adequadamente nossa menina, hein?

A cor das bochechas de Cameo só se aprofundaram.

— Algo assim — ele murmurou.

Kaia tinha motivos para detestá-lo. Quando criança o libertou das correntes de Juliette. Em troca, ele matou muitos

de seus amigos na sua enlouquecida tentativa de escapar. Não que isso adiantasse. Enfraquecido como estava, Juliette o achou — e castigou — logo.

Mas anos depois, Juliette ordenou que separasse Kaia e Strider por qualquer meio necessário. Quanto mais sangue melhor. Compelido pela Haste de Partir, Lazarus teria atormentado o par para sempre. Ele recuperou livre arbítrio apenas tempo suficiente para permitir que Strider o decapitasse, garantindo que o casal feliz recebesse seu felizes para sempre.

Sua dívida com Kaia foi paga na íntegra.

Lazarus reivindicou a mão de Cameo e puxou-a de pé. Com uma graça fascinante, ela embainhou sua nova espada na bolsa pendurada nas costas.

Agindo por instinto, puxou-a contra ele.

— Não pense em mim enquanto está lá fora. Mantenha sua mente na tarefa em questão e apenas nela. Nada mais, nada menos.

Enquanto parte dele gostaria de ver Juliette sofrer por horas, outra parte preferia que Cameo estivesse segura... e de volta em seus braços.

— Além disso, se a matar em menos de cinco minutos — ele acrescentou — eu recompensarei você.

As pálpebras ficaram pesadas, seu olhar sensual.

— Com suas mãos ou sua boca?

— Não seja boba. Meu pau.

Quando ela gemia sua aprovação, inclinou a cabeça para pressionar um beijo duro em seus lábios, dando-lhe o ar de

seus pulmões. Ele nunca conseguiria o suficiente dela. Ela suavizou contra ele, empurrando a língua contra a dele e...

Ela se afastou de seu abraço. Ofegante, ela disse:

— Juliette estará morta em menos de cinco minutos, tem minha palavra. Certifique-se de que seu zíper esteja abaixado e seu monstro esteja pronto. — Cabeça alta, ela saiu da tenda.

Ele palmeou dois punhais e a seguiu, o ar frio bateu em suas bochechas. Todo o clã Eagleshield tinha chegado, centenas de Harpias congestionando a área.

Os amigos de Cameo saíram das sombras para liderar o caminho. Seu grupo avançou, ameaça em cada passo, e ele nunca esteve mais orgulhoso. *Minha mulher tem isso.*

À frente, uma multidão ainda maior de Harpias formava um círculo — um círculo de vaias.

— Fora do nosso caminho — comandou Keeley. — Não me chamo Rainha Vermelha por nada. Os corpos explodem na minha presença.

— Ou elas poderiam ficar no nosso caminho, e eu poderia usar seus crânios cortados para criar bolsas de mão — disse Viola.

Kaia e Gwen não disseram uma palavra, simplesmente empurraram qualquer um tolo o suficiente para permanecer no lugar. Cameo chegou ao centro do círculo onde Juliette esperava.

A visão de sua antiga atormentadora deu vida nova à fúria com que ele viveu desde o primeiro encontro deles.

Como nos dias de hoje, ela usava um peitoral de bronze, pulseiras de couro combinando nas coxas e caneleiras de bronze. Quantas vezes a vestiu e despiu?

Cameo usava couro preto com inserções de argolas metálicas para cobrir suas áreas mais vulneráveis: coração, estômago, bíceps, coxas e tornozelos. As inserções eram mais claras que a armadura volumosa de Juliette. Ainda melhor, Cameo fez todas as peças, o artesanato era notável.

Ao caminhar, prendeu seus cabelos numa trança. Uma trança que ele mais tarde soltaria. Ele enrolaria os fios no punho enquanto a beijasse e lambesse da cabeça aos pés. Ela gritaria seu nome, suas unhas cravariam nas costas dele. Ela exigiria que a tomasse — completamente, não retesse nada.

Uma Eagleshield entrou entre as combatentes para dizer:

— Tudo bem. Vamos começar esta festa. Não há regras. A luta durará o tempo que for necessário e apenas uma mulher vai sair andando. A vencedora reivindica a propriedade de Lazarus — o Cruel e Incomum.

Enquanto Harpias aplaudiam, ele acenou com indignação.

— Aproveite seus pensamentos sobre recuperá-lo, são tudo que terá. Não que algum dia o teve. Mas eu sim. Eu o tenho. Ele me escolheu por vontade própria. Não foi necessário Haste de Partir ou compulsão — Cameo desembainhou sua espada, o metal assobiando.

Enquanto a maior parte da multidão se encolhia ou chorava, sorriu e soprou um beijo para sua mulher. Ela acabava de reivindicá-lo publicamente.

Juliette gritou quando ela desembainhou sua própria espada.

— A Mãe da Melancolia morre hoje!

Vivas ressoaram mais uma vez.

— O que estão esperando? — Sorrindo, a apresentadora correu para trás. — Vão!

O sino tocou. A multidão assobiou e gritou conselhos quando Cameo e Juliette se aproximaram, duas predadoras famintas com uma refeição à vista. Cameo escorregou, mas conseguiu permanecer na posição vertical, o pé nas botas oferecendo pouca proteção contra o gelo liso que cobria o chão.

Droga! Por que não considerou seus sapatos?

— Curiosa sobre a Caixa de Pandora? — Juliette perguntou a ela. Suas botas possuíam pequenas pontas de metal, fazendo sua marcha suave e graciosa.

— Onde está? — Exigiu Cameo e Juliette se encolheu. — Você sabe?

Lazarus enrijeceu. Ela perguntou. Por que perguntou? Ela disse que não confiaria na Harpia.

— Deve questionar meu consorte — disse Juliette, presunçosa agora. — De acordo com Hera, ele a roubou.

Ele praguejou. Cameo se sacudiu e perdeu a calma. Claro, Juliette escolheu esse momento para atacar, pulando para Cameo e balançando a espada.

— Não! — Ele gritou.

No último segundo, Cameo saiu do caminho e bloqueou. O impacto fez com que ela escorregasse, e desta vez não conseguiu deter a queda.

Juliette empurrou sua espada com uma precisão mortal, mas Cameo rolou no segundo que atingiu o chão e a ponta afiada atingiu o gelo.

Com um empurrão de suas pernas, Cameo deslizou entre as pernas de Juliette e saltou atrás da Harpia, uma semiautomática espalmada e apontada. Boom! Boom! Droga. Mesmo de perto, as balas pararam na armadura de Juliette sem lhe causar danos corporais.

Franzindo o cenho, a Harpia virou-se e jogou uma adaga. A arma cortou o pulso de Cameo. Ela deixou cair a arma e uma presunçosa Juliette a pegou.

Lazarus acomodou o peso nos calcanhares. *Não se mexa. Não. Se. Mexa. Cameo tem isso.*

Juliette disparou em Cameo, esvaziando o cartucho. Milagre dos milagres, Cameo conseguiu se esquivar de cada bala.

Deixando cair a arma vazia, a Harpia aproximou-se de seu alvo... ainda mais perto. Cameo arrancou a adaga e bloqueou o próximo impulso da espada de Juliette. Ela parou, girou e contra-atacou. *Clang, clang, clang.*

As fêmeas começaram uma dança brutal, movendo-se quase muito rápido para acompanhar. Quase. Ainda assim ele desviou o olhar, para não entrar entre as duas combatentes e apertar o pescoço de Juliette como um galho. Seu olhar pousou numa mulher que deslizava sobre o gelo exatamente fora do círculo e enrijeceu.

Hera.

Ela o observou com firmeza enquanto riscava a ponta do dedo pelo bíceps, deixando-o saber que notou os cristais em seu braço.

Os pontos vermelhos voltaram à sua visão. *Permaneça no lugar. Não se mexa.* Um comando das profundezas de sua alma. Se distraísse Cameo provocando danos, ele se arrependeria para sempre.

Essa era a esperança de Hera? Impulsioná-lo a ação, fazê-lo tornar-se o catalisador da destruição de Cameo?

Cadela. Ele apertou seus punhais, mas não fez mais nada. Uma tarefa mais fácil que deveria ser, considerando a ira que vivia dentro dele. Mas então se lembrou da visão do futuro de Cameo. *Mate Hera, mate Cameo.*

Uma escravidão chegando. Venceria a rainha e salvaria a garota.

Quando Cameo resmungou de dor, sua atenção retornou à luta, embora mantivesse Hera em sua periferia. Se fizesse um gesto para sua mulher, estaria pronto.

Juliette deu um golpe cortando o pescoço vulnerável de Cameo. Sangue saiu da ferida, salpicos carmesim decorando o gelo. Ele inalou bruscamente, sem saber o quão profunda era a ferida. Ela caiu de joelhos, a próxima colisão derrubando a adaga da mão dela.

Seus movimentos diminuíram, mas ainda assim conseguiu girar para trás, evitando outro ferimento. Quando se endireitou, estava coberta de aparas de gelo, seu corpo despojado de armas. As garras de diamantes e as poucas adagas que restaram foram roubadas pelas Eagleshields.

Kaia e Keeley conseguiram recuperar as garras de diamantes e as jogaram para Cameo. Ela as pegou enquanto Juliette, sorridente, mergulhava por ela.

Pouco antes do impacto, Cameo se agachou. A Harpia ergueu a cabeça e Cameo acertou na borda de seu peitoral, empurrando-a para parar e tirando seu ar. Juliette perdeu seu aperto em sua espada quando pousou e ofegou para respirar.

Cameo montou a cavalo nos ombros dela e caiu, as garras de diamantes destroçando o rosto uma vez bonito da Harpia. O sangue se espalhou pelo gelo. Um dente disparou pelo ar. Por fim, Juliette ficou livre, jogando Cameo de costas.

Em uníssono, ficaram de pé e se enfrentaram.

As Eagleshields ofereceram sugestões a Juliette.

— Arranque seu coração ainda batendo!

— Chute na criadora de bebês!

— Pegue seus olhos como troféu!

Juliette ergueu um braço e vivas soaram.

Cameo olhou ao redor, um olhar de resignação escurecendo seus traços. Ergueu o queixo... e cantarolou uma melodia suave e assombrosa.

Maldições soaram. As Harpias cobriram seus ouvidos. Hera se encolheu.

Cameo continuou a zumbir. Algumas das Harpias caíram de joelhos. Outras soluçaram e correram da clareira. Mesmo Kaia, Gwen e Keeley choraram. Viola empalideceu.

Lazarus começou a *tremar*. Em segundos, a tristeza o lavou, enchendo e quase o sufocando. E quando finalmente drenou, deixou um filme pegajoso para trás. A voz de Cameo

nunca o atingiu tão forte ou tão profundamente. Só queria pegá-la em seus braços e protegê-la das travessuras com as quais tinha que viver todos os dias, a cada hora, a cada minuto.

Desta vez foi diferente.

Ele não tinha nenhuma defesa contra o súbito ataque de lembranças. Cada ação que já se arrependeu. Flashes de todos que já amou e perdeu. Seguiram os pensamentos sombrios: *nunca terei o que mais desejo. Só serei forte o suficiente para vencer Hera sem Cameo ao meu lado. Já estou enfraquecido... mas não acho que possa sobreviver sem Cameo. Esta é uma situação impossível. Não há esperança. Sem esperança.*

— Pare — mandou Juliette, pressionando as palmas das mãos contra os ouvidos. — Você tem que parar com isso!

Cameo cantou sua resposta, as palavras mais nítidas que qualquer arma que ela tinha segurado.

— Não há regras, lembra? — Ela pegou a espada caída da Harpia e aproximou-se lentamente.

Juliette curvou-se e soluçou. A voz de Cameo continha mil desapontamentos e arrependimentos, cada um sangrando no próprio Lazarus... oferecendo um convite para finalmente acabar com seu sofrimento. Aqui e agora. O mundo seria um lugar melhor sem ele. Muito melhor.

A misteriosa melodia tinha vida própria, uma vida sombria, melancólica. E tão poderosa que lançou uma sombra terrível sobre a terra. O ar frio tornou-se gelado. Os pássaros gritavam e voavam das árvores. Não, não das árvores, mas

dentro das árvores. Tentando se matar? Qualquer coisa para escapar da brutal espiral de desesperança e desespero!

Lazarus tremeu ainda mais forte quando percebeu que pressionou a ponta de uma adaga no peito, pronto para mergulhar a lâmina no coração.

Morte... o único modo de experimentar a paz...

Ele não conseguiu se deter. Pare, tinha que parar...

No último segundo, levantou a adaga e esfaqueou um de seus ouvidos. Ele repetiu o movimento com o outro ouvido. Dor aguda explodiu dentro de sua cabeça e um líquido quente escorreu pelo pescoço; pelo menos a sensação de desespero desapareceu.

Ele apertou os dentes, sabendo que a profundidade de alma que tinha acabado de ter uma amostra era o que Cameo experimentava diariamente. Como conseguia sobreviver a isso?

Sua pobre e querida mulher.

As palavras tinham poder para construir ou derrubar, e certamente provou isso neste dia. Ela destruiu todas as suas defesas, deixando apenas uma vulnerabilidade bruta. Para Juliette também.

A Harpia caiu de joelhos enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto dela. Ela rastejou para uma adaga caída, embora parasse no meio do caminho para vomitar. Com um rápido *vap,vap*, se esfaqueou nos ouvidos. Mas estava muito atrasada.

Cameo atingiu uma vez, duas, e ambas as mãos de Juliette bateram no chão. A Harpia gritou de agonia, apertando os tocos jorrando no peito.

Com um sorriso frio sem qualquer tipo de diversão, Cameo deixou cair a espada e pegou a estranha arma que Viola atirou para ela. Ela tirou o pano da ponta e Lazarus se acalmou, sem sequer ousar respirar enquanto o reconhecimento o atingia. *A Haste de Partir*.

— Não — gritou Juliette. Ele não podia ouvir sua voz, mas podia ler seus lábios.

Numa tentativa desesperada de escapar de Cameo e da Haste, ela se aproximou da multidão. Quando ninguém avançou para ajudá-la, levantou nas pernas instáveis, balançou.

— Isto é por Lazarus — Cameo esfaqueou a Harpia na garganta. — Você o escravizou no campo Harpia. Agora eu te escravizo nos reinos espirituais.

Mais uma vez ele teve que ler os lábios.

Com outro empurrão, Cameo fez com que a ponta bulbosa saísse do outro lado de Juliette. O sangue borbulhou de sua boca. Um segundo depois ela desapareceu, a ponta da Haste brilhante carregada pela morte de uma nova força vital.

Tudo que restava de Juliette era o pedaço carmesim que ela deixou para trás.

E estava feito. Bem desse jeito. Um dos seus maiores inimigos foi morto. Esperava sentir prazer e satisfação, ou ao contrário, decepção e ressentimento. Enquanto avançava, experimentava apenas alívio. Cameo permanecia ileso.

Depois de embainhar cuidadosamente a Haste de Partir em couro, ele pegou a arma do aperto de Cameo e a puxou para dentro de seus braços. Ele se recusou a contemplar o que isso significava para ele. O que isso significava para seu relacionamento.

Por cima da cabeça de Cameo, encontrou o olhar de Hera e sorriu. Lágrimas brilhavam em seus olhos. Porque acabava de perder uma amiga ou porque Miséria também a encheu de tristeza?

A deusa desapareceu. Enfraquecida? *Devia haver uma brecha na armadura dela...*

Pode não haver melhor chance de atacar. Deveria sair em perseguição. Mas quando se preparou para riscar, percebeu que Cameo não devolveu seu abraço. Ele franziu a testa e a puxou para trás para encará-la.

Miséria pulsava dela. Seus olhos prateados estavam aborrecidos, sua expressão contorcida de dor.

O demônio assumiu o comando.

Seu olhar se encontrou com o dele, lágrimas presas em seus cílios.

— Mate-me — ela sussurrou. — Por favor.



CAPÍTULO 23

“Você não pode tomar o castelo de um homem forte sem primeiro enfraquecê-lo. Uma vez que você o tomou, entregue-o à sua mulher para guardar.”
— *A arte de manter sua mulher feliz*

Miséria consumia Cameo. Em cada sentido da palavra. O demônio lembrava a ela de uma família de cupins; ela era a casa em ruínas, sua fundação já cheia de buracos. A cada hora — a cada minuto — ele a lembrava de todas as perdas que já sofrera. Da morte de Alex e do terrível destino de Lazarus.

Minha culpa. Tudo minha culpa.

Cem por cento da população sente que estaria melhor sem você...

Durante a luta com Juliette, Cameo fez o impensável. Permitiu que Miséria a preenchesse com a pior de suas dores, mostrando o pior de seus remorsos. Transbordou, derrotando o oponente. Mas a vitória chegou com um preço terrível. Pensamentos obscuros agora incomodavam a mente de

Cameo, e não importava o quanto tentasse, não podia escapar deles.

Sem esperança, nenhuma esperança. Ela não acreditava mais que poderia viver uma vida melhor. Lazarus estava morrendo, crescendo cristais dentro de suas veias, e não tinha ideia de como salvá-lo.

Sua mente doía. Sua *alma* doía. Com quem ela estava brincando? *Cada* parte dela doía. Miséria usou seu medo e tristeza por Lazarus, tocando seu coração como um violino.

— Uma melodia terrível a assombra — ela ouviu Lazarus explicar a seus amigos. Ele estava certo. Nunca se sentiu tão sozinha ou desamparada.

Logicamente sabia que os sentimentos eram uma mentira. Claro que sabia. Seus amigos a amavam e fariam qualquer coisa em seu poder para ajudá-la. Lazarus disse que planejava ficar com ela durante o resto dos seus dias. Mas a verdade e a lógica não significavam nada agora.

As lágrimas caíam por suas bochechas e os tremores a abalavam. Ela se deitou na cama sem saber como Lazarus a levou para casa. Não porque o demônio apagasse sua memória, mas porque se retirara mentalmente. Um dia se transformou em outro, a agonia dentro dela nunca aliviando.

No meio de tudo, não desejava comer ou beber — *só me deixe morrer* — mas Lazarus, o Cruel e Incomum, forçou comida e água sua garganta abaixo. Ela lutaria contra ele, mas não tinha energia.

Também não tinha vontade de tomar banho, mas mais de uma vez ele a levou para o box, despiu e banhou. Mais uma

vez, ela não tinha energia para lutar com ele. Não que isso importasse. Ele nunca lhe deu vantagem e ela... não se importava. *Não se importava.* Mesmo.

Ele frequentemente andava de um lado pelo outro pelo quarto com espadas amarradas nas costas e adagas na mão como se esperasse que Hera ou o pai dele aparecessem. Seus dois últimos inimigos, sem contar Miséria, que ameaçava uma vez ou vinte.

Cameo cochilou, seus sonhos turbulentos. O demônio adorava mostrar os modos como podia ser ferida. Durante as últimas noites, viu o funeral de Lazarus em constante repetição.

Quando ela acordou, Maddox estava sentado numa cadeira ao lado da cama e olhava para ela.

— Quer que eu jogue seu visitante pela janela?

— Você pode tentar — respondeu Lazarus em seu nome.

— Além do mais, não sou o visitante aqui. Você é. O que é dela é meu.

— Você fala como um marido — disse Maddox. — Não me lembro de assistir a um casamento.

— Falo como o homem dela. Exatamente o que sou.

— Então, faça um melhor trabalho cuidando dela!

Lazarus soltou uma série de maldições e Maddox respondeu em conjunto. Ambos os machos eram bestas cruéis claramente visando o título de rei da selva.

Como guardião da Violência, Maddox tinha um temperamento mais volátil que a maioria. O grande bruto saiu pisando forte na direção de Lazarus, ameaça irradiando dele.

Cameo assistiu, destacada da situação... mas também arrebatada por isso.

Lazarus o encontrou no meio caminho completamente imperturbável. Assim que estavam dentro do alcance, ele usou a coxa de Maddox como degrau, envolvendo uma perna ao redor do pescoço do guerreiro, mudando seu peso e empurrando o guerreiro para o chão. Ao pousar ele rolou, jogando Maddox de costas e ficando de pé para assomar sobre o amigo dela.

Com um rugido, Maddox o chutou no peito, enviando-o para trás. Em segundos, ambos os machos estavam de pé e trocando socos. Uma exibição espetacular de agressão masculina sim, mas uma que ela deveria parar.

Para fazê-lo, ela teria que falar. Se falasse, apenas tornaria as coisas piores.

Não pode ganhar. Destinada a ferir todos à minha volta.

Além disso, se Lazarus quisesse matar Maddox, o homem estaria morto. Rasgado em tiras como o grifo. Sua habilidade a impressionou.

Os caras continuaram lutando arrasando seu quarto, destruindo cada peça de móvel, incluindo a cama. Um dos quadros caiu e a moldura rachou, caindo no colchão com um estranho ângulo. Se Lazarus não tivesse trancado seu espelho no armário mais cedo, também o teria perdido.

No final, Lazarus agarrou o pescoço de Maddox — um fato que deixou os outros guerreiros dentro da residência no limite. Aeron e o recém-chegado Paris correram pra dentro do quarto.

— O que...

— Você não tinha o direito!

Outra briga estourou.

Lazarus ganhou a batalha, porém não tão rápido ou tão facilmente. Seus movimentos diminuíram como se tivesse enfraquecido. Talvez tivesse. Aqueles cristais...

Vou perdê-lo de uma maneira ou de outra.

O resto de sua família correu para o quarto dela, viu Maddox, Aeron e Paris inconscientes no chão — e gargalhadas logo soaram. Coisa engraçada. A risada apenas escureceu seu humor.

Não é justo! Eles fazem o que não posso.

O que nunca fará, Miséria prometeu.

Lucien, guardião da Morte, deu um tapinha no ombro de Lazarus. Em algum momento também deve ter retornado do submundo.

— Gosto de você. Gosto muito de você.

Galen inclinou-se contra a parede e cruzou os braços no peito.

— Sim, bem, não acho que ele gosta de você.

Lazarus apontou um dedo acusador para o guerreiro.

— Seus Caçadores cortaram a língua de Cameo.

— Eu sei — o belo loiro estendeu os braços. — De nada.

Um rugido feroz ecoou por todo o quarto, a promessa de uma morte ruim e má. A parte mais feminina dela respondeu ao som e ela pensou, esperou, que isso a puxasse das profundezas da tristeza... mas falhou.

— Ei — acrescentou Galen. — Ela é quem é por causa de seu passado. Gosta de quem é ou não?

Seus ouvidos esperavam enquanto aguardava a resposta.

— Eu... gosto — admitiu Lazarus de má vontade.

Ele gosta de mim! Mais uma vez tentou se levantar, mas novamente falhou.

— Uau. Galen não está errado — Anya lançou um olhar desgostoso para Lucien, seu noivo. — Isso significa que tenho que perdoar o bastardo por deixar seu povo me jogar na parede?

— Não — disse Lucien. Ao mesmo tempo, Galen disse: — Sim!

Torin, que costumava permanecer dentro de seu próprio quarto não importava o que acontecesse, estava no meio da multidão. Como descobriu que seu sangue continha o antídoto para a doença do seu demônio, ele se tornou muito mais social.

Removendo as luvas de couro, moveu-se para Galen. Então, com um sorriso perverso, deu um tapinha no homem alado na bochecha.

Galen recuou.

Torin dardejou pra fora do quarto dizendo:

— Boa sorte para obter uma dose do meu sangue, otário.

Galen praguejou e o perseguiu.

Uma faísca de irritação aqueceu o peito de Cameo. A provocação foi pior que a risada. Estavam se divertindo, brincando, enquanto ela sofria horivelmente.

Como se percebendo sua mudança de humor, Lázaro deslizou no colchão, sentou-se ao lado dela e entrelaçou seus dedos. Ele esfregou o polegar sobre os nós dos dedos feridos.

— Volte para mim.

Ela tentou. Tentou tanto, desesperada para fazer isso por ele. Mas a tristeza permanecia, metendo as garras e rasgando-a, deixando-a no chão sangrando. Lágrimas encheram seus olhos e seu queixo tremeu.

Ele abriu a boca para dizer mais, mas Sabin deu um passo à frente e bateu as palmas uma vez, duas.

— Tudo bem. A festa acabou. Todos somos parte da mesma equipe e temos coisas a discutir. — Ele era o ativista de guerra original, sempre colocando negócios antes do prazer. — Na semana passada, duas novas batalhas foram travadas entre Hades e Lúcifer. Hades ganhou a primeira rodada, graças aos cães do inferno de Katarina. Eles desfrutaram de um pequeno jogo doce chamado *Busque o Fêmur*, rasgando as fileiras inimigas para colecionar seus prêmios. A segunda rodada foi um empate com perdas maciças de ambos os lados.

Murmúrios e especulações surgiram. Como emboscar Lúcifer, líder dos Mensageiros — aqueles que tinham conhecimento prévio. Como alcançar o máximo de resultados. A interação apenas entristeceu Cameo.

Esses homens e mulheres eram uma unidade. Parte da mesma equipe, como Sabin disse. Cameo sempre esteve na borda.

— Fora — berrou Lazarus, sua voz dura ecoando nas paredes. — Agora. Todos.

Protestos entraram em erupção. Quando ele se levantou, esses protestos terminaram e os passos soaram.

Ashlyn ficou sozinha. Bem, Ashlyn e os homens inconscientes no chão. Ninguém tinha se incomodado em

arrastá-los pra fora. A mulher pegou o lugar de Lazarus na cama.

Ele a encarou, fazendo seu melhor para intimidá-la, mas ela permaneceu longe de se acovardar.

— Meu marido está cochilando a poucos metros de distância. Vou ficar e ajudar minha amiga — disse ela. — Tente me deter. Eu te desafio.

Ela tinha um dom. Quando entrava num lugar, podia ouvir todas as conversas que já ocorreram dentro dele. Considerando que acabou de usar as próprias palavras de Lazarus contra ele, deve ter ouvido algumas das coisas que o guerreiro disse a Cameo.

— Tudo bem — ele resmungou.

— Tão gracioso. — Por mais de uma hora, Ashlyn leu as páginas de um romance. Contos de fadas para adultos, Ever os chamava. Oh, ser parte de um conto de fadas com Lazarus destinado a ter um feliz sempre.

Impossível. É isso mesmo, disse Miséria. *O melhor que vai conseguir.*

Cameo acreditou nele.

* * *

No dia seguinte, Lazarus a alimentou e banhou como de costume, permanecendo impessoal e pessoal ao mesmo tempo. Ele a tocou sem nenhum sinal externo de emoção, mas seus dedos demoraram sobre seus seios e entre suas pernas.

Primeiro, ela experimentou uma sensação de excitação. Com a excitação veio a esperança.

O demônio sussurrou, *Ele vai morrer. Eu me pergunto se você é a razão.*

Ela chorou. Lazarus a secou e levou de volta para a cama.

Quanto tempo ele viveria? Quanto mais ele aguentaria?

Viola a visitou e, sem se importar com os costumes, estendeu-se ao lado de Cameo para contar a ela tudo sobre a armadura que projetou, com a intenção de manter a si mesma e seu animal de estimação a salvo de uma fera alada com morte em sua mente. Tudo o que precisava era de Cameo para fazê-la.

Cameo mergulhou num leve cochilo, acordando quando ouviu a voz de Lazarus. Ele falava em Typhonish e parecia com raiva. Através das sombras dentro do quarto, vislumbrou-o de pé em sua varanda, o vento chicoteando seus cabelos enquanto uma tempestade se alastrava. Nenhum sinal de Viola ou qualquer outra pessoa. Até que o raio atingiu o céu. Por uma fração de segundo, viu uma serpente do céu pousada no parapeito, suas garras enroladas em torno da barra de ferro.

Seu coração deu um pulo e...

Nada. Ela fechou os olhos. Quando acordou depois, a tempestade tinha parado.

Lazarus abriu a porta do quarto e uns risonhos Urban e Ever correram para dentro. O menino pulou nos pés da cama. Quando Cameo não reagiu, colocou seus lençóis em chamas. Ever apagou as chamas com um jato de gelo.

A vida continua sem mim.

Cameo suspirou e os gêmeos pararam de rir. Ever soluçou e Urban começou a chorar.

Com um suspiro próprio, Lazarus apressou as crianças para o corredor e gritou por seus pais.

Que tipo de monstro você é, fazendo esses bebês doces chorarem? Perguntou Miséria.

Garras, rasgar. A tristeza ficou mais aguda, suas feridas internas sangraram.

Lazarus voltou ao seu lado e alisou os cabelos que se agarravam à bochecha úmida.

— O que vou fazer com você, Raio de Sol?

O demônio tinha um milhão de respostas, nenhuma delas boa.

A mente de Cameo jogava um jogo de associação de palavras, dando um salto de “nenhuma delas boa” para “nada bom pode acontecer” para “lembre que ele está destinado a morrer”, para “todos vão morrer em algum momento” para “A Caixa de Pandora vai matar todos nós. Juliette disse que Lazarus já possuía a caixa. Será que ela falou a verdade ou tentou causar uma brecha entre seu consorte e sua nova garota?”

Definitivamente uma brecha. De jeito nenhum Lazarus manteria um enorme segredo. Sabia o quanto Cameo queria — precisava — daquela caixa. Como a própria sobrevivência de seus entes queridos dependia disso.

Por que ele queria a Caixa de Pandora afinal?

Bem, essa pergunta era fácil de responder. A Estrela da Manhã.

Mas se Lazarus tivesse a caixa e quisesse a Estrela da Manhã, por que não abrir a caixa e *pegá-la*?

Outra resposta fácil. Temia matar Cameo no instante em que levantasse a tampa.

Ele deveria me matar. Estou melhor morta. Todos estarão melhores.

— Chega— disse Lazarus, a fúria em sua voz inconfundível. — Nunca mais pense isso. *Ninguém* está melhor sem você. Entende?

Com suas palavras, algo dentro de Cameo se quebrou. Seu olhar tantas vezes ardeu sobre ela, prometendo delícias não ditas. Suas mãos e corpo tocaram suas curvas nuas em mais de uma ocasião, dispostos a repartir essas delícias. Agora tudo que podia fazer era rezar pela morte?

Cameo se enrolou em seu travesseiro e soluçou até que não tivesse mais lágrimas.

— Meus dias de sentir prazer acabaram. — Foi a primeira vez que ela falou em dias... semanas?... e sua garganta crua protestou.

— Eles estão apenas começando. Sabe disso. — Dedos suaves pentearam seus cabelos, traçaram as bordas de sua espinha antes de forçá-la a rolar de lado e olhar para ele. — Não é você, Raio de Sol. — Ele ficou de conchinha atrás dela e beijou sua nuca. — Lute contra o demônio. Lute por *mim*.

O que uma boa luta algum dia já fez por ela? Sempre acabava nessa condição.

— Vá embora. Por favor. Apenas vá embora.

Pela primeira vez desde seu conhecimento, ele se encolheu ao som de sua voz.

Não, não a primeira vez. Após a batalha com Juliette, viu o sangue escorrendo de seus ouvidos. Como a Harpia, ele se esfaqueou para escapar da voz de Cameo.

Ele não disse nada mais.

Garantindo que você não pronuncie outra resposta.

— Essa é uma mentira do demônio — ele disse com voz áspera. — Odeio vê-la dessa maneira.

— Não se preocupe. Você vai se cansar disso, de mim, em breve. Então vai embora e não terá que me ver. — Embora pensasse que seus dutos lacrimais estivessem secos, uma nova chuva derramou por suas bochechas, esaldando sua pele.

A cama balançou, sinalizando que Lazarus havia levantado. Passos pesados criando uma trilha sonora sinistra. Luzes inundaram o quarto, evitando sombras preciosas.

Ela se encolheu, piscando rapidamente para acalmar a queimadura em seus olhos cansados.

— Apague as luzes — ela mandou.

— Você as quer apagadas, levante sua bunda e as desligue. Já a mimei tempo suficiente — com uma cara feia, ele foi pisando duro para a cama.

A visão dele e sua fúria intimidante fizeram Miséria se esconder no fundo da sua mente, a nuvem de opressão levantando... Mas ele tinha provado as doces rédeas do controle e se recusava a abandoná-las com tanta facilidade.

Ele sibilou e meteu as garras, e a tempestade da desgraça voltou.

Lazarus arrancou as cobertas dela, o ar frio de repente a envolveu. Após o último banho, vestiu-a com uma camisola e calcinha. Movimentos firmes e sem cuidado com sua carne tenra, pegou-a no colo e a jogou por cima do ombro como um bombeiro. Com uma passada longa e sem graça, foi para a porta e a abriu.

Um por um, seus amigos saíram de seus aposentos.

Ele rosnou:

— Isso vai acontecer. Não tentem me impedir.

— Parar você? Estou muito ocupado torcendo por você — Maddox, que tinha se recuperado de sua espinha quebrada, soou completamente amável naquele momento. — Deveria ter feito isso dias atrás.

Lazarus bateu na bunda de Cameo. Ali. Na frente de todos. O ardor afiado a deixou ofegante.

— Posso ficar com ele, Lucien? — Anya bateu palmas. — Por favor, com uma cereja em cima de mim. Nos últimos cinco segundos, sempre quis um!

— Só se eu puder ficar com ele também — respondeu Lucien. — Embora ainda haja alguma coisa a respeito dele. Morte fica louco toda vez que ele está por perto.

— Mentira não — a negação veio de Gideon.

— Tirou as palavras da minha boca — disse Strider. — Ou teria se dissesse a verdade e mencionasse Derrota. Então qual é o problema? Como provoca os demônios, homem morto?

Os amigos dela também sentiam a caixa?

Lazarus ignorou a pergunta e deu outro tapa na bunda de Cameo. Os dentes de trás dela rangeram.

— O que fez com ela da última vez que ficou assim? — Lazarus não perguntou a ninguém em particular.

— Esperamos — disse Sabin. — Tudo que tentamos a deixou pior.

— Bem, chega de esperar — Lazarus ignorou o grupo e desceu as escadas.

Para seu aborrecimento, todos o seguiram ansiosos para descobrir o que faria a seguir. Kane, o recém-coroadado rei dos Fae, estava entre eles. Quando voltou do submundo? Mesmo Torin o seguia, o traidor!

Por que a namorou afinal? Que par de mal combinados eram, incapazes de se tocar. Ou melhor, não querendo tocar, porque ela poderia tocar nele; provavelmente não ficaria doente, mas se tornaria uma transmissora como ele. Eles não sabiam sobre a cura dele naquela época.

Eles se davam prazer enquanto o outro assistia. Bem, ela fingia prazer. Fingia todos os orgasmos. Devia contar à ele? Ele retornaria ao seu quarto bufando e ela teria um espectador a menos.

— Não se preocupe, Raio de Sol — disse Lazarus. — Vou me certificar de que ele saiba até o final do dia.

Os dentes rangeram com um pouco mais de força. Ela ergueu o escudo ao redor de sua mente.

— Ao contrário de Miséria, não encontro prazer em machucar os outros. Não diga uma palavra para ele.

Gemidos varreram a multidão, mas desta vez Lazarus não se deu conta de sua voz.

O demônio rastejou das sombras, desesperado para recuperar cada centímetro de terreno que perdeu. *Não pode manter Kane, não pode manter Torin, não manterá Lazarus.*

Ela choramingou. Lazarus deu outro tapa na bunda dela.

Agora ela bufou e soprou. Como ele ousava!

— Se gostasse de mim e me respeitasse, não me trataria assim.

— *É porque gosto e te respeito que estou te tratando dessa maneira.* — E só para ser contrário, ela tinha certeza, deu outro tapa nela. Ele usou mais força, deixando definitivamente uma impressão de palma.

A raiva deflagrou. Por que estava fazendo isso? Onde a estava levando?

Ele abriu a porta da frente e caminhou para fora. A luz do sol penetrou em sua pele, aquecendo o frio profundo dos ossos que não tinha percebido que sentia. Ele parou em algum lugar no quintal da frente e a deixou cair.

Splat! A grossa lama pegajosa a cobriu da cabeça aos pés, gotas se enroscando em seus cabelos e até em seus cílios.

Como ele se atrevia! Uma falta prolongada de mobilidade a deixou fraca e suas pernas tremiam quando estava parada. A lama escorria de suas mãos.

Lazarus cutucou um dedo no peito dela e seus pés escorregaram debaixo dela. Ela caiu e desta vez ficou no chão olhando para ele.

— Isso era suposto me deixar furiosa? — Ela exigiu.
Porque está funcionando!

— Não seja boba. — Ele tirou a camisa, desnudando seu peito tatuado... todas aquelas gloriosas cordas de músculo. — O que vai acontecer a *seguir* deve te deixar furiosa.



CAPÍTULO 24

*~~“Com um inimigo, a morte deve sempre vir antes da~~
~~rendição.~~ Com sua mulher, sua rendição acontecerá de uma
maneira ou de outra. Por que lutar contra isso? ”*

— ~~A arte de manter sua mulher feliz~~

— O segredo do meu sucesso

Viola não podia acreditar na mudança de eventos. Ela assobiou e aplaudiu. Os rapazes bateram palmas.

— Tire tudo! — Anya animou.

— O que acontece depois? — Cameo perguntou a Lazarus.

Um sorriso lento tomou seu rosto deslumbrante e ele abriu os nós dos dedos.

— Prefiro mostrar a você.

Viola observou enquanto acertava a guardiã de Miséria com uma bola de lama após a outra, a inveja criando um aperto em torno de seu coração. *Eu quero isso... isso... é divertido. Essa aceitação.*

Quando Cameo se abaixou e esquivou dos mísseis, cuspiendo com indignação e tirando a lama, Lazarus soltou uma risada.

O som rouco encantou todos ao seu redor. As mulheres se envaideceram como se ele acabasse de se transformar no príncipe de conto de fadas de seus sonhos. Os homens simplesmente olharam fixamente.

Pela primeira vez desde seu retorno do deserto do Alasca, uma nuvem de escuridão se levantou de Cameo.

— Poço Escuro — disse ela — você vai pagar por isso.

Um milagre aconteceu. Ninguém se encolheu ou gritou ao som de sua voz. Não que Cameo ou Lazarus pareceram notar. Eles também estavam absorvidos demais um no outro.

— Se quiser que esse ataque *selvagem* acabe, vai ter que me parar — disse Lazarus. — Respondo apenas a beijos.

Os espectadores esperaram prendendo o fôlego por sua resposta.

— Não se atreva... — ela começou. Uma bola de lama se espatifou na cara dela. — Vai se arrepender — mais lama em seu rosto.

O sorriso de Lazarus era presunçoso.

— Não me arrependo de nada.

O grito de fúria de Cameo levou todos a aplaudir. Então a beleza de cabelos escuros lançou uma bola de lama no homem dela. A substância gosmenta mergulhou na camisa dele e uma luz perversa brilhou em seus olhos, misturando-se com alívio.

Realmente se preocupava com o bem estar de Cameo, Viola percebeu. Essas duas crianças loucas só podiam ir longe.

Lazarus jogou Cameo na poça, água suja espirrando em torno deles. Lutaram e se esforçaram juntos, lutando pela supremacia, fazendo seu melhor para puxar o outro pra baixo. Estavam agindo como crianças e... cara! Assim como os outros.

Maddox, Sabin, as Harpias e todos os outros que seguiram o par improvável lá fora se precipitaram para a poça para lançar seus próprios mísseis.

Viola, a única a resistir, permaneceu no lugar. Praticava o decoro em todas as situações. *Quando se pensa em classe e sofisticação, pensa-se na deusa da Vida Pós-morte e seu demônio da Tasmânia.* A todo horrível momento.

Urban, o rato, jogou lama nela, mas ela desviou rápido e se esquivou.

Mesmo Strider, guardião da Derrota, juntou-se às festividades. Como era tolo! Se perdesse um único desafio, mesmo um tão inocente como este, sofreria uma dor inimaginável. Por que se arriscar? E, no entanto, ele riu quando puxou sua consorte para o chão e estufou as calças dela com lama.

Maddox segurava seus filhos rindo e se contorcendo de cabeça para baixo e ameaçando mergulhar seus rostos na lagoa.

— Deve parar de importunar Viola. Estou falando sério.

— Eu não importuno — protestou o menino. — Eu cortejo!

Gwen se lançou sobre Sabin, mandando-o de joelhos.

— Merece isso. Sabe que sim. Tome seu castigo como um bom menino.

Torin cobriu a boca com uma mão enluvada, tentando esconder um sorriso enquanto a esposa-namorada, seja lá o que fosse! caía de costas na lagoa.

— Entre. A água está quente — Keeley chamou. Como curadora, a bela bebê de cabelos cor de rosa foi criada muito antes dos humanos. Uma vez um espírito de luz, era encarregada da guarda da Terra, vinculada a ela e suas estações. Ainda estava ligada à própria Terra. Terra a curava e revitalizava. — Não se preocupe em ficar suja.

— Sim, mas minha mente já está suja — respondeu Torin. — Provavelmente deveria manter meu corpo limpo. Sabe, para equilibrar as coisas.

Uma Cameo encharcada de barro correu ao redor da beirada da lagoa quando Lazarus lançou punhados de lama nela. Ela gritou como uma maluca e o afastou.

— Fique quieta, mulher, e experimente toda a amplitude da minha ira — ordenou Lazarus.

— Nunca! — Cameo sacudiu um punho no ar. — Pode pegar sua ira e enfiá-la onde o sol não brilha!

Absolutamente, positivamente, horrivelmente *crianças*. E, no entanto, dentro de Viola, o aperto da inveja apenas ficou mais agudo.

Ninguém se preocupa comigo para me jogar lama, ela lamentou. Sou praticamente invisível. Essas pessoas ficariam mais felizes sem mim...

Ah não. Desde que Cameo se entregou completamente ao seu lado obscuro, esses tipos de pensamentos estavam vindo mais frequentemente, como se Miséria superasse o narcisismo e se derramasse em Viola. Ou talvez os dois agora trabalhassem juntos?

Sentia falta dos dias que Narcisismo amava seu auto-orgulho, mesmo que a destruísse. Mas supôs que a culpa era dela. Como arruinou um relacionamento após o outro tinha começado a se odiar e seu demônio descobriu um novo amor: prosperar enquanto a humilhava. Infelizmente, ele nunca odiaria a si mesmo.

Ela realmente merecia seu rancor. Arrasou os outros por séculos. Este era o troco.

— Idiota! — Alguém gritou, tirando-a de seus pensamentos.

Um par de lindas asas brancas se abriram nas costas de Olivia enquanto ela arrastava Aeron para dentro da lama.

Fluffy corria ao redor dos pés de Viola, correndo atrás do seu rabo. A atmosfera excitada aumentava seu nível de energia.

Ela escrutinou o pátio. Galen estava de pé ao lado, apoiado contra uma árvore com os braços cruzados no peito. Era tão estranho quanto ela, sem saber como se inserir, sem saber onde — ou se — ele se encaixava na bagunça.

Se quiser resultados diferentes, deve fazer algo diferente.

Muito bem. Ela se forçaria a jogar.

Com uma careta, Viola avançou um centímetro para a poça nojenta. Antes que pudesse falar consigo mesma para

mergulhar um dedo do pé, Cameo, a cadela, esgueirou-se atrás dela e a empurrou ali dentro.

Quando ela se sentou com lama escorrendo em seus cílios, sua antes deprimida amiga erguia o punho bombeando para o céu.

— Eu sou a rainha do lago da selva. Ouça meu rugido!

Um sorriso provocou os cantos da boca de Viola. Talvez brincar não fosse tão ruim.

— Pode ter ganho a batalha — disse ela, juntando sua própria bola de lama — mas nunca ganhará a guerra. — Ela lançou seu abundante suprimimento, mas Cameo conseguiu se esquivar.

— Eu sou intocável! Imbatível! Quente demais para lidar! — A queridinha excessivamente confiante fez uma dancinha ridícula, ganhando outra risada rouca de Lazarus.

Vejam! Eu sou alguém. Sou necessária aqui. Ninguém ficaria mais feliz sem mim.

Um movimento à distância chamou sua atenção. Viola ficou quieta, escrutinando a floresta espessa e vibrante com nogueiras, carvalhos e salgueiros maciços. O céu criava um cenário cinza escuro; as tempestades podiam ter terminado, mas o sol ainda não recebeu o memorando.

Fluffy sentiu seu mal-estar e ficou quieto, os pelos nas costas dele levantando. Os demônios da Tasmânia eram conhecidos por suas raivas selvagens e sua propensão a morder.

Onde estava...

Ali! Dois carvalhos se erguiam lado a lado e, apesar da falta de vento, um galho em cada árvore tremia, como se os dois estivessem apertando as mãos, um acordo feito com o diabo.

Ameaça? Um animal selvagem? O Enviado caído já a encontrou?

Por que seu sangue se aqueceu pelo pensamento?

Fluffy emitiu um grunhido de advertência suave, mas feroz quando se moveu na frente de Viola, ficando de pé, em guarda. Ela abaixou, escorregou e lutou para se endireitar. Nesse meio tempo, as folhas deram outra sacudida, os infratores — ofensores? — escondidos pelas sombras.

Várias coisas pareceram acontecer num piscar de olhos.

Um galho fino disparou das sombras. Não, não um galho. Uma flecha. O míssil mortal cortou o ar com uma velocidade que nenhum ser humano conseguia rastrear. Destino: o coração de Cameo.

Agindo por instinto, Viola riscou na frente de sua amiga e pegou a flecha com um punho apertado.

Narcisismo berrou com indignação. Ela tinha se atrevido a se colocar em perigo para salvar alguém? Que horror!

Isso mesmo, ela respondeu, a flecha quebrando em seu punho. *E vou fazer isso de novo.*

Vou puni-la...

Ela estremeceu.

— Viola — Cameo ofegou. — Você... eu...

Ao redor dela, os guerreiros pararam de rir. Todos congelaram. Então o caos explodiu.

— Você é o alvo — Lazarus vociferou para Cameo. — Abaixese e mantenha-se no chão. — Com o sigilo de um predador, ele saltou da lagoa, não por cobertura, mas para as árvores. Seus braços e pernas bombeando rapidamente, ferozmente, sua velocidade em breve rivalizando com a flecha. E ainda assim, seus movimentos eram... rígidos, sem sua graça de sempre. Ele estava ferido?

Maddox e Ashlyn apressaram as crianças para dentro do castelo enquanto todos, exceto Cameo e Viola, corriam atrás de Lazarus.

— Obrigada — Cameo se aproximou do lado de Viola. — Se a flecha atingisse o alvo, eu estaria com dor e o demônio teria saltado, desesperado para recuperar o poder sobre mim. Eu te devo uma.

— O que posso dizer? — Ela afofou os cabelos, uma ação tão arraigada quanto respirar. — Salvar vidas é o que supermodelos-heróis fazem. Não podemos evitar.

O olhar de Cameo dardejou para o caminho que Lazarus tinha tomado.

— Acho que estou dentro da de supermodelos-heróis. Se não tiver cuidado, vou me apaixonar por você e pedirei que se case comigo.

O elogio era melhor que um banho quente.

— Não seria a primeira. Ou a última.

Cameo pegou a parte quebrada da flecha, estudou-a e franziu os lábios.

— Reconheço esse artesanato.

À distância, um Lazarus salpicado de lama emergiu da linha das árvores. Carregava uma Amazona debaixo de cada braço. Os Senhores e suas damas seguiam atrás dele, e oh, uau, isso era muito sexy de se ver.

— O que as Amazonas querem com a gente? — Exigiu Anya.

Lazarus deixou as Amazonas caírem aos pés de Cameo. Cordas foram usadas para prender as duas como porcos num espeto. Provavelmente graças à Keeley, que podia cultivar uma planta da semente até amadurecer num segundo.

Quando as Amazonas lutaram pela liberdade, Lazarus as agarrou pelo cabelo, segurando a cabeça num ângulo desconfortável. Uma posição em que as duas não conseguiam lutar sem quebrar o pescoço.

Os outros guerreiros apontavam semi-automáticas, espadas e o próprio arco que as Amazonas usaram.

— Atreva-se a fazer outra jogada — Strider disse com um sorriso malvado.

— Por favor, faça um movimento — implorou Kaia. — Adoro ver meu homem em ação. Mais? Sexo pós-batalha — disse fungando.

Lazarus olhou para Viola com os olhos negros ferozes.

— Obrigado por salvar Cameo de se ferir. — Seu tom tinha um tom irregular, como se as palavras fossem empurradas através de uma janela de vidro quebrado. — Eu lhe devo um benefício. O que quiser.

Um pouco de sua fúria era dirigida a si mesmo, ela podia dizer. Não conseguiu sentir as Amazonas antes de dispararem uma seta em sua mulher afinal.

— Sim, você me deve — Viola esfregou as mãos. O que deveria escolher? O coração do irmão de McCadden? Uma serpente do céu pra ela? A força vital de Lazarus?

Ah! Havia muitas opções.

— Talvez me deva dois benefícios? — Ela disse, as unhas batendo no queixo. — Quero dizer, salvei mais do que Cameo. Salvei *o dia*.

Ele passou a língua pelos dentes.

— Um benefício. Não mais.

Os ombros caíram um pouco.

— Certo. Pedirei meu prêmio numa data posterior — ela precisava de tempo para pensar nisso.

Para Cameo, ele disse:

— Lembra da mulher que matou meu guarda, tenho certeza. A tribo dela, aqueles que ainda vivem, souberam que foi colocada no meu Jardim do Perpétuo Horror. Buscam vingança.

— As estátuas — disse Cameo com os olhos arregalados. — Transformou as Amazonas em pedra.

Ele deu um curto aceno de cabeça.

Ele podia transformar as pessoas em pedra? Como isso era legal!

Essas novas Amazonas pareciam ser de um dos clãs asiáticos. A beleza delas era de cair o queixo. Marcavam seus rostos e corpos com símbolos que ela não reconheceu.

A mais velha cuspiu em Cameo.

— Escolhe estar com um assassino. Sofrerá o mesmo destino.

Lazarus liberou um som profano antes de berrar:

— Hipócrita! Tentou matar uma mulher que nunca machucou você. Não cometa erros. Será a peça central do meu mais novo Jardim do Perpétuo Horror, um aviso para todos os outros que pensem em prejudicar o que é meu. Suas próximas ações simplesmente decidem como ficará posada. Sugiro que se desculpe.

Silêncio.

Um pássaro soltou um guincho. Um cachorro latiu. O círculo de guerreiros que cercavam as Amazonas começou a mudar de um pé para o outro. Ansiosos?

As Amazonas eram conhecidas em todo o mundo imortal por sua falta de vontade de desistir, independentemente das probabilidades contra elas.

Lazarus apertou os cabelos da que cuspiu, inclinando o rosto mais alto. Ela gritou.

— Desculpa — ela grunhiu para Cameo.

A mão de Viola flutuou sobre seu coração. Oh, ter um homem tão forte e ameaçador quanto Lazarus dedicado a ela!

Ele olhou para Cameo, seu olhar escuro procurando. Pedia permissão para seus próximos atos? Consciência fumegante entre os dois, aquecendo o ar. O suor realmente enrolava na parte de trás do pescoço de Viola, seu corpo dolorido pelo que nunca conheceu — paixão nascida do desejo autêntico em vez do engano de seu demônio.

Finalmente Cameo assentiu. Ela tinha que suspeitar do que Viola sabia. Se fossem libertadas, as Amazonas atacariam repetidamente e não se importariam com quem fosse prejudicado, desde que seu objetivo fosse alcançado.

Lazarus deu seu sorriso mais letal.

Uma estranha e terrível tensão desceu sobre as Amazonas, e a pele delas começou a ficar cinza. Uma ofegou em choque enquanto a outra amaldiçoava. À medida que sua carne endurecia em pedra, ambas gritaram de horror.

Quando o processo foi concluído, Lazarus esfregou as mãos num trabalho bem feito.

Os murmúrios se elevaram da multidão.

— Uau — disse Kaia. — Será que Lazarus fez o que acho que ele acabou de fazer?

— Precisamos de mais estátuas! Estátuas nuas! — Anya saltava pra cima e pra baixo. — Todo mundo, atraiam seus inimigos aqui agora.

— Se Cameo não quiser seus bebês — Sabin disse — eu quero.

Viola foi praticamente empurrada pra fora do caminho enquanto os guerreiros cercavam as estátuas, admirando os detalhes requintados.

Bem, isso era adorável, ir de herói a zero num instante. Ela bufou e soprou até que seu olhar colidiu com os olhos brancos prateados do monstro que viu pela primeira vez no reino espiritual.

Brochan tinha retornado. Estava de pé logo além do círculo de seus camaradas. Ninguém mais o notou.

Abandonada, ele fez com a boca sem som, e seu coração deu um salto dentro do peito. O ébano profundo dentro de suas penas se espalhou. Quase nenhum branco permanecia. Dois chifres brotaram de sua cabeça.

Fluffy se arrastou subindo pelo corpo dela para pousar em seus ombros. Ele imitava o rosnado de Lazarus, desafiando o monstro a dar um único passo mais perto.

Embora Brochan viesse para roubar a força vital de McCadden de Fluffy como prometeu fazer, ele permaneceu a distância mais uma vez. Ele gostava dela?

Não posso culpá-lo.

Ela soprou um beijo para ele, testando sua reação. Ele piscou em confusão antes que sua expressão endurecesse. Ele deu um passo na direção dela, apenas pra parar. Ao seu lado, suas mãos em garras se enrolaram em punhos.

Ele se lançou no ar, logo desaparecendo nas nuvens. Pessoas demais por perto para mexer com ela?

Não importa. Viola o forçou a sair de sua mente. Por enquanto.

Um caleidoscópio de borboletas apareceu acima de Lázaros. Cameo enrijeceu antes de estender o braço e permitir que um dos insetos pousasse na ponta do dedo.

Observando-a, Viola subitamente quis vomitar. Nem Cameo nem Lazarus podiam ver o mundo invisível ao redor deles, onde fantasmas e demônios sem corpo andavam. Como deusa da Vida Pós-morte, Viola tinha poderes e habilidades que poucos — tudo bem, ninguém — podia comparar. Suas

habilidades eram insuperáveis. Lendárias. Era única, uma num bilhão e tinha...

Perdeu o rastro de seus pensamentos. Uma névoa negra agora cercava o casal.

Horror irradiava de Lucien. Como guardião da morte, também devia ver a névoa. Devia saber exatamente o que isso significava.

De um modo ou de outro, Lazarus ou Cameo morreriam. E em breve.



CAPÍTULO 25

“O que você ama, seu inimigo adora tirar de você”.

— O segredo do meu sucesso

— O segredo da sobrevivência

Apesar da excitação quase o queimando vivo, Lazarus não foi capaz de sacudir sua autodirigida fúria. Durante a semana passada, dedicou-se à recuperação de Cameo com muito medo de sair do seu lado, constantemente atormentado pelo pensamento terrível *Será que ela vai se ferir?*

Ele foi atingido pela impotência e possessão selvagem.
Não posso perdê-la.

Mate o demônio, reviva a garota.

Deveria ter partido quando suas serpentes do céu lhe contaram sobre Hera, como atacou seus antigos aliados e destruiu qualquer lar que Lazarus conheceu no mundo mortal, tudo na tentativa de encontrar a Caixa de Pandora. Mas ficou parado, determinado a proteger Cameo. Determinado, e ainda assim falhou em não conseguir impedir que um inimigo atacasse.

Estava envergonhado. Ela era sua *μovovaviv*. Deveria ter tomado mais cuidado.

Ela não só arruína meu corpo, arruína minha concentração.

Antes de brincar na lama, deveria ter aberto a mente para descobrir as Amazonas. Deveria ter erguido defesas. O fato de não ter planejado à frente... só se preocupou com a felicidade de Cameo...

Ele deveria se afastar. Não, deveria riscar. O ato o levaria mais longe, mais rápido. *Ele* não era bom para *ela*. Logo não seria capaz de protegê-la. Os cristais engrossaram em seus braços e pernas, e afundaram no peito. No momento que rompessem seu coração, não teria nenhuma defesa contra qualquer um, até mesmo *shifters* de coelhos e humanos insignificantes.

Ele ainda não podia se forçar a partir.

Mais tarde. Lidaria com as piores decisões mais tarde. Mas não hoje.

Levou Cameo através dos salões da fortaleza e para dentro de seu quarto onde trancou a porta, selando-os dentro. Ele a puxou para o banheiro, sua intenção clara. Ela não ofereceu nenhum protesto.

Ele a banhou todos os dias por uma semana, cada banho um exercício de seu controle mais rigoroso. Ter suas curvas nuas em seus braços era tanto céu como inferno.

Ele abriu o registro, água despejando das torneiras.

— Espere — ela colocou uma mão em seu bíceps e apertou gentilmente. — Agora que estou pensando

claramente... ou de alguma forma clara... As palavras de Juliette continuam tocar na minha cabeça. Me diz uma coisa, Lazarus, por favor. Sabe onde está a Caixa de Pandora?

Ele ignorou a onda de pânico, mal resistindo ao desejo de tocar o pingente coberto de couro escondido debaixo da camisa. Só deixava sua posse quando banhava Cameo; não queria arriscar o contato com a pele dela, tinha medo do pior. Mas agora temia mais que Hera o encontrasse, então sempre o mantinha numa corrente ao redor de seu pescoço ou em suas vistas.

A ex-rainha cadela devia saber o que Cameo significava para ele. Pior ainda, sabia como os cristais enfraqueceram Typhon, permitindo que ela atingisse a mãe de Lazarus. Ela já suspeitava que a mesma mudança superasse Lazarus. Agora esperava o momento perfeito para atacar.

Todos os dias esperava que ela aparecesse na fortaleza.

— Lazarus — Cameo interrompeu seus pensamentos, e mordeu o lábio inferior.

— O tempo de falar terminou. — Ele tirou a roupa, graça além dele. Armas caíram no chão fazendo um barulho surdo. Ele arrancou o colar por cima da cabeça e o deixou cair ao lado da adaga. Seu eixo estava longo e grosso, e mais duro que o titânio que encontraram dentro da caverna do grifo.

Ela estava diante dele completamente vestida, seu olhar aquecendo enquanto vagava sobre ele. A distração funcionou. Ela estremeceu ao traçar a ponta dos dedos ao longo das veias de cristal que cobriam os ombros.

— Tem que haver uma maneira de salvá-lo — ela grunhiu.

A tristeza não interferiria.

— Há — ele respondeu. Afastando-se dela. Um feito impossível, como já havia provado.

A esperança iluminou suas feições.

— Como?

— Vamos conversar. Mais tarde — vapor saiu do box e os envolveu. Lá fora, trovão ressoou. Uma nova tempestade se formava. Através da janela, relâmpagos brilhavam. — Eu quero você — ele disse com voz rouca. Cada centímetro dela. Sem segurar nada.

Sua língua deslizou sobre seus lábios muito vermelhos, deixando uma trilha de umidade brilhante. O escudo ao redor de sua mente desapareceu sem qualquer sondagem, seus pensamentos o inundando. Ela queria que ele sentisse a luxúria escaldante dentro dela, queria ser vulnerável a ele e para ele. Seus mamilos doíam por seu toque, sua língua — somente ele. Sua barriga tremeu, e entre suas pernas ela latejava com necessidade.

Ela o Imaginava investindo dentro dela, e ela adorava. *Ele adorava.*

O controle de ferro de Lazarus estalou completamente. Com um rosnado animal, ele a apoiou na parede. *Bela fêmea. Minha cativa disposta.* Ele arrancou as roupas dela, enchendo suas mãos com seus seios lindos, seus mamilos pequenos duros franzindo contra suas palmas. *Minha mulher.*

Deve ir devagar.

Deve saborear.

— Eu farei *qualquer coisa* que você quiser — ele respirou na orelha dela. — Diga-me, Cami. Diga pra mim o que você quer.

Arrepios cascadearam através dela.

— Eu quero me limpar... para que possamos ficar muito sujos.

A ânsia na voz dela cortou as bordas de sua fachada calma. Ele se perdeu nisso. Perdeu-se nela tão profundamente que não tinha certeza de como respirava sem ela.

Mordiscou o lóbulo da orelha dela antes de pegá-la no colo e colocá-la dentro do box. O vapor espessou, envolvendo-os com abandono sensual, transformando o pequeno recinto num mundo de sonhos.

— Vou fazer você gozar tantas vezes que vai enlouquecer.

— Lazario! — Suas unhas arranharam os ombros dele.

— Minha Cami.

A água quente caiu sobre eles enquanto ele tirava a lama de suas curvas requintadas. Gemidinhos e lamentos escaparam dela, deixando-o louco de luxúria.

Ele a pressionou contra o azulejo frio e beijou com uma ferocidade profunda. Apenas ela tinha o poder de lhe dar fôlego. Era a única âncora no meio de uma violenta tempestade.

Ela se derreteu contra ele, seus mamilos arranhando seu peito, a fricção enlouquecedora. Esfregando sua ereção nela, arrancando novos gemidos dela, apertou e amassou seus lindos seios. Mas o contato não era suficiente. Com ela, nada era suficiente. Sempre desejaria mais.

— Estou desesperado para entrar em você — ele precisava marcá-la, precisava unir seu corpo ao dele, agora e sempre. — Você assombra todas as minhas horas acordado, protagoniza todos meus sonhos.

Ela mordiscou o lábio inferior dele.

— Você é meu sonho — os braços dela o rodearam, e ela esfregou a coxa na dele.

Ele a pegou por baixo e levantou-a, forçando-a a envolver sua outra perna em volta da cintura dele. Então pousou seu eixo no núcleo dela com maior força.

Com o escudo mental dela baixo, Lazarus ouviu seu demônio sussurrar palavras de descontentamento — *vai esquecer isso* — num esforço de semear a discórdia e, portanto, a tristeza. Raiva surgiu através dele, estabelecendo os cristais dentro de suas veias em chamas.

— Vou fazer isso tão bem que o demônio *não vai poder* apagar isso, amor.

Amor. Ele a chamou de seu *amor*. Era isso que se tornara para ele? E ele quis dizer suas palavras como um voto. Mesmo que ela implorasse ao demônio por uma limpeza total de memória, a imagem de Lazarus a perseguiria para sempre.

— Sim. Por favor, sim.

Ele a beijou, avidamente bebendo dela. Suas unhas se enfiaram nos cabelos dele e afundaram em seu couro cabeludo. Uma ação nascida do mesmo desespero que ele lutava desde que voltou para a fortaleza, fazendo seu coração se mover descontroladamente em suas costelas. Sua paixão alimentava a dele.

— Estou tão perto já — ela disse com voz rouca. — Eu vou...

Ele ficou quieto, terminando sua rápida descida para o esquecimento. Com frustração, ela bateu os punhos em seus ombros, batendo com força suficiente para machucá-lo.

— Agora, agora. Não há motivos pra se preocupar. Você matou Juliette em menos de cinco minutos. — Ele lambeu o canto de sua boca, a comissura de seus lábios, antes que sua língua jogasse um jogo carnal com a dela. — Eu lhe devo uma recompensa...

Ele forçou as pernas dela a baixarem. Então fez uma coisa que apenas fazia com ela. De bom grado caiu de joelhos, concedendo a ela uma posição de poder. Por que não? Ela o escravizou de formas que Juliette não tinha. Formas que apreciava.

Por entre seus cílios, ele levantou o olhar para o paraíso. O mergulho tentador do seu umbigo. A força em seu estômago. Seus seios marcados por picos endurecidos. Um rubor rosa manchava a superfície de sua pele enquanto gotas de água caíam sobre ela. Sua língua capturou uma na parte externa de sua coxa.

Os dedos dela se enfiaram nos cabelos dele. Mordiscando seu lábio inferior, ela aplicou pressão sobre sua nuca para atraí-lo para ela.

—Tome-me, então. — O comando de uma rainha. Sua rainha. — Tome-me bem.

Lazarus se inclinou, tão perto que conseguiu cheirar seu almíscar único... ela prendeu a respiração, esperando

ansiosa... antes dele se levantar e sugar seus mamilos, provocando e desafiando-a. Ela fez um som de frustração, seguido de um som rasgado de necessidade.

Ele bateu com a língua rapidamente sobre as pontas inchadas até que ambos estavam inchados e latejando esperançosamente. Enquanto seus quadris se contorciam, ele beijou o lado de fora do umbigo, mergulhou dentro dele... então lambeu mais baixo, mais baixo, como se finalmente dando a ela o que mais queria... apenas para virar a cabeça e morder o quadril, onde as asas de sua tatuagem de borboleta brilhavam em sua pele.

— Chega! Eu preciso... *Por favoooooor.*

— Não consigo resistir a um pedido tão doce — ele deslizou as mãos para cima, subindo por suas pernas. Quando alcançou a fonte de seu desejo, empurrou um dedo profundamente dentro dela, ao mesmo tempo em que lambia seu pequeno feixe de nervos.

Ela gritou seu nome da maneira que ele gostava.

Droga, ela tinha um gosto tão bom. Era ainda mais intoxicante do que ambrosia. Seu pequeno pirulito perfeito. Sua língua e dedos trabalhavam em conjunto, impulsionando sua necessidade, impulsionando sua própria necessidade mais alto. Suas paredes interiores estavam quentes e molhadas e tão maravilhosamente apertadas em torno de seu dedo.

Seu eixo doía com dor e prazer.

— Lazario... — Um gemido.

Minha mulher deseja mais. Ele colocou outro dedo dentro dela, esticando-a, preparando-a para uma penetração mais íntima.

Então seus lábios macios se separaram e ela *gemeu* seu nome.

— Por favor, por favor...

Frenético, ele disparou de pé e desligou a água. Pegou-a no colo, seus movimentos chocantemente não afetados pelos cristais. Sua paixão era simplesmente muito grande. Levou-a para o quarto e a deitou na cama, prendendo seu corpo debaixo dele. Pele molhada contra pele molhada. Longo cabelo ébano derramado sobre os travesseiros como fitas embebidas numa tempestade. Seus braços e pernas o rodearam. Sem mais preâmbulo, ele investiu dentro dela.

Suas costas curvaram-se. Ela fechou os olhos e gritou enquanto gozava ao redor de seu eixo. Prazer se transformou em agonia enquanto lutava contra sua própria necessidade de gozar. Nada jamais se sentiu tão bom, tão certo, mas se forçou a permanecer quieto.

Saborear. Não estava pronto para que isso acabasse.

Quando ela desabou na cama, uma pilha ofegante e sem ossos, ele teve um pensamento racional.

— Deveria ter coberto isso antes. Controle de natalidade?

— Suor escorria por suas costas, apenas para evaporar de sua pele superaquecida.

Se tivesse que sair dela, ele iria. Sofreria, mas faria isso. Nunca quis filhos, nunca quis seu amor por seu filho usado contra ele, nunca desejou condenar um filho a uma eternidade

amaldiçoada enfraquecido por algo tão inócuo e insidioso como os cristais.

— Tomo uma injeção a cada três meses — ela praticamente ronronou as palavras. — Estou bem para rolar.

Inebriado pelo alívio, Lazarus enfiou os braços debaixo dos joelhos e inclinou o corpo para uma penetração mais profunda. Com seu primeiro impulso, o lânguido contentamento dela desapareceu. Gemendo, ela se arqueou para levá-lo ainda mais fundo.

Ele deslizou com reverência lenta e depois voltou a entrar. O êxtase! Sua pele se esticou sobre seus ossos. Fora... dentro. Fora, dentro. A pressão dentro dele foi crescendo. Suas paredes internas lisas e quentes, ele aumentou a velocidade até que estava batendo dentro dela sem parar. A cama balançou, a cabeceira da cama batendo na parede. As fotos caíram, vidro quebrou.

— Mais um beijo. Mais um toque — ela implorou. — Mais um tudo.

Ele bateu sua boca na dela, *finesse* além dele. Ela encontrou sua ferocidade com pura agressão feminina. Suas respirações se misturavam. Através da conexão de suas mentes, sabia o quão perto estava de um segundo clímax. Quão desesperadamente ela doía, como se nunca tivesse experimentado satisfação.

Ele levantou a cabeça e disse áspero:

— Olhe para mim, minha linda *uovopavia*.

Seus olhos se abriram encontrando os dele, suas íris prateadas selvagens de luxúria. Então ela gritou seu nome,

suas paredes internas espremendo seu comprimento. Ele *sentiu* seu prazer, tanto física quanto emocionalmente, e seu próprio clímax o atravessou.

Com um rugido, ele gozou em jatos dentro dela.

* * *

Cameo abriu os olhos, despertou do mais doce sono de sua vida. Lazarus dormia ao lado dela, seus braços envolvidos ao seu redor, e seu coração se derreteu. Era a primeira vez que ele dormia desde o ataque de depressão?

Um sorriso terno moldou seus lábios. Pobre, doce querido. Ele cuidou tão bem dela. Ela se esticou e sorriu para a adorável dor em músculos há muito tempo não usados. Sim, ele cuidou *muito* bem dela e em mais do que uma forma.

Sexo com ele mudou a eternidade. Ele a tinha catapultado a alturas que não sabia que existiam. Ele tinha feito o impossível e silenciou Miséria. E durante isso tudo, olhou para ela e a tocou como se fosse um tesouro precioso em vez de uma âncora detestada.

Viver sem ele não seria possível agora.

Talvez ele sentisse o mesmo que ela? Ele a chamou de obsessão. Falava *μονομανία*, a palavra grega para mania ou obsessão.

No entanto, uma única dúvida a incomodava. Quando ela mencionou a Caixa de Pandora, uma emoção sombria brilhou em seus olhos. Culpa? Raiva? Se ela fosse sua obsessão, teria

dito a ela se tivesse encontrado o artefato. Não permitiria que ela se perguntasse e se preocupasse desnecessariamente.

Apesar de seu apelido, Lazarus era gentil e atencioso. Pelo menos, era gentil e atencioso com ela.

O medo pinicou ao longo de sua nuca quando viu que os cristais se espalharam descendo o peito dele. Queria muito falar com Torin e Keeley, mas não trairia a confiança de seu homem. Nem mesmo para salvar sua vida.

Afinal, havia uma maneira de deter isso. Ele tinha falado.

O que ele precisasse fazer, ele faria. O que *ela* precisasse fazer, ela faria. Fim da história.

O mais cuidadosamente possível, saiu de seu abraço. Já lamentando a perda de seu calor e dureza, vestiu um roupão e na ponta dos pés foi para a penteadeira, onde sentou e espiou o espelho.

— Ajude-me a ajudá-lo — ela sussurrou. — Mostre-me o que fazer.

O espelho permaneceu intacto.

— Por favor — disse ela, desesperada.

Nada. Nenhuma mudança.

Por quê! Por que o espelho se negaria agora?

Miséria riu e os ombros dela caíram. Mas pegou a ação e forçou os ombros a levantarem. Não! Nada mais de tristeza.

O demônio parou de rir.

Uma batida suave soou na porta. Quando Lazarus não se deu conta, Cameo ficou de pé e na ponta dos pés foi para a entrada. Torin estava no corredor, com os cabelos brancos em completa desordem e sua expressão sombria.

Com os nervos de repente arrepiados, fechou a porta atrás dela.

— O que está errado?

Ele não podia mascarar sua hesitação.

— Eu queria falar com você há uma semana, mas... sim. Tanto faz. Assim que você partiu pra encontrar Lazarus, comecei a cavar no passado dele. Quando Keeley viu minhas anotações, algumas memórias clicaram no lugar para ela.

Seu estômago agitou-se com um afluxo de preocupação.

— Não vou te contar nada do que sei, mas vou ouvir o que você descobriu.

— Ele está morrendo — anunciou seu amigo, e ela tropeçou para trás, batendo na porta. — Poucas horas atrás, Lucien e Viola confirmaram isso. Como Morte, e Vida Pós-Morte, eles vêem o que não podemos. Um fim para você ou Lazarus. Mas sei que é Lazarus. Suas veias estão se enchendo com cristais estranhos, não é? Keeley me informou que a mesma transformação aconteceu com o pai dele... depois que ele conheceu a mãe de Lazarus.

Horror petrificou seus músculos. Ela não podia se mover, não podia respirar. Os olhos esmeralda de Torin se encheram de piedade, mas ele não disse mais nada. Nenhuma outra palavra era necessária.

Depois que ele conheceu a mãe de Lazarus...

Cameo era a condenação de Lazarus. Ela fez com que os cristais se espalhassem.

No fundo de sua mente, Miséria começou a rir novamente. *Só uma questão de tempo antes de querer esquecer o macho, hein?*

— Não queria te dizer — disse Torin — não queria causar outro episódio.

Episódio. Que palavra inocente e *insuficiente* para o dilúvio de tristeza que tantas vezes sofreu.

Ele continuou.

— Perguntei a Keeley se havia uma maneira de salvá-lo, mas toda vez que ela pensa nele, é embrulhada em duas palavras. Bem, três palavras se contar seu nome. *Lazarus, rei e borboletas.*

Então. Cameo estava certa o tempo todo. As borboletas significavam condenação.

Tonta, ela estendeu a mão, encontrou e torceu a maçaneta da porta, fechando-a na cara de Torin. Lágrimas encheram seus olhos quando voltou para o quarto e encontrou Lazarus sentado na beira da cama.

Ele usava uma camisa enrugada e calça. Suas armas já estavam no lugar. Enquanto ele calçava sua bota, raiva brilhava em seus olhos.

— Você sabe — ele disse, sua voz plana.

— Sei que sou eu quem está matando você? — Um nó farpado cresceu dentro de sua garganta. — Sim. Quero que você vá embora, Lazarus. Agora. Não volte nunca mais. Não é mais bem-vindo aqui.

Ele colocou a segunda bota num puxão e ficou com a altura total de 2,10m. Não desejando encontrar seu olhar,

Cameo caminhou a passos largos até o armário, onde descartou seu roupão e vestiu um sutiã esportivo, calça de couro pra lutar e uma camiseta.

Quando ela emergiu, ele estava ali para cumprimentá-la, fazendo-a recuar para a parede.

— Eu não vou desistir de você — ele disse com voz áspera.

Uma promessa. Uma promessa que fez com que seu coração se abrisse no centro e sangrasse em seu peito.

— Você não tem escolha.

— Eu sempre tenho escolha.

Sério? Ela bateu na cara dele com cada pinga de força dentro dela. Vermelho escorreu de sua boca enquanto sua cabeça chicoteava para o lado. Seu olhar se estreitou em pequenas fendas.

— Eu te ataquei — ela cuspiu pra ele. — Vá em frente. Diga que sou sua inimiga agora.

Suas mãos se envolveram ao redor do pescoço vulnerável dela. Em vez de apertar, ele roçou o polegar sobre o pulso selvagem.

— Você nunca será minha inimiga. Bate em mim o quanto quiser, amor. Nunca vou embora.

— Não me chame de seu amor — ele não queria dizer isso. Não podia. O homem que a amava não a trairia. — Está escolhendo me deixar te destruir. Está escolhendo me deixar lidar com culpa e miséria quando você se for. Está escolhendo... — *Deixe-me*. Seu queixo tremia. Ela se acalmou antes de começar a soluçar. *Não posso fazer isso*.

Ela apontou para a porta, sua mensagem clara.

Lazarus a soltou. Ao invés de sair, colocou as palmas das mãos sobre as têmporas dela e se inclinou até ficar nariz com nariz, respirando a respiração do outro como fizeram quando se beijaram pela última vez. A memória seria para sempre

A memória. Seus olhos se arregalaram. Podia permitir que Miséria limpasse sua mente. E deixaria uma nota pra si mesma, advertindo-se sobre Lazarus. Não, uma nota podia ser descartada facilmente. Podia se tatuar. Então Lazarus não teria motivos para ficar.

Com o pensamento, não pode respirar. Esquecer a felicidade que experimentou com esse homem? Esquecer todos seus beijos, todos os seus toques e a sensação de seu corpo enchendo o dela? Esquecer como teve esperança de um futuro melhor, mesmo que por algum tempo?

Um rosnado feroz levantou-se dele.

— Não vai me esquecer, Cameo.

— Minha escolha — ela disse suavemente.

— Faça isso então. Vá tão longe como se tatuar. Não vou deixar você. Ficarei aqui e vou te cortejar até ter você de volta aos meus braços.

Tenho que manter o curso. É para seu próprio bem.

— Pode tentar, mas vou resistir a você. — Ela encontraria um jeito.

Suas mãos apertaram.

— Quer me manter, amor. Confie em mim.

— Eu não, não posso...

— Cameo, eu tenho a caixa.

Não... ele não podia.

— Está mentindo.

— Muitas vezes desviei, omiti e enganei, mas nunca minto. Encontrei, lutei por isso, e agora guardo para salvar sua vida.

Sua dúvida anterior ressurgiu, mas ainda assim sacudiu a cabeça.

— Keeley saberia...

— Errado. Usei uma ilusão para esconder sua presença dela.

— Suas ilusões não são suficientemente fortes.

De repente, a sala inteira explodiu com chamas alaranjadas. Estalaram em torno de sua cama, embaixo do espelho que Lazarus lhe deu, nas cortinas e tapete. O calor a envolveu e o suor apareceu no lábio superior. Ela abriu a boca para pedir um extintor, mas as chamas desapareceram, levando o calor com elas.

— Estava falando? — Perguntou Lazarus calmamente.

— Você... seu bastardo! Você me deixou preocupar que outros imortais encontrariam e destruiriam a caixa antes que eu pudesse encontrá-la. Você me deixou cozinhar sobre Juliette. Riu secretamente de mim nas minhas costas?

— Nunca. Eu só rio de você na sua cara.

Piada? Agora? Cameo bateu nele novamente.

— Onde está? — Ela exigiu. — Conte-me.

— Isso eu não vou fazer. — Ele limpou o novo fluxo de sangue de sua boca antes de colocar as mãos contra a parede atrás dela, engaiolando-a. — Usaria isso para se matar.

— Eu nunca... — Ela apertou os lábios. Não usaria? Se Miséria a deixasse miserável o suficiente... — Dê a caixa para Torin. Ele não vai me deixar perto dela e meus amigos serão protegidos disso.

— E o que recebo em troca?

A pergunta pendia entre eles, um laço em volta do seu pescoço. Depois de tudo o que ele fez, como ousava tentar negociar com ela?

Toc toc toc.

— Vá embora — gritou Lazarus, nunca desviando o olhar dela. — Bem?

Precisando de tempo pra pensar, ela passou por baixo do braço dele para abrir a porta, esperando encontrar Torin. William e Hades estavam de pé diante dela, armados para a guerra e sem sorrir.

— Queremos o espelho — William ficou firme em seus pés. Na verdade, nunca pareceu mais estável. Determinação o cobria. Ele achou Gilly ou um novo motivo pra viver? — Estamos dispostos a trocar por isso.

Não posso lidar com isso agora.

— Não, obrigada — ela respondeu e tentou fechar a porta.

Nenhum deles se encolheu ao som de sua voz. Ambos bateram uma mão na madeira antiga, garantindo que a entrada permanecesse aberta.

Lazarus se moveu diretamente atrás dela, seu calor a envolvendo. Ela nunca esteve tão furiosa com outro ser. Nem mesmo Galen depois que tirou sua língua. O homem que aceitou em sua cama, seu corpo e seu coração agora dizimado

a traiu. Guardou segredos dela. Deixou que ela se preocupasse por nada.

— O que você oferece? — Perguntou Lazarus.

Hades arqueou uma sobrancelha, sua mente tão bonita e sardônica quanto mortal.

— O que você mais deseja. Duas passagens de ida e volta ao templo secreto de Hera.

Cameo inalou bruscamente. A única coisa que Lazarus não podia recusar. Sua vingança.

Ele enrijeceu, segundos se passaram em silêncio. Finalmente disse:

— Não. Você quer o espelho, tem que me liberar do seu serviço. Quando eu acabar com a guerra, acabei com a vingança. Desejo passar o resto dos meus dias com Cameo.

O que? Não! Ele estava desistindo, preparando-se pra morrer?

— O espelho é meu, não dele — ela disse com os dentes cerrados. — Ele me deu. Vocês querem, tudo bem. É seu — O maldito deu esperança a ela. Induziu-a tão completamente como Lazarus. Rindo enquanto borboletas voavam acima da sua cabeça? Com o inferno! — Mas vai liberar Lazarus do seu serviço assim como ele pediu... — ele não estava em condições de lutar — e vai me dar a cabeça de Hera numa lança.

Se fosse Lazarus a matar a antiga rainha, Cameo morreria de alguma forma. Se desse a Hades a tarefa, ela sobreviveria. Possivelmente. Além disso, ela empataria a vingança de Lazarus, uma perspectiva que vinha com duas vantagens. Uma, ela lhe ensinaria o erro de seus modos. Mexa

com a Mãe da Melancolia e sofra. Duas, ele começaria a odiá-la e a deixaria. Então podia esquecê-lo e ele poderia viver uma longa vida sem ser caçado pela ex-rainha.

Mesmo tão furiosa quanto Cameo estava, queria que ele vivesse para sempre.

— Na guerra, você escolhe um lado. Isso não mudou. Então — disse Hades — não vou liberá-lo do meu serviço. A vitória é importante demais. Além disso, não vou dar a ele a cabeça de Hera. Ela e eu nos entendemos. Minha oferta fica de pé como está. Duas passagens para o reino dela.

Jogando duro? — Não, obrigada — ela repetiu, e tentou novamente fechar a porta na cara dele.

— Tudo bem — ele disse correndo, segurando a entrada aberta com mais força. — Posso adicionar um agradinho. Darei as ferramentas para derrotá-la sozinha. — Seu olhar abaixou para o colar em volta do pescoço de Lazarus. Ele franziu a testa e estendeu a mão.

Lazarus afastou a mão dele e os dois machos olharam um para o outro.

— Apenas uma passagem então — disse ela. — Para mim. — Usaria sua passagem para matar Hera sem Lazarus e esperançosamente esperava colher os mesmos benefícios. — E as ferramentas.

Miséria começou a rir novamente. *Vai se arrepender disso...*

Sentindo como se estivesse morrendo por dentro, Cameo envolveu seus braços em torno de si mesma.

Hades sorriu para ela.

— Desculpe, boneca, mas não vou mandar você para a guarida do leão sem um leão. Está recebendo duas passagens — ele acenou com a mão na direção de sua penteadeira.

Ela olhou por cima do ombro com os olhos arregalados quando o espelho desapareceu da parede.

— Embora não possa fazer você passar das quadras dentro do templo de Hera — ele continuou — posso colocá-la algumas milhas fora dela. Mas tenha cuidado. Há armadilhas em todos os lugares. Oh, e lembre-se. Não pode soletrar funeral sem a palavra diversão.

Não houve tempo para responder. Como o espelho, o quarto desapareceu. Um segundo depois, um paraíso dourado apareceu.



CAPÍTULO 26

“Faça o que é certo hoje ou sofra as consequências amanhã.”

— O segredo da sobrevivência

— Memorial de um rei louco

Ninguém podia riscar Lázaro para um novo lugar quando não desejava riscar. Hoje, não tinha vontade de riscar e, ainda assim, o rei do submundo conseguiu fazer isso.

Sua fraqueza devia estar se manifestando de outras maneiras. Ele teria a força para derrotar Hera, mesmo com as ferramentas adequadas?

Talvez. Talvez não. Mas não conseguia se arrepender de um segundo sequer gasto com Cameo. Não havia miséria maior que estar sem ela. Ele apenas lamentava sua presença aqui. Se não conseguisse protegê-la...

Idiota! Ela pode se proteger. Ela provou sua habilidade diversas vezes. Ele a escolheria acima de uma rainha com um exército em qualquer dia da semana; não podia pedir nenhuma parceira melhor.

Infelizmente, sua parceira atualmente odiava suas entranhas.

E por que não o faria? Colocou-a diretamente nas vistas da Morte. Se matasse Hera, Cameo morria.

Apenas uma possibilidade. Uma que planejava evitar... de alguma forma. Talvez pudesse usar a Haste de Partir para escravizar a rainha?

Exceto que a Haste de Partir estava de volta na fortaleza.

Certo. Encontraria outra maneira. Não ganhou o apelido “incomum” à toa. Podia fazer qualquer coisa. Hoje, ele e Cameo se tornaram um. No corpo... e na alma. Ela se agarrou a ele, o acolheu enquanto ele investia dentro dela, tinha gritado seu nome com paixão e súplica, e implorado por apenas mais um beijo, mais um toque, só mais tudo. Sua luxúria por ele não podia ser negada.

Luxúria não significa nada. Somente o amor importa.

Ele enrijeceu. Ele queria seu amor, percebeu, mas não conseguia lutar por isso. Fazer isso seria cruel e incomum, e por uma vez, queria ser mais... ser melhor. Porque de uma forma ou de outra, a vida como era ia acabar. Ele realmente queria deixá-la com um coração partido?

Ia fazer isso, de qualquer modo. Talvez já tenha feito.

Suas mãos apertaram em punhos enquanto examinava o terreno. Esse era o reino secreto de Hera? Uma floresta coberta com árvores douradas, pássaros dourados e macacos dourados.

O chão tremeu debaixo de seus pés. Perigo se aproximando? Ele abriu a mente, mas não sentiu nenhum

inimigo. Ouviu, mas não ouviu nenhum passo. Então olhou pra baixo. Estava dentro de um pequeno círculo de grama cortada, Cameo ao seu lado. Atrás deles, grama alta estava intercalada com flores silvestres multicoloridas, as pétalas pontilhadas com orvalho. Ele cheirou. Orvalho *envenenado*.

Hades jogou Lazarus e Cameo no meio de uma armadilha. Uma mina terrestre, para ser exato. Tinha sido por acidente, sem dúvida — de outra forma, ele os teria riscado pra ponta de uma lança — mas ainda era irritante.

— O que está acontecendo? — Exigiu Cameo. — Terremoto?

— Pior — Lazarus pegou os sacos descansando aos seus pés e serpenteou um braço em torno da cintura dela. No interior deviam estar as ferramentas que precisariam para derrotar Hera. — Ativamos uma mina terrestre.

Ela ficou rígida como se a tivesse transformado em pedra. Ele a apertou para não tentar escapar dele e perder um membro.

— Não se preocupe, amor. Vou nos riscar para a segurança antes que isso exploda — Ele tentou riscar... e falhou. Sua irritação afiou. Outra fraqueza? Ou o reino negativava suas habilidades? Pelo seu conhecimento, apenas um punhado de reinos possuía o poder de fazer isso.

Havia apenas uma outra maneira de limpar a mina terrestre; teriam que mergulhar através das flores silvestres envenenadas.

— Bem? — Exigiu Cameo.

— Novo plano — Ele tirou o anel da corrente, colocou-o no dedo e acenou com a mão no ar, com a intenção de abrir um portal para a segurança. Nada aconteceu. Droga! Não estavam num reino espiritual. — *Novo plano novo.* — Ele levantou Cameo, colocando-a contra o peito. Mesmo tão leve como ela era, a ação desafiou seu vigor e ele fez uma careta. — Se agarre a mim e cubra o máximo de sua pele possível. O orvalho vai queimar buracos em você.

— Me coloque no chão. Estou te machucando. Os cristais estão se fortalecendo, não estão? Você não deveria...

Gostava que Cameo ainda se preocupasse com seu bem-estar, mas outro terremoto acabara de balançar o chão aos seus pés, a vibração como uma segunda mão gigante no relógio da contagem regressiva. Ficando sem tempo. Com nenhum outro recurso, ele pulou.

Booom!

Rochas e terra voaram quando a explosão branca atravessou o ar. O fogo e o ácido o lamberam, queimando rapidamente suas roupas e sapatos. Uma árvore deteve seu voo. Ele se curvou para dentro, protegendo Cameo enquanto seu ombro batia no tronco. Ossos quebraram. Músculos rasgaram. Seus pulmões esvaziaram e achataram. Ele caiu no chão, dor e tontura o assaltando. Sua visão escureceu.

Quando o mundo finalmente voltou ao foco, um barulho alto tocou em seus ouvidos.

Cameo agachou-se ao seu lado, sacudindo-o. A preocupação transformou o rosto pálido em cera.

Ele a vistoriou e não encontrou queimaduras ácidas em suas roupas ou sua pele. No entanto, fuligem marcava o rosto e braços.

—... bem? — Sua voz penetrou sua consciência quando o carrilhão desapareceu. — Onde está machucado? O que posso fazer?

— Eu acho... Acho que machuquei meu pau. Beija pra melhorar?

A preocupação deu lugar ao alívio e ao aborrecimento, e ela bateu no peito dele.

— Você não é engraçado — Ela se afastou dele e cavou nas sacolas.

— Eu meio que sou.

— Vamos verificar nossos suprimentos. Nós temos... Sim! Hades embalou a Haste de Partir — disse ela.

Belo bastardo. Ele tinha resolvido o maior problema de Lazarus.

— O que mais? — Ele tentou uma posição sentada e rolou seu ombro para colocar a junta de volta no lugar.

— Uma troca de roupa, uma caixa de preservativos com o nome Gerações se Foram, dois cantis de água, uma lata de caviar e uma caixa de bolachas orgânicas, pasta de dente, lenços umedecidos, um arranhador de costas, uma garrafinha de Febreeze⁴, um pacote de tampões de ouvido... — Ela enrijeceu, apertou os dentes. — Que rato sujo. Apenas embalou um par de tampões, o que implica que *sua* voz não é irritante para *mim*.

⁴ Limpador de tecidos

Lazarus escondeu um sorriso atrás da mão.

— Eu o puniria por você, mas sabe, estou morrendo. — Quando ela olhou para ele de cara feia, ele disse: — O quê? Cedo demais?

Ela estalou seus dentes para ele antes de segurar um leopardo de pelúcia.

— Uma versão brinquedo de Rathbone o Único. Eu me pergunto por que enviou isso.

Lazarus podia adivinhar. Com um grunhido, confiscou o boneco e jogou-o no poço que a mina terrestre criou.

— Ei! Por que fez isso? — Exigiu Cameo. — Ele era fofo.

— E ele teria adorado ouvir você dizer isso, e é por isso que teve que ir.

Lazarus escrutinou à frente e viu um rio cristalino correndo sobre pedras preciosas do tamanho de rochas. Uma ponte de cristal levava ao único toque de branco no horizonte. Uma escadaria torcida que acabava num monte coberto de musgo e terminava em frente a colunas de alabastro. A entrada do templo? Há quanto tempo Hera o visitou?

Escondidos dentro da beleza espetacular estavam sinais de negligência. Ervas daninhas crescidas, lascas nas gemas preciosas e uma seção removida do meio da ponte.

— Mais alguma coisa nas sacolas? — Ele perguntou.

— Sim. Um par de binóculos. Um pano quadrado — ela ofegou com entusiasmo. — Não um pano, mas a Capa da Invisibilidade. E isto! Isso pertence à Danika, o Olho-que-Tudo-Vê. — Ela ergueu um pequeno azulejo quadrado de

quatro por quatro com apenas uma marcação. Um nome no canto. Danika Lord. — Mas sem imagens?

Franzindo o cenho, ele pegou o azulejo e segurou-o sob um feixe de luz. A superfície... algo parecia estranho. As manchas ligeiramente amareladas, talvez?

Cameo retirou um tubo de metal da sacola, olhou pra ele e deu um gritinho estridente.

— Acho que isso veio da Gaiola da Compulsão. — Ela pegou o azulejo dele e apertou todos os quatro itens... a Capa, a Haste, o tubo e o azulejo... ao seu peito. — Estes são meus. Tente tomá-los e eu vou... — Seus lábios pressionaram numa linha firme.

Não podia pensar numa ameaça melhor?

Não importa. Ele já pensava no pior cenário. Se alguma coisa acontecesse com Lazarus aqui fora — ou em qualquer lugar — e sua mulher não soubesse onde a caixa estava ou como ela parecia... qualquer pessoa poderia roubá-la.

Seu silêncio poderia custar muito caro.

Nada mais de esconder isso. Ele puxou o colar debaixo da camisa e passou o polegar sobre o invólucro de couro.

— Isto... é o que você passou séculos procurando.

Ela olhou o pingente de couro e bufou.

— Boa tentativa, mas não caio nessa. — Mas enquanto falava, seu olhar permaneceu colado ao artefato que ele chamou de “perigoso”. Franzindo o cenho, ela esfregou a nuca. — O que é isso? Sério.

Ele abriu a mente, desesperado por conhecer seus pensamentos, mas ela ergueu seu escudo. Ele não ficou

surpreso, mas ainda estava desapontado. Desejava uma conexão com ela.

— É a caixa, asseguro a você. Os ossos foram esmagados e remodelados.

— Impossível. Para ser refeita, teria que ser aberta. Eu estaria morta.

— *Foi* aberta. Por você e seus amigos. Aposto que foi Hera quem roubou enquanto estavam distraídos. Então, antes de escondê-la, remodelou-a para garantir que ninguém a reconhecesse se alguma vez fosse encontrada.

— Então como a reconheceu? E quanto à Estrela da Manhã que pensava estar dentro?

— Estava escondida dentro de um crânio ao lado do que eu pensei ser a caixa. Conheci Kadence, a deusa da Opressão. Seus ossos estavam acostumados a fazer isso e senti seu poder. Quanto à Estrela da Manhã, eu não sei.

Cameo inclinou-se para trás, equilibrada nos calcanhares, suas unhas cavando nas coxas.

— Todo esse tempo você tinha a caixa, o artefato capaz de matar as únicas pessoas que amo, pendurada em seu maldito pescoço? — Raiva crepitava em seu tom.

Pise com cuidado.

— Você sentiu isso. Você e todos os outros. — Os outros. As únicas pessoas que ela amava, como se Lazarus não tivesse lugar em seu coração. *Calma, estável.* — Nunca prejudicou você. Na verdade não. Na verdade, pode ter ajudado você a suprimir o demônio. Por isso foi feito, afinal. Para deter o mal.

Ele deveria ter considerado a possibilidade antes, mas não se permitiu. Sua consciência teria insistido em dar a caixa à Cameo... então ela não teria necessidade de mantê-lo por perto.

Uma eternidade se passou, os únicos sons provenientes do rio correndo e os macacos fazendo barulho. O galho acima deles balançou, folhas douradas chovendo ao redor deles. Finalmente colocou os outros artefatos no chão e estendeu a mão com a palma aberta.

Ela acenou com os dedos.

— Me dê a maçã. Ou a Caixa. Tanto faz.

Ele encontrou e manteve seu olhar, viu um dilúvio de dor e raiva e sentiu como se os punhais tatuados em seu peito se manifestassem e o esfaqueassem.

— Me desculpe, machuquei você — ele grunhiu. Antes dela, nunca emitiu uma sincera desculpa; agora não podia se desculpar o suficiente. — Desculpa que eu esperei para te contar sobre a caixa.

— Como é irônico. Procura meu perdão e ainda assim se recusa a perdoar aqueles que o prejudicaram. — Outro balançar de seus dedos. — A maçã.

Ainda assim, ele hesitou.

— Nossas situações não são as mesmas.

— Não são?

Não! Como podia fazê-la entender que a segurança dela significava mais para ele do que a dele? Como podia provar a intensidade de seus sentimentos por ela?

— Quando Hades ofereceu vingança numa bandeja de prata, eu declinei. Escolhi você.

— Você escolheu a morte!

Com ela, era tudo a mesma coisa. No entanto, manteve essas palavras para si mesmo.

— *Quer* que eu mate Hera? Não vou. Não vou arriscar você.

— Não. *Eu* vou matá-la.

E mudar o futuro.

— Ela é uma ameaça para você, e ameaças são eliminadas — ela disse, sua voz firme, mas vazia. — Depois, você e eu nos separaremos.

Nunca! Ele esfregou a mão livre descendo pelo seu rosto, limpando a fuligem de seus olhos.

— Vou ficar com você até o fim.

A cor drenou das bochechas dela.

Tenho que fazê-la entender.

— Deixe-me ficar com você e confiarei em seus amigos, permitirei que busquem uma cura. — Um passo importante para ele.

— Há uma cura, seu tolo — ela soltou um grito agudo.

— Uma cura diferente — ele consertou. — Uma que nos permita ficar juntos. Quando voltarmos para casa, a caixa é sua. Confio em você para não se ferir, e você vai confiar em mim novamente.

— Ou vou *tomar* a caixa.

À distância, um bando de pássaros dourados levantou voo. Ele pegou uma adaga e levantou-se.

— Devemos ir, não devemos ficar num lugar por muito tempo.

Sempre a guerreira, Cameo se moveu ao lado dele.

— Se Hera estiver aqui, estará dentro do templo. Por outro lado, se estivesse aqui, sentiria nossa presença e nos emboscaria.

— Não necessariamente. Se pudesse sentir uma invasão, não teria se incomodado com armadilhas.

Ele abriu a mente procurando outros seres vivos na esperança de convocar uma serpente do céu ou duas. Ignorou os pássaros, macacos, insetos e uma variedade de outros animais, e concentrou-se numa presença escura... faminta, tão malditamente faminta... e se aproximando rápido. *Inimigo!*

— Hora de dar no pé — disse ele.

Ele puxou as sacolas para seus ombros, pegou a mão de Cameo e correu para o rio.

* * *

O que ela ia fazer?

Cameo não conseguia escapar da tumultuada tempestade de emoções que se espalhavam por dentro dela. Lazarus carregou a Caixa de Pandora ao redor do pescoço durante todo esse tempo. Disse a ela que nunca mentiria para ela — enquanto já estava preso no meio de uma. Ele negou a oportunidade de tomar uma decisão junto com seus amigos: tentar suprimir os demônios ou destruir a caixa.

O bastardo bloqueou a caixa!

Lazarus parou e ela bateu nas costas dele. No topo de sua lista de tarefas: permanecer consciente.

Vapor espessava o ar, tornando mais difícil respirar enquanto escrutinava o mais novo terreno. Um campo de flores selvagens se esticava diante deles, exuberante e adorável e sem o orvalho envenenado, exceto que... era uma armadilha. Após uma inspeção mais próxima, percebeu que o chão era um pântano escuro.

— Areia movediça — disse Lazarus. — E ali — ele apontou para a direita — as flores cobrem outra mina terrestre.

Miséria riu quando ele a conduziu para a esquerda, *longe* do templo. Infelizmente, não havia outro caminho a seguir. Tinham que ignorar o pântano e voltar a circular.

Ficaram à margem do campo, apanhados entre a floresta e o pântano, com cuidado para não pisar em nenhum lugar que não deveriam...

Uma criatura semelhante a uma enguia explodiu de uma poça de água enlameada com as presas à mostra. Cameo a pegou pelo pescoço viscoso, impedindo-a de mordê-la. Seu corpo escorregadio se retorcia.

— Hmm, um pouco de ajuda, por favor.

Com um golpe de punhal, Lazarus tirou a cabeça da criatura. Fazendo uma careta, ela jogou o corpo ainda tremendo de volta na poça. Outras enguias — ou o que quer que fossem — saltaram para lancha sobre os restos mortais.

Aqui você era predador ou presa. *Entenda.*

— O azulejo que Hades embalou — disse Lazarus.

— Sim? O que tem?

— Tenho uma ideia. — Ele parou debaixo de uma árvore dourada e pescou o azulejo. Ele o angulou na direção da luz, depois inclinou na direção das sombras lançadas pela floresta. — Tudo que ele providenciou serve a um propósito, exceto o azulejo. Por quê?

— Talvez seja útil. Nós simplesmente não podemos ver.

— Exatamente. Hades é conhecido por usar cores e tintas invisíveis.

Uma faísca de excitação.

— Como tornamos visível o invisível?

— Isso eu ainda não sei.

— Bem, vamos pensar como Hades. — *Sou um homem de grande importância com um distorcido senso de humor. Gosto de torturar meus inimigos, provocar meus amigos e ganhar, seja qual for o custo. Uau. Hades e Lazarus podiam ser irmãos com mães diferentes. Tenho uma obsessão não saudável por fazer outras pessoas sangrarem. Eu...*

Sangrar. Sangue. A fonte da vida. Excitação aquecendo, Cameo tirou uma adaga e arrastou a lâmina sobre a palma da mão.

Lazarus arrancou o punhal do seu aperto como se ela não tivesse o direito de se ferir — ou melhor ainda, sua propriedade.

— Você *não* se machuque...

— Tarde demais — uma mancha vermelha brotou. Ela segurou o punho sobre o azulejo, deixando as gotículas grossas deslizarem pra baixo... pra baixo... e espirrarem na superfície.

As imagens começaram a aparecer no azulejo.

— Você conseguiu — disse Lazarus, seu orgulho inconfundível.

Ela ignorou o desejo de se envaidecer sob seus elogios e estudou as imagens. Um mapa? Sim! A floresta, o pântano e o templo estavam claramente marcados. Assim como as diferentes armadilhas.

— Se continuarmos nesse caminho por cerca de duas milhas — disse Lazarus — podemos usar essa ponte para chegar ao templo.

— A ponte está com armadilhas.

— Sim, mas podemos ultrapassá-la.

— Como? Caso não tenha notado, nenhum de nós tem asas, e os pássaros não são grandes o suficiente para montar e voar.

Ele gentilmente a agarrou por debaixo do queixo.

— Tenha um pouco de fé em seu homem.

A pele dela formigou, e sua luxúria recém-despertada surgiu. Ela tremeu. *Ele é mais perigoso que esse reino.* Cameo se afastou.

— Quer dizer o homem que mentiu para mim?

— Acredito que você quer dizer o homem que admitiu seu crime, mesmo que pudesse levar o segredo para o túmulo. — Seu olhar passou por ela e cada músculo em seu corpo ficou rígido. — Estamos sendo seguidos. Vamos.

Quando ele entrelaçou seus dedos e avançou, ela olhou para trás. A uma centena de metros ao longe, uma nuvem de tempestade rolava pelo céu, pulverizando a terra com névoa.

Aves caíam do céu como mísseis emplumados. As árvores secaram.

— Vá, vá, vá — ela ordenou.

Lazarus pegou o ritmo — até que uma videira disparou para fora, enrolando em torno de seu tornozelo e puxando-o para o ar. Ele ficou pendurado de cabeça para baixo, as sacolas escorregando de seus ombros e caindo em Cameo.

Merda! Não havia tempo suficiente para cortá-lo e escapar da névoa da morte.

— Vá — *ele* emitiu o comando desta vez. — Deixe-me.

Miséria riu.

Determinada a salvar Lazarus, Cameo cavou através das sacolas, retirou a Capa da Invisibilidade, a Haste de Partir e o tubo que foi retirado da Gaiola da Compulsão.

— Deixe isso para a mulher salvar o dia... o *donzelo* em perigo.



CAPÍTULO 27

*“Um homem não pode ser liderado por duas forças opostas,
porque a verdade não pode coexistir com uma mentira. O
amor não pode coexistir com o ódio.”*

*— Memorial de um rei louco
— Memorial de um tolo assolado*

Atormentado pela urgência e pelo medo, Lazarus ergueu a parte superior do corpo e estendeu os braços, os músculos gritando em protesto. Na última hora, os cristais se espalharam e espessaram, diminuindo consideravelmente seus reflexos. Seus dedos encontraram a adaga na bota. Com uma mão, agarrou a videira que estava enrolada em torno de seu tornozelo. Com a outra, usou a adaga como serra.

Por fim, a videira partiu. Preparando-se para o impacto, tombou em direção a um banco de musgo — apenas para ser pego por outra videira e pendurado de cabeça para baixo uma segunda vez. Ele desencadeou um fluxo de obscenidades. Ainda assim, a nuvem escura se aproximava, dirigida diretamente para Cameo.

Tão graciosa quanto um cisne, ela desdobrou um pano cinza até formar uma capa com capuz. Quando colocou a capa sobre seus ombros e levantou o capuz, ela desapareceu. Nem mesmo Lazarus podia vê-la. Bom, isso era bom. A nuvem também não podia vê-la.

— Corra — disse a ela. — Corra e vou te encontrar — sempre.

Mas sabia que ela não obedeceria. Era Cameo, teimosa ao extremo. Quando a nuvem chegou ao local que a viu pela última vez, isso soltou um grito estridente. Lazarus se encolheu, o som agudo quase estourando seus tímpanos.

Ignorando sua própria dor, puxou pra cima e viu uma videira nova.

A nuvem trovejava e faiscava raios, enquanto estremecia. O que Cameo estava fazendo?

Mais uma videira pegou a adaga do punho de Lazarus e girou uma ponta afiada para seu coração. Ele amaldiçoou sua distração.

Justo antes do impacto, uma videira coberta de alcatrão bateu na lâmina, salvando Lazarus de uma lesão. Ele balançou a cabeça, confuso. A videira coberta de alcatrão enrolou em torno da que segurava o tornozelo e apertava. Ele foi libertado. Ele desabou, esperando cair na terra. A videira coberta de alcatrão o pegou, aliviando-o no chão.

Isso está... me ajudando? Por quê?

Pense nisso mais tarde. Pronto pra batalha, ele se levantou de um salto. Cameo se materializou, a Capa da Invisibilidade numa piscina aos seus pés. Ela ficou debaixo da

nuvem, o braço erguido, a mão escondida pela escuridão. Não, não escondida. A nuvem diminuiu, revelando a mão e o tubo que segurava.

O orgulho o dominou. *Minha mulher. Tão forte. Tão capaz.*

Quando cada mancha de escuridão desapareceu, ela abaixou o braço. Os olhos dela brilhavam como diamantes e suas bochechas brilhavam com uma saúde rosada. Folhas frágeis emaranhadas em seus cabelos.

— O que aconteceu? — Ele perguntou.

— A Capa da Invisibilidade me protegeu da névoa enquanto eu cavava debaixo da nuvem, estiquei o tubo no centro e comandeí que essa coisa, seja lá o que for, que morresse. E fez! Tinha que fazer. O tubo é da Gaiola da Compulsão. Foi um presente, então nós o possuímos, e qualquer coisa dentro dele tem que fazer o que mandarmos.

Sua excitação...

Debaixo de seu zíper, seu eixo endureceu. Com ela, era inevitável.

— Você é uma verdadeira guerreira. — Embora estivesse chateada com ele, ela fez tudo em seu poder para garantir sua segurança.

Ninguém jamais agiu tão desinteressadamente em seu nome. Ninguém o colocou em primeiro lugar. Nem mesmo os pais dele. Seu ódio um pelo outro havia superado seu amor por ele.

Desesperado para tocá-la, para garantir *sua* segurança, ele cortou a distância entre eles.

— Você se colocou em perigo para me salvar. Pode realmente me culpar por fazer o mesmo por você? — Ele se estendeu para ela.

— Não é a mesma coisa — Evitando o contato, ela se inclinou para acomodar o tubo numa das sacolas.

Seu coração encolheu, mas ele pressionou.

— Por quê?

— O resultado da minha ação é a vida. — Ela dobrou o manto e o escondeu no bolso. — O seu resultado é a morte.

— Fala como se eu estivesse perdendo o tempo que me resta. A verdade é que o tempo com você não é desperdiçado, mas apreciado.

Franzindo o cenho, ela jogou uma sacola para ele.

— Cale-se. Só... cale a boca.

Ele se agachou ao lado dela. Estava chegando até ela, quebrando sua armadura interna. Tinha que continuar empurrando, não podia permitir que ela tornasse a fortificar suas defesas contra ele. Com ela, não tinha defesas. Porque a amava...

Ele respirou fundo. Era isso. Ele a amava. Não por causa do que ela era para ele. Por causa de *quem* ela era. Fato. Ela era uma riqueza de contradições. Gentil, mas feroz. Cuidadosa, mas teimosa. Espirituosa, mas melancólica. Protetora, mas facilmente provocada. Compassiva, mas violenta.

Apesar do demônio, era a luz na escuridão de Lazarus. Era inteligente e era... tudo. Diante dela, ele conhecia a raiva. De alguma forma, ela o enchia de alegria.

— Cameo — ele grunhiu.

— Não — ela ficou parada. — Não é isso o que eu quero. Quero que você viva. Livre dos cristais. Livre do perigo.

Ele ficou de pé também, esperança como um farol brilhante dentro dele. Ela também o amava. Para colocar-se em risco como fez? Para fazer os sacrifícios que fez por ele? Para se entregar a ele de forma tão incondicional? Ela devia.

— Não quero viver sem você. — Ele seguiu a declaração brusca removendo a maçã do seu pescoço e colocando-a em torno do dela, o couro e a corrente tocando sua pele, em vez dos ossos.

Ela levantou o queixo.

— É sua — disse ele. — Confio que não se machuque. Confio em você para fazer a chamada, tire a cobertura e toque-a, abra-a, esconda-a ou destrua-a. O que quiser. Eu a dou a você, livre de obrigação ou expectativa. — Os nós dos seus dedos roçaram o mamilo dela enquanto ele prendia o pendente pendurado entre seus lindos seios, tirando outro silvo dela. — Eu dou a você meu amor, meu tempo, meu tudo.

* * *

Ele está quebrando o que resta da minha resistência.

Cameo cambaleou, a declaração de Lazarus tocando em seus ouvidos. Ele a amava? Ela balançou a cabeça e afastou-se dele.

— Você me dará tudo... exceto um futuro com você. Uma família.

Ele se moveu com ela, dizendo:

— Você é minha família.

Ela se virou, afastando-se. Olhando para ele ferida. Ela envolveu seus dedos ao redor da maçã. Mesmo com uma cobertura, sentia o calor irradiando dos ossos. Sentia o poder.

Miséria gritou e afundou na sua mente. Subjugado? Um precioso silêncio reinou... e ainda assim experimentou um dilúvio de tristeza.

Lazarus a conhecia, sabia quem e o que era, e queria ajudá-la, não a destruir. Ele a amava, apesar de suas muitas falhas. E ela...

Não. Não ia por aí. Se cedesse a ele ou sua emoção, ela o amaldiçoaria a uma eternidade encerrado em cristal. Então tinha que deixá-lo ir. Não queria nenhuma desculpa. Além disso, tinha que forçá-lo a deixá-la. E graças ao espelho, sabia que havia uma maneira de fazê-lo...

Medo deslizou descendo por sua espinha.

Lazarus endureceu e disse:

— Precisamos de abrigo. Outra nuvem se aproxima. — Ele reuniu os pacotes e empurrou um espesso escudo de folhagem.

Ela seguiu, passando por uma árvore de algum tipo. Talvez. Tinha 2,80m de altura e exalava uma substância preta espessa. Alcatrão? A substância abrangia duas vinhas — duas vinhas que podiam passar por armas. Borboletas voavam acima dela, criando um dossel colorido.

Morte e melancolia...

— Isto... o que quer que seja, isso me ajudou — disse Lazarus. — No entanto, não confio nisso. Não confio em nada neste reino.

Viajaram por mais de uma hora evitando com sucesso outras armadilhas, vinhas sorradeiras e insetos mordedores. A nova nuvem da morte continuou a rastreá-los, mas não os alcançou.

Lazarus rejeitou duas cavernas antes de se instalar numa terceira que era menor que as outras. Tão pequena, de fato, que ambos tiveram que rastejar para dentro. No fundo das entranhas da terra, no entanto, a caverna se abria, permitindo que parassem. O recinto tinha apenas uma entrada e, como tal, apenas uma saída — aquela em que passaram.

Ele deixou cair os pacotes e cavou dentro. Com um grunhido, extraiu o leopardo de pelúcia que descartou mais cedo.

— Eu volto já.

“Volto já” acabou por ser quinze minutos, nenhum brinquedo à vista.

— O que fez com o leopardo? — Perguntou ela.

— Joguei-o num poço. — Ao seu lado, mais uma vez, ele lhe ofereceu o cantil. Quando ela matou sua sede, abriu o caviar e as bolachas. Comeram em silêncio.

Ele estava chateado com ela? Ele ofereceu seu amor e ela o desprezou.

Tive que fazer. Não serei sua queda.

Mas... *podia* ter mais uma noite com ele. Só mais uma. E que noite melhor? Se ela esperasse até encontrar Hera, os

cristais poderiam tomar conta dele, ou ele poderia usar suas artimanhas masculinas para convencê-la a ignorar sua desgraça em favor de sua felicidade temporária. Como ele já estava perto disso.

— Você me ama, Cameo?

A pergunta veio do nada. Ou talvez não. Talvez tivesse lido sua mente. Talvez tenha pedido para começar a trabalhar essas artimanhas masculinas das quais ela não tinha defesa.

Não havia como negar a verdade por mais tempo. Amava-o com todas as fibras de seu ser. Ele agradava seu espírito, mente e corpo. Sua irreverência a divertia. Sua determinação teimosa o manteve ao seu lado durante o pior da sua depressão. Seu cuidado com ela compensava cada momento de tristeza que já tinha suportado.

De alguma forma, ele se tornou sua âncora nas tempestades da vida. Ele se tornou o sol, sempre perseguindo sua escuridão. Ele preencheu um vaso vazio com esperança. Lutou por ela quando não podia — não lutaria por si mesma.

Ela não colocaria suas necessidades diante das dele.

— Não vou falar sobre isso — disse ela.

Pela manhã, faria o que precisava fazer, por mais que doesse. Deixaria Miséria levar sua memória. Lazarus mataria Hera, como sempre quis. Dessa forma, Cameo não tentaria matar a deusa por conta própria ou salvá-la.

Dessa forma, Cameo morreria também. *É melhor ir com o resultado conhecido desta rodada do que tentar mudar o futuro e possivelmente piorar as coisas. Para si mesma e para Lazarus.*

Odiava pensar em deixá-lo para lidar com a culpa, provavelmente com a vergonha, sozinho. Mas melhor ele viver com culpa e vergonha do que morrer mais uma vez.

Com prazer darei minha vida pela dele.

Sem ela, os cristais deixariam de crescer dentro de Lazarus. Ele teria força para viver para sempre.

A tristeza aumentou como uma maré da meia-noite tentando afogá-la, mas rapidamente construiu uma barragem ao redor de seu coração. Isso seria válido. Por enquanto. Ele vinha primeiro.

Cameo usou a pasta de dente e lenços umedecidos para se limpar. Lazarus fez o mesmo, tensão arqueando entre eles. Do lado de fora, uma tempestade se soltou, o cheiro fraco de chuva enchendo a caverna. Trovejou lá fora e, através das rachaduras na terra, o relâmpago faiscou.

— Não quero brigar mais com você — disse ela. Calor se derramou dela. — Eu só quero você.

Pulsando com vitalidade e agressão masculina, ele moldou seu rosto com suas mãos grandes. Seu cheiro excitante consumiu seus sentidos. A essência da sedução.

O olhar dele se fixou no dela, suas pupilas se expandindo e ultrapassando suas íris.

— Me quer como seu homem? Quer beijos sem fim? Pele molhada de suor? Sussurros aquecidos? Mãos errantes? Gemidos de prazer? Corpos roçando? Membros entrelaçados? O resto dos meus dias?

Ela estremeceu, e oh como doía. Mas então, sua capacidade de pintar uma imagem tão deliciosa e carnal... para

fazê-la querer o que não podia ter... era tão bom como as adagas dela.

— Eu quero aqui e agora.

Seu aperto aumentou.

— Você me ama? — Ele exigiu novamente.

Recusar a responder não faria bem a ela.

— Sim. Eu amo você. — Mais tarde ele descobriria que a admissão não fez nenhum bem a *ele*.

— Prove isso então. Me dê tudo.

Relâmpagos dispararam através das rachaduras e iluminaram o pequeno espaço com flashes dourados brilhantes. O ar ficou carregado, eletrificado, sensibilizando suas terminações nervosas.

Com um gemido de rendição, Cameo esmagou seus lábios nos dele. *Finesse* estava além dela. Ela empurrou a língua contra a dele, oferecendo amor... paixão... esta noite. Só esta noite. A sensação de sua força musculosa era intensa como nenhuma outra.

Tão intensa que nunca mais experimentaria.

Ele a pressionou no chão, calor buscando calor, e ela rolou sobre ele. Seu cabelo criou uma cortina escura que os escondeu do resto do mundo. A dureza dele contrastava perfeitamente com sua suavidade. Seus mamilos apertaram e doeram, e ela tremia de desejo.

Sentiu seu amor por ela, um rio apressado que serpenteava por ambos. Seu amor por ele brotou como uma árvore plantada ao lado da água, cada vez mais alta, mais larga, maior.

Desesperada por contato pele com pele, ela puxou a camisa até que o material cedeu. Pele bronzeada. Magníficas tatuagens em exibição. A fome selvagem roía dentro dela enquanto lambia e beliscava o pescoço... o centro do peito. Ela tomou seu tempo para prestar homenagem aos mamilos dele.

Ele agarrou sua nuca, oferecendo-se em súplica. Um bufê masculino de delícias sensuais, ele era dela para ser tomado. E ela tomou, perdida no seu vício por ele.

Sim, sou viciada. Obcecada, mesmo. Felizmente.

Quando o sol se levantasse, tudo terminaria.

O pensamento a encheu de tristeza.

Não, não. Não aqui, não agora. Ela verificou o escudo ao redor de seus pensamentos. Ele se mantinha e ela suspirou aliviada. Esta noite teria lembranças para durar a vida toda. Esta noite apreciaria o presente que lhe fora dado: um homem maravilhoso que a via como um tesouro em vez de uma âncora. Esta noite fingiria ter um amanhã.

— Você vale cada dificuldade que já sofri — ele riu. — Você é meu prêmio.

Viu! Um tesouro.

— E você é o meu.

— Amo ser reivindicado por você. — *Ele* rolou sobre *ela*, tomando as rédeas de seu amor e reivindicando o controle.

Ela cedeu ao seu poder, nenhuma parte de seu corpo fora dos limites para ele. O peso musculoso que admirava prendeu-a no lugar, uma gaiola bem-vinda.

— Onde quer amar seu homem? — Ele perguntou. — Um refúgio na praia? Em frente a uma lareira?

Brincar para ajudá-la a esquecer a sujeira de suas circunstâncias?

— Nada de ilusões. Nada mais falso entre nós novamente. Quero você aqui. Agora. Como você é... como *nós* somos.

Ele sorriu para ela, terno e doce, e ela jurou que podia ter um orgasmo simplesmente olhando para ele. Homem lindo.

Ele acariciou sua bochecha com a dele antes que sua boca descesse, devorando a dela como se fosse uma refeição, a última refeição... até que já não a beijava, mas fazia uma promessa a ela: *nunca deixarei você ir*.

Com movimentos habilidosos, ele tirou a blusa e sutiã, e jogou ambas as roupas de lado. Então pegou e amassou os seios. Ela arqueou contra ele, amando o atrito... o calor... o fogo. Mmm. *Ele está me queimando de dentro para fora*.

— Você é minha e estamos juntos nisso. — Seus dedos se uniram com os dela e apertaram antes de esticar seus braços acima da cabeça, prendendo-a com mais eficácia, deixando-a vulnerável a ele. — Diga.

— Você é meu — ela ecoou — e estamos juntos nisso. — Até de manhã...



CAPÍTULO 28

“Fazer sua mulher feliz = fazer a si mesmo mais feliz”.

— Memorial de um tolo assolado

— Como dar orgasmos surpreendentes

Fome primitiva governava Lázaro. Ele tinha sua mulher em seus braços. Sua primeira e única. Finalmente ela lhe pertenceria de corpo e alma. Como ele pertenceria a ela. Agora e para sempre.

Mais do que tirar prazer de Cameo, ele queria dar. Queria se entregar a ela, a mulher que amava acima de todos os outros. Acima de si mesmo. Acima de sua vingança.

O pai dele estava errado. O amor não foi o que enfraqueceu o guerreiro. Foi o medo de perder o que amava que o enfraqueceu; Rathbone tentou dizer a ele o mesmo, que o medo arruinava e destruía o que o amor protegia, aprimorava e empoderava. O amor pegou os pedaços quebrados de um coração partido e os soldou, tornando-o mais forte do que nunca.

Uma vez o que era um elo fraco, agora era indestrutível.

A verdade o atingiu quando Cameo disse aquelas três lindas palavras. *Eu te amo*. Ela o afetava como nenhuma outra, sua paixão ardente como a dele. Ela não era apenas sua amante; era sua parceira.

O conhecimento só se solidificou quando olhou fixamente dentro de seus olhos brilhantes e prateados — olhos que viam além das manchas escuras espalhadas pelo passado da criança que perdera tanto que o homem que se tornara se recusava a abandonar a posse de qualquer coisa. Mesmo um pedaço de seu coração fragmentado. Um pedaço que Cameo poderia ter roubado facilmente. Em vez disso, ela esperou que ele desse... e desse livremente.

Em troca, eu lhe darei o mundo.

Lazarus saqueou sua boca, alimentando o desejo dela, assim como o dele. Os lábios dela eram macios e carnudos... se dando tanto debaixo dos dele, tão entregues. Essa palavra novamente. Dando, dar. *Dê mais a ela...*

Ao aprofundar o beijo, ela se *agarrou* a ele, como se ele fosse um bote salva-vidas e ela um marinheiro náufrago. Ela gemeu e suspirou seu nome. Durante todo o tempo, ela se contorcia contra ele, esfregando seu núcleo contra seu comprimento palpitante. Cada ponto de contato aquecia o sangue nas veias até o ponto de ebulição. A energia apenas fortificava os cristais, mas não se importava.

Ele beliscou seu queixo, lambeu o elegante comprimento de sua mandíbula... sugou seu pescoço requintado e o pulso acelerando tão rápido quanto o dele. Deixou uma marca. Sua marca.

— Eu amo você — ela sussurrou.

Seu coração pulou com alegria.

— Vai se lembrar disso. E disso — Ele beijou um círculo ao redor de cada um dos seios antes de banhar os mamilos com o calor molhado de sua boca. — E isto.

Os quadris dela continuavam a se contorcer, um rubor irresistível se espalhando por sua carne. Ela era como uma delicada rosa cor de rosa, sedosa e cheia de orvalho. *Ela floresce para mim e apenas para mim.*

Com sua língua, traçou um coração ao redor de seu mamilo e soprou.

— Lazario!

Ele não ouviu nenhuma tristeza em sua voz, apenas paixão. Até onde chegou esta mulher maravilhosa, desde as profundezas mais profundas da miséria até o pináculo da mais alta alegria. O verdadeiro poder do amor.

Ele a chupou.

— Com minha boca, meu corpo e minha própria alma, eu honro e reivindico você. — Ele se moveu para o outro peito e passou sua língua de um lado para o outro, cada lambida proclamando *minha, minha, você é minha*. — Hoje, amanhã e todos os dias depois.

— Eu sou sua — as unhas dela arranharam suas costas. — Sempre serei sua.

Relâmpago faiscou sobre as rochas, e por um momento, a luz dourada se derramou sobre ela. Sua beleza era etérea, de outro mundo. Gotas de chuva encontraram sulcos nas rochas e gotejaram do teto, aterrando nele e espirrando sobre ela.

Frescas e doces, sem sugestão de ácido ardente. Sua febre de paixão rapidamente aqueceu as gotículas, criando um bom vinho, e um doce ainda mais doce. Ele lambeu cada rastro de sua pele, bebendo dela.

O que estavam fazendo não era apenas um ato de intimidade, que significava despertar um desejo momentâneo. O que estavam fazendo era solidificar uma promessa que fizeram para o futuro deles.

Um futuro juntos.

Subjugado, desesperado por mais, soltou as mãos, tirou as botas e abriu a cintura de sua calça de couro. Assim que o zíper desceu, puxou o material pelas pernas com um único movimento do pulso.

Enquanto seu olhar a percorria, ela cavou e apalpou seus seios, os polegares acariciando os mamilos. Armas estavam presas em suas coxas e tornozelos, transformando-a numa deusa do sexo e da guerra. *Minha deusa*. Ele podia apenas olhar para ela com espanto — até que seu corpo exigisse que agisse.

Ele descartou cada arma e lâmina, embora se assegurasse que cada uma permanecesse ao seu alcance. A calcinha recebeu o mesmo tratamento que os couros, deixando-a nua. Seu olhar a percorreu mais uma vez, lânguido e selvagem, ainda que desejoso de mais.

Ele já tinha visto sua nudez antes sim, mas cada vez era como a primeira: uma revelação.

A maçã coberta de couro descansava entre seus seios cheios e atrevidos, onde sua pele acetinada apresentava um

rubor mais forte. Seu corpo possuía um tônus muscular gracioso, bem como curvas hipnotizantes. As bordas das asas da borboleta abraçavam seus quadris e coxas.

— Abra suas pernas para mim, Cami — o som de sua voz rouca se espalhou entre eles. — Deixe-me ver cada centímetro do meu amor.

Ela obedeceu, revelando o lindo paraíso rosa que o aguardava. Ele gemeu sua aprovação — e reverência. Ela não estava apenas molhada, estava encharcada.

Impulsionado por uma excitação feroz, deslizou um dedo dentro dela bem fundo, mais fundo e inalou bruscamente. Seus quadris levantaram-se, suas paredes internas apertando-se sobre ele, deixando-o louco.

— Você foi criada para mim, Raio de Sol.

Ela colocou o pé no seu peito logo acima do coração e gentilmente, mas insistentemente o empurrou.

— Fique nu. Agora. Mostre-me cada centímetro do *meu* amor.

Antes, quando ela quis ver suas pernas, ele tinha hesitado. Desta vez ficou de pé e se despiu depressa, tomado pela antecipação. Tirou as botas, as calças e deixou cair as armas ao lado dela.

O olhar dela se demorou no seu eixo dolorido e ela lambeu os lábios.

— Aí está meu monstro.

A rouquidão de sua risada deixou os olhos prateados derretidos.

— Seu — disse ele, segurando a base de sua ereção. — Ele não gosta apenas de sua mulher. Ele a adora.

— Bom. Porque não há outro homem que prefira chamar de meu.

* * *

Cameo ficou emocionada quando Lazarus se ajoelhou entre suas pernas. Suas terminações nervosas ardiam. O pouco ar que conseguiu puxar para dentro dos pulmões cheirava a Lazarus, champanhe e chocolate. Tentação e indulgência carnal.

Ele a virou e colocou-a de quatro. A ponta do dedo rastreou a borboleta, o toque fazendo com que correntes de paixão crua a atravessassem. Esfregou sua ereção na fenda de suas coxas, seu calor úmido oferecendo um deslizar fácil. Um deslizamento perfeito. Ele não estava dentro dela, mas mesmo assim, o arrebatamento acenou...

A pressão foi crescendo dentro dela, tornando sua necessidade de libertação — por seu homem — mil vezes mais forte.

— Isso é bom — disse ela — tão bom, mas quero mais.

Ele se inclinou para morder o lóbulo da orelha.

— Devo deixar você pronta primeiro.

— Estou pronta. Juro!

— Vamos descobrir — Ele beijou descendo um caminho pela coluna, dando a todos os nervos atenção igual. Quando

chegou ao fim de sua tatuagem, os arrepios a atormentavam. Ele enrolou uma mão ao redor de sua coxa, abrindo mais as pernas. Deslizou a outra mão ao redor de seus quadris... e entre suas pernas, onde brincou com ela, circulando onde mais precisava dele. Ela balançou os quadris, procurando seu eixo. — Hmm. Acho que você está certa.

— Preciso ser preenchida — ela disse com um gemido. — Por favor, Lazario. Agora.

— Uma súplica e um comando, tudo em um. — A risada suave dele soprou sua respiração na nuca dela, fazendo-lhe cócegas. — Quer meus dedos? — Ele enfiou um e tirou, e ela ofegou... então colocou um segundo, esticando-a, deleitando-a. Dentro, fora. Dentro... fora. O calcanhar de sua palma pressionou contra seu núcleo, levando sua necessidade mais alto... ainda mais alto.

A respiração dela estava vindo mais rápido agora, tão rápido que ela mal podia falar, mas ainda assim conseguiu dizer:

— Quero... você... todo você. Por favor — repetiu ela.

— Então você terá tudo de mim, minha Cami — Lazarus colocou a ponta de sua ereção na entrada dela e mergulhou dentro. Ele a esticou. Encheu. Marcou-a.

Possuiu-a.

Nunca mais será o mesmo. As costas dela arquearam, suas unhas cortando o chão da caverna e ela gritou seu nome.

— Mais forte e rápido.

Lazarus desencadeou toda a força de sua paixão. Bateu dentro e fora dela sem nenhum pinga de gentileza, lançando-a

numa grande e poderosa tempestade. O prazer saturava os ossos... doce... tão potente como uma droga, indo direto para sua cabeça.

Ele pressionou seu peito contra as costas dela e lambeu a concha de sua orelha. Seu ritmo não diminuiu, a força que usou nunca aliviando. Demais. Insuficiente.

— Meu Lazario — Perdida em abandono, ela cantava seu nome agora. Em seu tom, ela não ouvia tristeza. Nem arrependimento ou tristeza. Ouvia maravilha, e seu corpo inteiro sacudiu em resposta; ele bateu nela mais forte, mais rápido, dentro e fora. Ela estava quase lá...

— Tão perto.

Ele apertou sua mão em torno de seus joelhos para afastar as pernas ainda mais, ao mesmo tempo pressionando a cabeça para frente, fazendo com que voltasse a se arquear, concedendo-lhe outra polegada dentro dela, batendo nela onde mais precisava dele. Ela gritou de felicidade, em agonia, suas paredes internas apertando e soltando sobre ele exigindo uma recompensa. Uma recompensa que ele deu livremente.

Quando a satisfação a atravessou, Lazarus rugiu. Um som gutural e animal que ecoou através da caverna muito depois que desabou sobre ela, tremores ainda trabalhando em ambos os corpos.

* * *

Quando Lazarus dormiu, Cameo permaneceu acorrentada ao seu lado, tocando a maçã-Caixa de Pandora.

Logo o sol se elevaria. Hoje desapareceria e amanhã estaria aqui.

Sua vida com Lazarus terminaria.

Sua *vida* acabaria, pronto.

O que aconteceria se tocasse a caixa-maçã? Tinha que saber.

Se morresse dessa maneira, ela morreria, o fim chegando mais cedo do que esperava. Lazarus poderia avisar seus amigos. E viveria. Ele viveria.

Não se dando tempo pra pensar ou se preocupar, colocou a ponta dos dedos sob o invólucro de couro propositalmente. Num instante, calor ardente a atravessou e ela grunhiu.

O que não aconteceu? Morte. Miséria permaneceu à margem, escondido no fundo da mente. Suprimido com mais força? Talvez até mesmo ferido?

Lazarus se mexeu contra ela, e ela ficou quieta. Somente quando ele tornou a se acomodar, sua respiração calma, ela começou a respirar novamente. Seu braço forte estava sobre ela, sua mão segurando seu peito como se não pudesse suportar cortar sua conexão.

Uma necessidade feroz que ela entendia.

Lágrimas queimaram atrás de seus olhos, e um nó de dor cresceu em sua garganta. A barreira ao redor de seu coração ameaçou quebrar finalmente. *Ainda não, só um pouco mais.* Tristeza bateu e a atacou. Como poderia prosseguir com seu plano da memória? Como poderia se separar de sua única fonte de felicidade?

Facilmente. Para salvar a vida de Lazarus.

Ele mataria Hera. Cameo não o impediria. Ela morreria de alguma forma, livre de Miséria, não mais uma ameaça para a vida de Lazarus.

Vencer-vencer.

Lazarus... rei... borboletas.

As palavras que Keeley falou com Torin encheram sua mente. Talvez Lazarus tenha razão. Talvez as borboletas representassem a esperança. Sem Cameo e sua borboleta, ele prosperaria.

As lágrimas transbordaram escorrendo pelo seu rosto, queimando a pele. Durante tanto tempo sua memória foi tudo para ela. Apreciou o que manteve e lamentou o que perdeu. Encontrar Lazarus — amar Lazarus — tornaram suas lembranças ainda mais preciosas para ela.

Cada sorriso dele. O jeito que a provocava. Cada toque seu. A forma como seus músculos ondulavam quando se movia. Cada um dos seus beijos. Seu gosto, embriagando seus sentidos. Cada reivindicação sua. O jeito que olhava para ela, luxúria e carinho em seus olhos escuros.

Não posso viver sem as memórias.

Não precisa.

Sim, precisava. Por ele.

Com as mãos tremendo, Cameo tirou o colar e colocou suavemente a corrente em volta do pescoço de Lazarus. Miséria não podia limpar sua memória enquanto usasse a caixa.

O demônio surgiu na frente e no centro, puto pra cacete e determinado a arruinar qualquer felicidade que tivesse conseguido em sua ausência.

Tarde demais.

— Leve minha lembrança dele — ela sussurrou.

Parte dela esperava que ele recusasse. Por mais miserável que ela estivesse, por mais miserável que ela continuaria a estar, sua tristeza certamente o fortaleceria durante os séculos vindouros. Mas ele devia saber muito bem quanto o quão profundamente a perda de sua memória a devastaria. A reação de Lazarus acabaria com ela, porque ela saberia, lá no fundo, que sua mente tinha sido violada, algo precioso tirado dela.

Com uma risada cheia de alegria, Miséria meteu suas garras em seus arquivos mentais, cortando os momentos mais amados de sua vida. Ela se encolheu, a dor aguda e garantida.

Necessária.

Cameo virou a cabeça para olhar para Lazarus, para despedir-se uma última vez. Para...

Ela franziu a testa. Um homem nu estava deitado ao lado dela; marcado por músculos e fortemente tatuado. Linhas grossas esticadas em seus braços, peito e pernas como se suas veias estivessem cheias de brilho. Ele era lindo. Magnético. Perigoso?

Com o coração acelerado, ela cambaleou pra longe. O demônio levou suas memórias novamente, não foi?

Desgraçado! Ela levantou suas mãos para golpear os punhos em suas têmporas, talvez agitando o demônio.

Seu companheiro de cama piscou abrindo os olhos—olhos escuros, emoldurados por cílios incrivelmente longos. Era mais do que lindo. Era robusto e forte, e ela se perguntou

se tinha caído por sua aparência. Porque uau. Mas... ela odiava sexo. E se ele a forçou?

— Raio de Sol? — Ele estendeu a mão para ela. — Volte para a cama, amor.

Ela tropeçou para trás, ampliando a distância entre eles.

Amor. Ele a chamou de seu *amor*. Não a tinha forçado. Ele a namorava. Provavelmente a fez feliz e o demônio decidiu atacar.

Não podia viver assim.

— Quem é você? — Ela sussurrou.

* * *

Lazarus se vestiu e armou enquanto Cameo fazia o mesmo, com o cuidado de mantê-lo dentro de sua periferia. Ela permaneceu o mais longe possível dele. Apenas horas antes, ela tinha prometido amá-lo para sempre. A Caixa de Pandora agora pendia ao redor de seu pescoço; ela devolveu sua prezada posse, tinha se esquecido disso — esqueceu-se dele. Ela desejou voluntariamente que Miséria limpasse sua mente.

Por que diabos?

Desejou poder odiá-la por isso, mas se apaixonou ainda mais por ela. Ninguém jamais o colocou em primeiro lugar. Até ela. Sempre ela.

Ainda estava furioso por dentro. Com um ato, ela destruiu o coração que confiou a ela. Ele queria sua Cameo de volta. Seu Raio de Sol. Sentiu como se ela tivesse morrido hoje, junto

com seus sonhos. Os restos mortais estavam aqui, dentro de uma caverna que se tornou uma sepultura.

— Sou seu homem — acredite em mim. Lembre. Você me ama e eu amo você.

Perante sua declaração, os olhos dela se arregalaram como pratos. Sua mente permaneceu aberta para ele, o escudo baixo. Ela podia ver o tormento gravado em cada linha de seu rosto, sentia que era genuíno e odiava que tivesse magoado o homem que provavelmente lhe mostrou o significado da felicidade. Provavelmente. Ele tinha!

— Onde estamos? — Perguntou ela.

— Em nenhum lugar importante. — Ele rangeu os dentes enquanto se aproximava dela. A cada passo, a dor ricocheteava através dele. Os cristais engrossaram e se espalharam bem perto de seu coração. Seu fim se aproximava.

Cameo recuou. Um músculo saltou debaixo de seus olhos, mas continuou movendo-se em direção a ela mesmo assim. Quando a pressionou contra uma parede de pedra, lutou contra o desejo de beijá-la — não suportaria a rejeição após sua completa rendição — e tirou a corrente para passá-la por cima da cabeça dela.

— Isto é seu. — Ele estabeleceu a caixa entre seus seios, esperando que a ação familiar estimulasse um flash de seu passado.

Ela piscou com surpresa e alívio, sua cabeça de repente sua. A paz e a quietude reinavam.

— O demônio... — Ela pressionou os lábios juntos.

Ele leu seus pensamentos, sabia que temia sua reação ao descobrir a verdade sobre seu mal.

— Sei tudo sobre ele. — Sua voz estalou como um chicote. Ele se ressentiu da necessidade de explicar. — Quando usa o pingente, seu poder suprime o demônio. Quando está perto do pingente, seu poder machuca o demônio, mas isso não é forte o suficiente para suprimi-lo.

Sua língua saiu para deslizar sobre o lábio inferior. Antes que ela o destruísse, ele teria se inclinado para capturar sua língua com a dele. Se a beijasse agora, ela o morderia.

— O que há de tão especial sobre o pingente? — Perguntou.

— Somente tudo. — A frustração e raiva enfureciam-se dentro dele. Queria sua Cameo de volta. Aquela que derretia quando olhava para ele. Que beijava com paixão e admiração. Quem se agarrava a ele. Aquela que o amava.

Aquela que ele não podia viver sem.

O demônio limpou sua mente. Com permissão ou não, o demônio pagaria.

Lazarus pressionou sua testa contra Cameo. Embora ela tenha ficado rígida, permitiu que o contato continuasse sem protestar. Ele respirou seu cheiro. Rosas, bergamota e neroli.

Ele não chorou quando sua mãe morreu, seu corpo em pedaços aos seus pés. Não chorou quando Juliette cortou suas mãos ou testículo. Não chorou quando foi decapitado e enviado aos reinos espirituais, seu futuro alterado para sempre.

Sempre considerou as lágrimas uma fraqueza.

Aqui, agora, as lágrimas fluíram sem controle por cada bochecha. Tinha perdido algo precioso hoje.

Talvez a perda da memória dela tenha sido o melhor?

Embora o pensamento o deixasse com raiva, não podia negar sua veracidade. Desta forma, quando Lazarus lhe dissesse adeus, quando acabasse encerrado em pedra pela eternidade, ela não choraria, quebrando-o. Ela não sentiria nada. Poderia viver sua vida sem arrependimentos.

Ele faria qualquer coisa para salvá-la de um momento de dor.

— Vamos levá-la para casa — ele disse com voz rouca. — Há coisas que você e seus amigos precisam saber. — Esqueça Hera. Esqueça a vingança.

O ódio deixou de importar. A vida não era sobre quem ele matava, mas sobre quem amava.

Boom!

Uma explosão acima da caverna abalou as paredes. Pedacos de rocha rolaram do teto. Poeira pairou no ar.

Não podia desmoronar agora. Devo levar Cameo para a segurança.

Cameo estendeu a mão para se segurar na parede.

Ele se afastou dela *sem* beijá-la ou gritar obscenidades. A coisa mais difícil que já tinha feito. Apesar da dor que aumentava a cada movimento que fazia, pegou a mochila.

— Não podemos ficar aqui. — Ele não podia deixá-la para trás enquanto explorava a área por um portal. Ela não tinha ideia de quantos perigos os cercavam. — Fique diretamente atrás de mim.

— Espere — ela chamou enquanto ele marchava para a entrada estreita.

Ele ficou parado, ousando ter esperança que ela tivesse lembrado de alguma coisa a respeito dele.

— Nunca me disse seu nome.

Os fragmentos de seu coração murcharam.

— Sou Lazarus, conhecido por todos como o homem de Cameo.



CAPÍTULO 29

“Quando tudo der errado, regozije-se.

Alguma coisa agora deve dar certo”.

— Como dar orgasmos surpreendentes

— Como os rapazes se tornam homens

O espelho de Siobhan pendia nos aposentos privados de Hades. A cama tinha um painel de 1,83m de altura na plataforma, e ele a colocou no centro, dando a ela uma visão direta de seu colchão enquanto ele descansava contra um monte de travesseiros.

Ela bateu na parede da sua prisão até a carne ser arrancada de suas mãos. Gritou até sua garganta se tornar tão crua quanto carne moída, e a respiração tornou-se um ato de pura tortura. Hades simplesmente a espreitava, esperando que ela quebrasse a superfície do espelho e mostrasse diferentes possíveis futuros.

O derradeiro concurso de encarar. Quem se curvaria primeiro?

Bem, não havia motivo para se engajar. Não havia motivo para ajudá-lo. Ela examinou seu novo ambiente. O quarto espaçoso era cheio de veludos finos, móveis antigos e artefatos místicos. Um buquê de rosas vermelhas decorava a mesa de cabeceira. Uma espada azul brilhante descansava na cômoda. Um quadro pintado de uma mulher de cabelos cor de rosa pendia sobre a cabeceira da cama — Keeley, a Rainha Vermelha. Uma vez noiva de Hades.

Por que ele tinha um retrato de sua ex-noiva? Ele ainda a amava?

Siobhan odiava a mulher principal. Amar um homem como Hades a tornava uma tola.

— Posso fazer isso o dia todo — disse Hades, sua voz um ronronar sedoso. Ele parecia cada centímetro de macho mimado. Uma tigela feita de vidro de dragão incandescente descansava ao lado dele transbordando de uvas. Ele jogou uma fruta em sua boca e mastigou, o movimento de sua mandíbula de alguma forma sensual, até mesmo indecente. — Me dê o que quero. Mostre-me quem ganha a guerra e como a vitória é alcançada.

Ele queria uma vantagem sobre o inimigo. Ela queria mostrar a ele uma perda devastadora.

Estratégia. Liderança. Golpeie.

Ela tinha que prosseguir com cautela. Feri-lo sob o pretexto de ajudá-lo significava se machucar. Se trouxesse sua morte, sem encontrar seu verdadeiro amor, acrescentaria tempo a sua sentença. Se o ajudasse agora talvez pudesse finalmente ganhar sua liberdade.

Ajude agora, machuque mais tarde.

Decisão tomada.

Ela ajudaria. O primeiro problema surgiu. Siobhan não podia ver o futuro de Hades. *Porque não escapar e o forçar a ocupar meu lugar?* Dedos cruzados!

Conforme o espelho ondulava e se separava, Hades saltava se endireitando, sua fruta esquecida. Com nenhum outro recurso, revelou os mesmos futuros que tinha mostrado à Cameo. Desta vez, no entanto, a visão de Siobhan se lançou ainda mais longe no futuro. Ela viu o que aconteceria se Lazarus matasse Hera e estremeceu.

Demônios. Tantos demônios.

Em uma volta de trezentos e sessenta graus estranha e emaranhada, o passado começou a se misturar com o futuro. Há muito tempo, a ex-rainha dos gregos fez um acordo com Lúcifer o Destruidor. Ajudou-o a capturar a Estrela da Manhã, e Lúcifer faria o que Hera não pôde. Puniria o marido dela, Zeus. Ela concordou com seus termos e esgueirou furtivamente mil demônios dos reinos do inferno... escondendo-os dentro de seu próprio corpo. Planejava lançar os demônios na Terra, onde a Estrela da Manhã vagava, para que pudessem caçar o ser. Mas os demônios não quiseram deixá-la. Gostaram da sua nova casa. Gostaram de enlouquecê-la. Estavam vinculados a ela.

Num raro momento de lucidez, ela criou uma caixa feita a partir dos ossos de sua amiga, a deusa da Opressão. Hera usou a caixa para extrair um quarto dos demônios de dentro dela, sem perceber que a caixa tinha capacidade limitada.

Sorte dela. O processo de remoção quase a matou. Mas quando estava deitada morrendo, de alguma forma encontrou uma maneira de se salvar...

Novamente, Siobhan não conseguiu ver como.

Como a Estrela da Manhã ficou presa dentro da caixa? Siobhan não conseguiu ver. Também não pode ver como Hera se salvou. Muitas pontas soltas entre passado e futuro...

Passado: Lúcifer traiu Hera e disse a Zeus o que sua esposa tinha planejado. Ele ofereceu ao semideus o mundo em troca da caixa.

Zeus roubou a caixa, mas ao invés de entregá-la ao Destruidor, colocou-a nas mãos de uma mulher que Hera não mataria, graças à sua moral distorcida e uma mulher que Lúcifer não poderia tentar. A leal Pandora. Então os Senhores do Submundo roubaram e abriram a caixa.

No caos que se seguiu, Hera recuperou a caixa e sumiu. Desde que tinha sido esvaziada, conseguiu remover outro quarto dos demônios remanescentes que a possuíam, deixando-a com apenas metade dos invasores demoníacos. Isso significava que quinhentos permaneciam dentro dela, e duzentos e cinquenta ainda enchiam a caixa. Quanto à Estrela da Manhã? Ninguém sabia se o ser tinha escapado ou permanecia dentro. Nem mesmo Hera.

Presente: se Lazarus matasse Hera, como previa uma das visões de Siobhan, os demônios de Hera seriam soltos num mundo mal preparado. Os demônios estariam enlouquecidos, livres para causar estragos em inocentes.

Lazarus, Cameo e até mesmo Hera tomaram decisões que acabavam num resultado definido. De uma maneira ou de outra, Lazarus enfrentaria seu inimigo, e iria encará-la hoje.

Um Hades pálido saltou da cama.

— William! — Ele gritou. Seu filho saiu horas atrás para procurar Gillian, uma mulher que esperava roubar de seu marido.

— Volte pra mim. Agora. Haverá problemas.

* * *

As últimas palavras de Lazarus tocaram dentro da mente de Cameo repetidamente. *Lazarus, conhecido por todos como o homem de Cameo*. Ele quis dizer o que disse. O jeito que a olhava sem nenhuma tentativa de disfarçar o fogo, a luxúria e a saudade em seus olhos. Ela estremeceu. Na maior parte, porém, ele a olhava com traição.

Seus ombros caíram. Ela magoou seu homem. Muito mesmo.

Quando deixaram a caverna, ele não olhou pra ela e não precisava adivinhar o porquê. Seus olhos o consideravam o estranho que ele tinha se tornado, e cada olhar lhe lembrava o que ele tinha perdido. O que podiam ter compartilhado. Ele devia sentir como uma facada nas entranhas.

Ela fez isso!

Como ele a convenceu a dormir com ele? Ele tinha gostado? Cameo gozou?

Não precisava se perguntar. Sim. Sim, ela tinha. A satisfação ainda cantava em suas veias, uma vibração suave em seus ossos.

Seu primeiro orgasmo e não conseguia se lembrar. Como detestava Miséria! Ele tomou algo precioso dela. Sempre tirava dela.

Não havia como escapar dele. Exceto pela morte.

Quando a floresta se abriu revelando um banco de musgo, um rio fluindo e uma ampla escadaria de mármore que levava sobre a água, Lazarus parou. A cada milha que ganharam, seu ritmo diminuía um pouco mais e seus passos se tornavam muito mais trabalhosos. Ele devia ter se machucado, mas quando o questionou sobre possíveis feridas, ele disse:

— Quer saber o que há de errado comigo? Lembre-se.

— Eu não posso — ela estalou. — O demônio...

— Ele não pode tomar suas memórias sem sua permissão.

A reivindicação ainda chacoalhava em sua cabeça.

Lazarus, conhecido por todos como o homem de Cameo.

Sem sua permissão.

Lazarus. Permissão.

Uma mentira, com certeza. Por que ela algum dia concederia permissão? Não havia razão grande o suficiente.

E ainda assim, uma suspeita terrível a atingiu. Se não pudesse se lembrar dos motivos que permitiu que Miséria limpasse uma parte seleta de seu passado, estaria destinada a

repetir os mesmos erros, certo? Não era *essa* a verdadeira definição de miséria?

— O portal que a levará para casa está perto — disse Lazarus. Ele apertou um punhal em cada mão enquanto examinava procurando armadilhas.

Claramente de guarda, ele começou a subir os degraus, aproximando-se da entrada de um templo.

Cameo ficou perto de seus calcanhares.

— Como sabe?

Ela notou que ele nunca se encolhia quando falava, e isso a emocionava a cada vez.

— Portais irradiam certo tipo de poder. Já estive perto deles para perceber — o tom formal que usou a desconcertou.

Ela sentiu falta do calor que ele tinha se expressado na caverna. Talvez *ele* precisasse de uma lembrança do passado deles.

— Você disse... que você me ama? — As palavras eram mais uma pergunta que uma declaração. Como alguém poderia amá-la? — O que o fez se apaixonar por alguém como eu?

Debaixo da camisa, os músculos das costas retesaram.

— Quer dizer alguém forte e corajosa? Alguém que não cede ao medo, mas o supera? Alguém que é uma arma tanto quanto as espadas que cria? Alguém tão solitária quanto eu fui, que sonha com um feliz para sempre? Alguém que sorri para mim e só pra mim? Alguém que me fortalece com apenas um olhar? Alguém que nunca colocou uma condição em seus sentimentos por mim, que me ama e quer o melhor para mim?

Ela respirou fundo. Ele lançou essa última para ela como se as palavras fossem bombas para detonar.

— Por que eu me apaixonaria por alguém assim? — Ele perguntou suavemente.

Seu coração acelerou. O que ele disse a ela...

— Alguém que inspira tristeza.

— Você não inspirava tristeza em mim... até hoje.

* * *

Lazarus caiu em silêncio. Se continuasse a falar ficaria com raiva. O controle era desgastante. Enquanto conduzia Cameo através da floresta ignorando diferentes armadilhas e predadores, seu humor apenas escureceu. *Quero o que é meu!* Ou seja, seu carinho. Ela se tornou a melhor amiga que já teve. Alguém que Lazarus confiava com todos os aspectos de sua vida.

Ela se tornou sua família.

Mas não restava muito tempo. Cada passo se tornava um exercício de agonia.

Mande Cameo para casa em segurança. Diga adeus. Será que ela o beijaria uma última vez? Ou ele passaria o resto da eternidade se lembrando de seu olhar vazio?

Ele arrastou um passo, depois outro. Apesar de todas as dificuldades que já sofreram na floresta, Lazarus suspeitava que Hera tivesse guardado a pior armadilha para o templo. Um meio de proteger o portal. Exceto que ele chegou ao topo sem um único incidente.

O templo em si estava vazio. Sem móveis, nem portal também. Nenhum pulso de poder. Nenhum sinal de Hera ou seu pai. A única indicação de que alguém já esteve aqui era uma mancha cor de ferrugem debaixo de uma enorme teia de aranha no chão de mármore.

Uma chama de raiva escapou de sua contenção e ele bateu um punho numa coluna de alabastro. Como ele era suposto levar Cameo para a casa de sua família? Ele prometeu. Não podia falhar com ela!

— Lazarus?

E ele não podia se forçar a olhar nesses olhos de prata líquidos novamente.

— O quê? — Ele rosnou, olhando o chão entre eles.

— Há um leopardo de pelúcia preso na sua mochila. Isso não estava aí antes. Ou se estava não percebi.

Rathbone! Lazarus puxou a mochila pra frente e com certeza o brinquedo sorriu para ele. Não importa quantas vezes Lazarus tinha jogado a mais nova encarnação do guerreiro em algum lugar da selva — em poços e areia movediça — o soberano imortal voltava.

Com um movimento de seu pulso, Lazarus jogou o bicho de pelúcia pelos degraus do templo.

— Qual seu problema com brinquedos? — Perguntou Cameo. — E por que embalou este se não...

— Quer respostas? Lembre-se — ele soltou num estalo. Então esfregou uma mão sobre o rosto. Nesse ritmo, ele a assustaria, fazendo-a fugir.

Hora de planejar seu próximo movimento. Sentiu o portal da floresta, até mesmo dos degraus. O poder só se intensificou quando subiu. A menos que Hera pudesse lançar ilusões? Quando ela tinha aparecido no *Downfall* ele suspeitou disso.

Ela o enganou do mesmo modo que ele enganou tantos outros?

Cameo percorreu a câmara vazia, passando as pontas dos dedos sobre as colunas.

— De quem é esse templo? — Ela perguntou hesitante, como se não tivesse vontade de irritá-lo novamente.

— Hera, ex-rainha dos gregos. Nunca confie nela. Ela quer te matar.

— Eu? Por quê?

— Muitas razões. — Por que não dizer a ela? Quando a deixasse, ela precisaria permanecer em guarda constante. — Prometi matá-la. Você é minha mulher, a única influência que tem contra mim. E você tem a Caixa de Pandora.

Ela bufou.

— Tá, certo.

— *Nunca* menti para você, amor. Nunca — Sua orelha se contraiu quando um cascalho rolou à distância. Ele tinha as duas adagas em prontidão quando se virou...

Um rodamoinho girava entre ele e Cameo, afastando-os. Qualquer outro dia, ele poderia ter ficado de pé forte contra tal explosão, mas não agora, não assim. Ele voou através da entrada e caiu violentamente vários degraus, seu corpo danificado gritando em protesto.

A adrenalina surgiu, apagando as bordas mais afiadas da dor, permitindo que levantasse e corresse novamente para o templo.

O redemoinho parou na borda mais distante, revelando uma presunçosa e sorridente Hera. Ela prendia uma Cameo surpreendentemente calma numa coluna, a ponta de uma espada presa em seu pescoço.

Terror enrolou suas garras em volta do seu pescoço e apertou. Ele ficou parado, nem sequer ousou respirar, para que não incitasse a deusa a golpear. Isso. Esse medo paralisante, nascido quando um garoto foi forçado a assistir como sua mãe era assassinada, por isso que sempre abominou a fraqueza.

O olhar de Cameo permaneceu constante, a cor em suas bochechas se aprofundando em vez de drenar. Ela estava se preparando para lutar?

— Solte-a — ele ordenou à deusa. Devia proteger Cameo a todo custo! — Ela não fez nada a você.

Hera levantou o queixo.

— Amei sua mãe e, ainda assim, eu a rasguei membro por membro. Farei o mesmo para a guardiã de Miséria sem hesitação.

— Você quer a Caixa de Pandora, e me quer morto para que esteja a salvo da minha ira. — Ela não tinha ideia de como estava perto do objeto de seu desejo, o pingente escondido debaixo da camisa de Cameo e sua ilusão. Finalmente, Lazarus se forçou a se mover, colocando a ponta de uma adaga contra

sua própria garganta. — Nunca terá o primeiro, mas posso te dar o segundo.

Agora Cameo ficou pálida.

— Não! Não faça.

— Quieta! — Hera apertou os olhos e balançou a cabeça. Com a mão livre, bateu na têmpora uma vez, duas vezes, como se fosse para desalojar um pensamento... ou uma voz? Lazarus testemunhou a mesma ação de cada um dos Senhores em algum momento. — Por que quer salvar essa mulher de mim, afinal? Ela é sua fraqueza.

— Errado. Ela é minha maior força.

Hera empalideceu.

— Impossível. Zeus não a criou para ser uma guerreira. Ah não. Não meu marido. Sempre considerou as mulheres uma espécie inferior. Criou ela e Pandora para serem prostitutas, responsáveis por dar prazer aos soldados, abre aspas, fecha aspas, de verdade. Por que você acha que Cameo estava inclinada a namorar dois de seus amigos?

Cameo ficou tensa como se estivesse preparada para atacar.

— Isso não é verdade.

Hera se encolheu.

Lazarus preparou suas feições para não revelar nada além de leve desprezo.

— Errado novamente, deusa. Cameo foi criada para ser minha companheira perfeita.

Os olhos de Hera — aqueles olhos odiosos que refletiam a visão aérea da Terra — estavam cheios de remorso, tristeza... alívio? Ela balançou a cabeça uma segunda vez, gritando:

— Ninguém tem um companheiro perfeito. Homens têm obsessões, pelo menos por um tempo. E vou ter a caixa. Eu devo.

Deve. Por quê?

A resposta não importava, na verdade. Não a entregaria a ela. Nunca. A caixa poderia ser usada para matar Cameo.

— Sou o único que sabe onde está, e com minha ilusão no lugar, nunca vai encontrá-la — disse Lazarus. — Envie Cameo para casa e vamos conversar.

Ela o encarou.

— Seu pai não era tão protetor de sua mãe. Acha que ele sabia o quanto Echidna queria morrer? Como ela me implorou para puni-lo com seu assassinato?

As palavras o abalaram.

— Você mente.

— Não, mas eu mato — Hera pressionou a espada um pouco mais fundo, tirando uma gota de sangue do pulso vulnerável de Cameo. — Me. Dê. A. Caixa.

Os lábios de Cameo se separaram, um som suave deixando-a.

Sua raiva continuou a crescer, escaldando as rédeas de seu controle, logo crescendo num fogo selvagem. Esqueceu os cristais à medida que seus músculos e ossos se expandiam, enquanto as presas rompiam de suas gengivas e as garras se estendiam das pontas dos dedos.

O monstro estava de volta.

Enquanto dava um passo à frente, Hera soltou um grito estridente:

— Não se mexa!

Um rugido animal ecoou por toda a câmara e Lazarus quase sorriu. Rathbone também estava de volta também. O leopardo — não mais um bicho de pelúcia, mas o de verdadeiro — entrou em ação, trancando os dentes ao redor do pulso de Lazarus e depois o jogando do outro lado do lugar. Ele bateu em Hera, derrubando-a, e a espada se soltou de seu aperto.

Cameo correu pelo chão aberto e reclamou a arma.

Lazarus saltou para empurrar sua bota na garganta da deusa, prendendo-a no chão sujo enquanto a imagem de Rathbone se deslocava para a de um homem coberto de couro.

Ele sorriu para Lazarus.

— Ter um amigo é melhor que ter um inimigo. Admita.

— Um amigo de verdade teria ido pelo cara mau em vez de me jogar pela sala — ele respondeu secamente.

Em pânico, Hera lutou contra seu aperto.

— Solte-me!

— Você ameaçou minha mulher. Morre de uma maneira ou de outra neste dia. — Ele olhou para ela. — Como vai ser é sua única escolha. Diga-me onde está meu pai, e vou acabar com você rápido e fácil.

Apesar da irregularidade de suas inalações, ela soltou uma pequena risada.

— Como todos de seu tipo, você é um idiota. Nunca vê o que está bem na sua frente.

O que isso queria dizer? Que Lazarus viu seu pai, mas falhou em reconhecê-lo?

— Também é facilmente distraído — ela disse sorrindo agora, nenhuma pitada de pânico. Sua pele escureceu, girando rapidamente para névoa, até que um pequeno tornado tinha tomado seu lugar.

Ele bateu suas garras nela, pretendendo rasgar sua traqueia fora se alguma parte dela permanecesse dentro do vento, mas ela se afastou e ele cortou o mármore.

O tornado bateu em cheio em Rathbone, lançando-o do outro lado do templo. O guerreiro caiu primeiro de cara no chão. Então o tornado executou uma curva acentuada e bateu em Cameo. Lazarus gritou uma negação enquanto ficava de pé. Esperava que seu Raio de Sol recuasse, mas quanto mais perto os ventos chegavam até ela, mais fracos sopravam.

Algo impedia o poder de Hera. O demônio de Cameo?

Não, a rainha não estava soluçando. A Caixa de Pandora? Não, ela não estava possuída por demônios.

A maneira como ela sacudiu a cabeça...

Estava possuída?

O tornado morreu e Hera apareceu mais uma vez. Cameo estava pronta. Ela plantou um pé na barriga de Hera, usando a deusa como degrau para passar sua outra perna ao redor do pescoço da cadela e derrubá-la. Enquanto caíam, Cameo fez uma manobra para garantir que ela pousasse por cima. Sem pausa, empurrou uma adaga no peito de Hera.

Hera grunhiu com surpresa. Lazarus ficou boquiaberto, impressionado. *Essa é minha mulher.*

O ferimento não mataria a deusa, mas definitivamente a enfraqueceria. O sangue empoçou ao redor dela, e qualquer movimento que ela fazia para se libertar só enviava a lâmina mais fundo.

Recuperando-se rapidamente, Rathbone agachou-se ao lado dela, de forma selvagem estalando os ossos de ambos os braços da deusa. Hera berrou, os gritos claramente não provocavam compaixão em Rathbone enquanto ele fazia o mesmo com as pernas.

— Aí — o rei limpou as mãos num trabalho bem feito. — Ela não vai se mover por algum tempo. Eu me pergunto se quebrar sua mandíbula vai fazer ela se calar? Nunca ouvi sons como os que está fazendo. Parece como um inferno. — Ele esfregou o queixo com dois dedos. — Sim, acho que vou.

Hera se calou.

— Ou não. Boa garota.

Lazarus remexeu nas sacolas e retirou A Haste de Partir, bem como o pedaço de tubo que foi retirado da Gaiola da Compulsão. Suas presas e garras se retraíram, sua adrenalina caindo. Os cristais queimavam, chegando mais perto de seu coração.

Conclua isso. Antes que seja tarde.

— Sabe onde está o portal? — Perguntou a Rathbone.

— Eu sei. — Ele pegou um punhado de terra do chão e jogou-o no lado direito do templo. Não havia parede, apenas uma queda livre de uma milha de comprimento para pousar, e ainda assim os grãos foram apanhados numa grande seção de ar, formando uma entrada.

Finalmente. Alguma coisa funcionava a seu favor.

Seu olhar procurou e encontrou Cameo. Cameo linda.

— Eu te amo. Sempre vou te amar.

— Lazarus. — Tristeza irradiava dela. Ela se estendeu para ele. — Não diga adeus. Ainda não. Vou ficar aqui com você. Nós podemos...

Ele bloqueou o timbre áspero da voz dela e encarou Rathbone.

— Leve-a pra casa dela em segurança — Lazarus ficaria aqui... para sempre. Ele mataria Hera. Observaria enquanto seu cadáver apodreceria, contente em saber que seu espírito entrou no reino dos espíritos. Usaria a Haste de Partir e o tubo para se certificar disso.

Se suas suspeitas estivessem corretas e ela realmente abrigasse um demônio, ela acabaria no reino prisão.

De qualquer maneira, ela morreria.

Quanto a Typhon, Lazarus o teria caçado se tivesse mais dias. Com Hera fora da foto, seu pai seria mais fácil de matar. Mas Lazarus não tinha mais dias, e tinha que se resignar a saber que o bastardo ainda vivia. Saber que Typhon estava preso dentro de uma prisão de cristal suavizava o golpe.

Rathbone pegou Cameo em seus braços e foi para o portal.

— Não estou partindo. — Ela lutou com o guerreiro... lutou sujo e não poupou seus socos, mas ele não a soltou.

Mesmo sem sua memória, queria ajudar Lazarus.

Seu peito queimava enquanto ele perseguia a deusa, fazendo tudo que estava ao seu alcance para mascarar sua dor, com a intenção de acabar com ela de uma vez por todas.

— Não sei por que, mas não consigo atravessar — Rathbone bateu os punhos numa parede invisível.

Estavam presos? Tinha que ser culpa de Hera.

— Derrube a parede — ele ordenou.

Jorrando, arrancou a lâmina de seu peito e apontou a ponta embebida em sua direção. Seu aperto estremeceu, mas ficou claro que seus ossos já começavam a curar. — Me dê... a caixa...

— Isso não é mais uma negociação. Abaixе a parede.

Com um grito estridente, ela se levantou de um pulo e se lançou num pleno ataque. Puxou a espada para ele, mas ele se esquivou. Com dificuldade. Enfraquecido, ele tropeçou. Enquanto cambaleava, ela mudou seu foco, atacando Cameo e Rathbone.

Lazarus rugiu uma negação, mas não precisava ter se incomodado. Rathbone a bloqueou. Cameo puxou uma espada da bainha às suas costas e juntou-se à luta. Ela investiu. Hera a deteve. *Clang. Clang.*

Lazarus saltou no meio, bloqueando o próximo golpe antes de entregar um dos seus. O tubo encontrou o crânio de Hera. Ela foi para o lado, mas não estava fora do combate.

Ela reagiu rapidamente e retomou a luta. Sabia quando abaixar, pular e se esquivar. Sabia quando girar e quando manter sua posição, e o que era pior, provocava mais feridas do que recebia. *Lazarus* era o destinatário da maior parte, seus

reflexos quase completamente nulos. Pelo menos ela estava cansando, seus movimentos diminuindo. Cada vez que respirava, ela sibilava.

Quando Cameo conseguiu dar um golpe maciço em sua barriga, cortando seu estômago, Hera tentou deixar o templo. Qualquer outro dia, em qualquer outro lugar, Lazarus poderia ter riscado ou mergulhado na frente de Hera para detê-la. Hoje só pôde lançar uma ilusão, a habilidade tão forte como sempre, apesar de suas limitações físicas.

Ele conjurou o pior dos piores. A forma monstruosa de Typhon em seu apogeu.

Typhon tinha cabelos e olhos escuros, como Lazarus, e orelhas pontudas em ambas as extremidades, as pontas tão altas e grossas que pareciam chifres. Chamas vermelhas crepitavam nas narinas e boca. Ele tinha um peito largo em forma de barril, com uma imagem da mãe de Lazarus marcada no centro, serpentes ondulando do couro cabeludo dela em vez de cabelos.

Das costas de Typhon saiam três conjuntos de asas. Uma se estendia do topo de seus ombros, outra entre os ombros e a última dos ossos do quadril. As duas primeiras foram projetadas para trás, enquanto a terceira o envolvia, oferecendo proteção para sua barriga e virilha.

Suas pernas eram tão grossas quanto troncos de árvores e cobertas de escamas veiadas com fogo derretido — com um único corte, o fogo se espalharia, queimando todos que entrassem em contato com as brasas. Suas mãos e pés eram garras.

Hera gritou e dardejou para trás.

— Você não pode... não pode estar aqui. Não desse jeito. Sua crisálida...

Crisálida. A palavra chacoalhou no cérebro de Lazarus. Como a crisálida de uma borboleta feita de pupa e seda, não de cristal?

Lazarus... rei... borboletas.

— Ele não é real — disse ela. — Não pode ser real.

A última vez que Hera enfrentou o pai de Lazarus, ele estava enfraquecido, mal capaz de se mover. Na ilusão, estava em plena força. Um homem que ela não poderia esperar melhor.

O fantasma de Typhon respirou fumaça de fogo contra ela, atingindo o chão logo diante dela. As chamas ricochetaram acima, várias pousando nas botas dela. Ela lutou para remover o calçado, mas finalmente conseguiu. Bolhas apareceram em suas mãos.

— O que você estava dizendo? — Lazarus sorriu. — Se Typhon não é real, por que está queimada?

A boca de Hera se abriu e fechou. Se ela tivesse nascido com a capacidade de lançar ilusões, saberia que a mente tinha o poder de infligir a lesão esperada.

Enquanto Rathbone voltava sua atenção para o muro invisível, Cameo concentrava-se na deusa, uma arma na mão, sua testa franzida com confusão enquanto observava o monstro.

Lazarus avançou em direção a Hera e estremeceu. Os cristais — crisálida? Ou talvez uma mistura de ambos no caso

dele? — estavam se espalhando inclusive agora, subindo pelo pescoço, por suas bochechas e tapando os ouvidos. Silêncio total o alcançou. Não ouvia nada, nem um eco. A substância encheu seus pulmões. Respirar se tornou mais difícil.

Ele tinha meros minutos restantes.

Embora quisesse ir para Cameo, para encarar seu rosto requintado enquanto encontrava seu fim, avançou lentamente para Hera. A deusa não tinha lugar para ir. O fogo de Typhon a cercava. Ela estreitou os olhos, ergueu o queixo. Sempre rebelde contra o inevitável.

Mate a ameaça à minha mulher, bem-vindo à eternidade.
Ele balançou.

Um olhar de horror contorceu as feições de Cameo. Ela gritou e pulou na frente de Hera. Não houve tempo para puxar o braço pra trás ou angular a direção da arma. A Haste de Partir perfurou seu peito. Ela ofegou e se sacudiu. Ele rugiu.

Não! O que ela fez? O que *ele* fez?

Ele feriu a mulher que amava. Ele podia tê-la matado...

Não não não.

— Por quê? Por que fez isso? — Ele tentou arrancar a Haste de Partir pra fora dela. A qualquer momento, o artefato sugaria o espírito dela através de um portal... mas a ponta da arma permanecia presa no esterno. Para removê-la, teria que remover toda a caixa torácica. Seus pulmões entrariam em colapso e seu coração já danificado iria parar.

As lesões iriam fazer ela entrar em agonia, mas curariam.

Primeiro... ele empurrou o tubo sobre a Haste, embainhando-a.

— Viva para sempre — ele ordenou. — Exijo que o demônio a deixe. Exijo que seu espírito permaneça dentro de seu corpo. Você me ouviu? Eu possuo o tubo e, portanto, a compulsão. Isso foi um presente. Exijo que você viva. Me obedeça!

Sangue derramava dos cantos de sua boca enquanto ela tentava falar.

Ela ainda estava morrendo.

Não! Ele deu um último puxão, a Haste de Partir finalmente saindo livre. Levou apenas metade da sua caixa torácica com ela. Apenas um revestimento de prata. Suas costas se curvaram quando as pernas e o peito entraram em colapso. Ela soltou outro grito agudo quando os joelhos dobraram, e ele jogou os artefatos de lado. Debaixo de sua pele, veios de preto apareceram, tentáculos parecendo se contorcer dentro deles. O corpo dela inteiro estava tenso.

O demônio a estava deixando?

O preto logo se transformou em cinza, e cinza em azul, até que o tracejado de veias debaixo de sua pele parecia normal, saudável. Então uma névoa negra subiu de sua camisa, não de sua camisa, mas do pingente debaixo da camisa.

Sim! Seu demônio.

A névoa pairou sobre ela, olhos de néon brilhando de dentro. Aqueles olhos se fixaram em Lazarus. Presas se lançaram pra ele antes que a névoa saísse do templo, sem som da parede invisível.

Sua Cami sobreviveu?

Lazarus se deixou cair de joelhos, sabia que ficaria congelado nesta posição humilhante pelo resto de sua vida, mas não se importava. Tinha que tocar Cameo, tinha que descobrir seu destino. Tremendo, alisou a ponta dos dedos sobre a suavidade de sua bochecha.

A cor saudável desapareceu, deixando giz branco. Ela ofegou e sibilou. Mas não tinha entrado no reino do espírito. Por quê?

— Ele se... foi — disse ela. — Miséria... desapareceu... limpa... felicidade... lembro...

Ela lembrava... de Lazarus?

Ele queria gritar de alegria. Queria soluçar. O que aconteceria a seguir? Ela não podia morrer. Não podia!

— Minha maçã! — Hera, que estava do outro lado de Cameo, estendeu a mão para o pendente.

Rathbone pegou seu pulso e lutou com ela para afastá-la. Deixando Lazarus com seu adeus.

Não! De jeito nenhum. Este não seria o fim de Cameo. Somente o dele.

— Por quê? — Ele exigiu.

— Ela estava... prestes a... esfaquear você...

Hera lançou uma ilusão então. E Cameo pensou que o estava salvando. Ele, um homem que nem sequer se lembrava naquele momento.

Como poderia deixá-la ir?

Lazarus... rei... borboletas.

As borboletas sempre foram atraídas por ele. Por quê? Por que eram atraídas? Ele... ele poderia ser...

Lagartas se transformavam em borboletas quando entravam numa crisálida.

Hydra, sua antepassada, não podia ser morta. Typhon não podia ser morto. Crisálida... Como espírito, Lazarus passou por um portal destinado aos mortais. Por causa da crisálida ou form ação da crisálida. Porque isso tinha feito seu corpo físico mudar... pararegenerar?

Porque isso o fortalecia e não o enfraquecia?

Crisálida... A borboleta não conseguia sair sem lutar. Ele poderia lutar? Seria mais forte se... quando emergisse?

Seu pai não tinha lutado para sair de sua crisálida. Mas então, seu pai odiava sua povoação. Ele não tinha motivos para lutar. Lazarus amava seu Raio de Sol. E o amor superava o ódio sempre.

Lazarus... rei... borboletas.

E se pudesse ajudar Cameo com a pupa?

E se ele a condenasse?

Não havia tempo para debater. A respiração dela estava vindo mais rápida agora, estava ficando mais irregular. Nenhum deles tinha qualquer outra opção. Hera parecia se fortalecer, a cor voltando para suas bochechas. Ao mesmo tempo, a ilusão de Typhon começou a desaparecer, assim como a ilusão em torno da maçã desapareceu.

Com um grunhido, Lazarus usou suas últimas forças para desembainhar uma adaga e cortar o pulso. Colocou a ferida sobre Cameo, deixando sua pupa e sangue penetrar nela.

Seu olhar permaneceu trancado nela — nenhum movimento, nenhum pulso — enquanto a pupa continuava a crescer e se espalhar por ele... não! Ainda não! Tinha que saber se ela sobreviveu. Tinha que vê-la sorrir uma última vez. Mas a substância esfaqueou seus olhos, cegando-o... então finalmente entrou nas câmaras de seu coração, deixando-o consciente do mundo, mas completamente incapacitado.



CAPÍTULO 30

*“Cada fim anuncia um novo começo.
Nunca desperdice o seu.”*

— Como rapazes se tornam homens

— A Promessa mais sombria

Legenda: A História de Lazarus e sua Cameo

Memórias inundam Cameo, tomando-a completamente. Ela viveu dentro dessas memórias, o resto do mundo esquecido. Lembrou de cada vez ela que alguma vez sorriu ou riu.

Da vez quando Torin disse a ela:

— Se Doença espalhasse Ebola em vez do temido homem-de-gelo, as pessoas teriam uma chance de sobrevivência!

Quando Maddox disse:

— Você bate como uma vadia. Se vadias batessem como carretas Mack.

Quando Kane falou provocantemente:

— O fato que Miséria e Desastre não podem fazer um relacionamento funcionar? Um dos maiores mistérios da vida.

Lembrou-se das vezes em que se sentiu valorizada. Quando Sabin e Strider trouxeram as cabeças de seus torturadores. Quando Amun tomou uma bala por ela. Quando Lucien, Gideon e Reyes fizeram uma refeição de Ação de Graças só porque mencionou querer passar férias como uma pessoa normal. Quando Paris e Aeron apareceram num bar imortal depois de concordar com um encontro com um *shifter* para uma “noite de diversão que nunca esquecerá”. O shifter fugiu depois de apenas dez minutos em sua companhia, mas seus rapazes ficaram pra trás para dançar com ela. E mais tarde chutaram a bunda do shifter, é claro.

Aqueles guerreiros a amaram sem exceção. E mesmo assim permitiu que Miséria limpasse sua mente a cada instância. Repetidamente, ele se aproveitou do medo dela de saber — e perder — a verdadeira felicidade. Ele a enganou. Na verdade, ela se enganou. Não se permitiu acreditar que coisas boas podiam acontecer com ela. Esperava o pior, e tinha conseguido.

Tinha criado sua própria miséria. Tinha dado boas-vindas a sua própria destruição. Lançou suas próprias ilusões emocionais, acreditando nelas até se tornarem realidade.

Pior de tudo, desistiu de suas lembranças de Lazarus porque não acreditava que um feliz para sempre era possível.

Lazarus! Ele brincou na lama com ela. Provocou-a e a protegeu. Deu-lhe orgasmo após orgasmo, abraçou-a e a amou quando ela não era amada.

Ele... apunhalou-a.

Sim. Sim, ele o fez. Mas só porque Cameo saltou entre ele e Hera. Hera, que quase o esfaqueou.

Embora Cameo não tivesse memória de Lazarus na época, permaneceu altamente sintonizada com ele, consciente de todos os seus movimentos. O corpo dela doía como se estivesse lembrando seu toque e só querendo mais. O desejo de ficar com ele a atormentava. Ele parecia estar com grande dor a cada movimento que fazia, mas mesmo assim, tinha continuado movendo-se pelo templo e lutado contra a deusa. Cameo queria desesperadamente aliviá-lo, ajudá-lo e protegê-lo.

Se tivesse conservado sua memória, teria desejado as mesmas coisas, apenas num nível muito mais intenso.

Ah sim. Ela tinha criado sua própria miséria.

Agora Lazarus estava... ela franziu a testa. Onde ele estava? A última coisa que se lembrava era que ele estava agachado ao lado dela. Ele tinha cortado o pulso e...

Ele cortou o pulso! Seu estômago se torceu em mil nós. Ele cortou o pulso enquanto os cristais cresciam sobre sua carne, não mais se contentando em ficar debaixo da superfície de sua pele.

E se estivesse morto? E se *ela* estava morta e ele vivia preso? E se...

Não. Nada mais de pensamentos depressivos e sem qualquer brilho de esperança. Seja qual for as circunstâncias, haveria uma solução.

—... que diabos aconteceu?

A voz cortou sua consciência. Hades. Ela tinha viajado para o submundo?

— Hera pode sugar habilidades. Roubou de Typhon e depois de Lazarus e usou seu poder para lançar uma ilusão — a voz de Rathbone agora. — Fez Cameo pensar que Lazarus estava prestes a receber um golpe.

Outra ilusão. Bem, Cameo não conseguia se arrepender de suas ações. A Haste de Partir fez como o próprio nome implicava, separando o demônio de seu espírito. O corte foi limpo, e a ferida espiritual cauterizada por Lazarus. Por seu amor por ele, e seu amor por ela. Entretanto, Miséria não entrou na caixa. A caixa tentou sugá-la para dentro — sentiram sua atração, mas o demônio encontrou um bloqueio e foi rejeitada.

Agora ele percorria o reino de Hera. A menos que tivesse encontrado uma saída?

— Onde está Hera agora? — William o Sempre Excitado exigiu.

— Ela escapou com sua chegada — Rathbone disse puto.

— Então ela vive. — Alívio vibrou de Hades. — Ela é possuída por centenas de demônios. No momento em que morrer, eles serão liberados. Devemos prosseguir com cautela ou Lúcifer usará ela e seus demônios em sua vantagem.

Chega de falar sobre Hera. Conte-me sobre Lazarus!

Ele deu a Cameo um pouco de seu sangue. Seu corpo começou a curar. Ela lhe devia sua vida.

Cameo atravessou a lama de seus pensamentos. A consciência acenou... ela lutou mais um pouco... ali!

Com um ofego, ela se sentou e piscou. Seu olhar encontrou o homem que amava, e o alarme a engasgou. Ele estava agachado ao lado dela, a mão estendida. Pupa misturada com cristais o cobriam da cabeça aos pés, moldando o corpo. Duas borboletas estavam empoleiradas em sua cabeça.

— Lazarus — ela se ajoelhou e acariciou sua bochecha.
— Estou viva, não morta. Volte para mim. Por favor.

Nenhuma reação. Debaixo dos cristais brilhantes podia ver o esboço de seu belo rosto. Seus olhos olhavam para o nada. Seu peito não subia ou descia com a respiração.

Inaceitável!

Uma mão forte e reconfortante apertou seu ombro.

— Desculpe, doçura. Vamos levar você pra casa.

— Não — ela empurrou William. Podia sentir a atração da verdadeira felicidade pela primeira vez em séculos, mas um sofrimento familiar tentou trancá-la numa armadilha de urso, apertando espinhos de metal ao redor de seu coração. Novamente inaceitável. — Não vou embora sem Lazarus.

Ela cortaria e faria picadinho do túmulo de cristal até chegar até ele!

— Escute-a — Rathbone esfregou seu maxilar se curando. Cameo acidentalmente o quebrou enquanto lutava para escapar. — Ela fala sério.

— Lazarus... ou o que resta dele... pode ir conosco — disse William. Pena cobria cada palavra.

— Sim — ela disse e assentiu. — Sim. — Seus amigos a ajudariam. — Leve-nos para casa.

* * *

Os dias se passaram. Lazarus estava preso dentro da crisálida e Cameo permanecia próxima, deixando seu quarto apenas uma vez. Ela deu a Torin a maçã para ele guardar.

— Eu preciso de você, Lazarus — ela andou de um lado pro outro diante dele. — Venha pra mim.

A primeira vez que pegou uma picareta de gelo com a intenção de soltar Lazarus, Keeley entrou no quarto, gritando:

— Não se atreva! Corte uma borboleta da crisálida dele e ele será enfraquecido. Faça-o trabalhar para isso, e ele será mais forte.

Exatamente o que Lazarus disse uma vez.

— Ele não é uma borboleta — ela retrucou. Mas fez uma pausa, sua mente correndo. As borboletas encheram a fortaleza desde seu retorno. Estavam empoleiradas em Lazarus, algumas vezes até o cobriam completamente.

— Ele é — disse Keeley. — Finalmente encontrei sua informação no meu quadro de cortiça. — Quadro de cortiça, o que chamava de cérebro milenar. — Ele é filho de Typhon, o último rei vivo das borboletas.

— Uh, não há como Typhon ou Lazarus serem reis de malditas borboletas. — Cameo lembrou de sua primeira visão do Monstro dentro do templo de Hera. Pra ser honesta, descrevê-lo como monstro era ser gentil. — Ele saberia disso. E não é delicado. Ou pequeno. Ou alado.

Keeley sacudiu os punhos para o céu.

— Por que todos dependem de suas próprias experiências e não acreditam em minha narrativa de primeira mão? Olha. Eu conheci Typhon. Ele era um homem horrível. Sua bisavó, porém muito grande era Hydra, e Hydra teve um caso secreto com o rei dos Lepidópteros, guerreiros sem igual. Eles marcavam cada soldado, arma e armadura com a marca da borboleta. Um símbolo do renascimento, já que sempre voltavam dos mortos.

Mas...

— Se eram capazes de voltar dos mortos, onde estão agora?

— Talvez não fossem fortes o suficiente para se libertar da crisálida? Typhon não era. Quero dizer, ele não é. Ainda está preso. Eu questionei William e Hades sobre o reino secreto de Hera. O Monstro está lá. Sua crisálida está infectada, provavelmente por causa do ódio em seu coração, e destila veneno.

Destila. Alguma coisa no reino destilava muito. A coisa da árvore coberta de alcatrão que ajudou Lazarus a escapar das videiras homicidas. A árvore era seu pai, a crisálida escondida debaixo do lodo? Talvez seu pai não fosse de todo ruim?

Não importa. Estuprador. De todo ruim.

— Uma crisálida não é feita de cristal — disse Cameo.

— Não. Não a de insetos. Para imortais como Lazarus, são feitas de pupa e cristal. De qualquer maneira, tenho que vazar. Há uma maratona *Psych* que *não* vou perder. Estou aprendendo a ser detetive. — Keeley pulou para a porta do quarto antes de parar e olhar por cima do seu ombro. — Saindo

um Conselho da Rainha Vermelha. Precisa dar a Lazarus uma razão para continuar a lutar pra sair. — Então ela se foi.

Agora Cameo sentou-se na cama, diretamente na frente de Lazarus. Esfregou a marca no peito. O lugar onde a Haste de Partir a atravessou. Uma linha fina marcava o centro do esterno. Uma cicatriz... o que pareciam ser asas se ramificando de ambos os lados da linha. Outra borboleta, pensou com um sorriso. Um sorriso de verdade!

— Zeus e o resto dos gregos escaparam do Tártaro — disse ela a Lazarus. — Eles se juntaram a Lúcifer na guerra com Hades e suas forças crescem mais fortes a cada dia. Hera foi vista no terceiro céu escondendo-se entre os Enviados. Preciso de você aqui, lutando ao meu lado. Lucien quase morreu na última batalha, e Maddox ainda não se recuperou de seu mais novo conjunto de ferimentos.

Nada. Nenhuma reação.

— Já conheceu Atlas e Nike? São o deus grego Titã e a deusa da Força. Estão casados agora e se aliaram com Hades. Eles o convenceram a concordar com a mãe de todas as batalhas que acontecerá em uma semana. Vou estar lá no meio da briga. Realmente quer que eu vá sem você?

Nada ainda.

Suas unhas se enterraram nas coxas. Não desista. Nunca desista.

— Roubei a devoção de seus animais de estimação. Eles voam lá fora da minha varanda e eu dou a eles relatórios sobre sua condição. Você nunca me disse que os pequenos insetos podiam falar onze línguas diferentes, mas escolheram falar

Typhonish, a única que eu não sabia, simplesmente para me irritar.

Eeee nada.

Tudo bem. Hora de jogar duro. Literalmente!

— A tatuagem de borboleta nas minhas costas se foi. Mas eu tenho outra, graças a você — Cameo passou a camisa por cima da cabeça, abriu o fecho central de seu sutiã e livrou-se da calça e da calcinha, ficando nua. Com o ar fresco sobre ela, inclinou-se pra trás, ancorando seu peso em seus cotovelos e ofereceu a Lazarus uma visão frontal completa.

— Viu? — Ela traçou a ponta dos dedos sobre o esterno.

— O que acha?

Seu coração acelerou enquanto esperava. Esperava, rezava. Mas nada aconteceu.

Ela subiu na cama. Os lençóis cheiravam a Lazarus, chocolate doce e champanhe embriagante.

— Isto é o que está perdendo. — uma nota rouca entrou em sua voz. — E está me negando o que estou sentindo falta. Seu beijo... seu toque... sua posse dura e rápida. — Ela segurou seus seios, puxou seus mamilos. O prazerá queimou, atravessando-a. — Aposto que posso gozar sem você... mas não será tão divertido. Eu vou...

A crisálida estraçalhou. Os fragmentos de pupa cristalizada voaram em todas as direções. Lazarus levantou-se, ficando de pé até sua altura completa de 2 metros. Suas mãos estavam fechadas, o peito subindo e descendo rapidamente.

Ela ofegou, seu olhar preso ao dele. Seus olhos estavam... mudados. Estavam escuros, mas agora suas íris pareciam estar cercadas pela pupa que ele derramou, e sua pele brilhava como se estivesse mergulhada em pó de diamante. Ou tivesse brincado com uma stripper.

— Você conseguiu! — Ela gritou. — Você se libertou!

— Consegui.

Ao som de seu timbre baixo e sexy — nada além um grunhido predatório — alegria não diluída explodiu dentro de Cameo.

— Deveria ter ficado nua dias atrás — uma risada escapou dela então. Uma risada genuína.

Ele respirou fundo.

— Essa é a risada que sonhei ouvir, mas é melhor na realidade, *muito melhor* que qualquer coisa que eu imaginei. Sua risada é mágica. Um feitiço de encantamento. Um encantamento destinado a atizar, atrair e seduzir, e se eu já não te amasse, teria me apaixonado nesse momento.

Ela se acalmou, de repente presa num turbilhão de sensações. Entorpecimento, calor, dores e necessidades, tanto desejo. Ele atravessou a cama e pairou sobre ela, as palmas das mãos apoiadas em suas têmporas. Eles se olharam por um longo tempo, absorvendo o momento. Tinham um futuro!

Ele abaixou a cabeça e a beijou. Seus lábios suaves a saborearam e depois a devoraram.

Quando levantou a cabeça, ambos estavam sem fôlego e ofegantes.

— Eu amo você mais do que algum dia posso articular, Raio de Sol. Você é minha luz nos dias mais sombrios. Para mim, você é a primeira. Você sempre será a primeira. Nada e ninguém virá antes de você.

— Eu também te amo. Você é o primeiro... embora no espírito de divulgação completa, você está amarrado com seu pênis.

Ele soltou uma risada.

— Esta é minha doce Cameo sem uma pitada de miséria?

— É de fato. Mas pode me chamar Rainha Cameo — ela corrigiu com um sorriso. — Aparentemente você é o rei das borboletas, e como sua mulher, reivindico metade de suas posses. Começando com isso... — Ela pegou seu eixo e ele sibilou uma respiração. — Hmm, seu amor por mim está crescendo.

Ele mordiscou o lábio inferior dela.

— Vamos ter uma vida gloriosa juntos. Isso é uma ordem... e uma promessa.

— Nós seremos felizes, — ela disse e mordiscou o lábio de volta.

— Felizes — ele confirmou. — E... Raio de Sol? Tenho a sensação de que meu amor por você crescerá todas as manhãs, tarde e noite.

Ela riu.

—Sim, eu sei!

Ele se abaixou para reivindicar outro beijo e Cameo se perdeu na promessa de uma eternidade para sempre.